





John Carter Brown  
Library  
Brown University

Ed. 1759

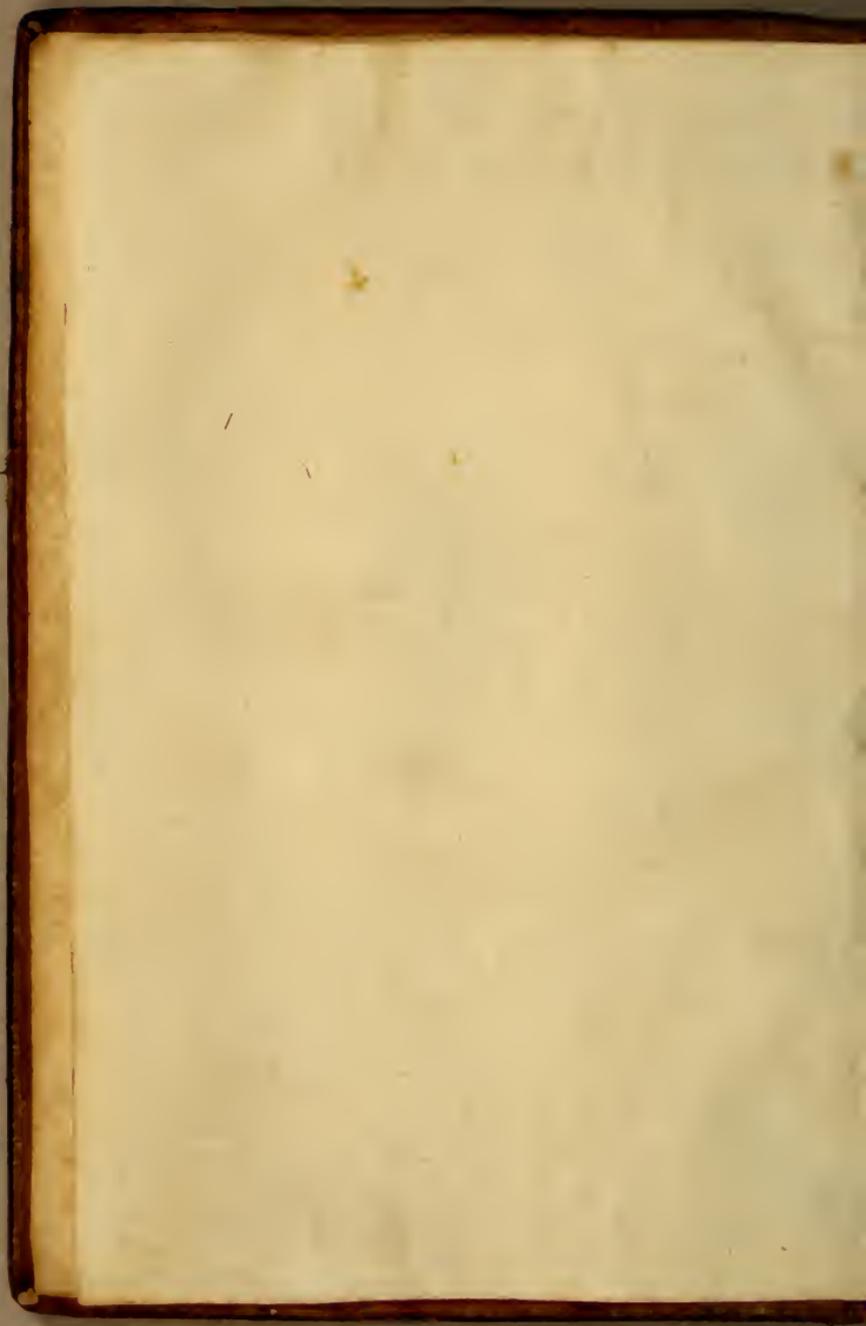
C. C. 6.  
Vols

Borde de Morais / (M. Santos)

VI <sup>115</sup> dep + 499 f.<sup>s</sup>

[Antonio José da Silva]

25 / 12 / 22



THEATRO COMICO  
PORTUGUEZ,

O U  
COLLECCÃO  
DAS OPERAS  
PORTUGUEZAS,

Que se representaraõ na Casa do Theatro  
publico do Bairro Alto de Lisboa.

*Offerecidas*

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por \*\*\*

*Quarta Impressão.*

TOMO PRIMEIRO.

Contém { Vida de D. Quixote de la Mancha.  
Esopaida, ou Vida de Esopo.  
Os Encantos de Medéa.  
Amphitryaõ, ou Jupiter, e Alcmena!

*De Pedro*

✽✽✽

*Borges Pacheco*

LISBOA,

Na Of. Patriarcal de Franc. Luiz Ameno.

M. DCC, LIX.

*Com as licenças necessarias; e Privilegio Real.*

THE  
PORTUGAL

COLLEGE  
DAS OBRAS

PORTUGAL  
OFFICIA

COPIA ARGUMENTA  
PER



TOMO PRIMEIRO  
Cada volume de 120 paginas  
Cada volume de 120 paginas

EM  
LISBOA

EM A COMPANHIA DE J. J. DE ALMEIDA  
1774

# DEDICATORIA

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA.

**A** Penas veyo ao pensamen-  
to estamparem-se estas Obras, quan-  
do com o mesmo projecto nasceo ge-  
meo o desejo de dedicallas a Vossa  
Senhoria, a quem de juro, e her-  
dade

dade lhe compete a gloria de Pro-  
teçtora de semelhantes acções, por  
sem a preciosa assistencia de Vossa  
Senhoria não ha discriçãõ, que não  
seja ignorancia; basta que Vossa  
Senhoria occupe os Theatros, pa-  
ra que estes tenham mayor estimaçãõ  
que os Amphitheatros Olympicos,  
Cretenses. Se assim como Vossa Se-  
nhoria sabe correr, soubera discri-  
rer, penetraria na phisionomia de  
semblantes a gloria dos corações  
pois quando Vossa Senhoria acompa-  
nhada dos seus sequazes se digna  
honrar aquelle Theatro, logo tu-  
saõ parabens, sussurros, e alvor-  
ços; e para que o prazer excessivo  
não pareça immodestia, se vay o  
so esconder nos cantinhos da boca  
he cousa para ver o obsequioso re-  
per

peito ; com que todos a recebem !  
Todos se affastão , todos se enco-  
lhem , huns para cima dos outros ;  
e quando já não ha assentos , então  
he que Vossa Senhoria tem o melhor  
lugar : tudo anda n'um corropio , o  
porteiro se ataranta , o arrumador  
se titubêa , o chocolate se derrama ,  
o doce desapparece , as luzes pare-  
cem estrellas , as architecturas Do-  
ricas , as vozes harmoniosas , os ins-  
trumentos mais se apuraõ , os can-  
tores mais se affinaõ , os duos mais  
se ajustaõ , os bastidores não neces-  
sitaõ de sabaõ para correr ; e final-  
mente até parece , que a alma do  
arame no corpo da cortiça lhe in-  
funde verdadeiro espirito , e novo  
alento.

Se isto tudo causa Vossa Senho-  
ria,

ria ; quando nos faz mercê , como  
podia eu deixar de offerecerlhe esta  
Obras ? Seria deslustre do agrade-  
cimento buscar outra Protecçõra ,  
quando em Vossa Senhoria trasbor-  
daõ os meritos para o patrocínio.  
Espero , que Vossa Senhoria , des-  
terrando as melancolias do afferro-  
lhado , deixando vastios os cubicula-  
rios bolsilhos dos avarentos , e jarre-  
tas , continue em fazernos mercê ;  
pois a docilidade de sua pessoa he o  
attractivo de nossos corações : e as-  
sim já posso navegar seguro no mar  
da fortuna , pois se Vossa Senhoria  
se declara Patrona , por força ha  
de franquear os cartuxos. Hum  
Burra guarde a illustre pessoa de  
Vossa Senhoria os annos , que todos  
seus criados havemos mister.

# A O L E I T O R

## DESAPAIXONADO.

**C**Omigo fallo, Leitor desapaixonado, que se o não es, não fallo comigo; pois nem quero adulação dos amigos, porque o são, nem he justo, que os que o não são, queiraõ ser arbitros, para sentenciarem estas Obras no tribunal da sua critica. Não ha melhor ouvinte, que hum desapaixonado, sem affecto ao Author da Obra, sem inclinação ao da Musica, sem conhecimento do Arquitecto da pintura: aquelle que nem a amisade lhe franquea a entrada, nem a visinhança do Theatro lhe facilita o regresso: aquelle que instigado só da curiosidade a expensas do seu peculio entra com animo livre de paixões, este sim (não sendo estulto por natureza) he o verdadeiro ouvinte no Theatro, e Leitor nos papeis: com estes he que eu fallo, pois só a estes se dirigem estas Obras; porque sendo a sua censura despida de affectos de amor, e odio, saberá desculpar os erros com sinceridade: saberá discernir a difficuldade da Comica em hum Theatro, donde os representantes se animaõ de impulso alheyo; donde os affectos, e acci-dentes estaõ sepultados nas sombras do inanimado,

nimado, escurecendo estas muita parte da perfeição, que nos Theatros se requer, por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compor para semelhantes interlocutores, que como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser: por este motivo surprehendido muitas vezes o discurso de quem compoem estas Obras, deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.

Saberá o mesmo Leitor desapaixonado não desprezar por menos polida a fraze, que no contexto de semelhantes Obras se requer, pois muito bem conhece, que no Comico se precisa hum estylo mediano; que como a representação he huma imitação dos successos, que naturalmente acontecem, tambem a fraze deve seguir o mesmo preceito; fazendo differença, que o estylo sublime, e elevado, a que chamam os Romanos *Cothurno*, só se permite nas Tragedias, em que se trata de cousas graves, e nimamente serias, como acções, e obras heroicas de Principes: na Comedia porém ha de ser o estylo domestico, sem affectação de sublime, a que chamam *Socco*, por se representar nella materias de enredos femenis, e acções amorosas; estes preceitos aponta Horacio na sua Arte Poetica.

Ver-

*Verfibus exponi trágicis res comica non vult ;  
Indignatur item privatis , ac prope focco  
Dignis carminibus , narrari cæna Thyestæ.  
Singula quæque locum teneant sortita decenter.*

E como os emulos por inimigos , os parciaes por affectos , e os ignorantes por nefcios naõ sabem distinguir estas circumſtancias , e só tu Leitor douto , e defapaixonado judiciosamente reflectindo no que leres , e ouvires representar , formarás o conceito , que merecem estas Obras , que para teu divertimento se offerecem ao publico.

\* Bem conheço , que nellas acharás muitos defeitos ; porém como naõ pretendo utilisarme dos teus applausos , nem singularisarme nos meus escritos , te peço , que nestas Obras attendas sómente ao desejo , que tenho de agradarte , e vejas naõ quero outro premio , mais que o que te peço nestas

DECIMAS.

**A**Migo Leitor, prudente,  
Naõ critico rigoroso  
Te desejo, mas piedoso  
Os meus defeitos consente:  
Nome naõ busco excellente  
Insigne entre os Escritores;  
Os applausos inferiores  
Julgo a meu plectro bastantes,  
Os encomios relevantes  
Saõ para engenhos mayores.

Esta Comica harmonia,  
Passatempo he douto, e grave;  
Honesto, alegre, e suave,  
Divertida a melodia:  
Apollo, que illustra o dia,  
Soberano me reparte  
Idéas, facundia, e arte,  
Leitor, para divertirte,  
Vontade para servirte  
Affecto para agradarte.

# ADVERTENCIA

## DO COLLECTOR.

**L**Eitor: Foy taõ grande o applauso, e aceitação, com que foraõ ouvidas as Operas, que no Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa se representaraõ desde o anno de 1733, até o de 1738, que naõ satisfeitos muitos dos curiosos com as ouvirem quotidianamente repetir, passavaõ a copiallas, conservando ao depois estas copias com huma tal avareza, que se faziaõ invisiveis para aquelles, que desejavaõ na leitura dellas, huns apagar o desejo de as lerem, pelas terem ouvido, outros renovar a recreação, com que no mesmo Theatro as viraõ representadas. Por satisfazer ao desejo de huns, e outros, tomey a empreza de as ajuntar, e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez*, para que com facilidade, e sem o dispendio, que as copias manuscritas fazem, podessem todos gozar de humas Obras taõ appetecidas por singulares. Estou persuadido, que te naõ ha de ser desagradavel esta minha Collecção; porque além de te satisfazer o desejo, sirvo à Patria, publicando humas Obras, que segundo as leys da

da composição Dramatica, são as primeiras, que deste genero se tem escrito no nosso idioma. Algumas Comedias se liaõ impressas, como as de Antonio Prestes, Gil Vicente, Antonio Ribeiro, Sebastião Pires, e Simão Machado, compostas em verso. Publicou Jorge Ferreira em prosa a *Eufrosina*, a *Ulyssipo*, e a *Aulografia*. Sahio à luz Francisco de Sá e Miranda com a intitulada *Os Estrangeiros*, e *Vilhalpandos*, e D. Francisco Manoel com as duas, a que deu por titulo *O Labyrintho da fortuna*, e *Os segredos bem guardados*, sem nos esquecermos tambem das duas do nosso Luiz de Camões, que andaõ impressas no fim das suas Obras; porém todas estas, humas pelo diverso genio dos tempos, outras pela sua informe disposição, e dilatada contextura, serviaõ aos curiosos mais de fastio, que de recreyo. Nestas, que agora te offereço por beneficio da Impressão, acharás pelo contrario daquellas humas suave, e natural disposição das partes, o caracter dos sujeitos sustentado sem decadencia, a locução propria a cada hum dos interlocutores, e o jocosario tão temperadamente honesto, que não offende com a graça os ouvidos, e tão vivo, que se não encontra semelhante em o nosso idioma, e não sey tambem se differa nos das Nações estranhas.

I

VIDA DO GRANDE  
D. QUIXOTE  
DE LA MANCHA,  
E do Gordo  
SANCHO PANÇA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Outubro de 1733.

---

SCENAS DA I. PARTE.

- I. **S** Ala de pannos de raz, bofetes, e cadeiras.
- II. A casa de Sancho Pança mal composta.
- III. Bastidores de bosque.
- IV. Bastidores de selva.
- V. Bastidores de selva.
- VI. Bosque, e no meyo hum monte.
- VII. Sala de columnas, e depois jardim funebre.
- VIII. Selva.
- IX. Selva, e o monte Parnaso.

SCE-

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. **A** Metade selva, e outra ametade mar, e hum moinho no fim.
- II. Montes, e selvas.
- III. Sala de columnatas, mesa, e cadeiras.
- IV. Sala de azulejos.
- V. Outra sala, e mesa mal composta.
- VI. Casas.
- VII. Jardim alegre.
- VIII. Bosque.

APPARATO DO THEATRO,  
e sua fabrica.

- H**Um carro com varias figuras dentro.  
 Huma capoeira sobre hum carro, em que irá hum leão, que sabe fóra a seu tempo.  
 Hum carro, em que vem Dulcinéa, e varias figuras.  
 Dous cavallos, hum de D. Quixote, e outro de Sansão Carrasco.  
 Dous burros, hum para Sancho Pança, e outro para huma Salóya.  
 O monte Parnaso com as Musas, Apollo, e o Cavallo Pegaso.  
 Hum barco.

*Hum*

*Hum cavallo , que vem pelo ar , e se lhe poem fogo.*

*Huma nuvem.*

*Hum porco.*

## INTERLOCUTORES.

**D** *Om Quixote.*

*Sancho Pança.*

*A Sobrinha de D. Quixote.*

*A Ama do mesmo.*

*Teresa Pança , mulher de Sancho Pança.*

*Huma filha do mesmo.*

*Hum Tabelliaõ vestido como Almocreve.*

*Huma Saloya em hum burro.*

*Sansaõ Carrasco.*

*Seu Criado.*

*Hum Diabo , que vem no carro.*

*Outro Diabo com muitos cascaveis.*

*Hum homem , que vem com o Leão.*

*Belerma*

*Montesinos.*

*Hum , que está na coroa.*

*Caliope , que vem na nuvem.*

*Apollo , e as Musas.*

*Dous homens , que são do moinho.*

*Dous*

4

*Dous homens do barco.*

*Hum Fidalgo.*

*Huma Fidalga.*

*Hum Meirinho.*

*Hum Escrivão.*

*Dous homens, que tocaõ rebecas.*

*Hum homem, que toca rebeçaõ.*

*Hum Medico.*

*Hum Cirurgiaõ.*

*Hum Taverneiro.*

*Huma mulher moça com manto.*

*Huma mulher velha, em corpo, sem manto.*

*Hum Escudeiro.*

*A Condessa das Barbas.*

*Dous rebuçados.*

*Dous homens para a audiencia.*



olho , porque sempre lhe tive a barba teza.

*Barb.* Ella assim o mostra , pois de taõ teza , que he , dobra o fio à navalha.

*D. Quix.* Ora fô Mestre , vossê bem sabe , que he obrigação dos de seu officio , em quanto fazem a barba , dizerem as novidades , que ha pela Cidade. Que se falla dos Principes da Italia , e do governo politico do Orbe ? Que como estive doente , e tantos tempos de cama por causa das minhas cavallarias andantes , naõ tenho sabido nada.

*Barb.* Senhor D. Quixote , novidades naõ faltaõ. Dizem , que o Turco vem com huma poderosa armada assolando os mares ; e os Principes todos procuraõ fazerlhe guerra offensiva , e defensiva , para o que já em Biscaya se prepara huma grossa armada.

*D. Quix.* Para que se cansaõ com tantas maquinas ? Eu lhes dera hum bom arbitrio , com que em menos de huma hora vençaõ quantas armadas , e armadilhas o Turco tiver.

*Barb.* Diga vossã mercê qual he ?

*D. Quix.* Naõ quero ; porque naõ faltaráõ mexiriqueiros , que lho vaõ dizer , e ganhem

*D. Quixote de la Mancha.* 7

nhem as alviçaras do meu trabalho.

*Barb.* Diga vossa mercê, que lhe promet-  
to à fé de barbeiro, que aqui fique se-  
pultado sete varas debaixo do chaõ, co-  
mo pedra de rayo.

*D. Quix.* Debaixo dessa fé, que he muy  
boa, o direy. Mandem effes Principes  
buscar alguns Cavalleiros andantes, que  
naõ faltaõ na nossa Hespanha, que só  
hum delles bastará, para destruir com  
sua espada, e sua lança mil armadas.

*Ama.* Triste de mim, Senhora! Seu Tio  
está outra vez doudo; ainda cré, que  
ha no Mundo Cavalleiros andantes!

*Sobr.* A mim me mellem, se por aqui naõ  
anda Sancho Pança, que he o que lhe  
mete estas loucuras na cabeça. *à parte.*

*Ama.* Vamos ter com Sanção Carrasco, a  
ver se lhe póde tirar da cabeça estas as-  
neiras, que he homem de manha. *à parte.*

*Sobr.* Vamos. *Vaõ-se.*

*Barb.* Como he possível, Senhor D. Qui-  
xote de la Mancha, que hum Cavalleiro  
andante possa destruir hum navio, quan-  
to mais huma armada?

*D. Quix.* Sô Mestre, trate do seu estojo,  
e das suas navalhas, e naõ se meta a que-  
rer investigar os reconditos arcanos dos

Cavalleiros andantes. Se vossê lera as antigas Historias de Palmerim de Oliva , Roldaõ , Amadis de Gaula , e outros muitos , de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas , soubera entãõ , o que val hum Cavalleiro andante : bem sey de hum , que só com hum suspiro he capaz de afundir huma armada, e cem galeões.

*Barb.* Quem será esse tal ? Tomara-o conhecer.

*D. Quix.* Sou eu ; eu D. Quixote de la Mancha , por outro nome o Cavalleiro da triste figura : Eu torno a dizer ; eu só com a minha espada , e a minha lança , e o meu broquel , me atrevo a engolir o Graõ Turco , como quem engole huma cereja de faco.

*Barb.* Quando eu cuidava , que vossa mercê estava de todo saõ desta loucura , ainda o vejo taõ enfermo della ! Ora , Senhor , deixe essa teima ; quem lhe meteo em cabeça , que havia no Mundo Cavalleiros andantes ? E quando isso assim fora , vossa mercê por ventura tinha barbas para o ser ?

*D. Quix.* Oh grandissimo magano , por vida de minha Senhora Dulcinéa del Toboso ,

*D. Quixote de la Mancha.* 9

bofo, que vos farey em pó, e em cinza. Assim perdeis o respeito a hum Cavalleiro andante?

*Aíra D. Quixote com o Barbeiro no chaõ, e fahirá Sansão Carrasco.*

*Carr.* Que he isto Senhor D. Quixote? Que obrigou a sua grande modestia a fahir em tanta desesperaçõ?

*D. Quix.* Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser fenaõ este Barbeirinho, que nega haver Cavalleiros andantes no Mundo, e que seja eu hum delles?

*Carr.* Ah sô Mestre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

*Barb.* Não sey donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *Vai-se.*

*Carr.* Este miseravel está louco confirmando; querer persuadillo he excitallo mais! Eu quero ir com o que elle differ, que elle tomará o defengano à sua custa. *à p.*

*D. Quix.* Meu amigo, eu estou resolute a fahir segunda vez ao feliz progresso de minhas andantes cavallarias; ainda que da passada vim muito moido, com tudo, desfmayar nos trabalhos, não he para corações briosos: queira Deos, que estes Malandrines, ou encantadores me não persigaõ com seus encantos, que invejofos

vejofos do meu valor, querem escurecer com magicas apparentes as minhas clarias, e rocinantes cavallarias.

*Carr.* Deixa-me beijarte os pés, oh flor dos Cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de nossas eras! Sahe, sahe, não só segunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas a dar alma ao esquecido cadaver da cavallaria andante para gloria do Mundo, e timbre de tua patria Manchã.

*D. Quix.* Dizeime por vida vossa, que dizem de mim por esta terra?

*Carr.* Que haõ de dizer? Que vossa mercê he hum louco, mas valente, e que às vezes passa a ser temerario, empreendendo impossiveis: finalmente todos dizem, que a Senhora Dulcinéa del Toboso, minha Senhora, he coufa fingida, e fantastica, e que tal mulher não ha no Mundo.

*D. Quix.* Dizem bem, que o Mundo não he capaz de sustentar aquelle globo esférico da formosura; e assim o ar he a patria daquella estrella de Venus.

*Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e sabem.*

*Ama, e Sobr.* Não has de entrar Sancho de Barrabás.

*Sancho.*

*D. Quixote de la Mancha.* 11

*Sanch.* Eu por ventura deilhe a vossês palavra de casamento, para me porem impedimento?

*Sobr.* Tu es, o que lhe metes na cabeça essas cavallarias andantes.

*Sanch.* Máo agouro venha pelo diabo: essa he bonita! Com que eu sou acaço loucura, para me meter na cabeça de meu Amo? Coitado de mim, que eu sou o que pago; pois à conta de suas cavallarias andantes levo muitos couces.

*D. Quix.* Que he isso Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

*Sanch.* Que ha de fer? A Senhora Ama, e a Senhora Sobrinha, que Deos guarde, não me queriaõ deixar entrar a falar com vossa mercê, Senhor meu Amo, dizendo, que eu era a causa de vossa mercê querer ir segunda vez pelo Mundo a buscar a ventura. Veja vossa mercê, que mayor testemunho, quando eu sou, o que digo a vossa mercê, que se havemos de ir à manhã, que vamos hoje.

*D. Quix.* Não faças caso de mulheres, que bem parece, que ignoraõ o genio dos Cavalleiros andantes.

*Sanch.* Quanto a isso tem ellas mais que razaõ.

*Carr.* Amigo Sancho Pança , advirto-lhe ,  
( o que era escusado ) que faça muito  
por ser homem de bem ; acompanhe a  
seu amo , como bom escudeiro , que se  
assim o fizer , levará o Ceo brincando .

*Sanch.* Ah Senhor Sanção Carrasco , brin-  
cando o não levo eu : sabe Deos o que  
me custa , e me tem custado aturar as  
valentias de meu amo , que sempre a el-  
le lhe daõ na cabeça , e a mim no fio do  
lombo ; mas diz lá o rifaõ : *Muito alen-  
ta huma esperança* . Pois que tenho de ser  
Governador de huma Ilha , que diz meu  
amo , que me ha de dar , não quero pa-  
tuscadas , recolho-me a ella como a sa-  
grado .

*D. Quix.* Sancho , pódes viver descançado ,  
que assim appareça essa Ilha , como logo  
tu has de ser Governador della .

*Sanch.* Ainda o ella apparecer está em con-  
tingencias ? Cuidey , que já voõta mer-  
cê a tinha certa .

*D. Quix.* Deixa isso por minha conta , que  
ou ella queira , ou não queira , ella ap-  
parecerá , e tu verás como pago os teus  
serviços .

*Sanch.* Os meus serviços com quaesquer  
trinta reis se pagaõ ; até ahi posso eu ;  
se

*D. Quixote de la Mancha.* 13

se vossa mercê me não dá para mais, então irey buscar minha vida: e effes meus serviços só na boca de vossa mercê não he bem, que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigação, por onde o possa obrigar, quando me falte.

*D. Quix.* Toma esse papel, que já nelle tinha escrito o mesmo, que te digo de boca.

*Sancho.* Ah Senhor, que he muy certo andarem juntos papeis com serviços, e oxalá, que depois de eu os ter feito, não mos quebre alguma Preta, que por serem vidrados, são quebradiços; ou algum daquelles encantadores, que perseguem a vossa mercê; porque tambem as desgraças dos amos se pegão como sã-rampo ao corpo dos escudeiros; pois vejo, que tendo os meus serviços azas, nem por isso voão, ficando sempre na secretaria dos feitos com huma tampa em cima.

*D. Quix.* Sancho Pança, mãos à obra, coração, espirito valeroso, que juro à fé de Cavalleiro andante, que desta segunda jornada ha de ver o Mundo quem he *D. Quixote de la Mancha*; que se até aqui foy Cavalleiro da triste figura, daqui

qui em diante será o alegrão do Univer-  
so : anda vaite a preparar , que à ma-  
nhã ao romper da Aurora havemos de  
partir por esse Mundo.

*Sanch.* Eu dera a vossa mercê hum conse-  
lho.

*D. Quix.* Qual he ? Dize , que às vezes hum  
louco acerta mais , que hum entendido.

*Sanch.* Eu dera a vossa mercê de conselho,  
que não fossemos ao romper da Aurora ;  
porque se a rompemos , ao outro dia não  
poderemos madrugar ; porque a Aurora  
isso tem , que em se rompendo , he pe-  
yor , que olanda podre , que se não apro-  
veita huma tira para huma atadura de  
fontes.

*D. Quix.* Deixa disparates , e faze o que te  
digo.

*Sanch.* Pois a Deos , que me vou a armar  
Cavalleiro , ( quero dizer burriqueiro ;  
porque eu monto em burro , e não em  
cavallo ) e a despedirme de minha Tere-  
sa Pança , *y lo dicho , dicho.* *Vaise.*

*Carr.* Pois eu te prometto amo , e mochil-  
la , que eu brevemente armarey huma ,  
que ambos torneis defenganados de vos-  
sas cavallarias andantes. *à parte.*

*Sobr.* Tio da minha alma , veja o desampa-

*D. Quixote de la Mancha.* 15

ro, em que me deixa: lembre-se da minha mocidade, e que se vay o esteyo desta casa.

*Ama.* Pois fuy ama secca de vossa mercê muitos annos, lembre-se deste capello sem borla.

*D. Quix.* Não tem remedio: hey de ir, que não he justo, que fique sem fim minha memoravel historia; e juntamente vou a fazer muitas obras pias; pois quantas donzellas estarão em necessidade, de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra? Quantos pupillos estarão sem justiça? Quantos Cavalheiros honrados estarão encantados por falta de andantes Cavalleiros? Em fim, não tenho mais, que dizer; vou a castigar insolentes, e a endireitar tortos.

*Cantaõ D. Quix. Carr. Ama, e Sobr. a seguinte*  
A R I A.

*Sobr.* Ay meu tio, não se ausente.

*D. Quix.* Calaivos impertinente.

*Ama.* Meu Senhor, isso he loucura.

*Carr.* Ide, ide *D. Quixote.*

*Sobr.* Mas que hey de fazer sem tio?

*Ama.* Mas que hey de fazer sem amo?

*Carr.* Deixay ir esse mamote.

*D. Quix.* Não haja mais choro, ah tal!

*Ama.*

- Ama.* Hum amo, que tanto amo.  
*Sobr.* Ay Sobrinha sem ventura!  
*D. Quix.* Ora a Deos, ò patria amada.  
*Carr.* D. Quixote, avante, avante.  
*Sobr.* Minha dor matarme trata.  
*Ama.* Minha pena me soffoca.  
*D. Quix.* Isto he espada, naõ he roca.  
*Carr.* Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

## S C E N A II.

*Apparece a casa de Sancho ridiculamente composta, e nella estaraõ Teresa Pança, e sua Filha, e sabe Sancho.*

*Sanch.* **J**Esus! Mulher dos meus olhos, estou taõ contente, que venho saltando, e quero saltar.

*Teres.* Sancho Pança, achaste alguma mina? Que he isto marido?

*Sanch.* Mulher, mina de caroco, desta vez naõ ha de haver parente pobre: estou taõ contente! Ay mulher, daime hum pucaro de agua, que me desmayo de gosto.

*Filb.* Payzinho, ay! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o saber.

*Sanch.*

*D. Quixote de la Mancha.* 17

*Sanch.* Que hey de ter, filha das minhas entranhas? Que hey de ter, mulher desta alma? Não vêdes, que segunda vez determino ir por esse Mundo com meu amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejaõ vossês se com esta fortuna poderey estar alegre.

*Teres.* Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus fujos braços? Ora deixaivos ficar.

*Filb.* Valha-me Deos! Senhor, ainda vossa mercê se mete com esse D. Quixote? Pois ha de tirar bom paõ; assim como da outra vez.

*Sanch.* Calaivos lá porquinha: eu se vou, he para buscar cabedal para casarte; e sem duvida que desta vez faço hum fortunaõ de meus peccados; pois diz meu amo o Senhor D. Quixote, que logo em duas palhetadas me ha de dar huma Ilha para governar; e vejaõ vossês, sendo eu Governador de huma Ilha, se terey dinheiro como milho, e teremos paõ como terra!

*Teres.* Ay marido, se isso he assim, já digo, que vades logo rebolando, e já lá havieis estar.

*Filb.* Diga-me, Senhor pay, e que tal he a Ilha,

a Ilha, de que vossa mercê ha de ser Governador?

*Sanch.* He a mais excellente do Mundo : he muy grande, tem sete palmos de comprimento, e dous de largo : tem muita arvore de espinho : o que me gabaõ mais he hum passieyo, que tem de ortigas, que dizem he huma maravilha : fobre tudo tem ao pé dos muros hum canteiro de boninas, que cheiraõ, que trefandaõ : tem muito lega-cachorro ; e he taõ fadia, que todos os annos tem hum ramo de peite : naõ, quanto a eu ir bem accommodado, nisso naõ se falla, tomaram-me eu já nessas limpezas, e entaõ, se Deos quizer, casarey a minha Sanchica com hum fedalgo. Ouves tu, bem pôdes aparelhar esse rabo, que se ha de asfentar em coche, ou eu naõ hey de ser quem sou.

*Filb.* Visto isso, eu hey de ter Dom?

*Sanch.* Dom, e redom, como hum alho : essa seria bonita ! Deixaria de ter Dom a filha de hum Governador ! Parece-me, que já estou vendo, e ouvindo as visinhas do nosso lugar, quando tu sahires à rua, dizerem todas pela boca pequena : Lá vay, lá vay a filha do Governador Sanchinho Pança.

*Teres.*

*D. Quixote de la Mancha.* 19

*Teref.* E eu, marido, como hey de andar?

*Sancho.* Has de andar às costas de hum mariola, por não pores o teu pé no chaõ: mas isso não he do caso; vamos ao alforje, que hey de levar para taõ longa jornada: primeiramente embrulha-me huma canada de vinho em hum guardanapo, dous queijos em huma borracha, huma pouca de alcomonia de sabaõ molle, hum par de alfarrobas, &c. Na outra perna do alforje quero, que vá bem acondicionada a minha roupa, a saber, camisa e meya, meya siloura, huma meya sem companheira, hum lenço pardo, outro de caneca riscado, dous pescocões de bofetaõ da India: isto entendo, que fobeja para taõ larga jornada, fóra o que levo no corpo.

*Teref.* Olhe vossê, se quizer levar duas gayolas de grillos, que estaõ muy bem criados, não será máo, para os comer nas estalagens.

*Filho.* Tambem poderá vossa mercê levar duas caixas de chicharos de conserva para almoçar, que são bons para a enxaqueca.

*Sancho.* Tudo he bom: quanto mais melhor; principalmente os chicharos, pois às vezes

zes tenho humas enxaquecas na barriga e humas caimbras no nariz, que me matao: bom fora tambem levar humas panelinhas de doce de cocaras; porẽm, mulher, como eu vou para tao longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom sera, que faça meu testamento; que ao menos, quando naõ tenha o fim, que pretendo, naõ se perde o estar feito.

*Teref.* Parece-me muito bem; agora vejo, que em tudo sois prudente.

*Sanch.* Vós ainda naõ sabeis, que marido tendes.

*Teref.* Disso me queixo eu, e ainda mal, que tanto o experimento, pois a miseria, com que me tratais, me faz ver as estrellas ao meyo dia; e sendo casada com vosco ha quarenta e dous annos, seis mezes, tres semanas, doze horas, oito minutos, e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheya.

*Sanch.* Quando eu for Governador, tomareis a vossa barrigada. Ide chamar o Tabelliao.

*Teref.* Aqui naõ ha Tabelliao; somente quem serve de Tabelliao, he o Almoocreve Antonio Fagundes.

*Sanch.*

*D. Quixote de la Mancha.* 21

*Sancho.* Venha quem for, que o testamento he pequeno, e qualquer Tabelliaõ basta.

*Teres.* Mas elle aqui vem; Deos o trouxe a bom tempo.

*Sabe o Tabelliaõ vestido de Arrieiro.*

*Tabel.* Guarde Deos a vossa mercê, Senhor Sancho Pança, como está vossa mercê?

*Sancho.* Para servir a vossa mercê.

*Tabel.* Para servir a Nosso Senhor, que lhe dará bom pago; que quer vossa mercê?

*Sancho.* Sente-se vossa mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

*Tabel.* Eu aqui me accommodo; estou bem: aos pés de vossa mercê he o meu lugar.

*Sancho.* Saberá vossa mercê, que eu quero fazer o meu testamento por escrito, que me dizem, que o nuncuchupativo não he tão bom: sabe vossa mercê fazer testamentos?

*Tabel.* Supposto que eu nunca fizesse testamento, com tudo já fiz hum escrito de casamento a huma negra; e quem faz huma cousa, tambem faz outra.

*Sancho.* Isso basta, e sobeja: Ora sente-se; ahi tem papel sellado, que já me servio em varias necessidades: he bom papel, com tudo o que se escreve de huma banda, se póde ler da outra com muita facilidade: Ora ponha huma perna sobre a outra,

tra, escreva à sua vontade.

*Tabel.* De qualquer sorte estou bem, para servir a vossa mercê.

*Sanch.* Para servir a Deos. Olhe, meu amigo, não faça ceremonias, desaperte-se, tire fóra os calções, ponha-se em fralda de camisa, esteja a seu gosto; e em quanto escreve, se quizer tanger bandurra, ali a tenho muito boa, que me veyo de Berberia.

*Tabel.* Vamos ao testamento, que tenho que ir dar de beber às minhas bestas.

*Sanch.* Ora vá lá fazendo a cabeça do testamento, que isso pertence aos Tabelliães.

*Tabel.* Está feita.

*Sanch.* Vejamos: homem, esta cabeça não presta: vossê não lhe poem cabelleira? Uy Senhor, ponha-lha em todo o caso, que este testamento ha de apparecer em publico, e não he bem, que vá humã cabeça sem compostura.

*Tabel.* Ahi lhe ponho a cabelleira, que mais?

*Sanch.* Espere, espere; já lhe poz a cabelleira?

*Tabel.* Já, fim Senhor.

*Sanch.* Valha-me Deos; não sey se lhe puzeramos antes huma carapuça preta, que he cor de quem morre? Veja se lhe pôde tirar a cabelleira por vida sua.

*Tabel*

*D. Quixote de la Mancha.* 23

*Tabel.* Eu a borro, e lhe ponho a carapuça.

*Sanch.* Homem, vossê não póde tirar huma cabelleira a huma pessoa da cabeça, sem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farey isso: digo primeira-mente . . .

*Tabel.* Mente.

*Sanch.* Mente elle grandissimo magano: a mim me desmente na minha cara?

*Tabel.* Este mente he cá do testamento, que não offende a ninguem.

*Sanch.* Isso he outra cousa: declaro por descargo de minha consciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio: declaro mais, que fuy casado dezanove vezes todas contra minha vontade. Item, que desta ultima mulher tenho . . .

*Teref.* Criada de vossa mercê.

*Sanch.* Callaivos lá tolla, não embaraceis o pavier da historia. Tenho tres filhos, cujos nomes me não lembraõ por ora. Item, que sou senhor, e possuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros sem raiz: os movitos vem a ser, duas bassouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e huma rotula já furada. Item trinta e tres cadeiras, que já deraõ com o couro à sóla. Item mais hum bofete de pão, que veyo de bordo, tres paineis

já em muito bom uso , a saber, hum do  
 Mundo às aveffas ; outro de hum navio,  
 que pintou o meu pequeno ; e outro  
 que já se não sabe, que pintura tem ; po-  
 rém supponho, que seria boa. Item hum  
 espelho de despir sem aço, hum mafame-  
 de da India , com seu tapete de Arrayo-  
 los, cuberto por cima. Item huma ex-  
 cellente manta de retalhos, que me meyo  
 do Japaõ, e outra, que me ha de vir do  
 Jaquejo. Item huma formosa tea de ara-  
 nhas, duas colheres de tartaruga bastar-  
 ba, hum bispote, e o mais trém da co-  
 finha. Ora vamos agora aos bens de raiz :  
 Declaro, que tenho humas casafas na mi-  
 nha vestia. Item hum parreiral de uvas  
 de caõ no meu telhado. Item dous va-  
 fos, hum de enfayaõ, e outro, que teve  
 arruda, que ainda se conhece pelo chei-  
 ro. Item mais huma arvore de geraçaõ.  
 Passemos agora ao meu gado : Em pri-  
 meiro lugar tenho hum burro , que lhe  
 chamaõ o ruço por alcunha ; tenho mais  
 duas cadellas paridas. Declaro, que me  
 não devem nada , e que eu devo os ca-  
 bellos da cabeça. Deixo a minha mulher  
 tudo quanto puder furtar no inventario.  
 Deixo a minha filha Sanchica o meu  
 bom coração , e aos meus dous filhos lhes  
 não

*D. Quixote de la Mancha.* 25

naõ deixo nada , porque se o quizerem , que o furtem , como eu fiz. Instituo por meu universal herdeiro forçado a hum Mouro da galé , a quem peço , que faça pela minha alma o mesmo , que eu fizera pela sua. Tal parte , em lugar do cú de Judas , tantos do mez passado , &c.

*Tabel.* Ora affine-se vossa mercê aqui a traz.

*Sanch.* A traz só me affinarey , se for penna a sua lingua ; dou por affinado , que eu em tal naõ affino.

*Tabel.* He preciso , que sem isso naõ val nada o testamento.

*Sanch.* E que tem ninguem , que elle valha , ou naõ valha ? Olhem , que está galante ! De quem he o testamento ? Naõ he meu ? Pois posso fazer delle o que quizer. Mulher , guarday bem este papel , vêde , que naõ o percais , que póde servir para méchas : Ora a Deos , mulher , daime hum abraço.

*Teref.* Ay marido , lembraivos da vossa casa ; naõ andeis de noite ; naõ me deis mais penas.

*Sanch.* O' filha , naõ tenho , que encomendarte a tua honra , que he o melhor camaféo , que tens. Se alguém , quando estiveres na janella , te fizer hum bicho , corresponde-lhe com outro , que a cor-  
tezia

tezia nunca se perde. Ouves, nunca dês o fim a tudo, o que te pedirem; porque desta sorte serás bem reputada.

*Teref.* Pois já que te ausentas, ò meu amado Sancho, despeçamo-nos cantando.

*Sanch.* Ora vá, que eu começo.

*Cantaõ Sancho, e a mulher a seguinte*

A R I A A D U O.

*Sanch.* A Deos, Teresa amada.

*Teref.* Não posso dar hum passo.

*Sanch.* A Deos, que não he nada.

*Teref.* Oh triste desgraçada!

*Sanch.* Dá cá, dá cá hum abraço.

*Teref.* Ay, que eu quero desmayar.

*Teref.* Mas ay de mim, que vejo

*Sanch.* Amado Caranguejo.

*Teref.* Teu vil rigor não chora?

*Sanch.* Chora tu, bella aurora,  
Que eu nunca em despedidas quiz  
chorar.

S C E N A III.

*Mutaçãõ de bosque. Aparece D. Quixote a cavallo com lança, e Sancho em hum burro.*

*D. Quix.* A Inda não creyo, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em rocinante, para profeguir minhas aventuras.

*Sanch.*

*D Quixote de la Mancha.* 27

*Sanch.* Digo-lhe a vossa mercê , Senhor meu amo , que tenho o rabo nesta albarba , e me parece , que o tenho na palha da estrebaria : Oxalá , que tenhamos melhor ventura , que da vez passada !

*D. Quix.* Para que tenhamos bom successo nesta empreza , e por cumprir com as leys da cavallaria andante , e com os ditames do meu amor , quero , Sancho , que vás ao Castello , em que vive aquella sem igual Dulcinéa de Toboso , minha muito Senhora , e que lhe digas da minha parte , que já me acho em campo razo , para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por seu respeito ; e que tudo servirá de despojo , para collocar no templo de sua formosura.

*Sanch.* Senhor , que Dulcinéa he esta ? Aonde mora ? Que tal mulher entendo não ha no Mundo : Logo como quer vossa mercê , que eu a busque , se ella não he coufa viva ?

*D. Quix.* Vay , não repliques , senão com esta lança te abrirey essa barriga : vay , que eu te espero aqui debaixo deste tronco.

*Sanch.* Ora o caso está galante , por vida minha ! Donde hey de achar a tal Dulcinéa dos demonios ? A' força quer D. Qui-

Quixote, que haja tal mulher no Mundo! Mas de quem me queixo, se eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras? Porém lá vem hum Saloya: bom remedio, vou-lhe dizer, que esta he Dulcinéa, pois a elle tudo se lhe mete na cabeça. Ah Senhor meu amo? Venha cá depressa: eis aqui a Senhora Dulcinéa, que vem ver a vossa mercê.

*D. Quix.* Sancho, como pôde fer esta Dulcinéa, quando ella he hum Senhora tão gallarda? Como pôde vir em hum burro, quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para sua soberania? Não vês hum Saloya feya, e trapalhona?

*Sanch.* Senhor, vossa mercê não se lembra, que os encantadores mudaõ as fórmas das pessoas, só para que vossa mercê não logre a fortuna de ver a Senhora Dulcinéa?

*D. Quix.* Dizes bem, Sancho amigo; oh mal hajais malditos encantadores, pois mudais a fórma de Dulcinéa filis, e gallarda, em hum Saloya choquenta!

*Saloy.* Senhores, vossas mercês, que me querem? Larguem-me o freyo da burra, deixem-me ir vender as minhas cebollas.

*D. Quix.* Espera, ò luz de meus olhos, recebe, antes que te ausentes, este fino amante no regaço de teus agrados; pois  
só

*D. Quixote de la Mancha.* 29

fô a ti te dedico os fuores frios de meus trabalhos : aqui me tens , ò bella ninfa , pois a teus pés idolatra da tua belleza.

*Sancho.* Oh Princeza da formosura ! Oh Duqueza do melindre ! Oh Archiduqueza dos dengues ! Não desprezes hum andante Cavalleiro , que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos affopros da sua magoa. Ponha vossa mercê os olhos naquelle peito , e o verâ cheyo de cabellos , mais claros cá agua , e outros mais ruivos cá canella.

*Saloy.* Estes homens estaõ doudos ; vaõ-se cos diabos : vossês vem zombar de mim ?  
Arre lá , xó.

*Vaise.*

*D. Quix.* O' animada exhalacão , não te desfaças em scintilantes repudios : tanto estes encantadores me perseguem , que até fazem , com que cayas ; porém , ò vil canalha , lá virá tempo , em que eu me vingue de vós.

*Sancho.* Digo , que vossa mercê tem muito bom goito , em amar a Senhora Dulcinea. Não vi cousa mais peregrina ! Deixou-me atoclo , vendo aquelle brio !

*D. Quix.* Oh afortunado Sancho , que foste tão feliz , que chegaste a ver sem encantos , e transformações aquella deidade humana ! Dize-me , he formosa ?

*Sancho.*

*Sanch.* De formosa passa ella : Se vossa mercê vira aquelles olhos, que pareciaõ olhos de couve murciana ! O nariz , isso era cahir hum homem de cú sobre elle ; tinha humas mãos de rabo ; o corpo parecia corpo de delicto , pelo que matava a todos ; os cabellos não vi eu , só o que eu vi , foraõ dous piolhos de rabo , que lhe sahiaõ pelos buracos da coifa : o que mais me regalava era ver humas rosquinhas doces , que fazia junto ao pescoço ; em fim , Senhor , os pés eraõ dous pés de cantiga . Eu confesso , que se não fora casado , que a tal Senhora Dulcinéa não me escapava .

*D. Quix.* O' Sancho , espera , não vês , que lá vem hum Castello movediço , com muita gente dentro ? Grande dia se nos espera ! Deos seja conosco .

*Sabirá hum carro tirado de huma mulla , sobre a qual virá hum diabo ; dentro do carro virá a Morte , Cupido , hum Anjo , hum Imperador , e outra figura muito bem vestida .*

*Sanch.* Ay miseravel Sancho , aonde estás metido ! Melhor me fora estar na minha Aldea , que não vir agora ver estes gigantes engalias .

*D. Quix.* De que temes , cobarde ? Olha , não vês estes gigantes vivos ? Pois logo

*D. Quixote de la Mancha.* 31

os verás mortos: O' vós, quem quier que sejas, dizeime quem sois, e aonde ides?

*Diab.* Senhor, nós fomos huns pobres representantes de comedias, que himos já vestidos para fazer hum Auto Sacramental aqui a huma quinta; eu faço papel de Diabo, este de Anjo, este de Morte, este de Imperador, e os mais fazem varios papeis.

*D. Quix.* Ora sempre as cousas se devem primeiro especular, antes que se fação; se não vos declarais, hoje aqui todos ficarieis mortos, cuidando, que ereis gigantes, ou encantadores.

*Sancho.* Boas novas te dê Deos, que eu já estava sem pinga de sangue no corpo.

*Sabe hum Diabo com castaveis, e espanta-se o cavallo de D. Quixote, e cabe no chaõ, e o Diabo monta no burro de Sancho.*

*Sancho.* Jesus, nome de Jesus! Lá vay meu amo ao chaõ! Ah Senhor, não caya, espere, que eu já lhe vou acudir.

*D. Quix.* Ay de mim! Acodeme Sancho, que quebrey o espinhaço.

*Sancho.* Ay Senhor, que o Diabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ò prenda de minhas nadegas, ò centro de minhas bebas; que será de mim sem os teus sonoros zurros? Senhor, para aqui

aqui faõ as lagrimas: ah Senhor, que Diabo levou o meu burro.

*D. Quix.* Que Diabo?

*Sanch.* O Diabo das bexigas: Jesus sagra-do! Ah fô Diabo, largue o meu burro, por vida de Ferrabrás.

*D. Quix.* Por vida de Dulcinéa, que os do carro me haõ de pagar: esperay, turba alegre, e folgazona, que eu vos ensina-rey o como se trataõ os burros dos es-cudeiros dos Cavalleiros andantes.

*Sabe o Burro.*

*Sanch.* Senhor: naõ pelejemos, que o bur-ro já ahi está; escusemos tantas mortes.

*D. Quix.* Bem está: a prudencia às vezes he melhor, que o valor; idevos em paz.

*Sanch.* Ouvis lá? Bom padrinho tivestes no meu burro, que se naõ apparece, tu-do vay à espada.

## S C E N A IV.

*Mutaçãõ de selva, e a hum lado estará hum Cavalleiro reclinado, e hum moço, e sabirá*

*D. Quixote, e Sancho Pança.*

*D. Quix.* **S**Ancho, ata este cavallo a esse tronco, que já o Sol se escondido no vestuario de Thetys, depois de fa-

*D. Quixote de la Mancha.* 33

fazer primeiro Galan dos astros na Comedia do dia.

*Sanch.* Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vazia, e não estou para ouvir conceitos: olhe vossa mercê, Senhor; alli estão dous homens reclinados sobre a relva, e dous cavallos atados naquelle salgueiro, que fazem quatro.

*D. Quix.* Algum Cavalleiro andante deve ser, que anda buscando aventuras.

*Canta o Cavalleiro o seguinte*

MINUETE.

Sem ter melhora  
Meu peito ardente,  
A chamma sente  
Do Deos rapaz.

Que amor parece,  
Ninguem duvida;  
Porque a ferida  
Bem clara está.

Suspende a frêcha,  
Deos fementido,  
Ouve o gemido,  
Que o pranto faz.

*Sanch.* Elle canta com bom estylo, e à moda.

*D. Quix.* Segundo a letra, e o affecto, mostra estar namorado. Valhate Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes

corações de cera! Senhor Cavalleiro, como a sociedade nos homens he significativo do racional, por isso não estranhe vossa mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras clausulas do seu sentimento; porém como as penas comunicadas são menos sensíveis, diga-me vossa mercê o que sente, que se o alivio de suas magoas consistir na ponta desta lança, e fio desta espada, tenha por certo, que o hey de fazer.

*Carr.* Honrado Cavalleiro, bem parece, que tendes generoso animo, e assim vos agradeço essa offerta; mas sabereis, que a mim por ora me não offendem inimigos, senão huma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a cavallaria andante, só por ver, se posso aplacár o seu desdem, offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

*D. Quix.* Com que vossa mercê he Cavalleiro andante? Ora ajunte-se comigo, e fallemos na materia, que como professor della, estimo muito estas praticas.

*Criad.* Em quanto nossos amos lá praticão sobre os seus amores, e valentias, vamos dando à taraméla, e fazendo pela vida.

*Sanch.* Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortunios; pois mal de

*D. Quixote de la Mancha.* 35

de muitos consolo he : até aqui cuidava, que só eu era desgraçado , em ser escudeiro de Cavalleiro andante ; mas já vejo , que vossa mercê nasceo debaixo da minha estrella.

*Criad.* Como se chama este seu amo ?

*Sanch.* D. Quixote de la Mancha para servir a vossa mercê , que nunca tal homem nascera no Mundo ; pois por elle tenho padecido , o que Deos sabe : basta deixar a minha casa com tudo quanto tinha nella.

*Criad.* Tendes filhos ?

*Sanch.* Boa está essa ! Com que destes annos ainda não havia de ter filhos ? Tenho huma rapariga , meu amigo , que dá com a cabeça no tecto da casa , e he muy valente , e desembaraçada. Quando come , não usa de ceremonias , despeja huma casa com a mayor limpeza do Mundo ; e sobre tudo tem o máo cheiro da becca , que he mal de que fogem todos. Quero-lhe como aos meus olhos , que fóra da sua vista , os vejo cheyos de lagrimas.

*Criad.* E os meus estão muy cheyos de sono : durmamos ?

*Sanch.* Durmamos.

*Carr.* Como lhe vou contando a vossa mercê,

-cê , a Senhora ; a quem amo , he huma  
 - Calcidéa de Vandalia , nome supposto ,  
 - com que a appellido nas minhas obras  
 - Poeticas ; esta em fim me disse , que se  
 - a quizesse receber por esposa , fosse pe-  
 - lo Mundo , e fizesse confessar , que ella  
 - era a mais bella , e formosa Dama , que  
 - havia no Orbe ; tenho feito confessallo  
 - a muitos ; e ultimamente ao grande D.  
 - Quixote de la Mancha , o qual disse ,  
 - que minha Senhora Calcidéa de Vanda-  
 - lia era mais formosa , que a sua Dul-  
 - cinéa del Toboso : com que , vencen-  
 - do eu a D. Quixote , que venceo a to-  
 - dos os Cavalleiros do Mundo , venho a  
 - vencer a todos , vencendo a quem a el-  
 - les os venceo.

**D. Quix.** Sem duvida , Senhor Cavalleiro ,  
 - entendo , que estais enganado , por ser  
 - - impossível , que vençais a hum D. Qui-  
 - - xote ; e basta , que eu vos diga , que ne-  
 - - nhum Cavalleiro do Mundo o póde ven-  
 - - cer ; e por vos não desmentir , digo ,  
 - - que algum encantador inimigo de sua  
 - - gloria tomaria a sua fórma , para que fi-  
 - - cando vencido , não se coroaſſe a fama  
 - - de seu valor com eterno Diadema ; e  
 - - tanto assim , que não ha dous dias , que  
 - - estes mesmos encantadores transforma-  
 - - raõ

*D. Quixote de la Mancha.* 37

raõ a Senhora Dulcinéa del Toboso, sendo a mais gentil deidade, que calçou cothurno, em huma Saloya suja, hedionda, e terrivel: com que, Senhor, entendeu, que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

*Carr.* Taõ verdadeiro, e taõ o mesmo, que mais não podia ser.

*D. Quix.* Digo, que tal não ha; pois D. Quixote he este, que vedes presente; vede como o podieis vencer. *Levantase.*

*Carr.* Pois verdadeiro, ou fingido, sempre o venci; tenho dito.

*D. Quix.* Pois Cavalleiro, bom remedio: em campo razo, e em singular desafio, veremos qual he mais valente.

*Carr.* E o que ficar vencido, ficará ao arbitrio do vencedor.

*D. Quix.* Não duvido: Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora, rasgando o manto da noite, véste o Pólo de rubicundos adornos; Sancho, acorda.

*Sancho.* Senhor, Senhor; eu vos arrenego canalha: não deixareis dormir a hum pobre escudeiro andante?

*D. Quix.* Sancho amigo, acorda, que já o Sol te dá de rosto com as suas luzes.

*Sancho.* E que tenho eu com isso? Senhor, vossa mercê cuida, que eu também sou

douo, como vossa mercê, para não dormir? Apenas tinha pegado no somno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

*D. Quix.* Vay sellar o rocinante, que temos, que brigar esta manhã com aquelle Cavalleiro do bosque; anda, Sancho, vay depressa.

*Sanch.* Estou dormindo, que he o mesmo, que estar ninando. Ora salve Deos a vossa mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita colera na barriga.

*D. Quix.* Porque, Sancho?

*Sanch.* Porque me fabe a boca a ferro velho.

*D. Quix.* He porque logo havemos de brigar com este Cavalleiro do bosque, que o desafiey: elle deve de ser pessoa particular, porque traz mascarilha.

*Sanch.* Ora Senhor, cuide vossa mercê noutra cousa, brigar logo de manhã he aineira.

*D. Quix.* Faze o que te digo, e não me repliques.

*Traz Sancho o cavallo.*

*D. Quix.* Cavalleiro, quem quer que sois, já estamos em campo razo; vereis se sou eu o mesmo D. Quixote, a quem vendestes.

D. *Quixote de la Mancha.* 39

*Carr.* Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

*Sanch.* Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a subir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

D. *Quix.* Avançay bom Cavalleiro.

*Investem os Cavalleiros, e cabe Carrasco.*

D. *Quix.* Sancho, acode, que vencemos.

*Sanch.* Agora sim: Corte-lhe vossa mercê logo a cabeça, pelo que *potest succedere.*

D. *Quix.* Tira-lhe a mascara.

*Sanch.* Ah Senhor, que elle bolle; suba-me outra vez ao zambujeiro.

*Carr.* Ay de mim! Venceste D. Quixote: negar não posso, que fois o mais valente Cavalleiro do Universo.

D. *Quix.* Haveis de confessar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboso he mais formosa, que a vossa Calcidéa de Vandalia, tirando para isso a mascara: mas que vejo! Não fois vós Sanfaõ Carrasco?

*Tirase-lhe a mascara.*

*Sanch.* He boa historia! Veja vossa mercê, se não falla, como o leva o diabo de meyo a meyo.

*Carr.* Eu sou vosso amigo Sanfaõ Carrasco, q̄ quiz vir disfarçado, a ver se vos vencia, para que assim tornasseis para casa, sem

essa loucura, mas já vejo, que sois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo não posso.

*D. Quix.* Ide em paz, e dizey a esse Barbeiro incredulo, que vos cheguey a vencer; para que fique defenganado, que sou Cavalleiro andante.

*Sancho.* Ide em paz, e dizey a esse Barbeirinho, que quem vence a hum Carrasco, he o mesmo, que vencer a morte.

## S C E N A V.

*Mutaçãõ de selva, e sabirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leaõ em huma capoeira.*

*Hom.* Grande trabalho me tem dado a conduçãõ deste Leaõ, pela fragosidade dos caminhos; e queira Deos, que seja bem pago do meu trabalho.

*Sabem D. Quixote, e Sancho.*

*D. Quix.* Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não he menos, que huma rara aventura, que nos espera.

*Sancho.* Senhor, não ande cuidando nisso; porque tudo quanto vir, lhe ha de parecer aventura; pois da imaginaçãõ nascem as causas.

*D. Quixote de la Mancha.* 41

*D. Quix.* O' Sancho, tu sabes Filosofia?  
Quem te ensinou isto?

*Sanch.* Eu mesmo: vossa mercê cuida, que eu sou algum leigarrao? Sabe vossa mercê, que mais? Que dentro daquella gayola vem hum formoso Leaõ.

*D. Quix.* Hum Leaõ! O' homem do Leaõ? Da parte de Deos te requireo, que soltes esse Leaõ, que quero brigar com elle, para o que já o espero à boca da caçoira.

*Apea-se D. Quixote.*

*Sanch.* A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados estamos: quer agora tambem brigar com Leões! *à parte.*

*Hom.* Senhor passageiro, requireo a vossa mercê, que este Leaõ he Africano, feroz, e terrivel, e que vay de presente a hum Fidalgo, que o manda o Graõ Turco.

*D. Quix.* Que tenho eu com o Graõ Turco, nem com o Fidalgo? De duas humas, ou tu has de soltar o Leaõ, ou te hey de matar; porque me diz o coraçõ, que nelle vem transformado algum gigante.

*Sanch.* O' homem, tem maõ; não soltes esse Leaõ, que he muy Faraó.

*Hom.* Pois vossa mercê quer, que o solte?  
Veja

Veja lá o que diz, ao depois não se queixe.

*D. Quix.* Solta-o, não ouves?

*Sancho.* Tem mão, homem, não o soltes: ah Senhor Leão, não me faça mal; lembre-se, que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Vossa mercê não he o Leão do Carmo? Desgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora estar antes enterrado em hum carneiro, que na barriga de hum Leão! Ah sô Leão, vossa mercê vem enganado; eu não fuy o que o desafey; alli está meu amo, que o chama, vá para lá; e já que eu hey de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cysne das Alagoas, e talvez que este Leão seja amigo de Arias.

*Canta Sancho a seguinte*

A R I A.

Ay, que estou tremendo!

Ay, que já me agarra!

Oh como estende a garra!

Ay, ay! Tomara-me esconder.

Vaite monstro horrendo,

Tem dó do pobre Sancho,

Recolhe o duro gancho,

Que já me faz tremer.

*D. Quixote de la Mancha.* 43

*Acomette o Leão a Q. Quixote, e este o mata.*

*D. Quix.* Bruto Rey das montanhas, porque foges de hum Cavalleiro andante? Vem a acometterme, e verás o meu valor.

*Sanch.* O' caõ Leão, a elle: espere, que eu vou; victor D. Quixote.

*D. Quix.* Daqui em diante não quero, que me chamem o Cavalleiro da triste figura, senão o Cavalleiro dos Leões em memoria deste caso.

*Hom.* Não vi mais valente homem no Mundo! Vou pasmado.

S C E N A VI.

*Mutação de bosque, e no meyo haverá hum monte, e hum homem; e pelo monte descerá*

*D. Quixote, e Sancho Pança.*

*Sanch.* **M**Uy fragosa, e escorregadia he esta terra! Muito tropeça o meu burro!

*D. Quix.* O' vilaõ, dizeime, que fazeis ahi, e que monte he este?

*Vilaõ.* Este monte, Senhor, he aonde está aquella celebre cova encantada, que chamaõ a cova de Montefinos.

*D. Quix.* Oh quem tivera hum thesouro, que

que dera em alviçaras ! Vês aqui, Sancho, quando dizem : vem as fortunas, sem ser esperadas : ha quantos annos, que eu andava buscando esta cova, donde está encantado aquelle celebre Cavalleiro andante chamado Montefinos ? Pois a occasião se nos meteo nas mãos, não tenho mais remedio, que descer por ella, a desencantar este bom Cavalleiro.

*Sanch.* Tire vossa mercê dahi o sentido ; só esta me faltava para soffrer ! Que tenho eu com Montefinos, nem elle comigo ? Vá vossa mercê cos diabos se quizer, que eu não quero enterrarme em vida. Ainda me lembra o Leaõ. *à part.*

*D. Quix.* Anda Sancho, que se agora não achamos a Ilha para seres Governador, nunca a acharemos : vem, que serás bem premiado ; pois aqui nesta cova ha muito ouro, e isto são minas encantadas.

*Sanch.* Huma vez que são minas, eu vou ; que mais val huma hora rico, que toda a vida pobre.

*D. Quix.* Amigo, ficay guardando estes animaes, e vêde se tendes ahi algumas cordas, com que nos ateis pelas cinturas, para que não cayamos, e demos lá no profundo.

*Vilaõ.* Aqui estaõ, pois eu fou o guarda desta

*D. Quixote de la Mancha.* 45

ta cova, e já estou aparelhado para este ministerio.

*D. Quix.* Pois ata-nos bem; quando differ, larga mais a corda, vay largando.

*Sanch.* Tanto que tiveres deitado quatro palmos, puxa logo para fóra.

*D. Quix.* Sancho, faze hum acto de contrição, e fecha os olhos.

*Sanch.* Ora graças a Deos, que vou a enterrar em vida: bem fiz eu em fazer o meu testamento. Ay Senhor, que ahí vem huma legião de gigantes! Misericordia meu Deos! Xó diabo. A que del-Rey, que estou com as gralhas na alma.

*D. Quix.* De que te affustas? São huns passarinhos, que vem a applaudir a nossa entrada.

*Sanch.* São passarinhos! Oh quem me dera ter aqui a minha espingarda.

*D. Quix.* Amada Dulcinea, a ti me encomendo neste perigoso trance; ajudaime a levar com paciencia estes rigores: Sancho, ou morrer, ou viver.

*Sanch.* Essa razaõ me encova.

## S C E N A VII.

*Mutação de columnata, que depois se mudará em jardim de figuras tristes; e sahirá Montesinos com barbas grandes, sotâna, e gorra; e virão descendo D. Quixote, e Sancho.*

*Sancho.* **A**H Senhor, he hum regalo voar hum homem, como se fora pardal!

*D. Quix.* Graças a Deos, que chegamos! Vês Sancho, que admiravel palacio? Vês estas columnas Doricas, e Corinthias? Olha estes jaspes: Que te parece?

*Sancho.* Parece-me, que tudo isto he pintado em taboa de pinho; mas ainda assim, eu quizera antes andar voando, que me regala.

*Ha dentro terremoto, e escurece tudo, ouvindo-se muitos ays, lamentos, rayos, e trovões.*

*Sancho.* E que diz vossa mercê agora destas columnas, e destes jaspes Corinthios? Senhor, nós estamos no inferno a bom livrar: os cabellos se me arrepiaõ: Ay Senhor, não sey que suor frio me vay dando! Eu me mijo por mim.

*D. Quix.* Agora verás, ò nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de hum

Ca-

*D. Quixote de la Mancha.* 47

Cavalleiro andante : dize-me , ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda , ou grifa , dizer , que algum Cavalleiro , o mais intrepido , fizesse acção taõ sobrenaturalmente heroica , como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valeroso Campiaõ me arrojey a esta cova?

*Sanch.* Isso mesmo faz qualquer defunto.

*D. Quix.* Viste como depois de encovado , penetrey as duras entranhas dessa penha , abrindo caminho com a espada na maõ , derrubando montes , ou para melhor dizer gigantes amontoados , até que chegámos a este abyfmo?

*Sanch.* Meu amo he hum abyfmo. *à parte.*  
Mas diga-me , Senhor , aonde estamos nós?

*D. Quix.* Estamos no Inferno.

*Sanch.* Em Purgatorio está , quem lida com vossa mercê : he boa graça ! Com que parece-lhe a vossa mercê , que isto he Inferno? Ora o certo he , que está pouco visto em materias de Inferno.

*D. Quix.* De que te espantas animal?

*Sanch.* Porque sou animal , por isso me espanto. Ora venha cá : quem se não ha de espantar de ouvir dizer a vossa mercê ,  
cê ,

cê , que está no Inferno assim a chucha callada, e eu tambem, sem me doer pé, nem maõ , graças a Deos?

D. *Quix.* Sancho, eu não tenho culpa, que sejas hum simples escudeiro , sem noticias , nem literatura; se tu leras a Virgilio no sexto livro das Eneidas, lá verias, que tambem Eneas foy ao Inferno, e lá vio a seu pay Anchises, e a Rainha Dido.

*Sanch.* Esta Rainha Dido era macho, ou femea?

D. *Quix.* Não se sabe de certo; o que se diz he, que era mulher varonil.

*Sanch.* Visto isso era machafemea; com que Senhor, huma vez que Eneas foy ao Inferno, vá vossa mercê tambem; mas não consta, que Eneas tivesse escudeiro, como vossa mercê tem.

D. *Quix.* Ora Sancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do defencanto do Senhor Montefinos, que para esse fim fuy aqui trazido.

*Canta D. Quixote a seguinte*

A R I A.

O' Magia barbara

De furia indomita,

Humilha timida

O fero encanto

Do teu furor,

Que

*D. Quixote de la Mancha.* 49

Que o braço rigido  
Com furia rispida  
Vence colerico  
A ira ingente  
De teu rigor.

*Torna a haver terremoto.*

*Sanch.* Ay Senhor! Que diabo de Ilha, ou de cova he esta? Eu nella não quero enterrar-me: vamos Senhor.

*D. Quix.* Sombras vãs, encantadores malevolos, a pezar de vossos encantos hey de ver a Montefinos. O' Montefinos? Montefinos?

*Sabe Montefinos.*

*Mont.* Sejas mil vezes bem vindo, ò sempre valeroso D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e escuma dos Cavalleiros andantes; só tu tiveste valor para me desencantares, resuscitando a antiga andante cavallaria: chega a meus braços.

*D. Quix.* Valeroso Montefinos, não tens que me agradecer esta acção; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que assim mo insinuaõ as leys da cavallaria.

*Mont.* Chega a meus braços, tu celebre escudeiro Sancho Pança; pois tambem participas hum esgalho deste laurel.

*Sanch.* Sou criado de vossa mercê: eu já  
es-

estou desmamado, graças a Deos; eu não quero, que vossa mercê me desmame; assim sou eu asno, que me chegue àquellas barbas! Peça de baeta animada, e escova vivente me parece o tal Montefinos.

*à parte.*

*Mont.* Já que aqui viestes, illustre D. Quixote, a desfencantarme, peço-vos, que desfencanteis também a Senhora Belerma, que foy Dama do valente Cavalleiro Durorante, que por causa delle vive aqui encantada.

*D. Quix.* Por mulher, e por fer Dama de hum tão valente Cavalleiro, me toca desfencantalla; aonde está?

*Mont.* Agora o vereis.

*Mudaõ-se os bastidores, e apparece hum jardim com figuras de pedra, e sabirá Belerma.*

*Belerm.* Prostrada a vossos pés, valeroso D. Quixote, vos rendo as graças de tão generoso capricho: escutay com melhor accento o meu agradecimento.

*Canta Belerma o seguinte*

MINUETE.

Belerma misera  
Suspira, e sente  
A morte dura  
De seu valente,  
Galhardo amor.

D. *Quixote de la Mancha.* 51

Agora em canticos

Louvar procura

O braço ingente

De hum glorioso,

Feliz, ditoso, libertador.

D. *Quix.* Formosa Belerma, enxugay effes aljofares; não tomeis o officio da Aurora, sendo vós hum Sol.

*Sancho.* Ah Senhora Belermina, dê-me vossa mercê effes aljofares para levar à minha Teresa Pança: não os deite fóra.

*Torna a cantar Belerma.*

M I N U E T E.

Quixote inclyto,

Em cujo peito

Cupido, e Marte

Fazem perfeito

Lazo de amor.

Teu braço bellico,

Porque se exalte

Já com effeito,

Em males tantos,

Enxugue o pranto,

Que amor causou.

D. *Quix.* Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

*Sancho.* Senhor, *palabras, y plumas el viento las*

*las lleva.* Vamo-nos, que não sey o que me adevinha o coração.

*Na ultima clausula muda-se a apparencia, e ha terremoto, e levaõ pelos ares a D. Quixote, e Sancho.*

*D. Quix.* Belerma, Montefinos, vede, que os encantadores me levaõ para vos não defencantar; bem vistes a minha vontade.

*Sancho.* Ay que rica coufa! Agora sim, voemos Senhor até cahir de hum a bala.

*Apparece o monte em cima.*

*D. Quix.* Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraste da mayor suavidade, e consonancia, que se póde imaginar! Por tua culpa não defencantey a Montefinos, e Belerma.

*Sancho.* Por tua culpa, bebado, não defencantey as minas, e a Ilha encantada: ay que estou muy cansado de voar? Digame, Senhor, aonde está a mina, que achamos? Tudo foraõ voos, por isso agora tudo são penas! Digame vossa mercê, que me meta eu n'outra cova! Para aqui.

*D. Quix.* Sancho, bem viste, que da minha parte fiz o que devia, pois destemido, e valeroso, cheguey a penetrar as entranhas desse abyfmo; com que, se nesta occasião não confeguei o que desejava, em outra o conseguirey, e tu alcançarás

*D. Quixoté de la Mancha.* 53

cançarás esta tão desejada, e alta Ilha.

*Sanch.* Antes creyo, que nunca a alcançarey.

*D. Quix.* Porque?

*Sanch.* Porque, como sou curto dos nós, não poderey alcançalla pela altura dos grãos.

*D. Quix.* Ora anda comigo, não te agastes, que sem duvida serás premiado.

S C E N A VIII.

*Mutação de selva.*

*D. Quix.* **H**A dias, que trago no pensamento huma cousa, que me teni causado grande cuidadô : dar-se-ha caso, que os meus inimigos encantadores tragaõ transformada a belleza da Senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança ! E os motivos, que tenho para isto, he ver a paciencia, com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem sallario algum ; e ver que já mais foy possivel ver eu a Dulcinéa no feu original, e nativo resplendor. Tudo póde ser que seja ; pois se lêm nos antigos livros da Cavallaria andante outras transformações de Nynfas, ainda em mais

Tom. I.

E

ruins

ruins figuras , qual a de Sancho Pança , e porque este pensamento não he fóra de conta , bom será averiguallo , que a diligencia he máy da boa ventura.

*Sabe Sancho.*

*Sanch.* Senhor , o rocinante está esperando , que vossa mercê o cavalgue , e tem dado taes relinchos , pulos , e ventosidades , que supponho nos prognostica alguma boa ventura.

*D. Quix.* E se bem reparo agora nas feições deste Sancho , lá tem alguns laivos de Dulcinéa ; porque sem dúvida Sancho às vezes o vejo com o rosto mais affeminado , que quasi me persuado , está Dulcinéa transformada nelle.

*Sanch.* Meu amo está no espaço imaginario ! *à parte.* Ah Senhor , toca a cavalgar , que o rocinante está sellado , e o burro albardado : Senhor , vossa mercê ouve ?

*D. Quix.* Sim ouço ; que seja possível , prodigioso enigma de amor , galharda Dulcinéa del Toboso , que os magicos antagonistas de meu valor se transformassem em Sancho Pança !

*Sanch.* Ainda esta me faltava para ouvir , e que aturar ! *à parte.* Que diz , Senhor ? Está louco ? Com quem falla vossa mercê ?

D.

*D. Quixote de la Mancha.* 55

*D. Quix.* Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

*Sanch.* Se vossa mercê algum dia tivesse juizo, differa, que o tinha perdido: que Sancho fingido, ou que Dulcinéa transformada he esta?

*D. Quix.* Não sey como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa? Vá como quer que for: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e serdida pessoa a sem igual Dulcinéa; vê tu Sancho amigo, se ha mayor desaforo, se ha mayor insolencia destes feiticeiros, que emmascarar o semblante puro, e rubicundo de Dulcinéa, com a mascara horrenda de tua torpe cara?

*Sanch.* Diga-me, Senhor, por onde sabe vossa mercê, que a Senhora Dulcinéa está transformada em mim?

*D. Quix.* Isso he o que tu não alcanças, simples Sancho; pois sabe, que nós os Cavalleiros andantes temos cá hum tal instincto, que nos he permittido conhecer, aonde está o engano, e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fyssionomia do rosto.

*Sanch.* Basta que conheceo vossa mercê pela simonetria do rosto! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara

com a da Senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui não cuidey, que vossa mercê era tão louco! Cuido, que nem na vida de vossa mercê se conta semelhante desaventura.

*D. Quix.* Quanto mais te desconjurás, mais te inculcas, que es Dulcinéa; deixa-me beijarte os atomos animados desses pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dulcíssima Dulcinéa?

*Chega-se D. Quixote para abraçar a Sancho.*

*Sancho.* A que del Rey, Senhor, que não fou Dulcinéa; tire-se lá, olhe que lhe dou huma canellada.

*D. Quix.* Ora meu Sancho, dize-me aqui em segredo se es Dulcinéa, que eu te prometto hum premio?

*Sancho.* Como, Senhor, lho hey de dizer? Sou tão macho como vossa mercê.

*D. Quix.* Sancho, nesse mesmo dengue agora confirmo mais, que es Dulcinéa.

*Sancho.* Ora leve o diabo o dengue! Que queira vossa mercê, que à força seja eu Dulcinéa ensanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer, que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

*D. Quix.* Tu me queres dar couces? Agora

*D. Quixote de la Mancha.* 57

ra vejo, que não es Dulcinéa; pois Dulcinéa tão formosa, é tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grossaria.

*Dentro instrumentos.*

*D. Quix.* Não ouves, Sancho, huma suave harmonia?

*Sanch.* He verdade! Espere vossa mercê, que lá vem voando o que quer que he.

*Desce a Musa Caliope em huma nuvem, e D. Quixote, e Sancho se lhe poem de joelhos.*

*D. Quix.* Soberana Nynfa.

*Sanch.* Nynfa soberana.

*D. Quix.* Iris deste horizonte.

*Sanch.* Arco da velha deste horizonte.

*D. Quix.* Que rasgando diafanos vapores?

*Sanch.* Que rasgando nuvens de papelaõ.

*D. Quix.* Te ostentas Deidade.

*Sanch.* Te ostentas já de idade.

*D. Quix.* Que queres de hum Cavalleiro andante?

*Sanch.* Que queres de hum escudeiro tolhido de pés, e mãos?

*Caliope.* Valente *D. Quixote de la Mancha*, Cavalleiro dos Leões, eu sou a Musa Caliope, a primeira, e principal das nove, que assistem no monte Parnaço: aqui venho a teus pés enviada por meu amo  
o Se-

o Senhor Apollo, o qual como sabe, que tens profestado a estreita Religião da Cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, foccorrer afflictos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de huns Poetas maledicos, que o querem despojar do Throno; e juntamente para reformares a Poesia, que se acha quasi arruinada; para o que eu da minha parte, como taõ interessada neste desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes; pois he certo, que a Musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

*Sanch.* Aqui nos encaixa huma Aria à queima roupa.

*Canta Caliope a seguinte*

A R I A.

Se hum gigante inficionado

Morre infame desmayado

Entre as mãos de teu valor:

Quem haverá, que te resista,

Quando o teu braço conquista

A hum gigante disfarçado

Entre as garras de hum Leão?

*D. Quix.* A difficuldade está no modo, com que

*D. Quixote de la Mancha.* 59

que hey de ir ao Parnaſo ; pois ſey , que  
o meu rocinante não tem azas , como o  
Pegaſo.

*Sancho.* E o meu burro fó tem azas nos pés  
para fugir.

*Caliop.* O modo com que haveis de ir ao  
Parnaſo , he deſta ſorte.

*Voaõ na nuvem Caliopé , D. Quixote , e San-  
cho , e apparece o Parnaſo , e canta o*

C O R O .

Attenção , ſilencio ,  
Que neſte de Arcadia famoſo jardim ,  
Se oſtenta galhardo o Delfico Apollo  
Em muſicas gratas , em métricos ſubtils.

Attenção , ſilencio ,  
As fontes não riaõ ,  
As aves não cantem ;  
Porq̃ não perturbem do verde bicorneo  
O cantico grave de Muſas gentís.

S C E N A IX.

*Mutaçãõ de ſelva , e o monte Parnaſo ,  
e Poetas.*

*Apol.* **E** Speray , baſtardos filhos de Apol-  
lo , que cedo virá , quem me  
vingue de voſſas injurias.

*Poet.* Já não te reconhecemos , ò Apollo ,  
por

por Deos da Poesia ; pois qualquer de nós he hum Apollo , e cada idéa nossa huma Musa.

*Apol.* Assim vos atreveis a profanar o decoro , que se deve aos meus Apollineos rayos ?

*Sabe D. Quixote , Sancho , e Caliope.*

*Poet.* Toca a investir ao Parnaso.

*Apol.* Em boa hora venhas , valente D. Quixote , que só a tua espada me póde segurar o Throno , e o laurel : vem , vem a vingarme destes Poetasinhos , que sem mais armas , que a sua presumpção , querem , não só competir com o meu pleétro , mas ainda intentaõ despojarme do Parnaso ; e como as armas , e as letras são tão fieis companheiras , quero me valer das tuas armas para a restauração de minha sciencia ; e como esta violencia , que se me faz , não desmerece os empregos da tua Cavallaria , peço-te , que me soccorras.

*D. Quix.* Senhor Apollo , eu tomo sobre mim o seu desagravo , e já desde agora se póde assentar bem nesse Throno , que delle ninguem o ha de arrancar.

*Sancho.* Senhor meu amo , eu cuido , que estou sonhando : Que vossa mercê entre no Parnaso , não he muito , porque he lou-

*D. Quixote de la Mancha.* 61

louco ; porém eu , que sendo hum igno-  
rante , tambem cá esteja , he o que mais  
me admira ; e daqui venho agora a con-  
cluir , que não ha tollo , que não entre  
hoje no Parnaso.

*D. Quix.* Diga-me , Senhor Apollo ; e co-  
mo se chamaõ os Poetas , que tanto o  
perseguem ?

*Apol.* Essa he a desgraça , D. Quixote ; que  
os Poetas ; que me perseguem , não faõ  
de nome ; e com tudo cada hum cuida ,  
que he mais , do que eu mesmo.

*D. Quix.* Dizeime , Poetas de agua doce ;  
dizeime , rans , que grasnais no charco  
da Cabalina ; dizeime , Cysnes contrafei-  
tos , que vos banhais nos lodõs da Hip-  
pocrene ; com que motivo quereis com-  
petir com o Deos da Poesia ?

*Poet.* Porque esse Apollo , como não ins-  
pira , não merece o nomê de Apollo ; e  
assim queremos tomarlhe o Parnaso , e  
repartillo entre nós.

*Sancho.* Senhor , não se meta a brigar com  
os Poetas , que são peyores , que gigan-  
tes ; veja vossa mercê , que elles trazem  
hum exercito de dez mil Romances , qua-  
tro mil Sonetos , duzentas Decimas , oi-  
tenta Madrigaes , e hum esquadrão de  
Satyras volantes em Sylva , que arran-  
ha ;

na ; veja bem , em que se mete.

*D. Quix.* Nada me affombra ; porque eu só com esta espada hey de vencer a quantos Poetas ha no Mundo : Serra Hespanha , viva Apollo , e morraõ traidores.

*Ha bulbas , e gritos , entre D. Quixote , Sancho , e Poetas.*

*Apol.* A elles , meu D. Quixote , que a vitoria he nossa.

*Sancho.* A que delRey , que estou passado de parte a parte com hum Soneto em agudos !

*D. Quix.* Já fugiraõ como mosquitos.

*Sancho.* Avança , que com esta gente sou eu gente.

*D. Quix.* Já , glorioso Apollo , podes cantar a vitoria.

*Apol.* Cantem as Musas Euterpe , e Terpsichore o meu triunfo.

*Canta a Musa Euterpe a seguinte*

A R I A .

De Quixote o braço forte  
Se ouvirá no meu concento ;  
Pois que canta o vencimento  
Dessas furias de hum traidor.

Se animoso deu a morte ,  
A quem morte dava a tantos ,  
Viva , viva em doces cantos ,  
Pois que vence ao vil Piton.

*Can-*

*D. Quixote de la Mancha.* 63

*Canta Terpsichore a seguinte*

A R I A.

Pois vence Apollo  
O monstro altivo,  
Repita Eólo  
Já successivo,  
Que brilha vivo  
Seu resplendor:  
E assim as flores  
Lhe dem grinaldas  
De varias cores,  
Já consagradas  
A seu valor.

*Apol.* Vivas mil annos, D. Quixote; e como sey, que não militas por premio, por essa causa te não premeyo; mas na mesma acção, que obraste, tens o mayor premio; como também agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

*Sanch.* Valeo de muito a minha ajuda na retaguarda: assim em premio de meus serviços peço a V. Paternidade, Senhor Apollo, que me conceda hum lugar, o primeiro que vagar no Parnaso, para hum filho meu, que he muy inclinado à Poesia, de sorte, que tem roido quantas unhas ha em minha casa, que todos as tinhamos grandes.

*Apol.*

*Apol.* Pois que officio quereis?

*Sanch.* Cascavel do Parnaço.

*Apol.* Eu vo lo dou por tres vidas.

*Sanch.* Em tres vidas Senhor? Ora não ha prazo, que não chegue! E para melhor agradecimento, e em applauso desta victoria, já que sou Poeta, pois estou no Parnaço, quero cantar o triunfo: toquem as Senhoras Musas, e o Pegaço faça o compasso.

*Canta Sancho a seguinte*

A R I A.

Se hoje o meu cantar

Hum zurro ha de ser,

Quero começar:

An, an, an, an, an.

E se dos Poetas

Gallo posso ser,

Cantarey aqui,

Qui quiri qui,

E loco a colá

Cá cará cá;

Porque canto só

Có coró có:

Mas melhor será,

Tornar a dizer,

O que cantey já:

An, an, an, an.

*Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.*

PAR-

## P A R T E II.

### S C E N A I.

*Mutação, ametade de selva, e outra ametade de mar; e junto à praya hum barco, e huma azenha; e no dito barco se embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficarão atados o cavallo, e o burro, e a seu tempo sabirão da azenha dous homens com páos nas mãos.*

D. Quix. **J**A' estamos em terra de Aragoão: este he o famoso rio Ebro: na verdade, Sancho, que este Paiz he muy delectavel, e ameno: que te parece Sancho? Não respondes? Estás mudo?

Sanch. Digo, que não quero responder palavra, e tenho dito; meta-se lá com a sua vida, e deixe-me.

D. Quix. Sem duvida estás arrependido de me servires?

Sanch. Como que estou? Mais me valera a mim ser Sombreiro, que he o peyor officio, que ha no Mundo, do que servir a vossa mercê.

D.

*D. Quix.* Pois tão mal te tem ido comigo?

*Sanch.* Não he nada, vir eu daquella guerra do Parnaço moido, e remoido à conta de vossa mercê, e não achar esta maldita Ilha, e só achar hum formoso arrocho, que me arrombasse as alcatras?

*D. Quix.* Tu tens a culpa; quem te mandares fraco? Ora tem paciencia, soffre, que a Ilha algum dia apparecerá: mas espera, não vês nas margens do rio hum barco atado sem vélas, nem remos?

*Sanch.* E por final, que he Cassilheiro.

*D. Quix.* Sabes aonde estamos?

*Sanch.* Sey muito bem.

*D. Quix.* Aonde?

*Sanch.* Estamos no Theatro do Bairro Alto.

*D. Quix.* Pois sabe, que estamos metidos na mayor empreza do Mundo.

*Sanch.* Bem aviados estamos: não digo eu, que vossa mercê he doudo confirmado?

*D. Quix.* Sancho, aquelle barco, que vês atado àquelle álamo, não está alli sem grande mysterio.

*Sanch.* He porque vossa mercê de tudo faz mysterio, e sabida a conta não he nada.

*D. Quix.* Alguma pessoa está em grande perigo de honra, ou vida; pois costumão muitas vezes os Astros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em algu-  
ma

*D. Quixote de la Mancha.* 67

ma nuvem, ou porlhe hum barco à vista, para que se embarquem, e indo pelo rio abaixo por si mesmo o barco, lá vay dar, aonde ha o perigo; com que, Sancho, ata os cavallos a esse tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a essa grande necessidade.

*Sanch.* Deixe-me vossa mercê fazer primeiro as minhas; que he razaõ, que acuda primeiro às minhas necessidades, do que às alheyas.

*D. Quix.* Vamos, Sancho, que aqui a dilacão he perigosa.

*Sanch.* Deixe-me vossa mercê primeiro ou-  
rinar, para irmos na maré do mijo.

*D. Quix.* Deixa, Sancho, as chançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

*Sanch.* Senhor, considere vossa mercê o que faz; olhe que andar pelo mar, não he o mesmo, que andar pela terra: tome exemplo na discretissima raposa, que nunca se quiz embarcar; donde ficou impresso na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a raposa*: com que, Senhor, montemos, e fuja-mos deste barco à vé-la, e a remo.

*D. Quix.* Olha, Sancho, as Ilhas não se achão por terra, senão no mar; e talvez que para teu bem esteja aqui este barco,

como quem diz : Embarca-te Sancho ,  
que has de achar huma Ilha.

*Sanch.* Com que os barcos tambem fallaõ ?

*D. Quix.* Isso he figura , que tu naõ alcan-  
ças ; segue-me , que eu me embarco já.

*Sanch.* Senhor , eu já estou resolutõ a mor-  
rer affogado : vamos com Deos ; mas pa-  
rece muy grande tyrannia deixar o meu  
burro , fiel companheiro de tantos annos ,  
a quem devo mais , do que a meu pay ,  
e a minha mãy.

*D. Quix.* Bem pôdes estar seguro , que a  
mesma pessoa , que poz aqui este barco ,  
terá cuidado de nos guardar os animaes ,  
que assim o contaõ as Historias impressas.

*Sanch.* Huma vez que está em letra redon-  
da , sem duvida , que se ha de cumprir à  
risca : Deos seja comigo.

*Ata Sancho o cavallo , e o burro ; embarcãõ-se ,  
e logo irá o barco pelo rio abaixo , até chegar  
à azenha , e zurra o burro.*

*Sanch.* Ah burro do meu coração ! Bem te  
entendo o que queres dizer nesse zurro ;  
mas naõ te posso ser bom : tem pacien-  
cia , que bem fey , que em deixarte , dey  
cos burros na agua.

*D. Quix.* Vê , Sancho , a serenidade , com  
que anda este barco !

*Sanch.* Senhor , eu já estou enjoado : apa-  
re

*D. Quixote de la Mancha.* 69

re lá , que quero vomitar. *Vomita.*

*D. Quix.* Quando nada , Sancho , estamos junto à linha , e temos andado quatrocentas legoas Turqueſcas , que fazem das noſſas novecentas e meya.

*Sanch.* Como póde ſer iſſo , ſe não temos andado duas braças ; e tanto que ainda alli ſe eſtá vendo o meu burro , e o ſeu rocinante ?

*D. Quix.* Cala-te , q̃ tu não entendes da Nautica ; ſe tu fouberas o que ſão coluros , trópos , linhas , zodiacos , e baleſtilhas ; tu viras claramente o quanto temos andado.

*Sanch.* Ora com termos andado tanto , ainda não encontrámos nenhuma Ilha para eu governar ?

*D. Quix.* Calla-te , que até o fim ninguem ſe póde chamar deſgraçado.

*Sanch.* Sim Senhor , pela regra geral , que diz , que ſempre atraz ha forvas.

*D. Quix.* Lá ſe deſcobre , Sancho , hum Caſtello encantado ; alli ſem duvida eſtá a affligida peſſoa , que buscamos : que felicidade !

*Sanch.* He verdade ; mas eu cuido , que he a Ilha : vamos a ella.

*Chegaõ ao pé da azenha , e abrindo-ſe a porta , ſabiráõ huns homens com varas na mão , empurrando o barco.*

*Hom.* Vossês vem doudos, homens do dia bo? Aonde querem meter este barco? Naõ vem, que isto he huma azenha, donde a agua corre taõ furiosa, que despenhará, e despedaçará esse barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

*D. Quix.* Olha os gigantes encantadores: ò canalha, largay a quem tendes prezo nessa torre, senaõ com esta espada reduzirey a cinza a todos.

*Sancho.* Senhor, que nos perdemos sem remedio; o barco com a corrença da agua vay levado para dentro das pedras! Ay! Ay, que se vira!

*Com muita gritaria de todos se vira o barco, e D. Quixote, e Sancho, vem nadando, até chegar à praya, donde estão os cavallos, e o barco dará na praya, e nella fica virado.*

*Sancho.* Ay, que me affogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

*D. Quix.* De boa escapámos, Sancho; beijar quero a terra, que me livrou da morte.

*Sancho.* Senhor, beijeme aqui, tudo he terra: ay, ainda naõ creyo! Diga-me por vida sua, ainda estamos no rio, ou já estamos em terra firme?

*D. Quix.* Graças a Dulcinéa, que estamos livres do perigo: Oh malevolos encantadores, que me perseguis por mar, e

ter-

*D. Quixote de la Mancha.* 71

terra, só por não livrar, aos miseraveis afflictos!

*Sanch.* O que eu sentia não era o morrer: era morrer affogado em agua, podendo morrer affogado em vinho: e tu, burro dos meus olhos, da-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava, que te não via mais em minha vida.

*Sabem dous homens com páos nas mãos.*

*Hom.* Quem fez aquillo no meu barco?

*Sanch.* Ninguem fez aquillo, por vida minha, e cheire-o vossa mercê, e verá.

*Hom.* Haõ de pagarme o meu barco, se não com este varapão lho tirarey do corpo, maganos vádios.

*D. Quix.* O' canalha rude, o vil profapia de Acheronte, assim se falla com os Cavalheiros andantes? Tomay.

*Sanch.* Ay, que estou varado! Confissão, que me alombaraõ.

**S C E N A II.**

*Mutação de montaria de caça, com caçadores; hum Fidalgo, e hum Fidalga, &c.*

*Fidalgo.* **S** Em duvida, Senhora, que estimarey, que neste dia todos os brutos se profitem rendidos, para que

tenhais o divertimento, que pretendeis.

*Fidalga.* Bem conheço, Senhor, que o vosso intento não he outro mais, que o buscares occasiões, com que me divirta da cruel melancolia, que me persegue.

*Fidalgo.* Se bem, que escusadas eraõ armas; pois à vista dessa belleza, quem não cahirá morto? E a terem os brutos noticia da vossa vinda a este monte, elles mesmos buscarião o encontro, para terem a fortuna de serem despojos do vosso braço.

*Fidalga.* Senhor, deixemos por ora lisonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis, he nascido mais do vosso capricho, que do meu merecimento; mas se me não engano, lá vejo vir dous Cavalleiros.

*Fidalgo.* Muito estimo, pois elles nos ajudarão a passar a tarde na caça, para que os convidaremos.

*Sabem D. Quixote, e Sancho a cavallo.*

*Sancho.* Ora graças a Deos, que estamos entre animaes: Diga vossa mercê agora, que isto tambem he encanto; e que aquella mocetona, que alli está, e mais aquelle rufião, que são gigantes.

*D. Quixote.* Sancho, eu não sou tão tollo, como me fazes; bem sey o que he caçada, e o que

*D. Quixote de la Mancha.* 73

que são gigantes; aquella deve ser alguma grande Senhora, que anda caçando; he forçoso, que a vamos cumprimentar: pega no estribo, que eu me apeyo.

*Sanch.* Vá descendo, que eu lhe vou pegar na espórra.

*Ao apear-se D. Quixote, cabe do cavallo, e Sancho tambem ao apear-se fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo, e a Fidalga.*

*D. Quix.* Sancho de todos os diabos, escudeiro infernal, acode-me, que fiquey descomposto.

*Sanch.* Pois eu fiquey composto, que fiquey cuberto com a albarda do burro.

*Fidalgo.* Senhores, tenhaõ maõ, levantem-se.

*Fidalga.* Honrado Cavalleiro, daime cá a maõ; levantaivos.

*D. Quix.* Diana destes bosques, por caçadora, e por Planeta, se a medicina da quéda havia de ser taõ soberana, não me arrependo de haver cahido; e mais quando o cahir aos pés de vossa grandeza, he levantarme ao auge da mayor felicidade.

*Fidalga.* Sois discreto.

*Sanch.* Só eu cahi no que era caça: digo, Senhora, que cahir aos pés de vossa magnifica, e excellencial Altura, foy, porque cahi do meu burro, com a pressa de ir pegar no estribo a meu amo; mas ve-  
jo

jo agora, que se hum burro me derruba,  
huma jumenta me levanta.

*Fidalga.* Como vós chamais, honrado Cavalleiro.

*D. Quix.* D. Quixote de la Mancha.

*Fidalga.* Que dizeis? Não sabeis o quanto estimo vervos; pois ha muito tempo, que a fama do vosso nome tem grangeado a attençaõ de toda Hespanha

*Fidalga.* Marido, este he o celebre D. Quixote? Temos muito que rir, e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o Cavalleiro da triste figura?

*D. Quix.* Algum dia tive esse appellido, mas agora, depois que matey hum Leão, me chamo o Cavalleiro dos Leões.

*Fidalga.* E vós não sois Sancho Pança?

*Sanch.* Pôr meus negros peccados: Oxalá, que nunca o fora.

*Fidalga.* Sancho, não vos agasteis, que daqui em diante achareis em mim o amor de máy, e vos quero para meu perrexil.

*Sanch.* Para perrexil? Isso não; se Vossa Altura me quer para alcaparra, com muito boa vontade.

*Haverá muita gritaria, e sabirá hum porco, que dá com Sancho no chão, e D. Quixote o mata.*

*D. Quix.* Espera; cerdofo bruto, que te farey humilhar aos pés desta deidade.

*Sanch.*

*D. Quixote de la Mancha.* 75.

*Sanch.* O' minha Senhora, diga àquelle javali, que esteja quieto, e que não entenda comigo. Ay Jesus! (*Cabe*) Ah Senhora? Ah Senhor D. Quixote? Ay, que me desmayo!

*D. Quix.* Senhora, já morreo o bruto: sinto não ser hum gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

*Fidalga.* Sancho, Sancho, bem podes tornar em ti, que o javali já está morto.

*Sanch.* Huma vez que está morto, mande-o guizar, que o comerey a bocados.

*Fidalga.* Sancho, não cuidey, que creis tão fraco.

*Sanch.* Senhora, isto não he fraqueza, he medo. Tomara, que Vossa Altura me tirara o quebranto, que não posso acabar comigo ser valente huma vez se quer: digo que o tenho, porque me vejo quebrantado.

*Fidalgo.* Senhor D. Quixote, vossa mercê ha de se servir de vir para meu palacio descansar hum par de dias.

*D. Quix.* Mercês de Senhores não se rejeitaõ; hirey para criado dessa nobre casa.

*Fidalga.* Sancho, vós haveis de fazer hoje penitencia comnosco.

*Sanch.* Isso não; penitencia faça-a quem quizer, que eu ainda me não acho com a ida-

a idade precisa: Vamos comer alguma  
coufa.

### S C E N A III.

*Mutação de sala, onde estará hum mesa com  
cadeiras.*

*Fidalgo.* **S** Senhor D. Quixote, sente-se na  
cabeceira da mesa.

*D. Quix.* Isso não: Vossa Grandeza ha de  
assentar-se, que em tudo tem o primeiro  
lugar.

*Fidalgo.* Vossa mercê he que tem o primei-  
ro lugar nesta casa, sente-se.

*Sanch.* A'cerca disso contarey hum histo-  
ria, que succedeo não ha vinte annos.  
Convidou hum Fidalgo do meu lugar,  
muy rico, e principal, porque descen-  
dia do Neptuno do Rocio, que casou  
com D. Rigueira das Fontainhas, que  
foy filha de D. Xafariz de Arroyos, ho-  
mem sobre trancaõ, e secco, o qual se  
affogou em pouca agua, por causa de  
hum furto, que lhe fizeraõ, de que se  
originou aquella celebre pendencia das  
enxurradas, na qual se achou presente o  
Senhor D. Quixote, que veyo ferido em  
hum unha: não he verdade Senhor?

*D. Quixote de la Mancha.* 77

*D. Quix.* Acaba já com essa historia, antes que te faça callar.

*Fidalga.* Deixe vossa mercê fallar a Sancho, que gósto muito de ouvillo, que he muy discreto.

*Sancho.* Discretos annos viva Vossa Altura : como vou contando, vay senão quando... Aonde hia eu, que já me esquece ?

*Fidalga.* Na pendencia das enxurradas.

*Sancho.* Ah sim, lembre-me Deos em bem : este Fidalgo, que eu conheço, como ás minhas mãos, porque da sua à minha casa não se metia mais, que huma estrebalaria, convidou, como vou dizendo, este Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

*D. Quix.* Acaba já com essa historia.

*Sancho.* Já vou acabando : chegando o tal Lavrador a casa do Fidalgo convidador, que Deos tenha a sua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem, que tivera a morte de hum Anjo, mas eu não me achei presente, que tinha ido não sey donde.

*D. Quix.* Por minha vida, que acabes, senão te moerey os ossos.

*Sancho.* Foy o caso, que estando os dous para sentarse à mesa, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomasse a cabeceira da mesa ; o Fidalgo porfiava tambem, que

que a tomasse o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo disse ao Lavrador: Assentaivos, vilão ruim, aonde vos digo; porque onde quer, que eu me assentar, essa he a cabeceira da mesa. Entrey por huma porta, fahi por outra, manda ElRey, que me contem outra.

D. *Quix.* Tu mo pagarás Sancho; por estas: bem te entendi a historia.

*Sanch.* Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço saber a Vossa Altura, que o Senhor D. Quixote, meu amo, me tem promettido huma Ilha, para eu ser Governador della, e até aqui vivo em esperanças; mande Vossa Altura, que ma faça boa, sennaõ não o quero mais servir.

*Fidalga.* Eu vos prometto dar huma Ilha; por tão pouco não vos vades do serviço de vosso amo.

*Sanch.* Senhora, se tal Ilha alcanço, não se me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

*Fidalga.* Fazey hum memorial, e nelle vos despacharey.

D. *Quix.* Que importa, que Vossa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha, para governalla, se elle nega haver amor?

*Sanch.* E que tem cá o amor com a Ilha?

D.

D. *Quixote de la Mancha.* 79

D. *Quix.* Homem, se não tiveres amor, como has de governar bem aos moradores della?

*Sanch.* Venha a Ilha, que eu terey amor aos meus subditos, e lhê farey muito bem a caridade.

D. *Quix.* Isso sim; mas tu negas, que ha Dulcinéa, e assim negas, que ha amor.

*Sanch.* Eu não nego, que ha Deidades, a quem se deve render tributo no templo da formosura; mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para mostrar o que he amor, melhor me explicarey cantando.

*Canta Sancho a seguinte*

A R I A.

Viraõ já vossês hum gato,  
Que miando pela casa,  
Tudo arranha, tudo arraza,  
E caçando o pobre rato,  
Este guincha, que o não rape;  
Dalli diz-lhe a moça *çape*,  
E o gato responde *miau*,  
E a Senhora grita *xó*?

Dessa sorte amor tyranno  
Faz das unhas duras fréchas,  
Que atrepando da alma às bréchas  
Corações, frossuras, bofês,  
Come; engole, e faz em pó.

*Ha-*

*Haverá dentro terremoto, e sabirá hum Diabo a cavallo em hum burro.*

*Diab.* Qual de vós he D. Quixote de la Mancha?

*D. Quix.* Sou eu; que me quereis?

*Diab.* Qual he Sancho Pança?

*Sanch.* Não sou eu; que me quereis?

*Diab.* Diga sob pena de morte.

*Sanch.* He este criadinho de vossa mercê.

*Diab.* Pois esperay aqui ambos, que vem Merlim tirar do desencanto a Senhora Dulcinéa del Toboso. *Vaise.*

*Sanch.* Eu não vi Diabo mais cortez! Este Diabo devia ser bem criado, e filho de bons pays, porque trata a Dulcinéa por Senhora.

*D. Quix.* Oh quem se vira já na tua vista, amada Dulcinéa!

*Fidalga.* A logração vay sahindo boa: muy tolo he o tal D. Quixote, e o criado! *à p.*

*Sabirá hum carro, donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas accezas nas mãos.*

*D. Quix.* O' Sancho, tal estou de contente, e alegre, que tenho este dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

*Sanch.* Senhor meu amo, vossa mercê não vê lá em cima do cocuruto do carro humma cousa como espantalho de figueira?

D.

*D. Quixote de la Mancha.* 81

*D. Quix.* Sim, que será aquillo?

*Sanch.* Que será? He a Senhora Dulcinéa del Toboso; não diga nada a ninguem.

*D. Quix.* Ay Sancho amigo, he possível, que os meus olhos tiverão tal fortuna, que chegaraõ a ver aquella bellissima, formosissima, altissima, e sapientissima Dulcinéa del Toboso, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

*Sanch.* Tomara ter dous ovos para frigir em meu amo, que se está derretendo como manteiga.

*Dulc.* D. Quixote, Athlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquilles, coração de Pirrho, tu que sabes entrefacha as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occasião de me defencantares, e livrares do poder destes magos encantadores, que por tua causa, e por emulaçãõ do teu valor, me tem encantado.

*Sanch.* He lastima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora está posta na espinha. Coitadinha! Coitadinha!

*Dulc.* Estás mudo? Não me respondes, D. Quixote? Ora já que o teu amor te não move, móvaõ-te as minhas lagrimas, misturadas com o terno de minhas vozes.

*Canta Dulcinéa a seguinte*

A R I A.

Que importa, que a huma féra  
(Ay infelz!) Tu venças,  
Se as iras immensas  
De hum monstro cruel, irado,  
Naõ podes superar?

Porque o valor galhardo,  
Que adorna tanta esféra  
He injuria ao teu ser,  
Se a mim, que sou mulher,  
Naõ sabes libertar.

*D. Quix.* Senhora, até aqui estive arrebatado à esféra de tua formosura, por cuja causa naõ te respondi: naõ quero dizer por palavras o meu offerecimento, e só por obras quero significar o quanto devo fazer por ti, que es o espirito, que me animas no corpo de minha alma: dize o que queres, que eu faça, para liyarte desse encantamento?

*Sanch.* Saõ mãos perdidas; agora sim, que se vossa mercê brigar com trezentos gigantes, digo, que fará muito bem, porque a occasião veyo a pedir de boca, e a Senhora Dulcinéa he comezinha.

*Dulc.* D. Quixote, já me vay entrando o accidente encantado, que me impede o fal-

*D. Quixote de la Mancha.* 83

fallar; pois só tenho licença para isso hum quarto de hora; e assim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ser o instrumento do meu defencanto, o como, e o quando.

*D. Quix.* Oh que dor! Agora lhe deu o encantado accidente na boca, para não fallar.

*Sancho.* Se foy na boca o accidente, seria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

*Merl.* D. Quixote valente, esta, que vês, he a tua amada Dulcinéa, que por teu respeito a quero defencantar; mas ha de ser levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

*Sancho.* Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cú com o defencanto da Senhora Dulcinéa?

*Merl.* Assim o dispoem os astros, e os fados o determinaõ.

*Sancho.* Pois entenda, que ficará encantada para secula seculorum, que livre está, que eu me açoute por ninguem.

*D. Quix.* Sancho, coração de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, não te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes, por tua vida, tem lastima daquella flor, que apenas nasceo no jardim

da belleza, logo encontrou desmayos nos encantos.

*Sanch.* A que delRey, digo, que me não quero açoutar; acoute-se vossa mercê, já que he penitente de amor.

*D. Quix.* Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; isso que vem a ser? Não negues huma coufa, que está na tua mão.

*Sanch.* Na minha mão nego, no meu cú mais depressa.

*Fidalga.* Quem não he para aturar trezentos açoutes, menos aturará o pezo do governo de huma Ilha; ide, que fois para pouco, vilão ruim; que fazeis vós em fazer o que vos pede huma Dama afflicta?

*Sanch.* Senhora, não tem remedio? Se nasci para ser desgraçado, venhão effes açoutes cos diabos: ay desgraçada Ilha, que tanto me custa! Ah Senhor Diabo, haja-se com compaixão comigo, que eu lhe prometto, se me escapo desta, hum cú de forvas com molduras de paparraz. Ay! hum, dous, vinte; ay cú de minha alma! *Leva Sancho os açoutes.*

*D. Quix.* Calla-te Sancho, calla-te, que já lá vay: es fiel companheiro!

*Sanch.* Sou hum dardo para elle, valha-o não sey que diga. Olhe Senhora Dulcinea,

*D. Quixote de la Mancha.* 85

nêa, que taes tenho as bebas, para mor de vossa mercê.

*Merl.* Já Dulcinêa está defencantada, graças a Sancho Pança!

*Fidalgo.* Para bem vos seja, Senhor D. Quixote, o defencanto da Senhora Dulcinêa.

*D. Quix.* Será para que Vossa Grandeza tenha mais huma criada para o servir.

*Fidalgo.* Ora Sancho Pança, na verdade, lo que fizestes huma acção, a mais louvavel, que se pôde considerar, digna de se estampar em cortiça com letras de alva: e vayadê: logo, logo, vos mandô ser Governador dessa Ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.

*Sancho.* Serviços de esperanças são verdes, entendo, que a Ilha será nas Caldas.

*D. Quix.* Sancho, vê que vás a governar; olha q̄ debes ter diante dos olhos a justiça.

*Sancho.* Sim Senhor, eu logo a mando pintar, e a porey diante dos olhos.

*D. Quix.* Não te corrompas com dadivas.

*Sancho.* Eu me salgarey para me não corromper.

*D. Quix.* Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo, como a ti mesmo.

*Sancho.* Amen.

## S C E N A IV.

*Mutação de sala de azulejos. Sabem varias danças, hum Meirinho, hum Escrivão, e dizem: Viva o nosso Governador Sancho Pança.*

*Sanch.* **E**M fim não ha cousa nesta vida, que se não vença com trabalho! He possível, que me veja eu feito Governador! De verdade parece-me, que estou sonhando! Ora o certo he, que não ha cousa como ser escudeiro de hum Cavalleiro andante! Ah sô Meirinho, endireite essa vara, e não ma troça à justiça; saiba Deos, e todo o Mundo, que me quero pôr recto com a sua espada.

*Meir.* Ora já que vossa mercê fallou em espada, e justiça, diga-me, porque pintarão a Justiça com os olhos tapados, espada na mão, e balança na outra, pois ando com esta duvida, e ninguem ma pôde dissolver, e só vossa mercê ma ha de explicar, como sabio em tudo?

*Sanch.* Que me faça bom proveito: Dai-me attenção Meirinho. Sabey primeiramente, que isto de Justiça he cousa pintada, e que tal mulher não ha no Mundo,

*D. Quixote de la Mancha.* 87

do, nem tem carne, nem fangue, como  
v. g. a Senhora Dulcinéa del Toboso,  
nem mais, nem menos; porém como era  
necessario haver esta figura no Mundo,  
para meter medo à gente grande, como  
o papaõ às crianças, pintaraõ huma mu-  
lher vestida à tragica, porque toda a jus-  
tiça acaba em tragedia; taparaõ-lhe os  
olhos, porque dizem, que era vesga, e  
que metia hum olho por outro; e como  
a Justiça havia de fahir direita, para não  
se lhe enxergar esta falta, lhe cubriraõ  
depressa os olhos. A espada na mão signi-  
fica, que tudo ha de levar a espada, que  
he o mesmo, que a torto, e a direito. Os  
Doutores, que fallaõ nesta materia, não  
declaraõ se era espada colobrina, loba,  
ou de foliga; mas eu de mim para mim  
entendo, que desta espada a folha era de  
papel, os terços de Infantaria, os cópos  
de vidro, a maçã de craveiro, e o punho  
secco: na outra mão tinha huma balan-  
ça de dous fundos de melancia, como a  
dos rapazes: não tem fiel, nem fiador;  
mas com tudo dá boa conta de si, por-  
que esta moça, se não tem quem a defen-  
caminhe, he muy fisuda. Algum dia po-  
dia eu ler de ponto nesta materia, por-  
que vós posso dizer, que criei a Justiça

a meus peitos; mas as cavallarias do Senhor D. Quixote fizeraõ-me com que fechasse os livros, e desembainhasse as folhas.

*Meir.* Já entendo o enigma: posso agora mandar vir os feitos para a audiencia?

*Sanch.* Oh magano! Feitos na audiencia! Aqui he secreta? Como se chama esta Ilha?

*Escr.* A Ilha dos Lagartos.

*Sanch.* Pois quando a crismarem, mudem-lhe o nome, e chame-se a Ilha dos Pancas, em memoria da minha barriga. Pergunto mais, a quanto está a canada de vinho?

*Meir.* A seis vinteis.

*Sanch.* Logo, logo, com pena de morte, se ponha a dez reis; não quero, que por falta de vinho deixe de haver bebados na minha Ilha: manday vir as partes para a audiencia.

*Sabe hum homem.*

*Hom.* Senhor Governador?

*Sanch.* Que quereis ao Senhor Governador?

*Hom.* Senhor Governador, peço justiça.

*Sanch.* Pois de que quereis, que vos faça justiça?

*Hom.* Quero justiça.

*Sanch.* He boa teima! Homem do diabo, que

*D. Quixote de la Mancha.* 89

que justiça quereis? Não sabeis, que ha muitas castas de justiça? Porque ha justiça direita, ha justiça torta, ha justiça vesga, ha justiça cega, e finalmente ha justiça com velidas, e cataratas nos olhos?

*Hom.* Senhor, seja qual for, eu quero justiça, Senhor Governador.

*Sanch.* Huma vez que quereis justiça: O' lá ideme justiça esse homem em tres páos.

*Hom.* Tenha maõ, Senhor Governador, que eu não peço justiça contra mim.

*Sanch.* Pois contra quem pedis justiça?

*Hom.* Peço justiça contra a mesma Justiça.

*Sanch.* Pois que vos fez a Justiça?

*Hom.* Não me fez justiça.

*Sanch.* Até aqui, ao que parece, o vosso requerimento he de justiça: ora anday, dizey de vossa justiça em tres dias.

*Hom.* Isso he muito summario.

*Escr.* Senhor, não saberemos o que pede este homem!

*Sanch.* Homem, que he o que pedis?

*Hom.* Peço recebimento, e cumprimento de justiça.

*Sanch.* E de que comprimento quereis a Justiça?

*Hom.* Seja do comprimento que for, que eu com tudo me contento.

*Sanch.* O' Meirinho, ide à gaveta da minha pa-

papeleira de choraõ da India, e entre varias bugiarias, que lá tenho, tiray huma Justica pintada, que lá está, e day-a a este homem, e que se vá embora.

*Hom.* Senhor, eu não quero justiça pintada.

*Sanch.* Pois, beberrão, não sabeis, que não ha nesta Ilha outra justiça, senão pintada? O' Meirinho, lançaime este bebado pela porta fóra, que nenhuma justiça tem no que pede.

*Hom.* Vio-se mayor injustica! *Vaise.*

*Sabe o Meirinho, trazendo prezo hum homem.*

*Meir.* Senhor, este Taverneiro foy agora apanhadõ neste instante deitando agua em huma pipa de vinho; que se lhe ha de fazer?

*Sanch.* Agua em vinho! Ha mayor insolencia! O' homem do diabo, e não te cahio hum rayo nesta mão? Logo seja enforcado sem appellação, nem aggravo: tenho dito.

*Tav.* Senhor, este Meirinho mente.

*Sanch.* Isso he outra cousa: huma vez, que o Meirinho mente, idevos embora; mas ouvis? Mandaime hum almude desse vinho, que quero ver se tem agua.

*Tav.* Viva vossa mercê muitos annos. *Vaise.*

*Sabe huma mulher.*

*Mulb.* Senhor Governador, venho queixarme

*D. Quixote de la Mancha.* 91

xarme a vossa mercê de huma insolencia.

*Sanch.* Como pede, idevos embora.

*Mulb.* Se vossa mercê ainda me não ouvio, como já me despacha?

*Sanch.* Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?

*Mulb.* Senhor, foy o caso: Eu sou huma moça donzella, e solteira: fuy peccadora, cahi na tentação do diabo: hum magano .... já vossa mercê me entende; e agora diz, que não quer casar comigo.

*Sanch.* Pois não caseis vós com elle, que esse he o mayor despique, que ha nesta vida.

*Mulb.* Senhor, eu quero casar, mas elle não apparece; supponho, que fugio.

*Sanch.* O' lá, metaõ essa mulher na cadêa com huma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros, até apparecer o homem, com quem ella quer casar.

*Mulb.* Senhor, isso he contra a Justiça; veja vossa mercê, que eu sou huma mulher, que nunca fuy preza.

*Sanch.* Por isso mesmo; andáte.

*Mulb.* Que isto se permitta no Mundo!

*Meir.* Ainda cá não entrou Governador mais recto, nem mais sabio.

*Sanch.* He para ver! Não, comigo ninguem ha de brincar.

*Hom.*

*Sabe outro homem gritando.*

*Hom.* A que del Rey, que me mataraõ : não ha justiça nesta Ilha ?

*Sanch.* Que tens homem ? De quem te queixas ?

*Hom.* Senhor Governador, eu estou passando de meyo a meyo ; não posso fallar, porque estou morto.

*Sanch.* Não podeis fallar, porque estais morto ? O' lá, tragaõ a alma deste homem aqui em corpo, e alma, e metaõ-lha à força, para que falle ; que não he razaõ, que fique a Republica offendida na impugnação do delicto.

*Hom.* Senhor Governador, ouça vossa mercê o caso mais atroz, que tem succedido nesta Ilha ; prepare os pasmos, tenha prompta a admiração, e desenrole as atencões, para me ouvir.

*Sanch.* O' lá Meirinho, manday preparar os pasmos, tende prompta a admiração, e desenrolay as atencões, para se ouvirem neste Tribunal as queixas deste Author de seu delicto ; que assim como a ninguem se póde negar a vista, como dizem o *text. in l. Cæcus §. Tortus ff. de his, qui metit hum olo por outro*, e com muitos o provaõ Paõ Molle no *cap. das Codeas* ; tambem da mesma sorte, o ouvido se não de-

*D. Quixote de la Mancha.* 93

deve fechar , para ouvir os queixosos ,  
como dispoem a *l. das doze taboas de Pi-  
nho na segunda estancia de Madeira, Cod. de  
Barrotis.*

*Escr.* Este homem he hum burro de textos.

*Sanch.* Homem , dizey a vossa queréla , que  
eu tiro a cera dos ouvidos para vos ouvir.

*Hom.* Senhor , foy o caso .....

*Sanch.* Basta ; não me conteis mais ; basta ,  
que esse foy o caso ! Ha mayor insolencia !  
Que assim se perca o respeito à Jus-  
tiça ! O' lá , ò lá.

*Hom.* Senhor , escute vossa mercê , que ain-  
da isto não he nada ; ouça-me vossa mer-  
cê até o fim.

*Sanch.* Quem ouvio esse caso , não tem mais ,  
que ouvir , senão logo fazer justiça a tor-  
to , e a direito. O' Meirinho , manday  
logo levantar huma forza no meu gabi-  
nete , para que mais publicamente seja  
castigado o delinquente.

*Meir.* Senhor , que delinquente , se vossa  
mercê ainda não ouvio quem era ?

*Sanch.* He tal a vontade , que tenho de fa-  
zer justiça , que logo me sóbe a colera  
huma mão travessa pelo espinhaço aci-  
ma ; de forte , que se não me advertis ,  
que ainda se não tinha dito , quem era o  
delinquente , era eu capaz de mandar en-  
forçar

forçar a vós Meirinho, que era a pessoa mais prompta, que aqui tinha mais a mão de semear.

*Hom.* Senhor Governador, faça vossa mercê de conta.

*Sanch.* Tenho feito de conta; que mais?

*Hom.* Que indo eu andando, andando, andando.

*Sanch.* Ainda não acabastes de andar? Arrelá com tal andar! Sois muy bom para andarilho.

*Hom.* Indo pois andando.

*Sanch.* Anday homem, isso já está dito; não me façais criar apostemas, que os instantes, que tardo em dar execução à justiça, são eternidades de penas, que me encaixais nas ilhargas.

*Hom.* Quando eu, eis que hia andando, manso, e pacifico, sem fazer mal a ninguem, estava hum burro atado a huma porta; quiz passar; pedi-lhe licença; não me respondeo: torneilhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chão, pespegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do estomago, de sorte, que me fez deitar a bósta pela boca. Este he, Senhor, o caso; supplico a vossa mercê, que não fique sem castigo este insulto.

*Sanch.*

*D. Quixote de la Mancha.* 95

*Sanch.* Não ficará por certo, e juro à fé de escudeiro andante, e pelas remélas de minha muito desprezada mulher a Senhora D. Teresa Pança, que ha de ver o Mundo o exemplar castigo de tanta culpa

*Hom.* Ay Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do estomago he todo o meu mal.

*Sanch.* Vêde lá não seja isso fome? A graça he, que se assim como o estomago tem boca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizeime homem: esse jumento, que vos deu os couces, de que tamanho será?

*Hom.* Eu não tenho aqui com quem o comparar.

*Sanch.* Olhay bem para mim; será da minha estatura?

*Hom.* He o que póde ser.

*Sanch.* Bem está; pois vá o Meirinho com vosco, e cheguem-se ao burro de manfinho, e digaõ-lhe: Prezo da parte do Senhor Governador, e bem atarracado o tragaõ aqui perante mim.

*Vão-se o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.*  
*Meir.* Eisaqui o delinquente, prezo, que me custou bem a agarrallo.

*Hom.* Senhor Governador, este he o aggressor, e este he o que me ferio, ponha-lhe a ley às costas.

*Sanch.*

*Sanch.* Vejaõ vossas mercês quem anda perturbando a Republica ! Dize burro de Satanás : que mal te fez este homem para o maltratares desta fórte ? O diabo do burro não responde , certos são os touros ! Elle que se calla , cometteo o delicto , assim como nós aqui estamos. Como te chamas burro ? De quem es ? Onde moras ? Quem he teu pay ? Que dizes ? A nada o burro se move : deve ser burro velho , pois se cerra à banda , e não quer fallar. O' Meirinho , vós conheceis acafo este burro , que fois mais veterano neste Paiz ?

*Meir.* Com que vossa mercê se está fazendo de novas ? Vossa mercê não conhece , que este he o seu burro , ou o ruço por alcunha ? Isto he mal permittido , que talvez o burro fiado em vossa mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua justiça.

*à parte.*

*Sanch.* Ha mayor desgraca ! Ay burro da minha alma , quem te dissera a ti , que eu havia de ser o mesmo , que te sentenciasse ? Por isso ao entrar me deitou huns olhos , como quem me dizia , que me houvesse com elle com compaixaõ. Não tem remedio , hey de sentenciarte ; o que poderey fazer , he não dar execuçaõ

*D. Quixote de la Mancha. 97*

caõ à sentença : O' lá , ninguem ouça  
itto. *à parte.*

*Hom.* Senhor , despache-me vossa mercê ,  
quando não farey hum defatino.

*Sancho.* Para que saiba o Mundo a minha in-  
teireza, e incorruptibilidade, ouçaõ to-  
dos ; que ainda com ser o burro meu ,  
lhe dou a sentença seguinte.

*Vay dictando Sancho a sentença.*

Visto este burro , accusação do Author,  
provas dadas por huma , e outra parte,  
mostra-se : que hindo o Author roçando-  
se pelo pé d'elle Reo burro , que por no-  
me não perca , alçando o pé esquerdo ,  
despedio hum couce ; que pregando na  
barriga d'elle Author , salvo tal lugar ,  
o estendeo como hum caçaõ ; e porque  
consta da fé do Meirinho , que presente  
está , e não me deixará mentir , que o  
dito Reo burro , trazia escondido no pé  
huma ferradura de ferro ; e como seme-  
lhantes armas sejaõ prohibidas , e defe-  
zas , por serem armas curtas , mando ,  
que elle dito Reo burro seja desferrado,  
e vá passear sem albarda pela feira das  
bestas , exposto à vergonha dos mais bur-  
ros seus camaradas , para que se lhe faça a  
face vermelha , por me constar , que he  
burro de vergonha. Item , que não pos-  
sa

fa ser pay de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado à margem na Cotovia, onde não comerá, fenaõ relva, ou cascas de melaõ, e melancia, como burro de Aguadeiro; e pagará as custas, e todas as perdas; e damnos, em que o condemno, &c. Ilha dos Panças alagartados, &c.

*Todos.* Viva o nosso Governador Sancho Pança; viva para exemplo dos Ministros, e honra das Ilhas.

*Sanch.* Bem folgo, que vejais a minha inteireza; pois com ser o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, não foy este bastante para deixar de fazer justiça. Agora quero escrever huma carta a minha mulher. O' Escrivaõ, escrevey lá: ponde em cima a cruz dos quatro caminhos, e huma alampada acceza.

*Escr.* Senhor, para que he a alampada?

*Sanch.* Sois asno? Donde vistes vós cruz sem alampada?

*Escr.* Está posta.

*Carta, que vay dictando ao Escrivaõ.*

*Sanch.* Minha Teresa, já sabereis, que vos diria o diabo, que estou feito Governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chaõ hum covado, não he razãõ; que o meu amor conjugal vos fal-

*D. Quixote de la Mancha.* 99

falte com o debito de minhas letras ( tres pontos , e quatro virgulas ) porque vós bem sabeis , que quando no taboleiro do gofsto , escolho o trigo do voffo carinho , lanço fóra a esvilhaca da ingraticidãõ ; pois joeirando as finezas , fica crivado o peito da correspondencia ; porém indo meu amor à atafona dos extremos , alli se desfazem em pó as caricias do coração ; e furtando-me o atafoneiro da distancia as maquíãs da voffa vista , peneiraõ os meus olhos lagrimas ; e com ellas amassando a farinha da magoa no alguidar da fauda-de , levaõ em crescimento o suspiro , até que tendendo-se na taboa dos rigores , vay para o forno das penas ; e alli se coze com o fogo do desejo ; e dando ao moço a merendeira do pezar ; guardo o pão azedo de voffa lembrança no armario de minhas memorias. ( ponto de interroga-ção ) Em fim mulher , tenho determinado , que andeis em coche vós , e minha filha , a quem peço , se lembre , que tem hum pay Governador. Ahi vos mando effes caramujos , e effe sacco de arêa , que he o que ha nesta Ilha : graças a Deos , que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom , e se recomenda com muitas lembranças , e diz ,  
que

que hajais esta por vossa, que não vós es-  
creve, por ter huns cravos em huma mão,  
que lhes fez hum ferrador em humas bu-  
lhas, que tiverão. Vede se presto para  
alguma cousa, que vo la hey de fazer.  
Ilha dos Lagartos. Vosso Marido se qui-  
zeres. Sancho Pança, Governador.  
Esta Carta será logo entregue.

*Meir.* Sim Senhor. Ora basta já de despa-  
cho; não queremos, que vossa mercê se  
esfalte; nem tudo se ha de levar ao ca-  
bo: venha vossa mercê jantar, que o  
Cochelho desta Ilha tem preparado hum  
magnifico banquete para vossa mercê nas  
casas da Camera.

*Sanch.* Meirinho, jantar de Camera será de  
cousa, que já foy jantada, e assim vede  
lá o que dizeis.

*Meir.* Se vossa mercê o não quer na Came-  
ra, será aqui mesmo, e vamos, que de-  
pois havemos ir rondar a Ilha.

*Sanch.* Vamos nós reconhecer os pratos,  
e darme de jantar, seja aonde for, por-  
que o ventre *non patitur moras*.

*Meir.* Vamos. *Vão-se.*

SCENA V.

*Mutação de sala. Estará huma mesa mal ordenada, com huma garrafa em cima; estarão hum Medico, e hum Cirurgiaõ, dous Rebecas, e hum Rebecaõ; e sabem Sancho, o Meirinho, e o Escrivaõ.*

*Sanch.* **Q**uem te differa a ti, pobre Sancho Pança, que da rustica choupana de tua Aldêa havias de chegar a tanta honra! Sem duvida, que o apparatus desta mesa he digno de jantar nella hum absoluto Principe! Se isto he no preparatorio, que será na codea! Ay esfaimado Sancho Pança, desta vez tirarás o ventre de miseria: quem me dera ter nesta occasiã sete bocas, dez gorgomillos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar, e engolir tanta comezana!

*Meir.* Senhor Governador, sente-se vossa mercê.

*Sanch.* O' meu rico Meirinho do meu coraçãõ, dizeime, quem saõ estes dous bigorilhas?

*Meir.* Este he o Medico, e este he o Cirurgiaõ, que ambos costumaõ assistir nos

banquetes, que se dão aos Governadores, por grandeza, e estado.

*Sanch.* Eu lhe perdoara o estado, com tanto que a grandeza só fora no comer. E quem são estes de cabelleira loura muito bulliçosos?

*Meir.* Estes são os que tangem varios instrumentos, em quanto se come, para excitar o appetite.

*Sanch.* Eu escuso acepipes para comer, pois o tenho para seis boys.

*Tocaõ os instrumentos muito desafinados.*

*Meir.* Que tal tangem?

*Sanch.* Essa tocata he de rigor, parece feita por solfa.

*Med.* Senhor Governador, ora por vida sua, que nos faça a honra de comer: faça-nos este gosto por quem he.

*Sanch.* Não he necessario tanto rogo: este Medico tem feição. *à parte.*

*Med.* Primeiramente, Senhor Governador, ha de vossa mercê comer com parcimonia.

*Sanch.* Parcimonia he cousa de comer?

*Med.* Parcimonia he comer com temperança.

*Sanch.* Isso de temperos pertence ao cozinheiro.

*Med.* Temperança por outro nome he o mes-

*D. Quixote de la Mancha.* 103

mesmo, que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opiniaõ dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

*Sanch.* Ainda esta he peyor! Ora digo-vos, que fois hum asno. O comer muito he proveitoso para a barriga, porque se enche; pois conforme a melhor Filosofia *non datur vacuum in rerum natura*; e assim hey de comer.

*Cirurg.* Senhor Governador, com licença de vossa mercê, antes que coma, he preciso fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgia.

*Sanch.* Entendo que este banquete tem algum apofstema, que o Cirurgiaõ quer tambem meter a tenta: vamos lá, que he isso?

*Cirurg.* Quero endireitalhe o pescocoço, tenha-o sempre direito, naõ o troça, quando comer; porque facilmente póde quebrar alguma vey.

*Sanch.* Naõ me deixareis comer, como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais, que esta he a primeira vez, que eu como na minha vida?

*Med.* Senhor, huma cousa he comer como Escudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos, que vossa mercê

coma , como manda a arte Medica , e Cirurgica ; pois a conservaçaõ da sua vida nos importa em muito , como unico refugio , em que se estriba a nossa esperança.

*Sanch.* Seja o que vós quizeréis , e deixai-me comer ; venha a sopa.

*Med.* Isso he sopa ? Nada , fóra ! Não coma vossa mercê sopa , que he muito nutritiva , geradora , damnosa , sanguinaria , e lhe pôde resultar hum estupor.

*Sanch.* Com que a sopa faz estupor ? Vós he , que sois o estupor da sopa. Hey de comella , mas que me dem duzentos estupores.

*Med.* Requeiro a vossa mercê da parte da faude , que não coma sopa , que nesta Ilha a sopa prova muito mal.

*Sanch.* Isso he , porque vossês não sabem provar bem a sopa.

*Med.* Ora Senhor Governador , deixe vossa mercê isso , pois não falta comer , em que vossa mercê se possa fartar : coma esse prato de assado.

*Cirurg.* Não , com licença de vossa mercê , Senhor Doutor , tambem agora não he licito , que o Senhor Governador coma assado , que lhe pôde ferir a garganta , pelo torrado do forno , e pela acrimonia do molho.

*Med.*

*D. Quixote de la Mancha.* 105

*Med.* Pois não coma assado, se a Cirurgia assim o manda.

*Sanch.* Com que vossê, Senhor Doutor, he Juiz da consciencia da minha barriga? Está galante historia, dizer lá o bigodes do Cirurgiaõ, que o assado faz mal à garganta!

*Meir.* Senhor Governador, o que os Senhores dizem, tudo he para feu bem; e elles, que o dizem, bem o entendem.

*Sanch.* Meirinho, eu sempre ouvi dizer, que quem te dá o osso não te deseja ver morto, e estes Fyficos não só me não daõ a carne, mas tambem me não daõ o osso; e senão dizeime, para que me convidarão estes Senhores, se me não deixaõ comer?

*Med.* Essa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahi não faltaõ manjares para vossa mercê comer.

*Sanch.* Ora está bem: vamos comendo estas perdizes.

*Med.* Tá, tá; perdizes por nenhum caso; são perniciosas à vida do homem.

*Sanch.* A que delRey Senhores: ha quem tal diga da perdiz, que se come com a maõ no nariz, por ser taõ excellente, que he necessario apertarse o nariz, para que não eutre por elle?

*Med.*

*Med.* Senhor Governador, deme attençãõ:  
A perdiz, como diz Averbóes, he muito indigesta: *Omnis saturatio mala; per-dix autem pessima.*

*Sanch.* Ora, Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para consolaçãõ desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu amo, que *vacare culpa, magnum est solatium.*

*Med.* Olhe vossa mercê, Senhor Governador, não duvidamos, que a vaca he generoso alimento; porém como vossa mercê ainda não comeo couza alguma, não he licito, que coma vaca estando em jejum; porque a vaca he alimento muy forte; e como o estomago está fraco, peleja o forte com o fraco, e he forçoso que fique o fraco vencido, e do vencimento póde resultar a morte muy facilmente.

*Sanch.* Visto isso tambem estou inhabilitado para comer vaca?

*Med.* Por ora sim.

*Sanch.* Que por ora, se eu por instantes me estou desmayando com fraqueza? Deixem-me comer aquelle prato, que alli está, que morro com fome.

*Med.* Senhor, está louco? Quer comer pratos? Não vê que he de estanho, e que

*D. Quixote de la Mancha.* 107

que lhe póde fazer huma grande obstrucção na barriga?

*Cirurg.* Uy Senhor, estanho não he bom para o estomago; nem derretido, quanto mais crú.

*Sanch.* Ora isto he já pouca vergonha: hey de comer o que eu quizer; pois sou Governador em chefe com mero mixto imperio nesta Ilha, e seus arredores.

*Med.* Senhor, tenha mão.

*Sanch.* Sim tenho mão, para vos dar muita bofetada a vós Medico de ourinas, e a vós Cirurgiaõ de trampa.

*Meir.* Senhor, não coma, que lhe póde fazer mal, que o dizem os Senhores.

*Sanch.* Se o comer faz mal, tambem o não comer o faz; e se hey de morrer de não comer, quero morrer comendo: Morra Marta, morra farta.

*Haverá grande bulha sobre o comer, ou não comer.*

*Med.* Acudaõ todos, que o Senhor Governador se quer matar por suas mãos.

*Rebecas.* Senhor, pague-nos vossa mercê, que aqui estivemos para tanger rebecas.

*Sanch.* Isso era pagar os açoutes, ao verdugo.

*Todos.* A que delRey sobre o Governador, que nos não quer pagar.

*Cirurg.* A que delRey sobre o Governador, que se quer matar pelas suas mãos.

*Sanch.*

*Sanch.* A que del Rey, que me querem matar à fome.

*Meir.* Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

*Sanch.* Não quero rondar, leve o diabo a Ilha; ha aqui perto alguma taverna?

*Escr.* Ora vamos, que ao depois, sem que o Medico, nem o Cirurgiaõ faibaõ, lhe daremos bem que comer.

*Sanch.* Vede lá o que dizeis?

*Escr.* Tenho dito, e fie-se em mim.

*Sanch.* Ora vamos rondar; mas esperay, e se acharmos alguns Marujos, que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

*Meir.* Por isso mesmo, para os prender.

*Sanch.* Isso he o mesmo, que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario: não Senhor, deixe vossa mercê patufcar a quem patufca; já que o não podem fazer de dia, deixemolos patufcar de noite, que he sua, e ninguem lha pôde tirar por força.

*Meir.* Vamos, Senhor, senaõ daremos com vossa mercê fóra daqui.

*Sanch.* Vamos; mas olhe, que lhe digo, que eu vou, como quem vay para a força.

S C E N A VI.

*Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados, e se canta o oitavado, e sabem Sancho, o Meirinho, e Escrivão rondando.*

*Sancho.* **A**gora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Teresa; isso eraõ canas! Deilhe huma vez hum descante, que fazia bailar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquivada, como não sey que: huma vez pedilhe, que me deixasse beijarlhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijey, cuidando, que era a mão: cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar hum homem com as vozes do meu canto a dar co corpo à sola.

*Meir.* Vamos prender effes maganos.

*Sancho.* Deixav-os Meirinho.

*Meir.* Senhor, isto he hum defaforo, andar definquietando as moças honradas, que estaõ em casa de seus pays.

*Sancho.* Dizeis bem: O' lá, ò Senhores esquinados, vossês bem podem namorar sem definquietar as raparigas.

*Escrevaõ.* Vossês não tem respeito à Justiça? Vaõ-se logo embora.

*Sancho.*

*Sanch.* O' filhos, não deis escandalo à visinhança, nem deis motivo a disturbios com vossos divertimentos, quando não farey justiça.

*Hom.* Vamos dar outro descante pela parte do quintal.

*Meir.* Alli está hum vulto naquella esqui-na, reconheça vossa mercê quem he.

*Sanch.* Como o hey de reconhecer, se elle está embuçado?

*Meir.* Por isso mesmo.

*Sanch.* Ah Senhor, defembuce-se lá, olhe que o quero reconhecer; ay que o reconheci!

*Meir.* Quem he?

*Sanch.* He hum homem, que está embuçado.

*Meir.* Pergunte-lhe quem he, da parte do Senhor Governador.

*Sanch.* Quem he, da parte do Senhor Governador?

*Hom.* Que lhe importa?

*Sanch.* Não disse eu, que se havia de agastar? Vossês não querem tomar o meu conselho.

*Meir.* Torne-lhe a perguntar.

*Sanch.* Quem he da parte delRey?

*Hom.* He a pérra, que o pario.

*Sanch.* Ay que he minha máy! Mas ella já mor-

*D. Quixote de la Mancha.* III

morreo ; será a sua alma , que me vem ver. Diga por vida sua quem he.

*Hom.* Sou sua avó torta.

*Sancho.* Mente , magano , que minha avó não era torta , nem na minha geração houverão tortos. Torto será vossê.

*Meir.* Venha prezo da parte delRey.

*Hom.* Digo que não quero ir prezo.

*Sancho.* Vossê não quer ir prezo ? Olhe bem o que diz.

*Hom.* Não quero , tenho dito.

*Sancho.* Pois vá-se embora.

*Meir.* Que quer dizer , não quero ir prezo ? Venha logo.

*Sancho.* Meirinho , vós sois terrível ; se o homem não quer ser prezo , para que o havemos levar contra sua vontade ? Não vedes , que póde dar huma força de nós ?

*Meir.* Ora isso he já pouca vergonha ! Ha de vir desta forte.

*Hom.* Venha para cá , que eu o enfiarey.

*Puxão pelas espadas , e foge Sancho.*

*Sancho.* Pés para que te quero ! Lá vay o Meirinho cos diabos : de boa escapey eu ! *Vais.*

*Meir.* Ah Senhor Governador ?

*Sancho.* Não deixarão a este pobre Governador lograr o seu governo descancado na cama com as pernas para o ar ?

*Meir.* Senhor Governador ?

*Sancho.*

*Sanch.* Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida: arre lá com o salvajinha! Bate, que parece, que piza esparto.

*Escr.* Vossa mercê não ouve, Senhor Governador?

*Sanch.* Isso he tollice, pois se eu ouvira não houvera responder?

*Meir.* Ora ouça, que estou batendo.

*Sanch.* Com a motinada do bater não ouço nada.

*Meir.* Pois já não bato, ouça vossa mercê.

*Sanch.* Huma vez, que não bateis, entendo, que não quereis entrar.

*Escr.* Vossa mercê parece que não ouve?

*Sanch.* Não poderey ser surdo, se quizer? Olhem que está boa!

*Meir.* Senhor, que está a Ilha cercada de inimigos, acuda vossa mercê.

*Sanch.* A Deos minhas encomendas: lá vay o pobre Sancho Pança desta bolada.

*Escr.* Senhor, venha defender a Praça; sayanos a governar como bom Capitaõ.

*Sanch.* Manday cantar a Ladainha de todos os Santos, e vereis como se vaõ.

*Meir.* Ora isto he já pouca vergonha, lá vay a porta dentro.

*Sabe Sancho.*

*Sanch.* Esperem, que eu lá vou para fóra. Vossês estaõ aqui ha muito tempo?

*Meir.*

*D. Quixote de la Mancha.* 113

*Meir.* Ha mais de duas horas.

*Sanch.* Porque não fallavaõ? Eu adevinho?

Pois que temos?

*Escr.* Estamos perdidos.

*Sanch.* Alguem nos achará.

*Meir.* Inimigos na Ilha; acudamos a defendella.

*Sanch.* Pois façamo-nos seus amigos, e dizelhe, que entrem.

*Escr.* Pelejemos, Senhor.

*Sanch.* Isto he mais: eu sou cá espadachim? Não basta, que elles briguem?

*Meir.* Senhor, que já elles ahi vem; vamos sahir-lhe ao encontro.

*Sanch.* Tomara-me não encontrar com semelhante gente: vão vossês brigar, se quizerem, que eu fico governando a Ilha.

*Escr.* Senhor, que vem passando tudo a cutêlo; defendamo-nos.

*Sanch.* Isto he outra cousa. O' lá, todos os nossos soldados se ponhaõ em ala com as mãos atadas para traz, para que logo se-jaõ degollados; e quando os inimigos vierem, ninguem lhes faça mal: deixem-lhe tomar a Ilha, que mais val tomada, que perdida.

*Meir.* Vamos, Senhor.

*Sabem alguns homens.*

*Tod.* Morra Sancho Pança. Vitoria.

*Sanch.*

*Sanch.* Morra muito embora , com tanto  
que me não matem.

*Tod.* Este he o Governador : venha prezo.

*Cabe Sancho no chaõ.*

*Sanch.* Eu quero morrer , antes que me ma-  
tem.

*Tod.* Elle está morto , enterremo-lo.

*Sanch.* Peyor está esta : quem lhe disse a  
elles que eu queria , que me enterrassem ?

*Tod.* Levemo-lo a enterrar.

*Sanch.* Não , eu não sou morto de ceremo-  
nias ; eu hirey mesmo por meu pé.

*Tod.* Peguem nelle.

## S C E N A VII.

*Mutação de jardim , aonde estarão o Fidalgo ,  
a Fidalga , e D. Quixote.*

*D. Quix.* **S**enhora Excellentissima , Fi-  
dalguissimo Senhor , não sey  
aonde pretendem chegar vossas grande-  
zas com tantas liberalidades , quantas saõ  
as com que trataõ a hum Cavalleiro an-  
dante ! Algum dia saberey pagar tantos  
beneficios ; pois tambem os Senhores  
não se livraõ de estarem encantados.

*Fidalga.* Senhor D. Quixote , ainda fazemos  
pouco , segundo o que merece hum Ca-  
valleiro

*D. Quixote de la Mancha.* 115

valleiro andante , como vossa mercê.

*Fidalgo.* Se a minha casa não estivera tão enpenhada , vossa mercê vira o nosso primor.

*Sabe Sancho.*

*Sancho.* O diabo leve a Ilha , e mais quem me mandou para ella.

*Fidalgo.* Que he isso Sancho Pança ? Que conta me dais da minha Ilha ?

*Sancho.* Aonde está a galantaria de me mandar Vossa Reverencia a ser Governador de huma Ilha atreita a inimigos ? Elles lá ficaõ a paz , e salvo , e eu vim fugindo a unha de burro.

*Fidalgo.* Pois não a soubestes defender.

*Sancho.* Defendi-a até a ultima gotta de sangue , e até me fiz morto , a ver se elles fugiaõ ; mas os malditos não tem medo de defuntos.

*D. Quix.* Vaite , cobarde gallinhõla ; isso he o que aprendeste do meu valor ha tantos annos na escola da minha milicia ? Não te hey de ver mais a cara. Que se ha de dizer de mim , se tu dás má fama do meu valor ?

*Fidalgo.* Senhor , os accidentes da fortuna não são deslustres do valor ; isto podia acontecer ao mais valente.

*Sancho.* Isso estava eu para o dizer agora ; e

ti-

tirou-me da boca, o que eu já tinha entre os dentes.

*Sabe hum Escudeiro.*

*Escud.* Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condeſſa Trifalde pede licença para fallar a vossa mercê.

*D. Quix.* Dizeilhe, que entre, com licença dos Senhores.

*Cond.* Senhor, aos pés de vossa mercê busca remedio huma desgraçada Condeſſa, a qual vive enecantada ha vinte annos, com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor caraõ, me fizeraõ crescer na cara as mayores barbas, que nunca se viraõ em homem algum; e assim só o voffo valor me póde defencantar.

*Sanch.* Esta he mulher de bigode.

*D. Quix.* Senhora, menos rogo, que esse, bastava para vos defencantar.

*Cond.* Pois eu chamo hum cavallo, no qual subireis à regiaõ etherea a defencantar-me, e voffo criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

*Sanch.* Senhora Condeſſa Trifaldas, eu sempre ouvi dizer, que o dar vinha nas ancas do prometter; eu já estou defenganoado do que daõ de si estes defencantos; com que, sem que me paguem, não vou, mais que me frijaõ.

*Cond.*

*D. Quixote de la Mancha.* 117

*Cond.* Dou-te huma joya , que val mil moedas , que tambem está encantada.

*Sanch.* Pois eu vou defencantar a joya , e meu amo a vossa barbaridade.

*Canta a Condessa Trifalde a seguinte*

A R I A.

As nuvens com ventos

Soberbos , violentos ,

Me tragaõ voando

Hum bello cavallo ,

E nelle montado

Dom Quixote vá.

Tambem Sancho Pança

Chegue a montallo ;

Porque desta sorte

Se veja a mudança

Do rosto , que he morte ,

Se barbas se dá.

*Nas ultimas clausulas da Aria desce o cavallo , e montaõ D. Quixote , e Sancho Pança.*

*Sanch.* Não lhe aperte muito o freyo , que he doce da boca.

*D. Quix.* Já passámos a regiaõ aerea.

*Sanch.* Aerio está vossa mercê. Este cavallo anda , que parece que voa. Para a carga ! Este cavallo , como vay pelo ar , tem muita ventosidade.

*D. Quix.* Esta he a regiaõ do fogo : já estamos perto.

*Cabe o cavallo com D. Quixote , e Sancho.*

*Sanch.* Esta he a regiaõ da terra : ay que quebrey as costellas ! Ay Senhora Condessa , ou Senhora alcofa, aonde estão as moedas ?

*Cond.* Senhor D. Quixote , já estou desencantada ; vivais muitos annos : Sancho Pança as moedas haõ de vir para o tempo dellas : a Deos.

*Sanch.* Ha mayor insolencia ! Tu es afno Sancho ? Pois leva , leva. Senhor , eu me resolvo a ir para a minha Aldêa sangrarme , e purgarme ; pois tenho levado tantas quédas de desgraça , sem que pudesse ter quéda com a fortuna.

*D. Quix.* Senhores , Vossas Grandezas me haõ de dar licença , que naõ he razaõ esteja aqui tanto tempo , sem ir desencantar outras pessoas , visto ter já desencantado esta Condessa.

*Fidalga.* Naõ posso estorvar a vossa mercê este louvavel exercicio das suas Cavallarias.

*Fidalgo.* Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos desencantos.

*D. Quix.* Senhores , isto em mim sempre foy obrigaçãõ. Sancho , vay sellar os cavallos.

*Sanch.* Vamo-nos já desta casa encantada.

SCE-

SCENA VIII.

*Mutaçõ de bosque. Sabem Sansão Carrasco,  
D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros  
a cavallo.*

*Carr.* **A**gora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darey quanto possuo, se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura, que tem emprendido. Eu te prometto, que tu fiques defenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura, que agora o encontrasse! Mas se me não engana a vista, lá vejo vir hum Cavalleiro: elle he sem duvida; aprefarme quero. (*Sabe D. Quixote*) Se fois Cavalleiro andante, brigay comigo.

*D. Quix.* Como se o sou? Não só comvosco brigarey, mas com mil de vós.

*Sanch.* Mão, isto he caso pensado, e rixa velha.

*Carr.* Investi Cavalleiro.

*D. Quix.* Invisto. *Cabe D. Quixote.*

*Sanch.* Oh desgraçado, aqui vieraõ ter fim as tuas Cavallarias andantes! Ah Senhor

I ii não

naõ o mate por vida sua : deixe-o para tronço dos Cavalleiros andantes.

*D. Quix.* Estou vencido: nem sempre a fortuna me havia de ser favoravel.

*Carr.* Pois estais vencido, mando-vos, que naõ tomeis armas por espaço de dez annos, e vos recolhais a vossa casa.

*Sanch.* Oh nunca ta maõ doa! Bem hajas.

*D. Quix.* Como bom Cavalleiro devo obedecer: dizeime, quem fois?

*Carr.* Eu sou Sanção Carrasco, a quem vencestes já huma vez; agora quizeraõ os astros, que eu vos venceste, para que vos recolhais em paz para a vossa casa, que assim mo pedio vossa sobrinha, e vossa ama.

*Sanch.* Ora, Senhores, acabou-se a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirey bom fruto delle; bem me disse a minha filha ao despedirme. Com que agora dando fim a esta verdadeira Historia hirey cantando.

Taõ alegres, que viemos,  
E taõ tristes, que tornamos.

*Canta o Coro como no principio.*

F I M.

ESO-

ESOPAIDA,  
O U  
VIDA DE ESOPPO,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Abril de 1734.

ARGUMENTO.

**E** Sopo Filosofo, sendo cativo, ou escravo de Zeno, foy vendido a Xanto Filosofo Atheniense, o qual estimou muito a Esopo, por ser gracioso, e sabio. Este servindo a seu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veyo sobre a mesma Cidade ElRey Cresso de Lidia, com hum grande Exercito. Foy insinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Esopo, como sabio, fosse o Director da defesa dos Athenienses, e com seus ardis os livrou, dando o Povo a Esopo a liberdade em beneficio da Patria. Casa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRey Cresso premêa os grandes merecimentos de Esopo fazendo-o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.

IN-

## INTERLOCUTORES.

**C** *Resso, Rey de Lidia.*  
*Zeno, Filosofo, Senhor de Esopo.*  
*Xanto, Filosofo.*  
*Periandro, Discipulo de Xanto, amante de Filena.*  
*Ennio, Discipulo de Xanto.*  
*Temistocles, Senador.*  
*Filena, Filha de Xanto.*  
*Euripedes, Mulher de Xanto.*  
*Geringonça, Criada de Euripedes.*  
*Esopo, Filosofo.*  
*Soldados, e Coro.*

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. **M** *Utaçã de Praça com casas, e huma feira com gente.*
- II. *Mutaçã de Camera.*
- III. *Mutaçã de Sala.*
- IV. *Mutaçã de Camera.*
- V. *Mutaçã de Mar.*
- VI. *Praça. Mutaçã de Noitz.*
- VII. *Mutaçã de Exercito.*
- VIII. *Mutaçã de Templo.*

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. **M**utaçãõ de Selva.  
 II. **M**utaçãõ de Arrayal.  
 III. **M**utaçãõ de Selva.  
 IV. **M**utaçãõ de Camera.  
 V. **M**utaçãõ de Arrayal.  
 VI. **M**utaçãõ de Pateo escuro.  
 VII. **M**utaçãõ de Camera.  
 VIII. **M**utaçãõ de Arrayal.  
 IX. **M**utaçãõ de Jardim.  
 X. **M**utaçãõ de Sala.

---

 PARTE I.

## SCENA I.

*Depois de cantar o Coro , descobre-se a Praça com fonte , e haverá como huma feira , com grande concurso de homens , e mulheres , e haverá sabindo Zeno com os dous Escravos , e Esopo mais atraz.*

Zen. **N**Otavel dia de feira , para hum homem ganhar com estes tres escravos se quer duzentos por cento , que não he usura ! Oh queira Jupiter , que não chova ! Não me dirás , Esopo , já que es tão prezado de respostaõ , porque quasi sempre em todas as feiras chove ?

*Esop.* Isso tem pouco , que saber : porque como quasi sempre as feiras se fazem nos Rocios , por força se haõ de molhar , ou rociar as feiras.

Zen. Que depositasse a Providencia em vaso tão tosco huma alma tão perfeita , como a deste Esopo !

1. *Esop.* Para que nos trará nosso Patraõ hoje à feira ? Isto he novidade.

2. *Esop.*

2. *Esocr.* E o que mais me faz desconfiar, he o vestirmos com roupas novas, e trazermos muy Franças. Que dizes, Esopo, que será isto?

*Esop.* De sorte, meus amigos, que segundo a perspectiva, em que estamos, cheira-me isto a que nosso Patraõ nos traz aqui, para que alguém se namore de nós para casar; porque elle he muito amigo de fazer geraçãõ na bolsa.

1. *Esocr.* Naõ, isto he mais alguma cousa.

2. *Esocr.* Isto he o que quer que he.

*Esop.* Seja o que for: nunca cuidey no que está para vir. Naõ ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra, que logo naõ tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quam pouco se me dá disso, vamos vendo esta feira.

*Zen.* Donde Esopo vás? Tu naõ ouves? Com quem fallo eu?

*Esop.* He comigo?

*Zen.* Sim.

*Esop.* Eu naõ me chamo Esopo Vaz, sou Esopo só, nú, e espurio, como minha mãy me pario.

*Zen.* Aonde hias, entremettido?

*Esop.* Se eu fora entremettido, perguntara a vossa mercê, para que nos traz hoje a esta grande feira.

*Zen.*

*Zen.* Para vendervos a todos tres; pois todos ttes sois intoleraveis pelas vossas manhas; porque tu es hum bebado, e tu hum ladraõ.

*Esop.* Visto isso, quem comprar a este, sendo ladraõ, compra-o com sizo, e tudo. E eu, Senhor, quaes são as minhas habilidades, ou virtudes?

*Zen.* São boas! primeiramente mexiriqueiro, e bacharel.

*Esop.* Se eu fora Bacharel soubera Direito; se eu soubera Direito, eu me endireitaria, e não fora corcovado; não he por ahi, que vay o gato às filhozes: tem mais de que se accuse?

*Zen.* Mais tenho: e o ser alcoviteiro não presta?

*Esop.* Eu digo, que não presta; mas olhe, o que lhe digo he, que se vossa mercê me vende por isso, que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo he que estamos em hum tempo, que se não sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Se vossa mercê bem soubera o que eu sou, talvez que me não vendera. Porém fallando com a mais cativa reverencia, não he o mel para a boca do asno.

*Zen.* Qual he o mel, e qual he o asno?

*Esop.*

*Esop.* O asno, fallando por entre os dentes, he vossa mercê, e o mel he o que sahe, e o que levo do tinteiro.

*Zen.* Acaba com isso, que se começa com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes, vamos passeando por esta praça. Que te parece? Não he boa?

*Esop.* De boa tem pouco.

*Zen.* Pois achas, que esta praça não he boa? Que achaques lhe pões?

*Esop.* Senhor, não pôde deixar de ser achacada huma praça com fontes; e a meu ver tem dor de pedra, porque ourina de vagar.

*Hom.* Ah sô amigo, que procura? Se quer huma boa espada, aqui a tem.

*Esop.* Sou tentado com espadas; este homem he bruxo, adivinhoume o genio; vejamos lá, que tal he?

*Hom.* He huma folha velha.

*Esop.* Folhinha velha, isso he do anno passado, não me serve para este; quero huma folhinha para este anno, que vem, com hum eclipse de estocadas.

*Hom.* Não me entende? Digo, que tem aqui huma espada velha.

*Esop.* Peyor, eu não quero senão huma espada nova; e vem cá o Senhor à feira com huma espada velha!

*Hom.*

*Hom.* Vá-se dahi , que não entende de espadas; ahi tem rocas , vá comprallas.

*Esop.* O homem não tem fizo. *à parte.* Pois fia vossê de mim , que não entendo de espadas? Pois faiba , que meu pay foy hum ferro velho , e quando me gerou na bainha de minha mãy , nasci eu taõ espadaúdo , que cuidou a Comadre , que era eu hum peixe espada ; e por final , que com poucos dias de nascido , me punhaõ à cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.

*Hom.* Passa fóra carcunda ; onde levas a merenda às costas?

*Esop.* A das costas he minha , e a que está mais abaixo he para vossê.

*Outr.* Fóra Poeta.

*Esop.* Olha tu , não te faça huma finaléfa na cara , e hum Poema de pés quebrados.

*Zen.* Valha-te o diabo , maldito , não te callarás , que es aqui a fabula do povo ?

*Esop.* Pois se eu sou a fabula do povo , tambem o povo he a fabula de Esopo.

*Mulb.* Aqui tem boas couves , menino , merque comigo.

*Esop.* De veras , que a menina das couves não he máo repolho para a panella do amor.

*Mulb.* Olhay quem falla em amor ! Tira-te lá

lá espantalho, não me enguices a venda.

*Esop.* Eu nunca vi Venus com venda. Vem vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que são dous valentes carneiros.

*1. Escr.* Dize-lhe dessas.

*Esop.* Chiton, que ahi vem nosso Patraõ direito como hum fuso; esperem, esperem, que elle lá vay para a feira das beftas. Ah Senhor, aonde vay? Tambem vossa mercê se quer vender?

*Zen.* Que dizes bruto?

*Esop.* Que? Arre para cá, não se troque vossa mercê, ao depois não o poderemos conhecer; e quando não ponha hum fimal na orelha, e va-se.

*Zen.* Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

*Sabem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.*

*Xant.* Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

*Periand.* Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

*Xant.* Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

*Ennio.* Diz bem o noſſo Meſtre; vós Periandro ſois terrivel.

*Periand.* E vós, Ennio, tambem me que-  
reis reprehender? He o que me falta!

*Zen.* Senhor Filoſofo, voſſa mercê por  
ventura quererá comprar algum deſtes  
eſcravos?

*Xant.* Eu ſó venho comprar hum jumento  
para a nora da minha quinta.

*Eſop.* Eu nunca vi Filoſofo com quinta. *à p.*

*Xant.* Porém ſe com tudo mo accommodar  
no preço, não ſe me dá de comprar hum  
eſcravo. Anda tu cá: que ſabes fazer?

1. *Eſcr.* Tudo.

*Xant.* E tu?

2. *Eſcr.* Eu tudo ſey fazer.

*Periand.* Quem tudo ſabe, nada ſabe.

*Xant.* E tu, monſtro, que ſabes fazer?

*Eſop.* Nada, graças a Deos.

*Xant.* Homem, (ſe he que o es) he poſſivel  
que não ſaibas fazer couſa alguma?

*Eſop.* Senhor, não ſe admire voſſa mercê,  
que como eſtes meus companheiros to-  
maraõ por ſua conta o fazer tudo, não  
ficou para mim nada.

*Periand.* Que diz voſſa mercê da repoſta,  
Senhor Xanto?

*Xant.* Eſtá com ſubtileza: Ora dize-me,  
como te chamaõ?

*Esop.* A mim chamaõ-me, como me querem chamar; não ha meya hora, que huns me chamaraõ Poeta, e outros car-cunda.

*Xant.* Pergunto o teu nome.

*Esop.* Eu Senhor, com perdaõ de vossa mercê, chamo-me Esopo.

*Xant.* Donde nasceste?

*Esop.* Do ventre de minha mãy.

*Xant.* Não me entendes? Em que lugar nasceste?

*Esop.* Tambem não me disse minha mãy, se me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido, que foy ahi a algures, ao pé de alguma coufa.

*Periand.* Ennio, o escravo tem atacado ao Filosofo nosso Mestre.

*Xant.* Ou es muy simples, ou muy velha-co: pergunto-te de donde es natural?

*Esop.* A que delRey, Senhor, eu sou legitimo, não sou natural.

*Xant.* Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

*Esop.* Isto he outra coufa; sou de donde me vay bem, que ahi he a minha terra.

*Xant.* Na verdade, que me tem admirado as repostas deste escravo! Hey de com-prallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

*Zen.* Pois não quer estes dois, que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas como vossa mercê vinha comprar hum jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

*Xant.* Eu, Senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

*Zen.* Huma vez, que vossa mercê assim o quer, todas as vezes, que me der dez moedas, leve-o.

*Xant.* Aqui as tem.

*Esop.* Que diabo estaraõ fallando huns com os outros, apontando para mim? Eu estou vendido aqui. *à parte.*

*Xant.* Esopo, anda comigo, que te compreya.

*Zen.* Esopo, vay com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.

*Esop.* Não disse eu, que estava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filosofo; mas faiba, que ambos vamos vendidos.

*Xant.* De que sorte?

*Esop.* Eu, porque vossa mercê me comprou; e vossa mercê, porque não sabe o que leva em mim.

*Xant.* O que eu levo em ti bem o sey.

*Ennio.* Vamos, vamos para casa, que he tarde.

*Esop.* A Deos, a Deos meus amados companheiros, despeçamo-nos depressa, antes que as lagrimas tenhaõ noticia da nossa def-

despedida; que se ellas o sabem, logo virão aos cardumes. A Deos: olhay, se vossês fugirem, não seja para Braga, que he má terra para cativos.

*Amb. Escr.* A Deos amigo.

*Zen.* Esopo, não te despedes de mim?

*Esop.* Como vossa mercê me despedio de si para sempre, não queira outra vez despedirse. Vamos, Senhores.

## S C E N A II.

*Mutaçõ de Camera. Sabem Filena, e Geringonça.*

*Filen.* **F** Allaste a Periandro?

*Ger.* Por mais que andey daqui para alli, não o pude ver.

*Filen.* Valha-te o demo, maldita, que não tens prestimo para nada: como hey de passar daqui até à noite, sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

*Gering.* Se são da madre, case-se, e deixe-me já com taes amores; porque vossa mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.

*Filen.* Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dera sa-

ber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

*Sabe Euripedes.*

*Eurip.* Como he isso de meu querido Periandro?

*Gering.* Temos o caldo entornado.

*Filen.* Mofina de mim, que minha mãy me ouviu!

*Eurip.* Com que vossê já tem queridos? Está muito bem, teu pay o saberá, de favergonhada.

*Filen.* Eu não sey, o que vossa mercê diz.

*Eurip.* Não sabes, o que eu digo? Pois eu sey, o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos às rotulas, porque todo o fogo tem des no peito: Ah velhaca, sonça, solapada! Com que o Senhor Periandro he o vosso amante? Por isso elle tomou por Mestre a teu pay, para ter pé de vir aqui todos os dias.

*Filen.* Olhe, minha mãy .... porque eu ... quando .... sim ....

*Eurip.* Que diabo dizes? Que fallas, quem atas, nem desatas? Resta-me agora, que te queiras desculpar.

*Filen.* Pois eu que fiz? Olhe que está boa

*Gering.* Eu voume currando, que esta trovoadá ha de parar em agua.

*Vaise*  
*Eurip*

*Eurip.* Isto me faz desesperar : tu podes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

*Cantaõ Euripedes, e Filena a seguinte*

ARIA A DUO.

*Eurip.* Ingrata filha!

*Filen.* Brava mãyfinha!

*Eurip.* Sempre doudinha  
Te hey de encontrar?

*Filen.* Sempre doudinha  
Me ha de chamar?

*Eurip.* Tu com amores!

*Filen.* Eu? Não ha tal.

*Eurip.* Para que negas?

*Filen.* Eu? Não ha tal.

*Eurip.* Eu bem ouvia,  
Que lhe dizias,  
Que lhe querias,  
E que morrias;  
Tudo sey já.

*Filen.* Basta mãyfinha  
De consumirme.

*Eurip.* Ay, ouça cá.

*Amb.* Não quer ouvirme?

*Filen.* Ay, ouça cá.

*Eurip.* Ay, guarda lá.

*Sabem Xanto, Periandro, e Eſopo, que ficará como eſcondido.*

*Xant.* Eſopo, eſpera aqui detraz deſta cortina.

*Eſop.* He muy boa fala vaga!

*Xant.* Amada Euripedes, tardey muito?

*Eurip.* Iſſo he coſtume antigo: donde vem a eſtas horas, tamanhaõ?

*Eſop.* Ella he deſta caſta? Boas novas para o pay da crianca. *à parte.*

*Xant.* Ora não te agastes, que ſe tardey, arrecadey.

*Eurip.* Que arrecadey? Que he o que me trazes da feira?

*Filen.* He para mim, payſinho?

*Eurip.* Sim, tudo ha de ſer para ella? não ha de ſer ſenaõ para mim.

*Xant.* Pois ſaibamos para quem ha de ſer?

*Amb.* Para mim.

*Xant.* Pois lá ſe avenhaõ com elle, ahi o tem.

*Sabe Eſopo.*

*Eurip.* Que horrivel fantáſma!

*Filen.* Que enorme eſpectáculo! Fugamos minha mãy?

*Eurip.* Ay Senhores, que eſtou para me deſmayar; ay, que elle ſe vem chegando! A que delRey!

*Eſop.* Ora eu não cuidava, que era taõ feyo, que metia medo!

*Sabe Geringonça.*

*Gering.* Que gritos são estes , Senhora ?  
Mas ay , coitada de mim , que demonio  
taõ feyo !

*Periand.* Boa a veyo vossa mercê fazer , el-  
la lhe dará o recado.

*Eurip.* Deiteme esse monturo pela porta fó-  
ra , naõ o quero em casa nem hum instante.

*Xant.* Maldito de todos os diabos , agora  
estás mudo ? Dize-lhe alguma cousa ,  
com que se desenfade , e se alegre.

*Esop.* Supponha vossa mercê , que se me fe-  
cou a prosa , e que estou na hora do burro.

*Xant.* Dize-lhe alguma cousa sequer.

*Esop.* Já que me puxa pela lingua , deixe-a  
agora comigo. Parece muito mal , Se-  
nhora Euripedes , que vossa mercê se a-  
gastou com o Senhor seu marido , por lhe  
comprar hum escravo feyo ; pois que  
queria ? Queria hum servo gentil-homem  
para ficar cativa delle ? Queria hum ra-  
pagaõ , roliço , alvo , e louro , olhos azuis ,  
com corpo à Ingleza , e pernas à Fran-  
ceza , para que logo meu Senhor com tal  
servo ficasse veado ? Ora cuide em si , e  
saiba estimarme , que eu lho saberey me-  
recer.

*Eurip.* Ay , só isso me fizera agora rir : es  
engraçado ; já te vou perdendo o medo.

*Xant.*

*Xant.* Tu não sabes as prendas de Esopo; eu te prometto, que gostes delle.

*Eurip.* Vem cá Esopo; chega-te para mim.

*Esop.* Agora tambem não quero, que tenho medo de vossa mercê. A que del-Rey, que tarasca! Quem me acode, que me desmayo?

*Eurip.* Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim: es muy feyo!

*Esop.* Isso he mercê, que vossa mercê me faz.

*Filen.* A cara parece hum mono.

*Esop.* Ora não me lisongee.

*Gering.* Ay Senhora, cá lhe vi huma corcova a traz.

*Esop.* Valha-te o demo a lingua, que me descobriste huma falta, que ninguem a havia ver, se tu o não differas.

*Eurip.* Ainda mais essa temos, he corcovado!

*Esop.* Bem podem montar em mim, que ainda que sou corcovado, não faço corcovas.

*Xant.* Deixem ao pobre Esopo, que assim como he, tem muito prestimo.

*Eurip.* Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

*Esop.* Qual he o cativo, que não sabe cantar al son del remo, y de la cadena?

*Eurip.* Sabes tanger?

*Esop.* Sey tanger boys muito bem.

*Eurip.*

*Eurip.* Sabes ler?

*Esop.* Não Senhora, escrever sim.

*Filen.* Meu pay, eu quero que Esopo seja meu Mestre, e que me ensine a ler, e a escrever.

*Xant.* Sim; Esopo, tu has de ensinar a esta rapariga a ler, e a escrever; ahí ta entrego.

*Esop.* Testemunhas me sejaõ todos, que o Senhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois não se queixe; e ella não tem mãos bigodes! *à parte.*

*Periand.* Ora, Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que ha de ser celebre.

*Esop.* Senhor, a minha vida he mais larga, que comprida.

*Eurip.* Dize, Esopo, dize alguma cousa.

*Esop.* Ora vá de historia: Gerou-me meu pay, e foy cousa para ver, que tanto, que meu pay me gerou, logo minha mãy se sentio prenhe, e ficou tão soberba, que tudo lhe enjoava; engordou tanto, que em nove mezes se fez como huma bóla; em fim, se não pare, arrebenta; deraõ-lhe as dores, e ao primeiro puxo sahio este criado de vossa mercê, e logo fuy tão cortez, que cahi prostrado aos pés de minha mãy; pois só a esta devia pagar as parias; porque não falta quem di-

diga, que minha mãy me pario de hum só parto, podendome parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres eraõ as que pariaõ, e não como agora, que pare quem quer: notou-se no meu nascimento, que eu nascera nú, e em pelle; e como nascia para ser escravo, logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãy era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar: em fim, fuy crescendo aos palmos, e apenas tinha sete annos, logo comecey a fallar taõ perfeitamente, que não se me entendia palavra: toda a minha vida foy sempre prodigiosa; de sorte, que já anda em livros por todo o Mundo; e agora me dizem, que se está representando no Bairro Alto.

*Periand.* Notavel he a tua vida!

*Xant.* Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

*Eurip.* Vamos, Filena.

*Filen.* Periandro, logo fallaremos, não te ausentes. *Vã-se.*

*Periand.* Aqui ficarey esperando por esse Sol, que me anima. Ay amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros, que exhala, accende  
as

as chammas nos sacrificios, que vota?

*Sabe Filena.*

*Filen.* Periandro, seguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindose com Esopo, que sem duvida amor o trouxe aqui, para que seja o terceiro de nossos amores.

*Periand.* Essa fortuna a devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondencia; e porque agora fallamos de amor, escuta, Filena, a frase das melhores expressões.

S O N E T O.

Minha amada Filena, doce emprego,  
De amorosos enleyos labyrintho,  
São taes as ancias, que amoroso sinto,  
Que sem morrer mil vezes, não socego.

Em mar de pranto, misero navego.  
Quando amante naufrago; porém minto,  
Porque eu mesmo o martyrio já consinto,  
Pois busco as penas morto, as luzes cego.

Oh morra já minha alma enternecida!  
Oh viva alegre nessa luz serena!  
Contente aspiro tão ditosa lida;

Pois confegue esta dor, que me condena,  
Hum triunfo a teus olhos cada vida,  
Cada morte huma gloria à minha pena.

*Filen.*

*Filen.* Periandro, as tuas finezas por enca-  
recidas, me parecem mais lifonjas, que  
realidades; e affim appello para o tem-  
po, que só este será o fiador da tua confi-  
tancia; porque sendo tu firme, eu não  
deixarey de ser leal.

*Periand.* Formosa Filena, ainda duvêdas da  
minha lealdade? Não tens lido nos cá-  
racteres de meus suspiros as firmezas do  
meu amor? Não vês no espelho das mi-  
nhas lagrimas a imagem dos meus extre-  
mos? Pois seguro-te, meu bem, que a  
pezar de tudo hey de ser sempre firme,  
constante; e leal.

*Canta Periandro a seguinte*

A R I A.

Primeiro verás, Filena,  
Enregelar-se o fogo,  
Mover-se o duro monte,  
Cahir esse horizonte,  
Que em meu amante rogo  
Se encontre o variar.  
Se pois amor ordena,  
Que adore essa belleza,  
Será minha firmeza  
Eterna em te adorar.

*Vai-se.*

*Filen.* Escuta, Periandro; meu bem, aon-  
de vás?

*Sa-*

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Que hey de escutar? Que he o que diz?

*Filen.* Ay! Es tu, Esopo? A bom tempo vieste.

*Esop.* Sim vim a bom tempo; mas eu lhe empatey o cosimento.

*Filen.* Meu Esopo, tenho hum favor, que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

*Esop.* Diga, diga, não gaste tempo, que póde vir seu pay: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *à parte.*

*Filen.* Bem tabes, Esopo, que não ha peito tão isento, que não sinta as violencias do amor.

*Esop.* Que mais?

*Filen.* Isto supposto, saberás, que quero bem . . . . não sey como to diga.

*Esop.* Eu estou vendo, que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *à parte.*

*Filen.* Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cego, e em nada repara.

*Esop.* Que mais claro mo ha de dizer? A pobresinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarey a dizer: Senhora, bem sey, que o amor he cego, e he monstro, e que para cativar as almas, como cego, não repara em qualidades, e como

mo monstro, não se lhe dá de perfeições: quer vossa mercê dizer, que apanhas me vio, logo se rendeo, e que esta de amor por mim; se he isso, esteja de cançada, que lhe quero tambem muito.

*Filen.* Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti hávia empregar o meu amor.

*Esop.* Olhe vossa mercê, pois achava eu que não era nenhum despropósito; pois que me tinha logo aqui à mão dentro da casa, sem o ir buscar à rua.

*Filen.* Eu quero bem a Periandro, e como lhe não posso fallar as vezes que quero tu has de ser o medianeiro da nossa correspondencia.

*Esop.* Isso por outra frase vem a ser alcoviteiro. Não he nada!

*Filen.* Pois que dizes?

*Esop.* Senhora; em mim está mal o officio de camaleão; isso não se acha em mim.

*Filen.* Meu Esopo, olha que to hey de agradecer, e Periandro tambem.

*Esop.* Senhora, tudo se pôde fazer, sem que perigue o meu credito, e o seu amor, e poderemos ambos ficar bem.

*Filen.* De que sorte?

*Esop.* Desta sorte: eu o que poderey fazer, he levarlhe algum recado ao Senhor Periandro,

riandro, ou escreverlhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que vossa mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

*Filen.* Aceito o favor, que me fazes.

*Esop.* Ah tyranna, não basta comerme o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que ....

*Filen.* Quero pois, Esopo, que digas a Perianдро, que ao pôr do Sol ...

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Que fazes ahi Esopo?

*Esop.* Estava para dar lição à menina, e ella não queria.

*Filen.* Bem remediou. *à parte.*

*Xant.* Isso tem tempo: Filena, vay para dentro.

*Filen.* Que não pudeffe dizer a Esopo o recado para Perianдро! Ao depois lhe disse. *à parte. Vaise.*

*Xant.* Esopo, es capaz de guardar hum segredo?

*Esop.* Conforme a parte aonde eu o puzer.

*Xant.* Bem sabes, que sou teu Senhor, e que se me fores leal, terás a liberdade; e assim faberás, que eu sou fragil.

*Esop.* Isso sey eu, diga o mais.

*Xant.* E que em materias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas:

das: huma nos olhos, outra no entendimento.

*Esop.* Rico amor será esse com duas vendas.

*Xant.* Com que, não fey que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe que-  
rer bem.

*Esop.* Ora tenha vergonha: hum Filosofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira! Em que consiste a sua Filosofia? Visto isso todos fomos huns?

*Xant.* Olha tu, tambem o amor he Filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

*Esop.* Visto isso, eu tambem sou Filosofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

*Xant.* Quem duvida, que se tens amor, que tambem es Filosofo?

*Esop.* Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por Filosofo; mas não o queria dizer com vergonha.

*Xant.* Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

*Esop.* Quem he Geringonça?

*Xant.* He esta criada de casa.

*Esop.* Olhe vossa mercê, agora fey, que tem bom gosto; pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo he, que todo o amor he geringonça.

*Xant.*

*Xant.* Dizes bem: porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condicão, e não sey se já presume alguma cousa, he me preciso tratar isto com mais cautela, e assim tu has de ser o meu remedio.

*Esop.* Purgativo, ou vomitorio?

*Xant.* Purgativo não, ha de ser vomitorio; porque lhe has de dizer, que à noite me falle no jardim, e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

*Esop.* Senhor, isso ninguem tal faz, se vândijar vossa mercê hum jardim com huma criada; e entãõ aonde havia vossa mercê fallar a huma Senhora?

*Xant.* Não vês tu, que a necessidade não tem ley, por amor; e o jardim, por mais retirado, he o melhor lugar?

*Esop.* Pois se a necessidade não tem ley, por amor desta necessidade falle-se à criada em huma secreta, que he parte privada.

*Xant.* Ora deixa disparates; isto te encomendo lhe digas: olha, não o faiba viva alma.

*Esop.* Eu lhe prometto, que ninguem o faiba.

*Xant.* Mas ella ahi vem; eu me retiro, por me não achar aqui minha mulher; e diz-lhe

—ze-lhe tu, o que te disse: Esopo, segredo, que importa. *Retira-se.*

*Sabe Geringonça.*

*Gering.* He possível, Esopo, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

*Esop.* He possível Geringonça, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

*Gering.* Esopo, ouve-nos alguem, que te quero communicar hum segredo?

*Esop.* Uy Senhores! Eu cuido, que estou prezo nesta casa; pois sempre estou em segredo. *à parte.*

*Gering.* Dize, posso fallar?

*Esop.* Se não tens estupor na lingua, bem podes fallar.

*Gering.* Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

*Esop.* Daqui a porme na forca, não vay nada: mulher eu furteite alguma couza?

*Gering.* Ah ladraõ das almas!

*Esop.* Ladraõ das almas? Eu nunca andey com a bacia.

*Xant.* Não he nada, a moça namorou-se de Esopo! *à parte.*

*Gering.* Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

*Esop.* Se estás perdida de amor: perde tambem

bem as esperanças : mas dize-me , mulher do diabo , que achaste em mim , para me queres bem ? Namorou-te este feitio ?

*Gering.* O meu amor tem mais de pezo , que de feitio.

*Esop.* Namorou-te esta calva ?

*Gering.* Não vês , que a occasião he calva , e tu foste a occasião do meu amor ?

*Esop.* E estas pernas zaimbras são tambem occasião de tu me queres bem ?

*Gering.* Foraõ os arcs , por onde o amor despedio as settas.

*Esop.* Tudo está muito bem ; mas parece-te bem esta corcova ?

*Gering.* Essa corcova foy o monte de Venus , aonde achey a minha buena dicha : mas para que te causas , se para o meu gofsto es hum Adonis , e hum Narciso ?

*Esop.* Ora tomem-se lá com este Adonis , e com este Narciso !

*Gering.* Ora , Esopo , para que te causas , quem o feyo ama , formolo lhe parece.

*Canta Geringonça a seguinte*

A R I A.

Tens tal dengue , tens tal graça ,

Que assim mesmo corcovado ,

Escalvado ,

Tom. I.

L

Ar-

Arrenegado,

Me namora esse rigor.

Ay amor, que linda traça

Para me render, achaste,

Se em Esopo cabeçudo

Narigudo,

Barrigudo,

Tenho posto o meu amor.

*Esop.* Mulher, requirote da parte de Deos, que em me queres bem, não sabes o que fazes: Vaite dahi, que quem se namora de mim, he capaz de se namorar de hum burro.

*Gering.* Tu me desprezas? Olhem, a que chegaraõ os meus peccados! Vejaõ quem! Hum calvo!

*Esop.* Qual calvo; não vês, que esta calva foy a occasião do teu amor?

*Gering.* Tu me desdenhas, zaimbro?

*Esop.* A' gora zaimbro, saõ os arcos, por onde amor despedio as setras.

*Gering.* Tu mo pagarás, corcovado.

*Esop.* Isto não he corcova, he o monte de Venus.

*Gering.* Vaite dahi, caõ com trambolho. *Vais.*

*Esop.* Vaite, cadella com almorreimas.

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Escravo desaventurado, porque não dis-

difste , o que mandey dizer a Geringonça ?

*Esop.* Como o havia de dizer , se vossa mercê me disse , que o não soubesse viva alma ?

*Xant.* Isso não se entendia com Geringonça.

*Esop.* Tenha mão : agora o colho. Vossa mercê me disse , que o não soubesse alma viva ; *atqui* que Geringonça he alma viva : *ergo* Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

*Xant.* Não te quizera tão Filosofo agora.

*Esop.* Como vossa mercê me disse , que amor era Filosofia , quiz tomar bem a lição.

*Xant.* Tal estou de raiva , que te matara agora : não te aconteça outra ; quando te mandar fazer alguma cousa , faze-a como te mando.

*Esop.* Eu o farey.

*Xant.* Andar , não tem remedio : Ouves tu , à manhã tenho de dar hum banquete aos meus discipulos , e te encomendo me ponhas na mesa a melhor cousa do Mundo.

*Esop.* Encomende-me cousas de comer , que disso darey eu melhor conta. *Vaise.*

## S C E N A III.

*Mutaçãõ de Sala , e sabirdõ Periandro , e Ennio.*

*Periand.* **E**Nnio, vós tambem sois convidado para o banquete de Xanto nosso Mestre?

*Ennio.* Os favores particulares, Periandro, seraõ só para vós; porém os publicos seraõ para todos.

*Periand.* Eu não vos entendo.

*Ennio.* Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem publico he, que vós andais namorado de Filena, e sendo eu vosso amigo, e condiscipulo recatais de mim coula, que he tanto do vosso gosto?

*Periand.* Não me crimineis de não vos ter revelado este negocio, pois bem sabeis, que o segredo he alma do amor, e tanto o desejo recatar, que tomara de mim mesmo encobrillo: he verdade, que eu amo a Filena, porque a sua formosura póde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor taõ licito, que não passa os limites da modestia.

*Ennio.* Como lhe podeis fallar, tendo huma mãy de taõ terrivel condiçãõ?

*Pe-*

ou *Vida de Esopo.* 153

*Periand.* Quiz a fortuna trazer para isso a Esopo, que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

*Ennio.* Uy! Tem mais esla habilidade?

*Periand.* He Juiz do officio, e Padre mestre na materia.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Vossas mercês vieraõ a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

*Ennio.* Vamos ver os teus cosinhados. *Vais.*

*Periand.* Esopo, que novas me dás de meu bem?

*Esop.* A boas horas me pergunta pelo seu bem, ao mesmo tempo, que me está a boca do estomago gritando, que quer comer.

*Periand.* Pois falla-me ao depois. *Vaise.*

*Descobre-se hum mesa, e se biraõ assentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.*

*Xant.* Vamo-nos assentando sem cerimonia, que nos banquetes naõ ha mestres, nem discipulos. Mandey a Esopo, que me puzesse nesta mesa a melhor cousa do Mundo; veremos com que elle se desempenha.

*Periand.* Com alguma parvoice: se vossa mercê se fiou da sua eleiçaõ, ficaremos em jejum. *En-*

*Ennio.* Vamos nós comendo, o que está na mesa, pelo fim pelo não, que elle já tarda.

*Sabe Esopo com hum prato.*

*Esop.* Eis aqui a melhor cousa do Mundo.

*Xant.* Descobre, e veremos.

*Esop.* He hum prato de linguas.

*Xant.* Hum prato de linguas? Como? Pois isso he a melhor cousa do Mundo?

*Esop.* Qual he a duvida, que a melhor cousa do Mundo he a lingua? Que cousa mais necessaria no homem, que a lingua? Sem lingua ninguem póde fallar, sem fallar ninguem se entende. A lingua he alma dos conceitos, he o corretor dos commercios, he a taramella das portas da boca, he prancha dos comeres, he o esgaravador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato; com a lingua faz o Arrieiro a celebre cantiga, &c.; em fim, a lingua do caõ he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sey, que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

*Xant.* Nada nos dizes de novo, que bem sabemos, que a lingua he o oraculo do homem: porém havemos só comer linguas?

*Esop.*

ou Vida de Esopo. 155

*Esop.* Senhor, muitos comem do que fallaõ.

*Periand.* Esopo fez o que lhe mandaraõ, como bom servo.

*Xant.* Huma vez, que a melhor cousa do Mundo saõ as linguas, traze-me agora aqui a peyor cousa do Mundo.

*Esop.* Com muito gosto; eu venho já. *Vaise.*

*Periand.* He lastima, que seja cativo, quem tem taõ livre o juizo para discorrer.

*Ennio.* Naõ he essa a primeira semrazaõ da natureza.

*Xant.* Que diabo fazes, Esopo?

*Esop.* Eis aqui a peyor cousa do Mundo. *Sabe.*

*Xant.* Que he isso, que trazes?

*Esop.* Outro prato de linguas.

*Xant.* Pois como? Se a melhor cousa do Mundo saõ as linguas, como agora as linguas saõ a peyor cousa do Mundo?

*Esop.* He Filosofo, e naõ sabe, que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo, a peyor he huma lingua má? Huma lingua má he estrago da honra; ella he a mãy dos mexericos, o pay dos enredos, a irmã das discordias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a farna do focogo, a carépa das consciencias, o despertador das vinganças, e o instrumento da alcovitice: naõ he assim, Senhor. Xanto?

*Xant.*

*Xant.* Dizes bem, eu te perdoo a peça : pois não ha outro remedio , vamos comendo essas linguas, e bebendo duas pingas : ora lá vay à faude de vossas mercês.

*Bebe.*

*Esop.* Isso me parece bem ; accenda-se no templo da barriga as alampadas de Baco.

*Periand.* Lá vay à faude da Senhora Euripedes.

*Bebe.*

*Esop.* Tem razão, vá a virar.

*Ennio.* Periandro, lá vay, já me entendeis.

*Bebe.*

*Periand.* Vá, eu correspondo.

*Bebe.*

*Esop.* Eu com esta garrafa hirey fazendo as razões : lá vay, ou cá vem à faude dos meus achaques.

*Bebe.*

*Xant.* Que achaques tens ?

*Esop.* Agora tenho gotta.

*Periand.* Ennio, nosso Mestre não está todo trigo.

*Xant.* Muy valente foy Hercules Thebanino ! Esopo, vamos queimar estes cães.

*Esop.* Ay, ay, que está puxado !

*Periand.* Apostemos nós, que vossa mercê não ha de beber hum tonel de vinho ?

*Xant.* Sou capaz de beber o mar, tenho dito.

*Esop.* Não zombem com elle, que não só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praya.

*Pe-*

*Periand.* Ora quanto apostá vossa mercê,  
que não bebe o mar?

*Xant.* Aposto tudo quanto possuo.

*Periand.* Está apostado, venha final.

*Xant.* Este annel.

*Periand.* Está feito, quando ha de ser isso?

*Xant.* Quando quizeres.

*Esop.* Vaõ fallando, que eu vou bebendo.

*Xant.* Esopo, leva essa lingua a Geringonça,  
que com ella lhe explico o meu amor.

*Esop.* Assim o farey : Esopo, hoje pódes  
beber francamente.

*Xant.* Viva Baco, e morra o Mundo. *Le-  
vantaõ-se.*

*Esop.* Morra o Mundo, e abraze-se Troya.

*Periand.* Ambos estaõ muy bebados.

*Ernio.* Estou envergonhado de ver esta lastima!  
Nisto paraõ os banquetes!

*Esop.* Estou taõ alegre, que o corpo me  
pede folia.

*Xant.* E a mim coleras, e iras, e parece-  
me, que ouço instrumentos bellicos.

*Esop.* Eu cuidõ, que saõ bandurras; ellas  
saõ, não saõ? Sim saõ, escute, escute,  
saõ, saõ, ellas saõ, pois cantemos.

*Canta Esopo o seguinte*

R E C I T A D O.

Lá vay à faude dos Senhores,

E

E em suaves licores  
 Matarey a cruel melancolia,  
 Em doce hydropesia:  
 A pezar do pezar, e do cuidado  
 Vestir quero a minha alma de encarnado.

A R I A.

Nas guerras de Baco.  
 Sem chuço, ou baoneta  
 Com esta trombeta.  
 Toco a degollar, tan, taran, tan, tan,  
 E ao som deste som, torom, tom, tom,  
 Tudo terá fim, tirim, tim, tim,  
 Prostrando as cavernas  
 De tantas tavernas,  
 Porque dellas possa  
 Baco triunfar.

S C E N A IV.

*Mutação de Camera. Sabem Euripedes,  
 e Geringonça.*

*Eurip.* Geringonça, que fizeste até  
 agora?

*Gering.* Estive na cosinha dando ordem ao  
 banquete, e o negro Esopo me deu tan-  
 ta pressa, que andey atarantada.

*Eurip.* O diabo levara os banquetes. Que  
 ha de ser se o tonto de meu marido deu-  
 lhe

lhe hoje na birra fazer brodios, e nisso tem consumido o dote, que me deu meu pay.

*Gering.* Ay Senhora, tambem vossa mercê agora não tem razaõ: elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, não vejo entrar nesta casa mais, que chicharos, e nabos.

*Eurip.* Oh desavergonhada, essa he a fama, que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprey dez reis de pepinos, e já não ha nenhum.

*Gering.* A minha barriga o sente.

*Eurip.* Bem sey, que o teu mal não he outro, velhaca.

*Sabe Esopo com hum prato na mão.*

*Esop.* Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer sem ti.

*Eurip.* Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

*Esop.* Como lho hey de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

*Gering.* Senhora, elle cheira muito a vinho, não sabe o que diz.

*Eurip.* Assim o creyo; mostra, que he para mim.

*Esop.* He huma balla, he para Geringonça,

ça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella; e por final me disse, lhe disseste que com esta lingua explicava o seu amor

*Gering.* Não te callarás, infame?

*Esop.* Tira-me tu a lingua, que eu me callarey.

*Eurip.* Pois que tem teu Senhor com *Geringonça*, para lhe mandar presentinhos!

*Esop.* Eu, Senhora, não sey, mas o que sey he, que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregaõ, ou barregana, não sendo senão camelaõ.

*Eurip.* Não te entendo.

*Esop.* Senhora, mais claro: meu Senhor querse fazer moço com a moça.

*Eurip.* Já te entendo.

*Esop.* Ora graças a Deos, que já me entendo.

*Gering.* Eu estou tonta!

*Eurip.* He bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Ha mayor defaforo!

*Gering.* Eu, Senhora? Não ha tal. Esopamente.

*Esop.* Lá se avenhaõ, que eu me vou escafedendo.

*Vaise.*

*Eurip.* Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hey de moer.

*Dá-lhe.*

*Gering.* A que delRey, que me mordeu no nariz.

*Eurip.*

*Eurip.* Aqui te hey de fazer em picado com os dentes.

*Gering.* Ay que me mataõ!

*Ha huma bulba, e sabe Xanto.*

*Xant.* Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha?

*Eurip.* Ainda acode por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça? Vossê mandando-lhe pratinhos da mesa?

*Xant.* Quem tal disse mulher?

*Eurip.* Quem o disse? Ainda ha de negar, que o mandou por Esopo? Ora chamê-o, e verá.

*Xant.* O' Esopo? Esopo?

*Dentro Esop.* Estou na tinta; assim sou eu afno, que appareça agora.

*Xant.* Não me ouves, Esopo? O' Esopo?

*Esop.* Estou zingando.

*Xant.* Ora eu te hirey buscar, mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito?

*Esop.* Se eu quizera dizello, entãõ não me escondera.

*Xant.* Anda para cá, insolente; que fazias ahi escondido?

*Esop.* Estava jogando as escondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

*Xant.* Eylo aqui: Ora dize: eu mandey a Geringonça algumas linguas?

*Eurip.*

*Eurip.* Tu não disseste?

*Esop.* Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras: olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

*Eurip.* Tu não mo disseste?

*Esop.* Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas mercês lá brigaõ, lá tem seus ciumes, e eu entãõ he que hey de pagallo?

*Eurip.* Como he isso? Tu o não negues; basta, fique-se com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pay. Estou ardendo! *à parte.*

*Xant.* Senhora, não se vá de casa por vida sua.

*Esop.* Deixe-a ir, que he huma boca me-nos em casa.

*Eurip.* Por estas, bribantaõ, que eu me vey vingada.

*Xant.* Falle bem, aliás ....

*Enrip.* Ainda me indignas mais? Hey de arrancarte essas barbas.

*Cantaõ Euripedes, e Xanto a seguinte*

ARIA A DUO.

*Eurip.* Velho caduco,

*Xant.* Brava insolente,

*Eurip.* Tu com desvêlos  
Com huma michéla?

*Xant.*

- Xant.* Calte, serpente,  
Naõ grites mais.
- Eurip.* Hey de gritar.
- Xant.* Ques-te callar?
- Eurip.* A que del Rey,  
Que meu marido  
Com torpes zelos  
Me quer matar.
- Xant.* Calte, serpente,  
Naõ cuide a gente,  
Que faço tal.
- Eurip.* Por estas, velhaquete,  
Que me hey de ver vingada.
- Xant.* O' louca arrebatada,  
Que me has de tu fazer?
- Eurip.* Hey de me ir para casa de meu pay.
- Xant.* Para casa te irás de Satanás. *Vãise*  
*Euripedes.*
- Esop.* E foy-se como hum foguete de ra-  
bo; porém eu hey de levar os estouros.
- Xant.* E agora, Esopo, que mereces tu  
que te eu faça?
- Esop.* Mereço hum bom premio.
- Xant.* O premio ha de ser este; toma, ve-  
lhaco. *Dalhe.*
- Esop.* Naõ aceito, tire-se para lá.
- Xant.* Vês, infame, que por amor de ti se  
foy minha mulher de casa?
- Esop.* Senhor, cuidava eu, que vossa mer-  
cê

cê me havia de agradecer o affugentarlhe de casa hum dragaõ, huma vibora, e hum basilisco, que era aqui o venenõ desta casa; e sobre fazerlhe este bem, ainda vossa mercê se agalta? E senaõ veja: he certo, que vossa mercê queria fallar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor occasiaõ podia vossa mercê ter, do que indo-se de casa a Senhora sua mulher; pois agora sem sustos, nem sobrefaltos, pôde fallar com ella, naõ só no jardim, porém em cima do telhado. Com que, Senhor, por bem fazer, mal haver.

*Xant.* Bem sey tudo isso; mas que dirão os parentes de minha mulher?

*Esop.* Peyor será, quando vossa mercê perder tudo quanto possue.

*Xant.* De que sorte?

*Esop.* De que sorte? Naõ se lembra, que prometteo no banquete beber o mar, e se o naõ fizeffe, que perderia toda a sua fazenda?

*Xant.* Eu disse tal cousa?

*Esop.* E por final que deu o seu annel; com que vossa mercê ha de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda.

*Xant.* Mal haja o banquete, e mal haja o vinho, e mal haja eu, que me embebedey.

*Esop.*

*Esop.* Vossa mercê cuida, que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que também me embolquey, mas com tanta prudencia, que não me meti a apostar, nem a não apostar.

*Xant.* Já não tem remedio; o ponto está, como me hey de eu haver; porque confessar que estava bebado, he injuria, e grande ignominia; beber o mar he impossivel, perdér os meus bens impraticavel: que farey neste caso, Esopo?

*Esop.* Matar-se com hum pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

*Xant.* O' Jupiter, para quando guardais os rayos?

*Esop.* Ha de dizer isso a Baco, e não a Jupiter.

*Xant.* Meu Esopo, agora he que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

*Esop.* Pois, Senhor, para quando são as suas Filosofias? Assentemos nós, que a Filosofia não serve, senão para argumentar, e quebrar a cabeça.

*Xant.* Pois homem para esta occasião he que eu quero, que me valhas; tens a liberdade, já to disse.

*Esop.* Promette-me a liberdade? Veja lá o que diz?

*Xant.* Prometto.

*Esop.* Levante o dedo para o ar.

*Xant.* Não só o dedo, mas toda a mão.

*Esop.* Ora pois, ande comigo, que o tirarey desse mar, e o porey em porto salvo.

*Xant.* Vê lá o que dizes.

*Esop.* Ande, ande, que mal sabe com quem  
vay. *Vão-se.*

## S C E N A V.

*Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sabirão Periandro, Ennio, e os mais que puderem.*

*Dentr.* **V** Amos ver a Xanto beber o mar.

*Outr.* **V** Vamos para a praya, andem depressa, para tomarmos lugar.

*Sabem Periandro, e Ennio.*

*Periand.* Confesso-vos, Ennio, que já estou arrependido da aposta; porque bem fey, que Xanto não ha de beber o mar.

*Ennio.* Deixay, que isso he bom, para se dar hum alegraõ ao povo.

*Periand.* A gente vem concorrendo cada vez mais.

*Sabem Filena, e Geringonça com os rostos cubertos.*

*Gering.* Senhora, ahi o que está de gente,  
pa-

para ver as habilidades do Senhor seu pay!

*Filen.* O caso he, Geringonça, que meu pay está muy caduco, e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer, que ha de beber o mar?

*Gering.* Lá está Periandro, e Ennio.

*Filen.* Já os vi; tem sentido, e não os percas de vista.

*Gering.* E se nos conhecerem aqui?

*Filen.* He impossivel entre tanta multidaõ de gente; e mais vindo nós disfarçadas.

*Periand.* Muito tarda este bebedor dos mares.

*Sabem Xanto, e Esopo, e todos daraõ muitos gritos, e rizadas.*

*Tod.* Victor, lá vem o bebedor dos mares.

*Esop.* De que se riem? De que fazem algazaras? Pois saibaõ, que o Senhor Xanto, não só he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.

*Xant.* Esopo, que he o que determinas fazer? Não vês este povo alvoroçado, e o meu credito em balanças?

*Esop.* Eu ferey o fiel deffas balanças; e verá quanto peza o meu talento.

*Periand.* Senhor Xanto, por vossa mercê se esperava; vamos a isto.

*Xant.* Esopo, e agora que hey de dizer?

*Esop.* Valha-o mil diabos, não tema, tenha

valor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou; e assim primeiro que o faça, quer desencarregar a sua consciencia; pois bebendo o mar como com o favor de Deos o ha de fazer porque tem barriga para tudo: eisque bebido o mar, por força o ha de urinar e urinando-o, ha de alagar toda esta terra, e morrerão todos affogados.

*Periand.* Para tudo ha remedio, depois que Xanto beber o mar, torne a ourinallo na mesma praya, e irá o mar para o seu mesmo lugar.

*Xant.* Está bem; e se os peixes me entram pela goela, como ha de ser isso?

*Esop.* Não diga asneiras; pois para não engolir os peixes, podia beber o mar por hum funil: essa não he a duvida, o caso he, que prometteo beber o Senhor Xanto?

*Periand.* Prometteo beber o mar.

*Esop.* Pois bem, como a aposta foy de beber o mar sómente, mandem fechar todos os rios, que vão dar ao mar; porque de outra sorte beberá, não só a agua do mar, mas tambem a dos rios, o que não he da aposta.

*Periand.* Como he possível fechar quantos rios vão dar ao mar?

*Esop.*

ou Vida de Esopo. 169

*Esop.* Se vossas mercês não podem fazer hum impossivel, tambem meu Senhor não póde fazer outro impossivel.

*Ennio.* Tem razão Esopo.

*Xant.* Fechem os rios, e eu beberey o mar, para que estou prompto.

*Periand.* Isso he impossivel: desfaçamos a aposta.

*Xant.* Desfaçamos.

*Todos.* Victor Xanto.

*Outr.* Victor Esopo.

*Esop.* Victor eu, e victor amigos.

*Xant.* Anda, que te quero dar a liberdade, pois me livraste deste empenho. *Vaise.*

*Esop.* Vamos a casa de hum Tabelliaõ para passarme a carta de alforria: vou taõ contente! *Vaise.*

*Filen.* O' Geringonça, não te descubras, que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

*Gering.* Diz bem; vejamos o que faz.

*Periand.* Senhoras, querem hum criado para as acompanhar? Não lhe merece reposita o meu rendimento? Só com accenos me dizem que não. Valha-me Deos, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hey de seguilla. Não te vás, formosa Venus, que sem duvida nasceste agora das escumas desse mar, para abraçar os

corações ; se como a Deidade te adoro não desprezes as victimas de hum coração ; descobre esse rostinho , que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem : não importa , que me cegues com rayos , se amor já me cegou com delicias.

*Filen.* Huma vez que queres , que me descubra , aqui me tens.

*Gering.* E a mim tambem. *Descobrem-se.*

*Periand.* Que he o que vejo ? Estou corrido ! Cuidavas , Filena , que te havias de ir , sem que me fallasses ?

*Filen.* Queres agora dizer , que sabias , que era eu , falso , ingrato , inconstante ? Esses são os teus extremos ? Essas as tuas finezas ? Taõ depressa te mudaste ?

*Periand.* Filena , não tens razão ; eu bem sabia que eras tu ; mas como estavas galanteando comigo , eu tambem quiz fingir , que não te conhecia , sómente para te ouvir ; e quando isto não fora , ahí verás , que quando cheguey a amar , sempre foy a ti , e não a outrem ; pois ainda que te não conhecesse , não sey que sympatico influxo me arrebatava o coração , que te estava querendo.

*Filen.* Sempre me offendeste na imaginação de que eu era outra.

*Periand.* Meu bem ; meu amor , nem por  
pensamento te offendi ; e se acaso me não  
crês , deixa-me sepultar nesse mar , que  
só assim verás , que mais quero a morte ,  
que viver nos desagrados de teus olhos.

*Filen.* Tem maõ , que eu não quero fine-  
zas mortas ; deixa-me , Periandro , deixa-  
me lamentar as tuas falsidades ao som da  
minha magoa.

*Canta Filena a seguinte*

A R I A.

Nesse liquido elemento ,  
A pezar de meu tormento ,  
Vejo , ò falso , o teu retrato ;  
Pois que tanto se parece  
Na inconstancia a esse mar.

Donde está , tyranno ingrato ,  
A constancia , que dizias ?  
Donde a fé , que promettias ?  
Pois não sabes ser amante ,  
Por mudavel , inconstante ,  
Leve o mar o teu amor. *Vaise.*

*Periand.* Espera , Filena , não te vás com  
tanta celeridade ; porém hey de seguir-  
te a pezar da tua ligeireza , que se amor  
te formou das penas azas , também sabe-  
rey fazer dessas azas pennas. Geringon-  
ça detém a Filena.

*Gering.*

*Gering.* Fez muito bem; vossês são falsos e te querem dourar? pois soffraõ estes desprezos.

*Vaise.*

## S C E N A VI.

*Praça. Mutaçãõ de noite, e sabe Esopo.*

*Esop.* **C**Om a turba multa da gente me perdi de meu Senhor Xanto, e isto he já noite: aonde acharey a este maldito? Estará em algum taverna? Pois aqui mora hum Tabelliaõ, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que este he o Tabelliaõ da casa: Ora graças a Deos, que já não ferey singelo, senaõ forro; e eu forrado, poderey com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bugia preza no cepo de meu coraçãõ, e eu lhe farey taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

*Sabem Messenio, e Guardas.*

*Mess.* Quem vem ahi?

*Esop.* Eu, Senhor, não vou, venho.

*Mess.* De donde vem?

*Esop.* Eu venho da geraçãõ de meu pay por ascendencia.

*Mess.*

*Mess.* Que armas traz?

*Esop.* Ainda o Rey de Armas me não abriu as minhas.

*Mess.* Vossê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a ver se leva alguma faca.

*Esop.* Senhores, se eu venho a pé, como hey de trazer faca?

*Mess.* Busquem-no bem.

1. *Hom.* Aqui tem huma coufa na algibeira.

*Mess.* O que he?

*Esop.* Isso he hum corno, que trago aqui por amor do quebranto: Uy, Senhores, vossas mercês querem buscar lá por de traz.

2. *Hom.* Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

*Esop.* A que delRey, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando: busquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado sim.

*Mess.* Que trouxa he essa, que traz ahi nas costas? Tirem-lha fóra, e vejamos.

*Esop.* Se vossas mercês ma tirarem, digo, que são valentes.

1. *Hom.* Ella está atada de forte, que a não posso tirar.

*Mess.* Que he isso, que levas ahi?

*Esop.* Não he nada; he huma corcova para servir a vossas mercês.

*Mess.*

- Mess.* Apostemos, que es Esopo?
- Esop.* Com que só Esopo he corcovado?
- Mess.* Dize, para onde vás?
- Esop.* Eu não sey para onde vou.
- Mess.* Assim respondes à Justiça? Levem-no prezo.
- Esop.* Vejaõ vossas mercês se disse eu bem, que não sabia para onde hia; pois na verdade, que eu não sabia, que hia para a cadêa.

*Sabe Xanto.*

- Xant.* Donde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes, sem poder topar com elle? Alli está a Justiça: voume retirando.
- Mess.* Quem vem lá?
- Xant.* Amigos.
- Mess.* Que amigos?
- Xant.* Sou Xanto Filosofo.
- Mess.* Senhor Xanto, veyo vossa mercê a boas horas.
- Esop.* A boas horas veyo vossa mercê, às aveffas.
- Xant.* Senhor Messenio, que fez Esopo, pois o tem prezo?
- Mess.* Por não fallar com cortezia à Justiça.
- Xant.* Vossa mercê, Senhor Messenio, por quem he, ha de soltar a Esopo; pois bem sabe, que he bobo, e chacorreiro; e se
- al-

alguma cousa respondeo , feria por graça.

*Mess.* Bastava ser cousa de vossa mercê para o soltar. Soltem a Esopo.

*Esop.* Pó diabo , como fede ! Os esbirros deviaõ soltar algum prezo.

*Xant.* Vossa mercê viva mil annos , Senhor Messenio , pela galantaria , que me fez de soltar a Esopo.

*Esop.* Vossa mercê viva mil annos , pela galantaria , que fez em prenderme.

*Mess.* Vamos correndo o bairro. *Vaõ-se.*

*Esop.* Ora , Senhor , aqui mora hum Tabelliaõ ; vamos , para me fazer a carta de alforria.

*Xant.* Qual alforria ?

*Esop.* Esta agora he bonecra ? Vossa mercê naõ me disse , que se o livrava de beber o mar , ficando com credito , e honra , que me havia de dar a liberdade ?

*Xant.* Assim o disse , naõ o nego ; mas eu já te dey a liberdade.

*Esop.* De que fórma ?

*Xant.* Quando eu aqui cheguey , estavas prezo , e por amor de mim te soltaraõ : logo já te dey a liberdade , e tenho cumprido a minha palavra.

*Esop.* Esta naõ sabia eu ; assim se pagaõ os beneficios ? Mas eu tive a culpa. Deixara-o eu beber o mar , que quando nada

da podia ficar hydropico com muita facilidade; e não fora eu taralhaõ, que o livrara dessa entaladura; porém eu me vingarey.

*Xant.* Olha, Esopo, se me trouxeres minha mulher para casa com alguma industria, eu te darey a liberdade.

*Esop.* Metame aqui o dedo na boca para ver se o mordo: *Nó es la burla para dos vezes.*

*Xant.* Anda para casa: não te agastes. *Vaise.*

*Esop.* Vou feito hum vinagre. *Vaise.*

## S C E N A VII.

*Mutaçaõ de Exercito. Tocaõ tambores, e clarins, e sabirãõ Cressõ, Rey de Lidia, e Temistocles a cavallo.*

*Tem.* **I**Nvicto Cressõ, Rey de Lidia, aonde intentas passar com os triumphos? Sem duvida queres escurecer o nome, e valor do mesmo Marte.

*Rey.* Temistocles, quando os homens, como eu, chegaõ a desembainhar a espada, ha de ser para conquistar o Mundo: já toda a Asia me obedece, e a mayor parte da Europa, agora me falta avassalar esta pequena parte da Grecia; e seja de todas esta a primeira, que sinta o rayo da

da guerra , pois degollada a cabeça , o corpo logo se prostra.

*Tem.* Os Athenienses, Senhor, são tão déstros nas armas , como nas letras ; e bastava haver nella tantos sabios , para ser difficil renderse ; que o bom conselho he o que dá as victorias , mayormente tendo lá hum homem , a que chamaõ Esopo , que dizem , que he astucioso , e de grandes ardís.

*Rey.* Quem faz caso de hum homem à vista de hum Exercito ? Que gente temos ?

*Tem.* Cincoenta mil homens de Infantaria , e vinte e quatro de Cavallaria , fóra os vivandeiros , e gastadores.

*Rey.* Toca a passar mostra , que quero reclutar as tropas , e batalhões , e delles escolher poucos , e bons , para ir sobre Athenas ; e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cabos , que eu nomear.

*Tem.* Toca a passar mostra.

*Hiraõ sabindo os Soldados ao som da caixa.*

*Rey.* Temistocles , vinde tomar as ordens , e chamar os Cabos a conselho.

## S C E N A VIII.

*Descobre-se hum Templo, e no fim delle estará  
 huma estatua de Jupiter, ao pé da qual ha  
 de haver huma Aguia com tres rayos nas  
 unhas, a qual se ha de mover a seu tempo, e  
 cantará o Coro; e ao mesmo compasso irão sa-  
 bendo Messenio; Xanto, Periandro, e Esopo,  
 o qual dançará, e depois que se cantar, toca-  
 ráõ tamborès.*

*Esop.* **A** Qui nos córrem a caixa.

*Mess.* **Q**ue novidade he esta?

*Xant.* Isto he caso nunca visto!

*Sabe Ennio.*

*Ennio.* Senhores, toda a Cidade está alvo-  
 rotada à vista de hum poderoso Exerci-  
 to, com que ElRey Cresso de Lidia vem  
 destruindo os campos, e já à vista das  
 nossas muralhas; e tu, Messenio, como  
 General das armas sahe a defendernos.

*Mess.* Eu vou, e verá ElRey Cresso o meu  
 valor.

*Esop.* Sempre tive agouro com este Jupi-  
 ter. Valha o diabo a ElRey Cresso, que  
 no melhor que eu estava fazendo hum  
 contratempo, nos veyo fazer hum pas-  
 sapié daqui fóra.

*Mess.*

*Mess.* Vamos, Senhores.

*Xant.* Espetay ; pois já que estamos aqui no templo de Jupiter , consultemos o seu Oraculo , e o que elle nos disser , obra-remos.

*Periand.* Aconselhou como sabio.

*Mess.* Pois, Xanto, pergunta tu, que como douts o farás melhor.

*Esop.* Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

*Xant.* Grande Oraculo de Jupiter, como resistiremos a ElRey Cresto de Lidia?

*Esop.* Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opiniaõ neste Mundo.

*Haverá como terremoto, e estrondo.*

*Esop.* Irra, que terremoto! O templo parece, que se vem abaixo! Este Jupiter será gago, que tanto lhe custa a fallar?

*Canta-se o Recitado seguinte, como em resposta do Oraculo de Jupiter.*

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais escravo  
Consultay, que he hum Oraculo vivente,  
E vereis claramente,  
Do que saber quereis o defengano:  
Elle será o remedio deste dano;  
E para que o saibais com mais clareza,  
Dessa Aguia reparay na ligeireza.

*Voa a Aguia acima dita, e se poem sobre a cabeça*

*ça de Esopo , que cabirá por terra , e depois se hirá pôr como estava.*

*Esop.* Vossês não vem a paílara , que anda voando de verdade ?

*Xant.* A Aguia de Jupiter voando ! Isto he novidade ! E vay direita para Esopo.

*Tod.* Que portento !

*Esop.* Xó diabo. Passa fóra.

*Xant.* Deixa, não enxotes, tollo ; olha que he sacrilegio.

*Esop.* Com que por ser de Jupiter, deixa-rey que me tire hum olho ; e mais de que eu sey por ventura se he Aguia, ou corvo ? E isto com tres rayos nas unhas , que me chamusque o cabello.

*Xant.* Quem será o venturoso , sobre quem se ponha esta Aguia.

*Esop.* Eu sou o venturoso desgraçado : xó , a que delRey !

*Voa outra vez a Aguia , e torna para o mesmo lugar , e levanta-se Esopo*

*Periand.* Sem duvida , que Jupiter quer , que Esopo seja o Oraculo.

*Mess.* Pois responda Esopo.

*Xant.* Que ha de dizer hum escravo ?

*Esop.* Eu não tenho duvida em descifrar este enigma da Aguia ; mas ha de ser com condição , que me haõ de dar a liberdade.

*Tod.* Dê-se a liberdade a Esopo.

*Mess.*

*Mess.* Xanto, dá a liberdade a Esopo; quando não lha dará o povo, e ficará livre.

*Xant.* O que hey de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

*Esop.* Agora fim. Nobres Athenienses, daime attenção, que fallo sério. Bem vistes, que a Aguia de Jupiter se poz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio delRey Cressô nos quer avassallar; mas como depois disso o escravo conseguio liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna, se seguir os meus conselhos.

*Xant.* Bem descifrado enigma!

*Tod.* Viva Esopo, e elle seja o director desta guerra.

*Xant.* Esopo, aquella casa he tua; ainda que liberto estás, não te apartes de mim.

*Esop.* Algum diabo, que eu me vá de casa, estando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a servir, e a mostrar-me seu amante às escancaras: Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

*Tod.* Viva Esopo nosso libertador.

*Esop.* Não gabem a porca, antes de passar o marraõ.

*Tod.* Vamos a pelear.

*Canta o Coro, e se dá fim à primeira parte.*

## P A R T E II.

### S C E N A I.

*Mutação de Selva, e no fim haverá hum Palacio, donde estará a mulher de Xanto, e sabe Esopo.*

*Esop.* **V** Enho deitando o bofe pela boca fóra: bofé que ainda depois de liberto não tenho huma hora de socego; pois meu patraõ está ateimado, a que lhe leve para casa a mulher, que lhe fugio; a isto venho eu com tanto perigo; porque os inimigos não tardaráõ muito em vir; se me agarraõ, lá vay Esopo cos diabos: como trarey eu esta maldita mulher para casa, que huma mulher teimosa he peyor, que hum cancro, que não tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e se me não engano lá está huma mulher; e pelo far-

fartum da colera he a Senhora Euripedes; pois agora a ella lhe arderá o rabo. Ha por aqui quem venda alguns perus, patos, gallinhas, coelhos, e outras cou-las comestiveis?

*Eurip.* Esopo, que he isso, que buscas? Anda cá: He possivel, que me não vies-ses ver até agora?

*Esop.* Ay Senhora, confesso-lhe, que não renho tido huma hora de meu com o ca-samento de meu amo, o Senhor Xanto.

*Eurip.* Como he isso? Xanto casa? Pois eu já morri?

*Esop.* Provera a Deos: *à parte.* Sim Senho-ra, casa o Senhor Xanto com a mais lin-da rapariga, que ha nesta terra. Ape-nas vossa mercê se foy de casa escuman-do como huma cadella de fila, quando logo foraõ tantos os casamentos, que sa-hiraõ a meu amo, que isso foy huma couza nunca vista; ajuntaraõ-se na por-ta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras diziaõ: eu, eu. Entaõ acabey de ver, quanto valia hum Filo-soso. Meu amo, vendo que choviaõ nelle mulheres como na rua, mandou que subissem todas, e que o levasssem por opposicaõ, visto estar vago o estrada de vossa mercê: foy couza para ver o co-

mo ellas se oppunhaõ humas às outras. Qualquer dellas sabia bem da arte de amar ; porém Geringonça , ( que tambem entrava no Concurfo ) levou a palma em vida ; e como meu amo estava affeioado de Geringonça , ella foy a que triumphou , e com effeito está teúda , e manteúda em casa : à manhã se faz o casamento , para o que venho a apenas todas as aves de penna : a Deos Senhora. Ha por aqui quem venda alguns perús , patos , ou gallinhas ?

*Eurip.* Espera , Esopo ; olha cá o que te digo.

*Esop.* Se tem alguns perús para vender , venhaõ , que os quero comprar.

*Eurip.* Elle pagará o pato. Ha mayor defaforo ! Que este magano de meu marido não baltã namorarfe da criada , mas tambem casar com ella ! Estou humas vibora.

*Esop.* Eu o creyo.

*Eurip.* Xanto casarfe com outra mulher ? Isto he crível ?

*Esop.* Pois se elle está vivo , não se fora vossa mercê de casa.

*Eurip.* Espera , Esopo , que eu vou contigo perguntar a esse insolente , se ha de casar com outrem , estando eu viva ?

*Esop.*

ou Vida de Esopo. 185

*Esop.* E taõ viva , que tem o espirito no corpo.

*Eurip.* Se apanhara agora aquelle velhaco , lhe havia dar muito couce : estou arden- do com zelos ! Montanhas , como naõ cahis sobre mim para sepultarme ?

*Esop.* Espere , se quer que caya hum tron- co sobre o seu corpo , isso farey eu.

*Eurip.* Deixa-me , Esopo , que estou zelosa.

*Esop.* Parece que lhe ardeo o rabo.

*Canta Euripedes a seguinte*

A R I A.

A vibora insana  
Dos zelos com ira  
Penetra tyranna  
O peito , que espira  
Nas ancias da dor.

Frenetica morro ,  
Afflicta suspiro ,  
Languenta respiro  
Nos zelos de amor.

*Vaise.*

*Esop.* A' fé que ella vem para casa ; ora já logrey o meu intento : mas que ouço ? Tambores ? O inimigo já vem chegan- do , vamos a defender a Praça.

*Toca o tambor.*

SCE-

## S C E N A II.

*Mutação de Arrayal, e no fim estará hum Castellò com gente de guerra, e sabem El Rey Cresso, Temistocles, e mais Soldados.*

*Tem.* **S**oberbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem conquistáveis!

*Rey.* Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hey de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

*Tem.* Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerario.

*Rey.* A prudencia he capa dos medrosos: o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volantim à Praça, e diga aos Athenienses, que quem se acha nesta campanha, he El Rey Cresso de Lidia, a cujo valor se tem sujeitado todo o Peloponesso; que me acho com a flor de minhas tropas, que se se quizerem sujeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo, escusarão de

expe-

ou Vida de Esopo. 187

experimentar os rigores da guerra , e hum assalto rigoroso ; e quando não , não ficará pedra sobre pedra.

*Hirá hum Volantim ao muro , e dará o mesmo recado , ao que respondem da muralha.*

*Mess.* Dizey a ElRey Cresso de Lidia , que Athenas , como soberana , nunca reconheceo Superior ; e que o seu exercito não nos assombra ; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas , que são as do entendimento , e as da guerra ; e assim , que nós resistiremos até morrer.

*Rey.* Notavel resolução !

*Canta o Rey a seguinte Aria , e Recitado , e depois da-se o assalto.*

RECITADO.

Animo , pois , Soldados valerosos ,  
Castiguemos a barbara ousadia  
De Athenas temeraria ,  
Sentindo o insensível  
De Mavorte feroz a furia horrível.

A R I A.

A fabrica altiva  
De tanto edificio  
Cruel sacrificio  
De Marte será.  
O fogo que accende  
Bellona no peito ,

O muro desfeito  
Em cinzas fará.

*Rey.* Valerosos Soldados , neste primeiro assalto consiste a honra , e o valor. Toca a investir.

*Toca-se* , e se dá o assalto , arrimando duas escadas , por onde subirão alguns Soldados a brigar com os da Praça , e se lançará ao mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistencia , entre as vozes dos Soldados , dirá o *Rey*.

*Rey.* Toca a recolher ; suspenda-se q assalto , que morreo muita gente.

### S C E N A III.

*Mutação de Sala* , onde estaraõ Xanto , Ennio , e Periandro , e haverá como huma grande cadeira no fim.

*Xant.* **N** Aõ he razaõ , que pelo exercicio das armas se suspenda o das letras ; e assim em quanto pelejaõ os Soldados no muro , naõ quero esteja ocioso o discurso nas aulas , sentemos , e vá de argumentos.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Ay , quem me acode , que morro ?

*Xant.*

*Xant.* Que tens? Que te succedeo?

*Esop.* Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que deraõ hum assalto na Praça.

*Periand.* Pois vencemos?

*Esop.* Eu, supposto lá me achasse, não vi cousa alguma.

*Periand.* Como? Isso implica.

*Esop.* Não implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quer ver ha de pagar à porta; e quiz a minha desgraça, que não levava dinheiro; e como me virão sem laya, deraõ-me logo huma baixa redonda.

*Periand.* Bom director temos para esta guerra? Entendo, Esopo, que se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos delRey Cresso.

*Esop.* Se isso assim for, pegue vossa mercê no Senhor Jupiter, e dê-lhe muito açoute; pois elle foy o que me alcovitou para ser General desta guerra.

*Xant.* E que novas me dás de minha mulher?

*Esop.* Ainda essa he peyor guerra, porque he huma guerra porca; pois quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciencia, cada

da palavra he huma balla , e cada saliva  
hum perdigoto.

*Xant.* Pois , homem , vem para casa , ou  
naõ ?

*Esop.* Esteja descansado , que ella logo vem ;  
porém ( ainda que mal pergunte ) hoje  
ha aqui conclusões ?

*Xant.* Ha huma conferenciafinha ; e tu  
Esopo tambem has de argumentar.

*Esop.* Quem defende ?

*Periand.* Eu defendo tres pontos.

*Esop.* Quaes são , que eu tambem quero  
meter o meu bedelho ?

*Periand.* As questões são curiosas.

*Esop.* Diga , que tambem sou curioso.

*Periand.* O primeiro ponto he : Que o ma-  
yor indicio do amor he o andar hum  
amante triste. O segundo ponto he :  
Que o amor , para ser perfeito , ha de  
ser cego. E o terceiro definir , que cou-  
sa he o amor.

*Xant.* Eu presido ; argumente Ennio , e  
Periandro.

*Esop.* Na terra dos cegos quem tem hum  
olho he Rey. Argumente o Senhor En-  
nio , que eu estou já pullando para es-  
grimir a espada da eloquencia.

*Ennio.* Ora contra o primeiro ponto , em  
que se affirma , que o mayor indicio do  
amor

amor he andar triste hum amante , argumento assim : A tristeza he indicio do desgosto ; o amor he o mayor gosto : logo não póde ser a tristeza indicio de hum gosto , qual he o amor.

*Xant.* Repita.

*Periand.* Nego , que o amor seja o mayor gosto.

*Ennio.* Provo : Se o amor não fora gosto , todos o aborreceriaõ ; e como todos procuraõ o amor : logo o amor he gosto.

*Periand.* Todos appetecem o amor com vontade constringida , concedo ; com vontade livre , nego.

*Xant.* Admiravelmente ; porque a vontade forçada não he vontade.

*Esop.* Isso se acaba com a experiencia ; vamos às Galés , e faça-se anatomia em hum forçado , para ver se tem a vontade livre.

*Ennio.* Contra.

*Esop.* Ora calle-se , que não ha de levar a melhor de seu Mestre ; pois ainda que diga huma atneira , sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo , que hey de baqueallo : *Faciat mihi dicendi veniam , Pater Magister barbatus , & enamoratus cum Mixela sua , contra punctum corridum sic argumentor* : Se o indicio mayor do amor

amor fosse a tristeza , *non tangeretur violam Barbeirus visinbum meum , ad namorandam cachopam : sed sic est* , que a viola he significativo da alegria : *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur de coufa alegre.*

*Periand.* Nego a menor , que seja a viola significativo da alegria ; pois às vezes nella se tangem sons tristes.

*Esop.* *Non potest esse : argumentor ita :* Não haverá Barbeiro , que *ad namorandam , vel bichancreandam fregonam non tangat oitavado ; atqui* que o oitavado he som folgazaõ ; *ergo amor inginbatur* com coufa alegre.

*Xant.* Distingo : O oitavado he som folgazaõ , *ut vulgò* o arrepia , concedo ; porém se he o oitavado molle , nego.

*Esop.* Tudo o que he molle , se arrepia ; o cabelo se arrepia , porque he molle ; *ergo* o oitavado molle , e o arrepia se não podem separar , por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem reposta ; assim o diz Galeno : *Omne molle arripitur* , ou *surripiatur* , como diz a Glofa.

*Xant.* Ora calte , que não dizes nada.

*Esop.* Olhem vossas mercês , sempre hum exemplo aclara muito hum calcanhar : vá fóra da fórma ; Se a tristeza fora signifi-

gnificativo do amor, seguirsehia, que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não ha animal mais triste, melancolico, e forumbatico, do que o burro; e assim, ou vossa mercê me ha de conceder, que o burro he amante, ou ha de negar, que a tristeza não he sinal de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc?*

*Xant.* Digo que tens razaõ.

*Ennio.* Victor Esopo; boa paridade!

*Esop.* Pois eu não o disse por paridade; o certo he que eu sou hum grande talento.

*Ennio.* Contra o segundo ponto das conclusões, que diz, que o amor, para ser perfeito, ha de ser cego: o amor reside na vontade; o entendimento he o farol, que guia a vontade: logo se a luz do entendimento allumiara a vontade, nunca o amor seria cego.

*Periand.* Respondo, que nesse caso tambem o entendimento está cego. Se o entendimento está sem luz, como pôde guiar a vontade?

*Esop.* Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: *totus amor est albarda: atqui que albarda est enxerga; ergo o amor ha de enxergar.*

*Xant.* Quem te disse a ti, que o amor era albarda?

*Esop.*

*Esop.* Uy, Senhor, desde que me entendo,  
ou antes de me entender, sempre no ber-  
ço me embalaraõ com aquella cantiga :

O amor he huma albarda,  
Que se poem em quem quer bem ;  
Eu por naõ ser albardado,  
Naõ quero bem a ninguem.

*Xant.* Isso he questaõ de nome ; vamos ao  
terceiro ponto , que he definir o amor.

*Periand.* Agora defina Esopo o que he amor,  
que nós lhe argumentaremos.

*Xant.* Dizes bem ; ouçamos o que diz , e  
vejamos o seu juizo.

*Ennio.* Bem está , que elle tem grande jui-  
zo ; assim o tivera eu.

*Esop.* O meu juizo já andou demandado  
em juizo ; mas eu , por lhe fartar a von-  
tade , me subo à magistral , e definirey  
o amor.

*Tod.* Ora ouçamos a Esopo ; chiton.

*Sobe Esopo à cadeira, e assentandose nella diz:*

*Esop.* Vulcano , aquelle celebre Ferreiro ,  
a quem a Gentilidade hypothecou o do-  
minio do fogo , foy marido de Venus ;  
(ainda que outros dizem , que Venus he  
que foy sua mulher) valha a verdade , que  
eu com isso me naõ meto ; o que eu sey  
he , que estando Venus ao pé de huma  
bigorna , em que Vulcano estava baten-  
do

do hum ferro em braza, e sobre este descarregando o martello, eisque falta huma faisca, préga-se na barriga de Venus, e como à queima roupa, atea-se o incendio na camisa; mas quiz não sey quem, que como Venus era filha do mar alto, o fogo a não pudesse abraçar, fazendo-lhe huma empolla na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a belleza he isca, que com qualquer fogo se atea; he mécha, que com qualquer isca pega; he polvora, que com qualquer faisca estoura: bem se vio no presente caso, mas não parou ahi o estrago, porque a tal empollafinha, ainda que diziaõ os Medicos, não he nada, não he nada, ella em nove mezes cresceo de tal forte, que parecia hum tambor. Vendo-se a formosa Venus em tanto perigo, mandou chamar tres velhas suas conhecidas, e insignes mesinheiras. ( Eraõ ellas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos muy pareas ) Cada huma conforme a sua antiguidade foy-lhe apalpando a barriga: a primeira velha disse: Senhora, a barriga de vossa mercê tem tal quentura, que me persuado, que tem nella hum incendio. Disse a segunda:

da : Pois eu se me não engana o tacto. acho a barriga de vossa mercê tão dura, que cuido tem dentro della hum calhão. Respondeo a terceira velha : Com licença das Senhoras Comadres , cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga , he hum bicho ; pois pelos saltos , que dá nella , assim me atrevo a affirmar. Palavras não eraõ ditas , quando estoura Venus pelas ilhargas , e sahio como hum ma pelota hum rapaz cego de ambos os olhos , com aljava ao hombro , e na mão hum arco ; e pondo-se logo em pé , disse a crianca : Não quebrem a cabeça , que o que minha mãy tinha na barriga era o amor , que sou eu. Vendo as velhas este prodigio , disse a primeira : Não cuides , Cupido , ( que o rapaz logo trouxe o nome comfigo ) não cuides , que me deste quináo , pois tanto montava dizer , que Venus tua mãy tinha na barriga hum incendio , que o ter amor ; porque amor , e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum deſdem faz o amor seu foguete , e de rabo , quando dá as costas aos carinhos , por mais que busca pé , para disparar nas meninas dos olhos o foguete de lagrimas , que chora ? Todas as arvores de geraçõ

saõ esgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque; porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borrarho, para os moços esquentador, para os afnos fogo salvagem, para os lacayos fogo lento, para os tafuis fogo viste lingoiça, para os pretos tição, para os rapazes fogueira, e para todos inferno. Disse a boa da minha primeira velha; quando a segunda, inchando o gorgomillo, e encrescando as cordoveas, disse: Pois na verdade, que me não enganey em dizer, que Venus tinha hum calhão na barriga; pois nenhuma outra couza he o amor sennaõ huma pedra, e sennaõ vejaõ: A cabeça do amor he pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos; a testa he marmore, de que se lavraõ as estatuas da ausencia com o buril da memoria; os olhos saõ esmeraldas, cor da esperança, com que engana; a boca rubim, pelo sanguinolento; a garganta pedra hume, pelo que aperta; o peito diamante, porque hum amor só com outro amor se lava; os braços, por victoriosos, pedras victorinas; as mãos pedra

lipis, pelo que cauterizaõ, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor, pelo forte, rocha viva; quando prostra, pedra de rayo; quando engoda, pedra de affucar; quando attrahe, pedra iman; quando experimenta finezas, pedra de tocar; quando vence impossiveis, a melhor pedreira; e quando doura aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres, pedra de estancar sangue; para os homens, pedra de funda; para quem foge, ou as amóla, rebollo; para os barbeiros, pedra de affiar; para as cosinheiras, pedra de ferir lume; para os mochilas, pedra da rua; para os marujos, lancho da praya; para os meninos, confeito seixinho; para os golosos, pedra de cevar; para alguns, pedra cordeal; e para todos, pedra de escandalo. Ainda naõ tinha bem acabado de dizer a ultima syllaba, quando a outra velha, abrindo a caixa da boca, tirou o caxundé da eloquencia, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, naõ hey de ficar vencida; porque se affirmey, que Venus tinha na barriga hum bicho, naõ disse mal; pois que coufa he o amor, senaõ hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senaõ pergunto: Que he o amor

amor fenaõ huma hydra de sete cabeças, que nem o mais valente Hercules pode vencer? He camaleaõ, que se sustenta com o vento das lisonjas; he tarantula, que com os descantes cura o seu veneno; quando diligente, he fantopea; quando se atea, aranha; quando com vista mata, lince; quando cega, toupeira; quando desdenhoso, ouriço; quando timido, lebre; quando valente, tigre; quando fiel, cachorro; quando menino, lesma; quando arrastado, cobra; quando trombudo, elefante; quando nescio, camello; quando furioso, leaõ; e quando pára, cendeiro. He o amor, para as Damas, arminho que regala; para as Freiras, caõzinho que affaga; para as velhas, dragaõ que mete medo; para os mancebos, cavallinho da alegria; para os velhos, cavallo cansado; para as cõsinheiras, gata borrarheira; para as feyas, caõ de arame; para os valentes, anta; para os Granadeiros, lontra; para os çapateiros, bezerro; para os casados touro; para os pacientes, cabraõ; para os asnos, burro, que dá couces na alma; e finalmente bogio, porque a todos préga o mono. Para prova desta verdade perguntay a esses amantes, o que fazem, para explicar o

seu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o mesmo he fazerem hum bicho, que dizerem, que tem amor; pois amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus se gerou; he bicho de seda, que transformando-se em borboleta, se parece com o amor nas azas; he bicho de cozinha, que tempéra os genios mais asperos; he sabichaõ, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninhagata; quando nos mete medo, bicharoco; quando nos chupa o sangue da bolça, he bicha; e finalmente he bicho carpinteiro, que não pôde estar quieto com os seus bicharocos. E concluío a velha toda esta arenga, fazendo hum horrendo, e espantoso bicho, dizendo: Quem vossa mercê, Senhor Cupido? Essa he boa! Esta he a definição do amor, que lhe deraõ as tres velhas, vindo a concluir, que o amor he féra, rayo, e pedra; féra nos estragos, rayo nos incendios, e pedra na dureza; e quem quizer mais vá a sua casa.

*Xant.* Por certo, que definiste bem o amor; e em premio da tua sabedoria terás o grão de Doutor em Filosofia.

*Periand.* Justo he, que laureemos a Esopo.

*Ennio.* Esopo merece todas as honras de fabio.

*Xant.* Has de ser Mestre do Curso, que se ha de abrir para o anno.

*Esop.* Isso he pulha; Mestre do Curso! Muito hey de gastar em alfazema, e alecrim, para perfumar a aula, que cheirará, que será hum desamparo.

*Xant.* Porém, antes de tomares o gráo, has de responder a huma pergunta solta, que he costume Academico.

*Esop.* Dize, Esopo, porque ração chamaõ aos corcovados Poetas?

*Esop.* *Sic querit, & respondeo:* Chamaõ aos carcundas Poetas, porque os Versistas deste tempo saõ Poetas, mas he cá para traz das costas.

*Periand.* Boa reposta!

*Ennio.* Boa agudeza!

*Esop.* Ahi está ella muito à ordem de vossa mercê.

*Xant.* Ora eu te constituo Doutor, Esopo, pela authoridade, que tenho da Republica.

*Periand.* Muito bem, Senhor Doutor.

*Ennio.* Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabem.

*Esop.* Com que só basta dizer o Senhor Xanto, que sou Doutor, para logo o ser?

*Xant.*

*Xant.* Quem o duvida?

*Esop.* Ora eu cuidava, que para ser Doutor era necessario andar hum homem em Salamanca sete annos, e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

*Sabe Euripedes gritando muito, e dará com a cadeira no chaõ, e ficará Esopo debaixo della.*

*Eurip.* Donde está este patife, e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar, se ha de casar com outra mulher, estando eu viva? Tudo ha de ir razo nesta casa; não ha de ficar pedra sobre pedra.

*Esop.* A que delRey, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que Doutor morto.

*Xant.* Senhora, que terremoto he esse, que vem fazendo? Que tem?

*Eurip.* Ainda me pergunta que tenho? Vossê casado com Geringonça, estando eu viva?

*Xant.* Eu, Senhora? Isso he testemunho.

*Eurip.* Esopo, não mo disseste?

*Esop.* He verdade, mas como vossa mercê não queria vir para casa a fazer vida marital com meu patraõ, foime preciso fingir, que elle se casava; porque vossa mercê entaõ acossada dos zelos viria para a sua companhia.

*Xant.*

*Xant.* Eu te perdoo a pessa, pela industria com que a trouxeste para casa.

*Eurip.* Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti vingarey a minha raiva. *Dá-lhe.*

*Esop.* Tá, tá; tenha maõ para lá, que já não sou seu cativo, que me libertou o povo; e além disso sou Doutor em Filosofia, que he o mesmo que Mestre em alhos; e já agora taõ bom, como taõ bom.

*Eurip.* Está bem; tu mo pagarás: anda Xanto. *Vaise.*

*Xant.* Vamos, Senhora; vou tremendo! Esopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

*Esop.* A Senhora Mestre, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farey muito por lhe mostrar a manta. *Vaise.*

*Ennio.* Vinde, Periandro, que já não posso aturar o diabo da mulher.

*Periand.* Ide Ennio, que quero ver se posso fallar com Filena, que ha dias que a não vejo.

*Ennio.* Pois ficavos embora. *Vaise.*

*Periand.* Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia, que o pay foy para beber o mar, me não quiz fallar? Bem disse Esopo, que o amor era pedra, fo-

fogo, e fera, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; fera na condição de Filena; fogo no incendio de meu peito; e pedra no immovel, com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edificio aonde habita Filena. Oh quem nunca soubera o que era amor!

*Sabe Filena.*

*Filen.* Quem está aqui?

*Periand.* Quem ha de ser, senão quem adora, não só o idolo de tua formosura, mas até as paredes do templo, onde te elevas Deidade?

*Filen.* Se soubera, que estavas aqui, não passara por esta fala.

*Periand.* A tanto chega o teu odio, que nem verme desejas?

*Filen.* Não posso responder, porque minha mãe já veyo para casa, e lhe vou fallar.

*Periand.* Espera, que te não has de ir, sem primeiro fazermos as pazes; pois sem razão vejo, que estás contra mim.

*Filen.* Não quero admittir desculpas, que haõ de ser taõ falsas, como tu, que as pretendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãe.

*Periand.* Escuta se quer hum breve instante, Filena, as queixas de hum amante afflicto; não queiras, que de todo aca-

be defesperado aos golpes de huma magoa.

*Filen.* Por me não deteres mais, dize o que queres dizer.

*Periand.* Pois escuta.

*Canta Periandro a seguinte*

A R I A.

Ingrata, não sey porque,  
Podendo eu ser feliz,  
Fazes com teu rigor,  
Que chegue a enlouquecer.

Cruel Deidade, vê  
Que ainda que infeliz,  
Em mim se acha amor,  
Que puro sabe arder.

*Filen.* Compadecida da tua magoa busca-rey hora, em que com mais vagar te desculpes, e eu te satisfaza. *Vaise.*

S C E N A IV.

*Mutação de Camera, e sabe Esopo com hum papel na mão.*

*Esop.* Grande pezo tenho sobre as minhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ella ainda hum amor, como hum inchaço? Eu confesso, que  
fim

sim tinha amor à menina; porém depois que a vi hontem cahindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei mais abraçado: vejaõ agora a afneira deffo meu amor, em que havia achar motivo para se atear! Eu tomara declararme com ella: se pegar muito bem, quando não pouco se perde; mas eu acho de mim para mim, que ella não ha de ter duvida a ser minha amante, pois já agora sou Doutor; e ella que mal lhe estara levar em capello a minha contubernia amorosa?

*Sabe Filena.*

*Filen.* Esopo, ha dous dias, que me não dá lição: ora vamos a isso.

*Esop.* Ora digaõ agora vossas mercês sem paixaõ, quem se não ha de namorar da quella cara, que parece pintada a oleo de linhaça?

*Filen.* Vamos à lição, se queres, senão vou-me.

*Esop.* Quero, quero; antes porque quero por isso não quero. Olhe minina, ninguém corre a traz de nós; tempo tem a lição; conversemos hum pouco primeiro.

*Filen.* Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

*Esop.*

*Esop.* Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

*Filen.* Das tuas desgraças? Como?

*Esop.* Bem; já estou metido na tramoya: eu começo a explicarme: como está o Senhor seu pay dos flatos?

*Filen.* Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pay?

*Esop.* Isto foy hum entreparente; mas o caso he, que as minhas desgraças vossa mercê..... quando.... hoje.... à manhã.... eu estou fóra de mim! Não digo cousa com cousa!

*Filen.* Que dizes, que te não entendo?

*Esop.* Agora, agora, eu me explico: De forte, que eu.... não.... não.... de maneira.... que vossa mercê.... não.... fim.... não.... espere.... faça vossa mercê de conta....

*Filen.* Que hey de fazer de conta? Tu estás bebado?

*Esop.* Não estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

S O N E T O.

Ora aspiro, ora temo, ou duvido;  
Ora grave, ora meigo, ora severo;  
Ora engeito, ora peço, ora não quero;  
Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;  
 Ora prompto, ora tímido, ora féro;  
 Ora livre, ora escravo, e ora impéro;  
 Ora amante, ora ingrato, ora sentido;  
 Ora morro, ora vivo, ora me afogo,  
 Ora rio, ora choro, ora me affanho;  
 Ora já, ora não, e ora logo.  
 Ora envido, ora perco, e ora ganho;  
 Ora incendio, ora neve, e ora fogo;  
 Estranho variar de amor estranho!

*Filen.* Téns dado mais horas, que hum relogio, e em tantas não te pudeste explicar.

*Esop.* Pois, Senhora, nas horas desse relogio apontava o mostrador do meu enleio, quando a formosura de vossa mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetição dos golpes.

*Filen.* Sim? Pois que he?

*Esop.* He o coração, que está a bater.

*Filen.* Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

*Esop.* Será; mas eu acho, que o meu coração não cabe na pelle, porque tem dentro.

*Filen.* O que tem?

*Esop.* Tem â, â, â....

*Filen.* Se não passas do A, pouco sabes: que

que he o que tens , que estás gago ?  
*Esop.* Quero dizer amor , e não me chega  
a lingua. Ora escute , que cantando me  
explicarey ; pois que o amor he Taran-  
tula , como disse hum discreto , que fuy  
eu , com a musica curarey o veneno do  
coração.

*Canta Esopo a seguinte.*

A R I A.

Sabes tu quem me atormenta ?  
De mansinho , aqui em segredo :  
He . . . . mas ay , que tenho medo ?  
Ora eu digo resolutu ,  
Es tu mesma , ingrata , tu.

Tu fabricas este enredo  
Aos meus olhos , que lamentaõ  
O rigor daquelle monstro ,  
Que anda cego , nú , e crú.

*Filen.* Com que te namoraste de mim ? Vi-  
vas muitos annos , que eu disse não me  
offendo.

*Esop.* Sim , mas eu queria . . . .

*Filen.* Que querias ?

*Esop.* Eu sey ! Queria , que me correspon-  
desse tambem , que nos escrevessemos de  
parte a parte , ainda que sempre falla-  
mos ; queria , que me dêsse mais hum  
coração de azeviche , com huma fita da  
sua

sua anagoa; e a fita havia ser verde, para eu lhe fazer huns versos, onde havia fallar em esperança. E indo nós affimandando, ao depois o tempo daria de alguma cousa; pois que diz? Sim?

*Filen.* Valha-te o diabo, mofino, que sempre has de estar de pachorra! Vamos à licaõ, anda, que ao depois quero me notes huma carta para Periandro, que hey de escrevella pela minha propria maõ, e da minha letra, tal, e qual.

*Esop.* Com que não ha que deferir ao meu requerimento, e sobre não ser admittido, como amante, hey de ser alcoviteiro? Isso não ha ley, que o mande: e se Cupido tal souber, he capaz de deixar cahir hum rayo sobre mim; porém nem tudo se leva de hum jacto; eu hirey colhendo favores às furtadellas: ora ande menina, escreva lá.

*Filen.* Dize de vagar, e que à manhã me falle; escolhe tu o lugar, que for mais leguro.

*Vay dictando Esopo, e escreve Filena.*

*Esop.* Meu bem Esopo, de quem fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abraza nas chammas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendedores pouco lhe

bas-

basto : à manhã à noite espero vélo no pateo escuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a estribaria do cavallo de meu pay. Deos te guarde, que te não quero dar quebranto. Muito sua pelo sovaco. Ponha hum F com hum E atraz.

ilen. Ha de ser P, e não E : não vês tu, que se chama Periandro?

Esop. He o que me faltava, querer a Discipula ensinar ao Mestre ! Diga lá o A, B, C.

ilen. A, B, C, D, E, F.

Esop. Basto ; páre ahi : não vê tollinha, que o E está atraz do F, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.

ilen. Tens razão, eu ponho.

Esop. Ao menos a carta he toda lida nesta fórma.

*Lê Esopo, virgulando como acima.*

Esop. Meu bêm Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

ilen. Não quero ; has de ler assim : Meu bêm, virgula, Esopo de quem só fio, &c.

Esop. Não faço caso de pontos, e virgulas, que já se não usaõ. Ay que ahi vem seu pay !

ilen. Pois dá a carta a Periandro. *Vaise.*

Esop. Não a darey senão a mim, que eu da-

daqui em diante hey de ser o teu Perian-  
dro. *à parte*

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Esopo, que escrito he esse, que ah-  
tens?

*Esop.* He a carta da menina.

*Xant.* Como vay ella com o ler?

*Esop.* Admiravelmente: já dá escritos com  
a mayor facilidade do mundo.

*Xant.* Sendo tu seu Mestre, não duvido,  
que esteja tão adiantada.

*Esop.* Ah Senhor, que se ella tomara bem  
as minhas lições, talvez que estivera ho-  
je n'outro estado.

*Xant.* São raparigas, querem brincar. Ora  
Esopo do meu coração, depois que veyo  
este tigre de minha mulher para casa,  
ainda não pude mais fallar a Geringon-  
ça, e importa fallar com ella coufa de  
grande empenho: estimara, que à ma-  
nhã à noite nos vissemos no pateo da es-  
tribaria: Esopo, peço-te isto como ami-  
go: a Deos, que me não posso deter.

*Esop.* Este pateo da estribaria, que diabo  
terá para os amantes? Porém só na es-  
tribaria merece estar quem he amante.

*Sabe Geringonça.*

*Gering.* Ora, Esopo, tu fazes zombaria de  
mim?

*Esop.* Doutor de quando em quando.

*Gering.* Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão secco, tão despegado, e desdenhoso me faças desprezos!

*Esop.* Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres, que te queira bem, se não acho por onde te pegue! Não vês, que es huma cosinheira, e eu sou hum Doutor?

*Gering.* Tu es Doutor?

*Esop.* Quando nada; porque? Não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora, se está bem a hum Doutor casar com huma cosinheira? Já se tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non su-  
fretur in rerum natura.*

*Gering.* Ay, tu sabes Latim?

*Esop.* *In totum, ite, ite ad temperandas panellas.*

*Gering.* Agora te quero mais: olha, que importa, que tu sejas Doutor? Não vês que o cavallo alimpa a egoa?

*Esop.* *Ergo cavalus sum ego?*

*Gering.* Não entendo o que dizes; falla-me como dantes.

*Esop.* *Non possum; quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

*Gering.* Donde aprendeste isso tão depressa?

*Esop.* Venit ab alto, & non te importat.

*Gering.* Que o achaste na porta?

*Esop.* Não ha mayor desesperação ! Querres tu tambem agora aprender Latim?

Mulher, como to hey de dizer ? Não te posso querer bem. Deixa-me ; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a farna!

*Gering.* Que soffra eu estes desprezos!

*Canta Geringonça a seguinte*

A R I A.

Vou-me embora, Esopo ingrato ;  
Já te deixo, pois não quero  
Teus repudios aturar.

Tu desprezas o meu trato,  
Sem olhar, que te venero ?  
Pois amor me ha de vingar.

*Vaise.*

*Sabe Messenio.*

*Mess.* Esopo, estamos perdidos.

*Esop.* Porque, alguém nos busca?

*Mess.* Sahio do Exercito delRey Cresso hum Soldado a desafiar hum dos nossos, e que à manhã o esperava no campo, só por só, e com armas iguaes ; e quando não, que incorreriamos em pena de cobardes ; e o peyor he, que não ha quem queira aceitar o desafio, porque os melhores Cabos, e Soldados, estão doentes das feridas das settas ; e assim, pois Jupi-

ter

ter te escolheo para director desta guerra, dize o que faremos.

*Esop.* O caso ainda assim he de barbas; mas por vida de Esopo, que eu mesmo hey de sahir em pessoa ao desafio.

*Mess.* Tu, como? Se não sabes jogar as armas, e os inimigos são déstros nellas?

*Esop.* Vossa mercê Senhor Messenio está enganado: quem lhe disse, que eu não sabia jogar as armas? Ainda não ha muitas horas, que joguey a minha espada com hum tambor ao jogo das chapas.

*Mess.* Não te ponhas com graças, dá remedio a cousa de tanto empenho.

*Esop.* Pois, Senhor, tenho dito; eu mesmo sahirey: eu posso fazer mais, que dar o conselho, e executallo? Ora ande, que na guerra val mais a industria, que o valor.

*Mess.* De ti tudo se espera. *Vão-se.*

## SCENA V.

*Mutação de Arrayal, e apparecerá a Praça, e a hum lado El Rey Cresso com alguns Soldados, e no meyo do theatro Temistocles com espada, e rodéla.*

*Rey.* **J**A' que fizeste o desafio, vê lá como te sabes delle; não nos desacredites.

*Tem.* Taõ poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Magestade desconfie de mim?

*Rey.* Bem sey, que es bom Soldado, e valeroso; mas nem sempre a fortuna pôde ser favoravel: queira Jupiter, que triumphes; que a tua gloria será a minha.

*Tem.* Venha quem vier; venha o mais valente Soldado dos Athenienses, que do primeiro revés o hey de descabeçar. O lá da Praça, não vem esse valente?

*Haverá hum porta na muralha da Praça, por onde sabirá Esopo armado com capacete, espada, e rodéla, e dirá dentro o que se segue.*

*Dentr. Esop.* Já vou, espere, que me estou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro, que importa.

*Sabe Esopo.*

*Esop.* Ora salve Deos a vossa mercê.

*Tem.* Vossê he o do desafio?

*Esop.* Cuido, que sou eu, se me não engano: arre lapas! Que será isto, que me não posso ter nas pernas! Estava eu manso, e pacifico, quem me meteo em desafios? Ah D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

*Tem.* Ora pois, vamos a isso depressa.

*Esop.* Uy, Senhor, que pressa tem vossa mer-

mercê? Morra eu de cutiladas; mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de vossa mercê, já venho.

*Faz que se vay, e torna a voltar.*

*Tem.* Aonde vás?

*Esop.* Vou mudar de camisa, que entendo, que estou mijado com alguma coufa mais.

*Tem.* Bom contrario tenho eu! Desta vez logro o triunfo, meçamos as armas: estaõ iguaes. *Medem as espadas.*

*Esop.* Estaõ iguaes? Não ha tal.

*Tem.* Como não?

*Esop.* A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabello. Não Senhor, haõ de ser armas iguaes, ou eu não hey de brigar.

*Tem.* Iguaes se entende do mesmo comprimento: bem parece, que isto não he terra de Soldados; mas fim de Filozofos.

*Esop.* Tu o amargarás na conclusaõ. *à p.*

*Tem.* Pois estaõ as armas iguaes, agora partamos o Sol.

*Esop.* Que parta o Sol? Querme vossê partir o sol da India com os dentes? Quem parte o Sol, melhor me partirá a cabeça.

*Tem.* Bem estamos: toquem os clarins a investir.

*Esop.* Mande antes dobrar os finos; porque

que eu desta vez aqui fico enterrado?

*Tocaõ buma marcha com as trompas.*

*Rey.* Que faraõ os dous, que tanto tardaõ a investir?

*Tem.* Ora vamos.

*Esop.* Pois vamos? A Deos até à manhã.

*Tem.* Briguemos, quando naõ, vou dando.

*Esop.* Dê, dê, que eu farey queixa a sua mãy. E que fará agora Geringonça? *à p.*

*Tem.* Ora já te naõ posso aguardar, que nas dilacões periga o meu credito. *Investe.*

*Esop.* Espere, espere; tenha maõ, que já naõ pôde brigar.

*Tem.* Porque?

*Esop.* Porque o ajuste foy ser com armas iguaes; quanto a isso naõ se me dá.

*Tem.* Naõ se te dá das armas? Pois em que te fias?

*Esop.* Fio-me na coura.

*Tem.* Pois se as armas estaõ iguaes, que mais falta aqui para a ley do duelo?

*Esop.* O desafio foy, que havia ser só, por só.

*Tem.* Sós estamos.

*Esop.* De burro: isso he naõ ser valente, vossê com gente de escolta a traz? Aonde está ahi a graça? Naõ sabe, que *nec Hercules contra duo*; quanto mais, quem naõ he para ser criado de Hercules?

*Tem.*

*Tem.* Eu venho só , e não trago nenhum comigo.

*Volta-se.*

*Esop.* Quer agora negar , o que eu estou vendo ? Olhe para traz , e verá com os seus olhos : ahi ! hum , dous , tres , dezanove , cincoenta.

*Ao voltar Temistocles a cara , dá-lhe Esopo humma cutilada , e deitará a fugir para a Praça , e cabe Temistocles.*

*Esop.* Agora , que se vira , reviro eu. Zumbaba.

*Vai-se.*

*Tem.* Ah traidor que me mataste ! Traição , traição.

*Rey.* Que foy isso Temistocles ? Tu ferido dessa forte ?

*Tem.* Que ha de ser ? Hum traidor , que dizendo-me , que eu trazia gente de escolta , hindo a virar a cara me deu humma cutilada.

*Dentro.* Viva Esopo , Esopo viva. Victoria.

*Rey.* Com que Esopo foy o que veyo ao desafio ? Ainda estou mais picado !

*Tem.* Veja Vossa Magestade se disse eu bem , que Esopo nos havia de fazer a guerra.

*Rey.* Pois juro , que daqui em diante apertarey mais o cerco , só para apanhar às mãos este velhaco de Esopo ; anda curarte na minha tenda.

*Vão-se.*

SCE-

## S C E N A VI.

*Mutação de columnas , ou pateo escuro azulejado , e no fim estará huma porta , e sabe Euripedes.*

*Eurip.* **V**Enho como tonta ! Isto he o que quer que he ; estando eu no melhor do somno não acho na cama o meu marido ; vou à cama de Filena , tambem o não acho , nem Esopo apparece ; tenho corrido toda a casa de alto abaixo , sem ver nenhum , até me obriga a vir por este pateo ; entrey na estribaria , nada encontro ! Que diabo será isto ! Mas eu cuido , que sinto pizadas ; eu me retiro para este canto , que hoje haverá serra Hespanha. *Retira-se.*

*Sabe Filena.*

*Filen.* Aqui mandey , que esperasse Perian-dro , e Esopo me disse , que elle já aqui estava ; mas eu não sey por onde ponho os pés , e tenho dado mil quédas ; pois com o escuro da noite não sey por onde venho , nem por onde pizo ; ay amor a quanto obrigas !

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Agora acabo de ver , que he cego o amor,

amor, pois como cego venho às apalpa-  
dellas por tantos corredores, até chegar  
a este pateo, que ha de ser esta noite a  
campanha do amor, em que quero fallar  
a Geringonça.

*Filen.* Mas eu cuido, que alli vem gente;  
quem ha de ser, fenaõ Periandro?

*Xant.* Sinto pizadas, e o vulto, se me não  
engano, para mim se vem chegando: sem  
duvida he Geringonça: que espero, que  
lhe não fallo? Vem embora, pois tu es  
a luz, que me traz cego a fallarte: tan-  
to tardaste?

*Filen.* A voz he de meu pay; eu estou per-  
dida! Ora quando os velhos tem amor,  
que faraõ os moços! Eu vou-me reti-  
rando: ha mayor desgraça, que quando  
busco a Periandro, encontro meu pay!

*Vai-se.*

*Xant.* Com o escuro não atino aonde ella  
está.

*Vay Xanto chegando para onde está Euripedes,  
e sabe Esopo.*

*Xant.* Oh cá estás tu? Pois agora já po-  
deremos fallar.

*Eurip.* Ay, he o Senhor Xanto? Pois eu  
me callo, até que elle se declare bem,  
que quero ver a quem busca.

*Esop.* Esta casa parece-me encantada; pois  
def-

desde á meya noite, que sahi de cima, até agora estive sem atinar com a pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meyo do campo; venha agora Filena a desafiarme, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dey o recado a Geringonça.

*Xant.* Minha Geringonça, não sabes, que morro por ti? Pois como me desprezas?

*Eurip.* Meu dito, meu feito! Ora quero fingirme Geringonça.

*Xant.* Não respondes, amores?

*Eurip.* Como quer que o queira, se vossa mercê quer tanto à Senhora Euripedes?

*Xant.* Valha o diabo Euripedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomara, que já morrera para casar comigo.

*Eurip.* Ha quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

*Esop.* Muito tarda Filena! Donde estará esta bogia? Mas parece-me, que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagoa de franjas, çapatinho de tessúm, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ay, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçar, poderá topar com a minha corcova, e por

por ella conhecerme pelo tacto ! Pois bom remedio , em tal caso direy , que me abraçe pelas gambeas , que he hoje o rigor da França ; mas se me não engano ahi vem gente , e o pizar he de mulher.

*Sabe o burro , que vay para Esopo.*

Ella he sem duvida , que a conhece o nariz pelos aromas , que exhala : e como vem serena ! Ora fingirme quero Perianthro : Vem cá , Planeta da quarta esfera ; vem , formosa Venus , a mitigar o febricitante ardor de meu peito , com o afucar queimado dos teus carinhos : não me dizes nada ? Estás muda ? Sem duvida que o teu pudor te embarga as vozes na chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte , calte , não te soffoques : coitadinha da minha menina , como estás rouca ! Estou tão contente ! Desta vez hey de dar duas figas ao amor.

*Xant.* Muito te resistes , ingrata Gerigonça !

*Eurip.* Quero apurar bem a paciencia. )

*Esop.* Ora agora , meus amorinhos , meu feiticinho , dá-me essa mão de jasmim , ou esse pé de cravo , para pôr , e dispor no canteiro de meu coração. *Zurra.* Falla demansinho , não ouça teu pay : sempre me vás a fugir ? Olha cá , queres tu

casar comigo? *Zurra.* Sim? pois havemos sahir a furto, deixa estar; mas tua mãy não o saiba.

*Xant.* Ora isto he já desesperaçãõ.

*Faz que pega nella.*

*Eurip.* Retire-se lá; quem he?

*Esop.* Menina, não gastemos mais tempo; ajustemos o nosso amor: ora dá-me hum abraço; anda, não sejas burra.

*Ao ir Esopo abraçar o burro, dá-lhe este dous couces, e aos gritos de Esopo sabirá Gerिंगonça com huma candêa acceza.*

*Esop.* A que delRey, que me matas! Ingrata, com isso pagas o meu amor?

*Gering.* A que delRey, ladrões no pateo?  
*Sabe.*

*Eurip.* Guarde Deos a vossa mercê, Senhor Xanto, pois que vay?

*Xant.* Isto he encanto: mo fino homem, que ha de ser de mim!

*Esop.* Uy, Filena converteo-se em burro! Andou discreta, para a não conhecerem. O' Filena; torna-te outra vez em gente, que com a baralhada, que aqui vay, ninguem repara.

*Gering.* Eu estou pasmada! Que diabo he isto, que vejo!

*Eurip.* Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra, para casar com

Ge-

Geringonça? A que delRey sobre este magano!

*Esop.* E o velho como está reo!

*Xant.* Não te posso responder: vou matarme, antes que me mates. *Vaise.*

*Eurip.* Peguem-me nesse magano.

*Gering.* Ay, Senhora, deixe o triste velho, bem lhe battaõ os seus achaques.

*Eurip.* Ainda acodes por elle, velhaca? *Vais.*

*Gering.* Não sou amiga de ouvir pendencias.

Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

*Esop.* Calte, que não he burro; he Filena, que está disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás, para que trouxeste agora essa candeya, pois com ella fizeste tantos defarranjos?

*Gering.* Com que essa he Filena?

*Esop.* De que te espantas? Nunca ouviste dizer, que Venus se converteo em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo, que não he Venus melhor do que ella.

*Gering.* Pois dá-lhe hum abraço?

*Sabe Filena gritando.*

*Filen.* Venhaõ acudir a meu pay, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãy.

*Gering.* Esopo, fica-te com o teu burro.

*Vaise.*

*Esop.*

*Esop.* Ora só esta a mim me succede! Que estivesse eu esfalfando-me em dizer finezas a bum burro! Sem duvida levey dous couces, cuidando que levava dous pescoções.

*Filen.* Andem acudir a meu pay, que se enforca.

*Esop.* Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a canca-burrada da noitefinha! Olhem, não ha cousa mais fiel, que o nariz; por isso lhe fedia o baso a cevada; mas como tinha o nariz cego de amor, cuidey, que me cheirava a beijoim.

*Filen.* Anda, não te detenhas, que meu pay estará enforcado a estas horas.

*Esop.* Isto não são horas de se enforcar ninguém; e se não vamos, e verá. Ah ingrata, não te perdoe o susto desta noite, que toda foy huma burrada.

*Cantaõ Euripedes, Esopo, e Geringonça a seguinte*

## A R I A A 3.

*Eurip.* Calte, calte, marafona,  
Calte, infame bribantona;  
Se não, vou saltando em ti.

*Gering.* Que fiz eu, Senhora, que?  
Porque assim fem mais, nem mais;  
Taõ cruel me trate assi?

*Esop.*

*Esop.* Deixe a moça : ouves tu ?  
Não lhe digas chus, nem bus ;  
Té passarlhe o frenesi.

*Eurip.* Hoje aqui te hey de matar.

*Gering.* Hoje aqui não hey de estar.

*Esop.* E eu aqui hey de ficar.

*Eurip.* Pois que os zelos ,

*Gering.* Pois que a dor ,

*Esop.* Pois que amor ,

*Tod.* Já me faz desesperar.

*Eurip.* Não té quero mais em casa,  
Vaite, vaite para fóra.

*Gering.* Saiba Deos, e todo o Mundo  
A innocencia, em que me fundo.

*Esop.* Calte filha, alimpa o ranho,  
Toma o manto, e vaite embora,

*Tod.* Que os enredos deste pateo  
Não se podem aturar.

## S C E N A VII.

*Mutação de Camera. Sabem Xanto, e Esopo.*

*Xant.* **E** Sopo, ouve-me por tua vida.

*Esop.* Senhor, eu confesso-lhe, que  
já estou arrependido, e arrenegado ; nem  
quero ouvillo, nem quero nada desta ca-  
sa ; vou-me embora.

*Xant.* Pois porque ?

*Esop.*

*Esop.* Uy Senhor, he zombaria andar aqui em huma roda vida, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum bonetro de cortiça? Huma casa de enredos, e hum enredo sem fim? Vossa mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições; e sobre tudo huma mulher brava, haverá resistencia, que tal possa soffrer? Pois....

## A R I A.

Ver o tigre de minha ama,  
Quando em colera se inflamma,  
Dizer ao maiido amante:  
Venha cá, velho bribante:  
E o velho paciente  
Com voz baixa, e tremebunda  
Lhe diz: calte lá, serpente;  
Quando diz de lá Filena:  
Mây, não seja impertinente,  
Tenha modô, e tenha fizo;  
Mas confesso, que com rizo  
Me faz isto escangalhar.

E que o misero carcunda,  
Vendo tanta barafunda,  
Tal se atreva a tolerar!

*Sabe Messenio.*

*Mess.* Que seja possível, que estejas a cantar,  
Esopo, quando estamos na mayor afflicção!

*Esop.*

*Esop.* Pois que? Temos outro desafio?

*Mess.* Não vês o miseravel estrago, em que está esta praça, com hum cerco ha tantos tempos, sem nos vir soccorro de parte alguma, e já não ha comer para os Soldados? Nestes termos dize, o que havemos de fazer?

*Xant.* Senhor, eu sou de parecer, que nos entreguemos, que não ha resistencia a hum poder tão grande.

*Esop.* Cale-se lá, não se meta aonde o não chamaõ. Ah Senhor Messenio, Jupiter, que me nomeou para General, bem sabe o que fez, que elle não se engana comigo; mande vossa mercê escolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma saya, e huma mantilha, e que se preparem com armas curtas, e esperem por mim à boca da noite no postigo da muralha, que eu lá estarey, e que fação o que eu disser.

*Mess.* Que intentas fazer?

*Esop.* Logo o saberá; andem comigo, que são huns fonas.

*Xant.* Queira Deos, Esopo, que acertes.

## S C E N A VIII.

*Mutação de Arrayal. Descobre-se a Praça com o cerco dos Soldados, ElRey, e Temistocles.*

*Rey.* **N**otavel constancia tem mostrando os Athenienses neste sitio; pois a pesar de todo o meu poder se resistem valentes!

*Tem.* Eu entendo, Senhor, que cedo capitularão; pois segundo as informações, que deu hum Soldado, que fugio da Praça, está já sem mantimentos; com que cedo lograremos a victoria.

*Rey.* Tomara haver às mãos este Esopo, que só por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrirse o postigo da muralha?

*Sabe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados, com alguns cutélos, que ao depois puxarão por elles, e diz dentro Esopo o seguinte.*

*Dentr. Esop.* Não me fechem a porta, que aliás perderemos o pezo, e feitio.

*Mess.* Vay descansado, Esopo, que aqui fico eu; e Jupiter permitta, que te não succeda alguma.

*Esop.* Quando eu der hum assobio, fazer o que

que tenho dito , e fingir falla de mulher.  
Sahem.

Tem. Quem vem lá ?

Esop. Senhor Soldado, que já foy quebrado, somos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRey Cresso, ou da Lidia.

Rey. Aqui me tendes, que he o que que-reis ?

Esop. Vossa Magestade saiba, que eu sou huma donzella, ( salvo tal lugar ) que com estas companheiras sahimos da Praça, ou para melhor dizer nos lançaraõ à margem.

Rey. E porque vos expulsaraõ ?

Esop. Eu sey ? Senhor, Vossa Magestade, se algum dia foy mulher, bem saberá das nossas mazéllas ; mas pelo que me disse hum tio meu tambor, que se lançava a gente inutil para a guerra, porque comiamos o comer dos Soldados.

Rey. Pois tanta falta ha de mantimentos !

Esop. Ay Senhor, isso não se falla ; eu hontem comi hum frigideira de lendeas, por não ter outra cousa ; esta minha companheira, parindo hontem hum filho humma visinha sua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços : pois agua ? Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Se-

nhor, nós estimamos muito, que nos deitassem fóra, para enchermos a barriega; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agazalhar; e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra, que adorna a sua Coroa.

*Rey.* Temistocles, agazalhay essas mulheres, que eu me vou recolher. *Vaise.*

*Tem.* Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo, me tem cativado. *à parte.*

*Esop.* Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

*Tem.* No campo não, mas na minha barraca fim, pois me compadeço de vós; e na vossa companhia suavizarey as asperezas de Marte: assim o permita o amor.

*Esop.* Amor? Ay que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado, se o Soldado me namora. *à parte.*

*Tem.* Ora dizeime, que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

*Esop.* Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo, que he mulher, e não homem.

*Tem.* Taõ grande juizo havia de dar volta; pois

pois sinto, que supposto me enganasse no desafio, com tudo sey, que he homem de prendas.

*Esop.* Com que vossa mercê he o do desafio? Ora console-se com as disposições do Ceo.

*Tem.* Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

*Esop.* Para a sua barraca? Isso não.

*Tem.* Ora anda.

*Esop.* E a minha reputação?

*Tem.* Vem segura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

*Esop.* Pois olhe, nessa certeza me fio; porém tambem me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

*Tem.* Dizes bem; espera aqui, que eu mando a quartelar a gente, que supponho, que os da Praça não se atreverão a sair.

*Vaise.*

*Esop.* Isso he certo, tomaraõ elles bem paõ. O' lá, companheiros fieis, cuidado, acometter com valor, e ir dando a troxe moxe, que os apanhamos na cama.

*Sabe Temistocles.*

*Tem.* Todos já se recolherão, anda comigo.

*Esop.* Eu não vou sem as minhas companheiras;

nheiras; ò lá, agora. Assobia.  
*Investem as mulhêres a Temisocles, e mais Soldados, entre os quaes haverá pendencia, e se recolhem pelo postigo do muro, e quando Esopo for, achará a porta fechada.*

*Tem.* Acudaõ todos, traiçaõ, traiçaõ, que saõ homens, e não mulhêres.

*Esop.* Dar a matar, morraõ estes cães.

*Tod.* Morraõ os traidores.

*Esop.* Vamos, que já vem muitos.

*Sold.* Vamos para a Praça. Vaõ-se.

*Esop.* Não fechem a porta, que ainda falta eu para entrar.

*Dentr.* Não pôde ser; que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

*Esop.* Se vem de envolta, não ha que temer, que saõ crianças; abra depressa.

*Dentr.* Não ha ordem.

*Tem.* Dá-te à prizaõ, senaõ mato-te.

*Esop.* Ay, meu bem, não me leves preza, que eu vou por vontade.

*Tem.* Ainda te finges mulher, velhaco?

*Tod.* Morrá esse traidor.

*Sábe o Rey.*

*Rey.* Que alvoroto foy este?

*Tem.* Senhor, as mulhêres eraõ homens disfarçados, que vieraõ com armas, e apenas nos apanharaõ recolhidos, fizeraõ logo algum estrago nos nossos, que podera

ra ser mais ; e todos fugiraõ , e só apanhamos este.

*Rey.* Dize , quem es ?

*Esop.* Eu sou ninguem.

*Tem.* Agora conheço , que es Esopo.

*Rey.* Confessa a verdade.

*Esop.* Senhor , eu sou Esopo , que peço perdão a Vossa Magestade da minha descortezia.

*Rey.* Velhaco insolente , tantas me tens feito , que agora te mandarey enforcar.

*Esop.* Olhe , Senhor , que eu sou nobre , e não posso morrer enforcado.

*Rey.* Ou possas , ou não possas , hey de te matar ; e só o deixarey de fazer , se me fabricares huma torre no ar.

*Esop.* Aceito ; dê-me a sua palavra , e juntamente me ha de dar os materiaes.

*Rey.* Prometto tudo ; pois vejo , que tu não has de fazer a torre no ar , e assim sempre te venho a matar ; vamo-nos , e levem-no prezo , para que não fuja.

*Esop.* Ay amada Athenas , que não sey se te verey mais ! A Deos Filena , a Deos.

*Vaise.*

## S C E N A IX.

*Mutaçãõ de Jardim com estatuas, e cantará  
Coro huma Copla, e sabe Filena.*

*Filen.* **S**O' a musica me diverte neste  
amoroso tormento, em que vi-  
vo; pois sobre não poder fallar a Periand-  
ro, que supponho Esopo lhe não deu  
o recado, agora sey que Periandro vay  
tambem a pelejar, pela falta que ha de  
Soldados. Oh que batalha sente o meu  
coraçãõ! E por ver se acaço podia di-  
vertir a minha magoa, vim a este Jardim,  
cujas estatuas estaõ feitas com tal artifi-  
cio, que repetem fielmente o ecco, que  
huma pessoa articula; divirtamo-nos can-  
tando.

*Canta Filena a seguinte Copla em eccos.*

Em tanta pena prepara para ara,  
O peito, quando se inflâma flâma ama,  
Huma fineza amorosa morosa rosa,  
Que amor em pratos derrama rama ama.

*Sabe Periandro.*

*Periand.* Mudas estatuas, que vivamente  
pronunciais, o que articula hum aman-  
te peito; já que pela minha boca me não  
atrevo a dizer o que sinto, por me não  
suffo-

suffocar a pena, dizey pela vossa, o que sem remedio choro.

*Canta Periandro a seguinte Copla.*

Nesta frondosa floresta      resta      esta,  
Quero, pois que o mal conspira pira      ira,  
Dizerte, que por amarte      marte      arte,  
Este prado me convida      vida      ida.

*Filen.* Amado Periandro, bem sey que vens a despedirte, ou a dobrarme os tormentos: com que he certo, que partes para a guerra?

*Periand.* Bem sabes, Filena, que nunca me desejey apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos, se devem obedecer; mayormente por não caber em mim a nota de covarde.

*Filen.* Dizes bem: melhor he parecer valente, que pouco amante.

*Periand.* Não deixa de amarte, quem busca a Marte; assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejaõ as eloquencias do pranto.

*Cantaõ Periandro, e Filena a seguinte*

ARIA A DUO.

*Periand.* Filena idolatrada,

*Filen.* Querido bem desta alma,

*Periand.* A Deos, que já me ausento,

*Filen.* A Deos, oh que tormento!

*Periand.* Que eu vou a pelejar.

*Filen.*

- Filen.* Que eu fico a suspirar.  
*Periand.* Mas ay, Filena amada,  
*Filen.* Ay, Periandro amante,  
*Periand.* Que temo na partida,  
*Filen.* Que temo nesta ida,  
*Amb.* Não pranto a vida dar. *Vão-se*

## S C E N A X.

*Mutação de Arrayal, e Castello, e haverá hum taboa com quatro balaustres, e em cada hum hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irão voando; e sabem El Rey, Esopo, e outros*

*Dentr.* **V** Amos ver a torre no ar, que faz Esopo.

*Rey.* Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.

*Esop.* Faremos muito por não morrer desta vez.

*Rey.* Que significação estes Corvos?

*Esop.* São os meus officiaes: ora pois attenção: iça arriba; os Corvos não podem chegar aos espetos de carne; parecem Tantalos.

*Rey.* Notavel idéa! Já está bem alto.

*Esop.* Ora, Senhor, eu aqui estou prompto, como disse, para fazer a torre no ar, mande-mê os materiaes, cal, pedra, tijolo,

jolo , madeira , e o mais que for preciso para fabricar a torre.

*Rey.* Quem to há de lá levar nessa altura , em que estás ?

*Esop.* Pois como me faltaõ com os materiaes , que prometteraõ , não está da minha parte o deixar de fazer no ar a torre , como affirmey.

*Rey.* Assim he , desce para baixo , que eu te perdoõ a morte , pois da tua parte não faltaste aõ promettido.

*Esop.* Eu não sou taõ tóllo , que estando nõ ar , que agora , mais que nunca , he livre , e estando à vista de Athenas , desça para baixo , aonde me podes estirar em tres páos : eu tomarey a liberdade por mim mesmo.

*Com a tramoya vay Esopo voando , e mete-se dentro na Praça.*

*Dentr.* Aquí vem Esopo pelo ar ; isto he nõvidade , e parece cousa de encanto !  
Viva Esopo.

*Rey.* Voou para dentro da Praça : grande astucia !

*Tem.* Senhor , se não matarmos a Esopo , nunca conquistaremos esta Cidade : bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

*Rey.* Estou taõ picado da pessa , que agora mesmo a mando acometter ; e até me não entre-

entregarem a Esopo, não ha de cessar  
combate ; ò lá toca a investir , e dá  
hum assalto geral na Praça.

*Toca , e se dá o assalto.*

*Dent.* Estamos perdidos ! Entreguemo-nos

*Rey.* Entreguem a Esopo só , que não que-  
ro mais ; quando não a todos mandare  
passar à espada , sem excepção de pe-  
soas.

*Dentr.* Entregue-se a Esopo , que não ha  
razão , que por hum se percaõ todos  
entregue-se Esopo.

*Esop.* Ah tyrannos ! Ah ingratos ! Com in-  
fidelidade me pagais o bem , que vos tenho feito

*Deitaõ a Esopo do muro abaixo por huma corda*

*Rey.* Anda cá , Esopo , que mereces , que  
te faça ? Assim se engana aos Principes ;  
Hoje has de ficar sem vida.

*Esop.* Pois , Senhor , antes que me mates  
ouve-me duas palavras ao menos.

*Rey.* Dize ; mas sem esperança de perdaõ

*Esop.* Era huma vez hum villaõ , que ven-  
do-se perseguido de gafanhotos , pois to-  
da a sua lavoura destruíã , começou hum  
dia a matallos ; e como visse huma ci-  
garra , tambem lhe quiz tirar a vida ; ao  
que respondeo a cigarra : tenha maõ vos-  
sa mercê , que sem razão me mata , pois  
eu não offendo as plantas da terra ; an-  
tes

tes com a minha voz alegre aos caminhantes. Perdoou-lhe o villaõ, ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte, ò Rey, eu não sou figura, para te fazer opposição, nem que destrúa o teu Reino; sou sim huma cigarra, que não tenho mais do que esta voz, ou esta industria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta Praça; e se hum villaõ perdoou a morte à cigarra; tu, que es hum Rey, porque me não perdoarás também?

*Rey.* Valha-te Deos por Esopo! Já estás perdoado: quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para estimar: pede o que quizeres, que tudo te hey de fazer.

*Esop.* Peço, Senhor, que ajusteis as pazes com os Athenienses, e que cessem já estas guerras.

*Rey.* Assim o farey: ò lá da Praça; abraõ as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

*Dentr.* Viva ElRey Cresfo de Lidia; abraõ-se as portas.

*Entraõ.*

## S C E N A XI.

*Depois de entrarem, haverá mutação de Sala e hiraõ sabindo todas as figuras.*

*Tod.* **V**iva ElRey Cresso de Lidia  
Viva.

*Rey.* Nobres Athenienses, a Esopo day o vivas; pois elle foy o que me pediu a paz. E assim porque não fique sem premio hum homem de tanto juizo, e que deu tanto em que cuidar aos meus Soldados, mando, que Esopo seja, em quanto viver, Governador desta Praça em quanto ao politico, e como a Rey lhe obedeçaõ.

*Esop.* Beijo as mãos a Vossa Magestade pela honra, que me faz.

*Tod.* Viva Esopo, e viva ElRey.

*Esop.* Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rey, quero casar, para que seja meu padrinho: venha cá Filena.

*Periand.* Se Esopo casa com Filena, estou perdido!

*Filen.* A isto só podiaõ chegar as minhas desgraças!

*Xant.* Que se visse Esopo em tantas alturas! Coufas são da fortuna!

*Esop.*

*ou Vida de Esopo.* 243

*Esop.* Filena, pois sempre amou a Perian-  
dro, casem, que eu ferey o padrinho,  
já que fuy o medianeiro.

*Periand.* Beijo-te os pés, Esopo, pelo fa-  
vor.

*Filen.* Ora concluto-se o nosso amor.

*Esop.* E pois Geringonça sempre me quiz  
bem, ha de ser minha mulher: Gerin-  
gonça dá cá essa mão de almofariz, pa-  
ra com ella pizar a pimenta do meu af-  
fecto.

*Gering.* Lembrou-se Deos da minha pobre-  
za, e honestidade.

*Eurip.* Já agora não andarás Xanto com Ge-  
ringonça com amorinhos.

*Esop.* Senhores, isto está concluido; e com  
votas se dá fim à Vida de Esopo, pedin-  
do a este Auditorio perdaõ dos erros,  
repetindo o Coro os vivas desta victoria.

*Canta o Coro.*

F I M.

OS

# OS ENCANTOS DE MEDEA

Que se representaraõ no Theatro do  
Bairro Alto de Lisboa no mez de  
Mayo de 1735.

## ARGUMENTO.

**E**Mbarca-se Jafon em Theffalia na não Ar-  
gos, e parte para a Ilha de Colchos, empe-  
nhado na empresa, e conquista do Velocino do  
ouro; e chegando perto de Colchos, desembarca  
com Thefeo, e Soldados. Manda El Rey de Col-  
chos saber a razaõ do desembarque. He enga-  
nado El Rey. Recebe a Jafon na sua Corte. A  
Princeza Medéa, filha del Rey, e Creusa, so-  
brinha do mesmo, se namoraõ de Jafon. Con-  
corre Medéa para o furto do Velocino com seus  
encantos, e com elles se livra do castigo de seu  
pay. Repudiada Medéa por Jafon, este levand-  
o o Velocino, e juntamente a Creusa, indo já  
embarcados para Theffalia, Medéa zelosa faz  
mover contra elles huma grande tempestade, e  
com ella retroceder a não Argos outra vez a Col-  
chos; onde o Rey offendido de Medéa, casa a  
Jafon com Creusa, dando-lhe o seu proprio Rei-  
no. Medéa ultimamente desesperada, por não  
ver a sua offensa, desapparece pela regiaõ do  
ar. O mais se verá no contexto da Historia.

IN-

## INTERLOCUTORES.

*Jafon*, Sobrinho del Rey de *Theffalia*, successor  
do mesmo Reino.  
*Theseo*, Companheiro de *Jafon*.  
*Etas*, Rey de *Colchos*.  
*Telemon*, General, e Ministro del Rey de *Colchos*.  
*Medéa*, Princeza de *Colchos*.  
*Crensa*, Sobrinha del Rey de *Colchos*.  
*Arpia*, Criada de *Medéa*.  
*Sacatrapo*, Criado de *Jafon*.  
*Guarda de Archeiros*. Soldados. Coro.

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. **M**utaçãõ de Mar, e nelle a nõo *Argos*,  
e montes ao outro lado.
- II. Mutaçãõ de Sala Real com *Throno*.
- III. Mutaçãõ de Camera com *bofete*.
- IV. Mutaçãõ de Sala Real.
- V. Mutaçãõ de Jardim com o *Velocino*.

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. **M**utaçãõ de Camera.
- II. **M**utaçãõ de Camera.
- III. Mutaçãõ de Jardim, e hãõ monte mode-  
diço.
- IV. Mutaçãõ de Montes.
- V. Mutaçãõ de Sala.
- VI. Mutaçãõ de Mar, e Montes.

Tom. I.

R

PAR.

---

# P A R T E I.

## S C E N A I.

*Mar , e Montes , a não Argos , e della hiraõ desembarcando Jason , Theseo , Sacatrapo , e Soldados ao som de huma marcha , e dizem o seguinte , antes de desembarcarem.*

*Huns.* **A** Maina , amaina.

*Outros.* Terra , terra.

*Outros.* **A** Terra , à escota.

*Theseo.* Toca a desembarcar a Soldadesca.

*Vão desembarcando , e canta Jason a seguinte Aria , e*

### R E C I T A D O.

Felices Argonautas valerosos ,  
 Que rompendo o crystal do falso argento,  
 A pezar das violencias de Neptuno  
 Indignado , e soberbo ,  
 Aportamos em fim com fausto auspicio  
 Nesta inclyta Colchos soberana ,  
 Onde se guarda o celebre thesouro  
 Do aureo Velocino , a cuja empreza  
 De nossa amada Patria nos partimos ;  
 E se quizera a forte ,

Que

Que com feliz progresso conquistasse  
Este rico despojo  
Para gloria immortal da Grega prole!  
E assim, Soldados meus, em cujos peitos  
Seu furor deposita o mesmo Marte;  
E tu valente impávido Theseo,  
De quem tantas proezas canta a fama,  
Agora mais que nunca valerosos,  
Moftray o brio desse heroico braço;  
Porque veja o Universo em tanta gloria  
Alcançar-se a mais inclyta victoria.

## A R I A.

Naõ vos mova nesta empreza,  
Nem o aureo Velocino,  
Nem de Colchos a riqueza,  
Seja só voffo destino  
A cubiça do valor.

Que n'um peito, que se inflamma;  
Por ganhar eterna fama,  
O vencer he o bem mayor.

*Ao querer irse Jason, fabe Telemon.*

*Telem.* Suspende, galhardo mancebo, o passo,  
pois te trago hum recado da parte  
de meu Rey.

*Jason.* Dizey, que já vos attendo.

*Telem.* Etas, inclyto Rey deste Reino de  
Colchos, tendo aviso de haver aportado  
às suas prayas esta armada, e desembarcado  
em terra tantos Soldados, sem sua

licença, vos manda perguntar, se vindes de paz, ou se vindes de guerra; não porqué tema as vossas armas, mas sim para prevenir, e dar o castigo à vossa temeridade.

*Jason.* Valeroso Soldado, dizey ao vosso Rey, que a minha vinda a este porto foy casual por impulso de huma grande tormenta, e tempestade; e assim lhe segurray, que venho de paz, e que pessoalmente irey à sua presença offerecerme ao seu serviço.

*Telem.* Pois já que vindes de paz, daim e fides braços, e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rey, que nisso terá a mayor fortuna.

*Abraçãõ-se, e vai-se Telemon.*

*Theseo.* Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

*Jason.* Theseo, em quanto descansão as armas, he preciso, que peleje com astucias o entendimento.

*Sacatr.* Senhor Jason, eu era de voto, (sem ser beato) que vossa Principeza mandasse, que nenhum marujo saltasse em terra; porque esta gente, como vive no mar, he inimiga da terra; e assim he bem, que não venhão de bordo *propter scandalum.*

*Jason.* Eu me admirava, Sacatrapo, que  
tu

tu estivesse callado muito tempo.

*Sacatr.* Ao menos, Senhor, não me he necessario facatrapo, para tirar a minha falla do bucho.

*Jafon.* Theseo, day ordem a mandar fazer quartéis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarnição necessaria; e fio da vossa militar experiencia disponhais tudo com acerto.

*Vaise.*

*Thes.* Já vou pôr em execução os teus preceitos.

*Sacatr.* Ah Senhor Theseo, antes que se vá, diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos ouve, que diabo he isto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado à meu amo, que por esse respeito deixou a sua casa, fez tantos navios, alistou tanta gente; que será isto do Velocino?

*Thes.* A ti que te importa fabello?

*Sacatr.* Essa he boa! Pois não me ha de importar saber ao que vim?

*Thes.* Aos Soldados, como tu, não se dizem materias tão profundas, pois a sua obrigação he só pelejar.

*Sacatr.* E se eu morrer na guerra, não he bem que saiba o mal de que morro? Ora, Senhor, diga-me já, que Velocino he este? Diga-mo já, senão olhe, que lho ha

ha de tirar hum sacatrapo do bucho.

*Thef.* Homem, sabe que nesta Ilha de Colchos ha hum celebre jardim, no qual habita hum carneiro, cuja pelle he de ouro, e esta todos os annos se tosquia, e sempre lhe nasce outra pelle de ouro; a isto he que chamaõ Velocino.

*Sacatr.* Senhor Theseo, carneiro com pelle de ouro? Isso deve ser pelle do diabo. Para isso he necessario vir com tantas armas? Ora queira Deos naõ venhamos nós buscar lá, e vamos tosquiados.

*Thef.* Naõ vês, que este carneiro he o mayor thesouro deste Reino, e para conquistallo, se naõ for por industria, ha de ser à força de armas?

*Sacatr.* E de que tamanho será esse carneiro?

*Thef.* He como os outros.

*Sacatr.* Pois se o dito carneiro he como os outros, naõ bastava hum barco para o levar, e he necessario humã armada? E visto isso apanhando-se o carneiro, está acabada a empreza?

*Thef.* Ahi he que está a difficuldade toda, porque hum feroz dragaõ he quem o guarda, e defende, para que naõ o furtem.

*Sacatr.* Quanto daõ cada dia a esse dragaõ por guardar esse carneiro.

*Thef.*

*Thes.* Ora já não posso aturar as tuas perguntas.  
*Vaise.*

*Sacatr.* Pois ainda me faltavaõ duas cousas que perguntar ; andar , será outro dia.  
*Vaise.*

## S C E N A II.

*Sala Real com hum Throno , aonde estardõ El-Rey de Colchos , Medea , e Creusa assentados , e em pé a hum lado Telemon , e Arpia , e do outro Archeiros.*

*Rey.* **C**Om susto , e admiração espero por este Embaixador.

*Med.* Eu o espero sem susto , e com muito alvoroço.

*Telem.* Senhor , o Embaixador sómente espera , que Vossa Magestade o mande entrar.

*Rey.* Pois dize-lhe , que entre. Tu Medea , vê se podes investigar o intento deste Estrangeiro ; pois vejo o meu coração inquieto com alguma confusão.

*Vaise Telemon , e torna a sabir com Theseo , Jason , e Sacatrapo.*

*Jason.* Inclyto Étas , Rey de Colchos , permite-me a fortuna de beijar teus pés.  
*Ajuelha.*

*Rey.* Levantaivos , nobre Estrangeiro , e fal-

fallay a minha filha Medéa , com que reparto o meu Reino.

*Jason.* Se as Deidades se não offendem do sacrificio , permitti , Senhora , que chegue a victima de meu rendimento a acenderse nas aras do vosso respeito , dando-me a beijar a animada affucena dessa mão. Não vi mais peregrina formosura!

*Med.* Assim não estais bem , levantaivos  
Que galhardo mancebo! *à part. Ajoelha*

*Rey.* Dizeime quem sois , para que melhor saiba estimar com o vosso nome a pessoa. *à part.*

*Jason.* Senhor , eu sou Jason , sobrinho del Rey de Theffalia.

*Levanta-se ElRey do Throno , e Medéa , e o Rey abraça a Jason.*

*Rey.* Senhor , perdoay , se he que mereço perdaõ huma ignorancia ; porque a saber quem ereis , vos tratara como a sobrinho de hum taõ grande Monarca , como he ElRey de Theffalia ; e assim os meus braços seraõ o Throno , onde melhor descanseis.

*Jason.* A minha mayor fortuna foy o vir aos pés de Vossa Magestade , que estimo mais essa dita , que o ser sobrinho delRey de Theffalia , que por não ter filhos me toca aquelle Reino , como pri-

primogenito de hum irmão delRey.

*Med.* Vós, Senhor, sois digno de feres Monarca de todo o Mundo. Não posso apartar os olhos d'elle.

*à parte.*

*Sacatr.* Este Rey Etas, já tem bastante idade, he o *Ætas*, *ætatis*, e Jason como se está espinicando todo diante de Medea; e mais elle, que he tuna nos ossos.

*à parte.*

*Rey.* Esta, Senhor, he minha sobrinha Creusa, a quem podeis fallar.

*Jason.* Senhora, à vista de tanto Sol era força me cegassem os rayos. Ainda excede a Medea na formosura!

*à part.*

*Creus.* Sendo esses rayos nascidos de vossa esfêra, por força haõ de luzir, e cegar.

*Rey.* Inclyto Jason, mereça a minha attenção saber o motivo da vossa viagem; pois sendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto excessõ.

*Jason.* Como não ignorais, Senhor, as guerras, que ha entre os Reys de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitarme nas armas, sahi com esta armada, para soccorrer a ElRey de Corintho, tanto pela obrigação de parentesco, como porque a fortuna se lhe vay mostrando adversa; e assim he necessario

fuf.

suspender o impulso da sua roda com o peso das minhas armas, pois ajudar a que persegue a fortuna, sempre foy brava. Já me lembro do tempo da guerra de Theſſalia, e huma grande tempeſtade me precisou a arribar a este porto; mas agora vejo, que ha tempeſtades, que ſão bonanças.

*Sacatr.* Arre lá, como mente taõ afoito, e nas bochechas de hum Rey! *à parte*

*Rey.* Só de hum generoso peito podem ſahir taõ heroicas accões. Trazeis bons Soldados?

*Jason.* Trago a flor de toda Theſſalia.

*Sacatr.* E nem por iſſo tivemos maré de roſas.

*Rey.* Que dizeis?

*Sacatr.* Digo, que meu amo trouxe a flor de Theſſalia; porque embarcou pela Primavera.

*Jason.* Não repareis, Senhor, que este criado he gracioso, e o trago para meu divertimento, e por gastar bom humor.

*Sacatr.* Não ha duvida, que gasto bom humor, pois tenho sempre delle duas fontes ao torno.

*Arpia.* Ay, Senhora, que he galante o tal criado! Se eu não estivera aqui, já me tivera escangalhado com rizo.

*Jason.* Como dizia: Trago bons Soldados, e por

e por Almirante ao valente Theseo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. Theseo beija a mão a El Rey. *Thes.* Por obediencia, e por affecto, diligente procuro tão grande ventura.

*Ajoelha.*

*Rey.* Levantaivos, esforçado Capitaõ, que certamente, primeiro que os olhos, vos conheceraõ os ouvidos, escutando a fama de vosso valor.

*Sacatr.* Agora figo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Vossa Reinadura me dê a beijar a sua mão, ou quando não o seu pé, que tudo he o mesmo.

*Rey.* Aqui a tens.

*Sacatr.* Dá cá sete. Ah Senhor, antes eu lhe beijara o anel, do que a mão.

*Rey.* Ahi o tens, para o beijares à tua vontade.

*Sacatr.* Ay, Senhor, eu não o dizia por tanto; mas só o accito, por ser prenda sua. Famosa pedra! Ah Senhor, este diamante he fino, ou falso?

*Jason.* Retira-te bruto; basta já de despropósitos.

*Rey.* Jason, vem honrarme este Palacio, em quanto se concerta a tua armada.

Ainda o meu coração não socega. *à p.*

*Med.* Não me peza de que Jason fique em Pala-

Palacio, porque . . . mas não sey o q  
digo. à part

*Creus.* Se eu tivera a fortuna, que Jaso  
fosse . . . mas isto he delirio. à part

*Arpia.* Pouco hey de poder, se não pilha  
o anel ao criado. à part

*Sacatr.* Huma vez que temos estalagem d  
Palacio, já não quero ser Sacatrapo, se  
não vareta, para caregar bem o baca  
marte do bandulho. à part. Vai se

*Rey.* Anda, Senhor, não te detenhas.

## A R I A A 4.

*Rey.* Vem Jason esclarecido,  
Vem, que vens a descansar.

*Jason.* Quem se vê de amor ferido,  
Que mal póde descansar!

*Med. e Creus.* Só quem vive sem Cupido  
He que póde descansar.

*Tod.* Mas quem tem o meu cuidado  
Que mal póde socegar!

*Rey.* Entra.

*Jason.* Eu vou: ò bello encanto,  
Quem de ti se não apartara!

*Creus.* Eu me abraço.

*Med.* Eu viço ardendo.

*Med. e Creus.* Que a Jason já estou querendo.

*Tod.* Pois me das enleyo tanto,  
Eu prometto triunfar. Vão-se.

SCE-

## S C E N A III.

*Camera com hum bofete, e sabe Sacatrapo.*

*Sacatr.* **E**U ando perdido por este Palacio, entrando, e sahindo, sem saber por onde entro, nem por donde fayo; só com a cofinha não acerto: quero esperar aqui; até que venha alguém: Ora nós já temos annel de diamantes, já poderemos coçar o nosso olho afoitamente; porque isto de ter hum homem annel, logo faz deitar as mãos de fóra, fazer palminhas às crianças, jogar o çape na barba, tudo com a mão esquerda, que nós que temos annel, logo nos fazemos canhotos. Huma vez me lembra, que hum amigo meu, tanto me quiz meter hum annel, que tinha, pelos olhos, que me meteo o annel, o dedo, e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até sahirme pelo outro olho; mas com tudo sempre andarey com o olho sobre elle; pois segundo ouvi dizer, sey que nesta terra ha muita feiticeira.

*Sabe Arpia.*

*Arpia.* Quem está aqui?

*Sacatr.* Parece-me que sou eu.

*Arpia.* Vossa mercê, Senhor Soldado, como que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medéa?

*Sacatr.* Eu, Senhora, entrey aqui sem atrevimento.

*Arpia.* Pois não sabe, que no quarto das Princezas se não entra?

*Sacatr.* Eu não tenho sciencia infusa para saber tudo.

*Arpia.* Pois para onde hia?

*Sacatr.* A fallar a verdade, eu hia para a cozinha, e quando me não precatey, machey aqui.

*Arpia.* Pois sabe que mais? Que está condemnado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que he a pena, que se dá a quem entra aqui, sem que para isso lhe valha o ser criado de Jason, que a elle mesmo se ha de fazer o mesmo, se aqui entrar.

*Sacatr.* E a mim que se me dá, que me cortem os dedos dos pés? Poupaõ-me o trabalho de cortar as unhas.

*Arpia.* Vossê cuida, que eu zombo! vá-lhe descalcando já, já, depressa, que eu chamo o algoz: õ lá de dentro?

*Sacatr.* O' Senhora enxota cadellas de Palacio, por vida sua, que não chame o algoz; e se isto se remedêa com dar-lhe este anel, que he o que tenho, ahí está,

tem,

tem , e deixe-me em paz ; pois vão-se embora os anneis , e fiquem os dedos.

*Arpia.* Pois saiba , que por compaixão lho tomo , que eu não sou amiga de fazer sangue.

*Sacatr.* Ora vossa mercê viva muitos annos , ainda em cima de me levar o anel.

*Arpia.* Olhe , meu filho , não se desconfole , que Deos lhe dará outro anel ; trate primeiro da sua faude , que diamantes são pedras ; e para que lhe não succeda outra , eu tirarey hum passaporte , para poder entrar por onde quizer : Ouve , faça hum memorial , e dê-mo.

*Sacatr.* Tomara eu fazer hum total esquecimento do anel , que cada vez , que me lembra , morro de saudades por elle.

*Dentr.* Arpia ? Arpia ?

*Arpia.* Ay que ahi vem Medéa ; esconde-te ahi debaixo do bofete , para que te não veja aqui.

*Sacatr.* Ainda mais essa ! Mas diga-me , Senhora , quem he essa Arpia , por quem chamou Medéa ?

*Arpia.* Sou eu.

*Sacatr.* Vossa mercê he Arpia mesmo por seu gosto , ou isto he alcunha ?

*Arpia.* Pois que tem o nome de Arpia ? Não he bonito ?

*Sa-*

*Sacatr.* Eu bem fey , que o nome de Arpia he hoje da moda , pois humas facem Arpias na cara , e outras nas unhas , como v. g. o meu annel nas unhas desta Arpia.

*Arpia.* Anda , esconde-te , que Medéa chamou.

*Esconde-se Sacatrão debaixo do bofete , e sabida Medéa.*

*Med.* Arpia , eu venho louca de amor por Jafon ; pois apenas o vi , logo me arrebatou todos os sentidos , de forte que me enlouqueço.

*Arpia.* Não he necessario chegar a tanto extremo ; pois com os encantos de tuas magicas podes fazer , com que te queira.

*Sacatr.* Não he nada ; a menina he feiticeira !

*Med.* Para que Jafon me queira , não hey de usar de maquinas , nem magicas , que isto era violentarlhe a vontade , que sem ella não póde haver perfeito amor.

*Arpia.* Pois entãõ como ha de ser ?

*Med.* Explicarlho , seja como for.

*Arpia.* E se elle te desdenhar ?

*Med.* Entãõ perder as esperanças , morrerey logo , e comigo o meu amor.

*Arpia.* O melhor he disfarçar isso.

*Med.* Como o hey de disfarçar , sendo hu-

ma

ma setta, que sempre me está penetran-  
do o coração?

*Sacatr.* Pois beba agua de manjericaõ, que  
logo se hade achar boa.

*Med.* Atreves-te tu a saber se me tem in-  
clinação?

*Arpia.* Eu tenho boas mãos para effes un-  
guentos, deixe-o por minha conta; mas  
seu cuido, que ahí vem elle!

*Med.* Pois eu escondo-me aqui, que quero  
observar a minha morte, ou a minha vi-  
da.

*Esconde-se.*

*Sabe Jason*  
*Jason.* Senhora, estimara, que fizesseis pre-  
sente à Infante Medéa, que Jason vem  
render-se aos seus pés, e beijar as suas  
mãos.

*Arpia.* Sey que ha de estimar tão grande  
fortuna.

*Sacatr.* Jason aqui! Sem duvida irá sem de-  
dos nos pés, *sicut & nos* manqueja de hum  
olho.

*Arpia.* Ora, Senhor, nós as velhas sempre  
fomos curiosas de saber. Não me dirá,  
que lhe tem parecido nesta terra?

*Jason.* Por certo, que he huma grande Cor-  
te, e bastava ser Oriente de tantos Soes,  
quantos nella resplandecem.

*Arpia.* Não ha duvida, que o da Senhora  
Tom. I. *Surgiu* Me

Medéa excede a todos os astros.

*Sacatr.* Que fora, se elle vira o sol da India!

*Jason.* Quem póde duvidar, que minha Senhora Medéa he a Fenix da formosura

*Arpia.* Certamente, que estava aqui hum bom casamento; porque ella he a herdeira deste Reino, e vós, Senhor, tambem o sois do vosso, e tudo se podia ajuntar: e que lindos filhos teriaõ!

*Jason.* Se eu me não achara indigno dessa honra, talvez que a procurara; mas não quero incorrer na censura de Faetonte.

*Sabe Medéa.*

*Med.* Jason, quem sente, he força que se queixe; que para amar basta ter alma. Já podes entender, que quando huma mulher da minha esfera se chega a explicar, grande he o seu amor; pois quando o incendio he excessivo, não se póde conter nos limites do edificio, que logo não saya pelas janellas.

*Sacatr.* Ah bom arrocho!

*Jason.* Bellissima Medéa, se fora certa tanta ventura, pudera-me julgar o mais feliz homem do mundo.

*Med.* Se nisto está a tua felicidade, feliz te podes chamar: e para melhor me explicar, retira-te. *Arpia,* e avisa-me quando vem alguem.

*Ar-*

*Arpia.* Eu vou Senhora : Amor os ajude.  
*Vaise.*

*Med.* Se promettes corresponderme com o mesmo amor , seguro-te , que te podes chamar feliz ; pois verás , que por teu respeito faço mudar os montes de seu lugar , seccarse o mar , confundir todos os quatro elementos , fazendo que tudo te obedeça ; e até te farey Senhor do celebre Velocino , para cuja conquista em vão se tem fatigado tanto militar concurso ; porque forças humanas o não podem conquistar , pois o defende hum horrivel Dragaõ encantado ; sendo este Velocino o thesouro mais rico , que ha no mundo.

*Sacatr.* Huma vez que lhe falla nos Velocinos , ahi o tem manso como hum burrego.

*Jason.* Tudo isso para mim não vale tanto , como a felicidade de ser teu esposo ; porque em ti se contém a mayor riqueza.

*Med.* Promettes Jason ?

*Jason.* Prometto Medéa.

*Med.* Vê lá o que dizes.

*Jason.* Por todos os Deoses do Firmamento , e por todas as Deidades do Cocyto te juro sempre ferte firme , e amante.

*Canta Medéa a seguinte Aria , e*

RECITADO.

Pois vê lá o que dizes , não me enganes ,  
Nem meu ardor , sacrilego , profanes ,  
Que quem te sabe dar riquezas tantas ,  
A morte dará , se a fé quebrantas .

A R I A .

Félice serás ,  
Jason , se constante  
Te mostras amante  
A tanto querer ,  
A tanto adorar .  
Por isso verás ,  
Se acaso conspiras  
A ser inconstante ,  
Sahir desse abyfmo  
As furias , as iras ,  
As chammas , os rayos ,  
Até que em desfmayos  
Te veja espirar .

*Vaise*

*Sacatr.* Peguelhe lá com hum trapo quente

*Jason.* Eu estou confuso !

*Sacatr.* Pois faça o fizo .

*Jason.* Medéa ao mesmo tempo , que se mostra  
extremosa , me ameaça com tantas  
iras ! Bem aviado estou eu , se me des-  
cuidar em adoralla : mas como póde o

meu

meu amor deixar de ter descuidos, se em Creusa tenho todo o meu cuidado? Bem sey, que Medéa he huma Estrella; mas se vejo, que Creusa he hum Sol, antes hey de seguir os rayos deste, que os resplandores daquella: quem me mandou a mim prometter ser seu esposo? Oh Deoses, que fiz eu!

*Sacatr.* Fez huma asneira.

*Jason.* Mas ay, que alguem me ouviu! Se seria Medéa? Quero ver se aqui está alguem: seria illusão do entendimento; se Medéa me promete dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, seria ignorancia perder esta occasião; mas muito mayor covardia será violar a inclinação, que tenho a Creusa, pela ambição de ganhar o Velocino: que farey neste caso?

*Sacatr.* Comer a isca, e cagar no anzol.

*Jason.* Isto já he mais, que illusão; a voz sahio da parte daquelle bofete: quem está ahi? Falle, se não o matarey.

*Sacatr.* Como bateo no mato, caçou-me.

*Sabe.*

*Jason.* Que fazias ahi Sacatrapo?

*Sacatr.* Se me pergunta pela verdade, eu não o sey.

*Jason.* Sem duvida estavas ahi para furtares alguma cousa.

*Sa-*

*Sacatr.* Antes estou aqui, porque me furtaraõ certa coufa.

*Jason.* Que te furtaraõ?

*Sacatr.* Foy o caso: Que apenas puz o pés nesta casa, eis senaõ quando marrou de narizes com Arpia, essa negregada e farruscada velha; e tanto que me lombo brigou o anel, que me deu ElRey, me disse, que tinha incorrido em pena de dal; isto he, que se me haviaõ cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, só por haver entrado no quarto das Princesas: eu como amo aos meus dedos dos pés, como se nascessem da barriga de minha máy, pelos naõ ver separados da quella boa uniaõ, que tivemos sempre, tapeilhe a boca com o anel, e vendo, que vinha Medéa, mandou-me meter debaixo daquelle bofete, aonde estive até agora chorando, e carpindo o meu anel; e como ainda o tenho diante dos meus olhos, saõ os meus dous anneis de agua.

*Jason.* Visto isso, ouviste tudo quanto passy com Medéa?

*Sacatr.* Provera a Deos, que o naõ ouvisse.

*Jason.* Pois que te parece o que succede?

*Sacatr.* Eu naõ sey de razões de estado; mas o que digo he, que a Senhora Medéa

déa he huma fina feiticeira, e a tal Arpia huma refinada bruxa; e confesso, que quando Medéa cantando dizia: As furias, as iras, as chammas, os rayos, que se me arrepiaraõ os cabellos.

*Jason.* Eu bem sey, que Medéa he magica, e como tal me pretende dar o Velocino de ouro, que he hum carneiro com pelle do mesmo ouro.

*Sacatr.* Naõ tem que me explicar, que eu em materia de Velocinos já posso ler de cadeira.

*Jason.* Porém eu vivo taõ namorado de Creusa, que naõ se me dera de perder o que me offerece Medéa, só por alcançar o thesouro de Creusa.

*Sacatr.* Senhor, em duas palavras: Amar a Medéa por cerimonia, até lhe ganhahar o Velocino, e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creusa.

*Jason.* Isso está bem; mas se Medéa me ameaça, se eu for inconstante ao seu amor, como ha de ser?

*Sacatr.* Tambem ha contra-feitiços; sendo que eu naõ creyo muito em bruxas.

*Jason.* Tu, Sacatrapo, se tiveres occasiaõ, has de explorar o peito de Creusa; e se a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero; porém com muito  
se.

segredo, que Medéa o não presume, pois a todos nos importa isso; e levando nós o Velocino, havemos ter muito ouro.

*Sacatr.* Eu de todo esse carneiro não quero mais do que o rabo; porque tendo eu esse; escaparey de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

*Sabe Theseo.*

*Thes.* Senhor, he necessario cuidar no fim para que viemos; pois os Soldados aventureiros estão já desesperados, por ganhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambição do despojo.

*Jason.* Theseo, não cuides, que me descuidado, e sabe que já o temos concluido.

*Thes.* De que sorte?

*Jason.* Anda, que o saberás depressa, e darás o teu conselho.

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Daqui se váy Jason: que queria no quarto de Medéa? Já me desengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E também o criado aqui está! Que mayor indicio? Ay infeliz Jason, se a Medéa entregas o teu peito!

*Sacatr.* Senhora Creusa, eu não sou Antipoda,

podá, para que esconda de mim o bello Sol de seu rosto.

*Creus.* Que fazias ahi, Sacatrapo, tu, e teu amo?

*Sacatr.* Ambos estavamos aqui perdidos; eu no labyrintho de Palacio, e meu amo perdido no labyrintho de amor.

*Creus.* Bem sey, que Medéa he attractivo, que o arrebatá.

*Sacatr.* Meu amo se gasta às punhadas; porém, Senhora, não he Medéa a causa de seu enlevo, porque mais Medéas ha na terra.

*Creus.* Para que o negas; pois já isso he notorio, e aqui não ha quem possa merecer as attensões de Jason, senão Medéa.

*Sacatr.* Porque? Vossa Magnificencia não era muito capaz para isso? Ora o caso está galante!

*Creus.* Eu não sou Princeza.

*Sacatr.* Dessa massa se fazem: aqui estou eu, que com o favor dos astros espero ser o Graõ Turco.

*Creus.* Fica-te embora, já que estás galanteando.

*Sacatr.* Senhora minha, aqui debaixo de segredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Vossa Serenidade, que Jason adora ternissimamente a Vossa Magnifi-

gnificencia, e sey eu, que deseja ser seu  
 esposo, e não se declara com medo de  
 Medéa; porque diz, que o ha de tra-  
 fegar, se elle lhe for inconstante; que  
 a mulher he hum demonio em carne;  
 pois ainda quando acaricia, tem tão má  
 carinha, que mais arranha, do que affaga.

*Creus.* Dizes isso de veras?

*Sacatr.* Com veras, reveras, e tataraveras.

*Canta Creusa a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Oh mal haja Medéa, e seus encantos,  
 Pois esfria de amor incendios tantos,  
 De Jafon usurpado o alvedrio  
 Com rigor tão impio,  
 Que com falsas tyrannias indecencias  
 Dos astros quer mudar as influencias.

A R I A.

Que intente adorarme  
 Jafon; e não possa,  
 Querendo roubar-me  
 Medéa o meu bem!  
 Que injusto tormento!  
 Que fero rigor,  
 De hum mal tão violento,  
 Que alivio não tem!

*Vaise.*

*Sacatr.* Ah Senhora, espere, dê-me a re-  
 posta:

posta: e foy-se sem dizer aqui estou eu!  
Que diabo terá este Jason, que todos o  
querem? O maldito parece, que tem  
mandinga! Só eu não acho na verdade  
quem me queira! Pois por certo, que  
não he o diabo tão feyo como o pintaõ;  
porque eu, graças a Deos, sou muy bem  
estreado, bem tirado das canellas, sou  
beijudo, e tenho unhas machas; sou no  
andar miudo, e finalmente o meu todo  
se compoem de muitas partes; e com tu-  
do não ha huma alma perdida, que se  
namore de mim; mas isto será porque  
eu me não namoro nunca dellas; mas eu  
prometto daqui em diante namorar a tro-  
xe moxe, que alguma cahirá no laço.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

A R I A.

He o amor, que huma alma engole  
Sabaõ molle;

Pois com elle quem se esfrega

Cabra cega

Escorrega,

Cahe aqui, cahe acolá.

Assim huma alma namorada

Esfregada

Enfaboada,

Que tropeços não fará!

SCE-

## S C E N A - I V .

*Descobre-se huma sala , e sabem ElRey ,  
e Telemon.*

*Rey.* **T**elemon, não posso deixar de fazer reparo nesta vinda de Jason tão intempestiva ; pois segundo me disserão , nenhuma tempestade teve, para arribar a este porto ; antes cuido, que elle veyo muito de proposito com algum pernicioso intento : e como tu sabes, que este Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jason, dissimulando o veneno com alguma industria, roubar-me o meu grande thesouro do Velocino ; e assim manda-lhe dobrar as guardas, e ter a soldadesca prompta para qualquer invasão.

*Telem.* Senhor, que te assusta, e sobressalta? Para que he dobrar as armas, e guardas, se o Velocino bem guardado está com o Dragaõ, que o defende?

*Rey.* Com tudo como o Dragaõ he encantado, póde haver arte, que o desencante ; e assim faze o que te digo, que a prevençãõ he filha da prudencia.

Sabe Medéa.

*Med.* He incomparavel a alegria, que tenho de me ver amada de Jason; porém aqui está ElRey meu pay!

*Rey.* Medéa, a bom tempo vieste.

*Med.* Pois que ordena Vossa Magestade de huma obediente filha?

*Rey.* Has de saber, que me tem causado grande susto a vinda de Jason; pois fustoy, que o seu fim será roubar-me o Velocino; e assim, já que na sciencia magica estaõ peregrina, quizera, que penetraesses o seu designio; e sabido elle, buscar o remedio ao seu atrevimento, e à minha desconfiança.

*Med.* Não lhe dê isso cuidadõ a Vossa Magestade, pois prometto brevissimamente sabello, ainda que pessoalmente desça ao tenebroso reino de Plutaõ; e assim descanse Vossa Magestade, e não se afflija, nem sobrefalte, que ainda quando o Velocino não estivesse bem guardado com o Dragaõ horrivel, se necessario fora, viriaõ em defenfa do Velocino todos os Dragões, e Serpentes da Libiã, e todas as feras, e monstros do Averno, para que se segure o Velocino, e o teu receyo.

*Rey.* Dá-me os braços, Medéa, pois de

ti espero todo o meu sócego.

*Telem.* Guarde Jupiter a V. Alteza.

*Med.* Quiz desvanecerlhe o pensamento porque ao menos não finta o mal ante de o padecer; pois Jason ha de ser senho do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

*Sabe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.*

*Sacatr.* O' velha bruxa, largá o meu anel

*Arpia.* A que del Rey, que me mata! Quem me acode?

*Med.* Tende mão, que desaforo he este na minha presença?

*Arpia.* Senhora, que ha de ser? Este mal-dito homem, que me quer matar.

*Med.* Se não foras criado de Jason, aqui te sepultaria vivo pelo atrevimento.

*Sacatr.* E ha ley, que mande que aos criados de Jason se furtem os anneis?

*Med.* Pois quem te furtou o anel?

*Sacatr.* Essa Senhora Arpia, que com subtil arpiadura me furtou o anel, que me deu El Rey, como Vossa Infanteza

o bem vio?

*Med.* He aquillo assim, Arpia?

*Arpia.* Ay Senhora foy huma pessa, que lhe fiz, só pelo ver desesperar.

*Sacatr.* Senhora, o anel he que era pessa de Rey; mas o que me fez foy latrocínio formal.

*Med.*

*Med.* Pois , Arpia , escuse de fazer essas  
peffas , e dê logo o anel a seu dono.

*Arpia.* Pois eu para que o quero ? Tome lá.

Calte , que tu mo pagarás , toma. *à p.*  
*acatr.* Mostra cá , que já lhe tinha perdi-  
do a posse , e a esperança tudo junto.

*Sabe Jason.*

*Jason.* Bellissima Medéa , como todo o meu  
alivio consiste em verte , não estranhes  
os excessos do meu amor.

*Med.* Se tu me adoras , não vendas por fi-  
neza , o que he obrigação de quem ama.  
Ay Jason , se feraõ verdadeiros os teus  
extremos !

*Jason.* Medéa , em hum peito nobre não ca-  
bem affectos fingidós ; antes cuido , que  
os fingimentos estaõ da tua parte.

*Med.* Muito me escandalizas. Dizes isso  
deveras ?

*Jason.* Quasi estava para dizer que sim.

*Med.* Que motivo tens para isso ?

*Jason.* Bem sabes , que tenho gosto de ver  
o Velocino de ouro , só para admirar es-  
te prodigio da natureza , e com tudo  
naõ tenho merecido esse favor , poden-  
do-mo tu fazello , e quem ama verdadei-  
ramente , procura sempre dar gosto ao  
seu amante.

*Med.* Se essa he a queixa , que tens de mim ,  
ve-

verás como depressa te satisfaço : tom  
esse anel.

*Sacatr.* Que anel, Senhora?

*Jason.* Calte nescio.

*Arpia.* Calte animal.

*Sacatr.* Cuidava que lhe dava o meu anel ; pois entendo , que ninguem tem esse anel ; fenaõ eu. Guarde-o bem , veja que esta *Arpia* he inclinada a anneis quando não ficará sem dedos.

*Med.* Toma pois , *Jason* , este anel , que com elle farás tudo quanto quizeres por especial virtude desse *chrysolito* : vá com elle ao jardim encantado , feliz habitação do *Velocino* ; e supposto este cercado de muralhas de bronze , e dentro o defenda hum *Dragaõ* , tudo vencerás com a virtude deste anel ; e ainda que sem tu o teres na tua mão podia eu pela minha fazer tudo , quero , para que vejas o quanto te amo , que a ti te entrego o deposito de minha sciencia magica ; porque he proprio de quem extremamente ama entregar com a vontade o entendimento.

*Jason.* Pois de que sorte ha de ser isto?

*Med.* Desta sorte.

*Desce huma nuvem , e nella vaõ arrebatados*

*Jason , e Medea.*

*Sacatr.*

*Sacatr.* A Deos Jafon para secula feculo-  
rum.

*Arpia.* Que te parece isto? Não he galante?

*Sacatr.* He muy boa galantaria, mas eu lhe  
não acho graça. Ora diga-me, Senhora  
Arpia, e Medéa sabe fazer destas habi-  
lidades?

*Arpia.* Como ninguem; porém tal Mestra  
teve ella.

*Sacatr.* Apostemos que foy vossa mercê a  
Senhora Mestra?

*Arpia.* Eu fuy a Mestra de Medéa, que a  
ensiney desde criança à arte magica, a  
que vossês os nescios chamaõ feitiçaria;  
e o demo da rapariga tomou taõ bem as  
lições, que hoje me póde dar seis e às,  
e a maõ.

*Sacatr.* Taõ entabolada está ella no jogo  
da coufa?

*Arpia.* Como lho hey de dizer? Faz cou-  
fas nunca vistas; e algumas com galan-  
taria, que he para ver, e admirar.

*Sacatr.* A vossa mercê ainda lhe lembra al-  
guma coufa do tempo que era Mestra?

*Arpia.* Qual, filho, os annos tudo conso-  
mem; pois no meu tempo andava eu nas  
palmas.

*Sacatr.* Melhor fora que o Carrasco lhe an-  
dasse nas costas; mas certamente que a

vossa mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria.

*Arpia.* Qual, isto esquece muito, se se não traz sempre entre as mãos.

*Sacatr.* Por isso me ha de lembrar o anel, que o trago entre os dedos.

*Arpia.* Pois cuidavas, que aquillo do anel era verdade? Foy huma pessa que te quiz fazer.

*Sacatr.* Pois porque era pessa, por isso eu tambem por pessa o disse a Medéa; mas não disfarçemos, faça alguma magicafinha pequenina, coula galante.

*Arpia.* Ora por te fazer a vontade ahi vay huma primorosa: Por arte de berliques berloques, que com esta bofetada te salte fóra a cabeça do corpo.

*Dá-lhe huma bofetada, e salta a cabeça de Sacatrapo, que andará pelo ar, dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.*

*Sacatr.* Ay minha cabeça, que a tenho por esses ares!

*Arpia.* He para ver, se has de fazer queixa a Medéa, que te furtey o anel.

*Sacatr.* Poem no corpo a cabeça, bruxa, se não olha, que te dou huma cabeçada,

*Canta Arpia a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Naõ to hey de fazer, por mais que o peças;  
Pois quero que padeças  
Por dous annos se quer este tormento,  
Castigando teu louco pensamento.

A R I A.

Oh quanto já me alegra  
Ver este movimento,  
Que he bem, que leve o vento  
Cabeça que he taõ vã.

Se em ti, por nescio, e tollo,  
Cabeça naõ havia,  
Naõ julgues tyrannia  
Tirarse o que naõ ha.

*Sacatr.* Ora encaixa-me a cabeça, que eu  
te dou o anel, sem que tu mo furtes.

*Arpia.* Agora sim, eu ta encaixo.

*Poem-lhe a cabeça, e foge.*

*Sacatr.* Espera, que mo has de pagar, por  
vida de Sacatrapo. *Vaise.*

## S C E N A V.

*Jardim, aonde estará o Velocino; que he hum Carneiro de ouro, e ao som do Coro, e instrumentos, sabirá Jason pela sala de fóra a cavallo no Pegaso, que trará azas, e depois entrará no jardim, aonde tambem estará hum Dragaõ lançando fogo, e com elle brigará Jason.*

## C O R O.

**S**E amor he hum encanto,  
 Que inflamma  
 Na chamma  
 Tyrannico ardor,  
 De ver não me espanto  
 A hum peitô  
 Desfeito  
 A encantos de amor.

*Jason.* Horroroso Dragaõ, espantoso abor-  
 to do abyfmo, a pezar das sombras, e do  
 furor que conspiras, hey de domar a tua  
 furia, cegando-te primeiro com as luzes  
 do chryfolito deste anel, e ao depois,  
 tirando-te a vida com o penetrante def-  
 ta espada, sepultando-te finalmente nas  
 entranhas da terra.

*Mata ao Dragaõ, que com urros se meterá por  
 hum*

hum buraco do tablado, donde sabiráõ cham-  
mas de fogo, e a esse tempo se desapea do ca-  
vallo, que voando tomará diverso caminho,  
e ao mesmo tempo descera Medéa em huma  
nuvem, que vindo fechada, se abrirá, e del-  
la sabirá Medéa.

**Jason.** Inclyra, e famosa Medéa, agora co-  
nheço o teu amor.

**Med.** Se pelas obras exteriores conheces o  
meu amor, que fora se viras o intento  
de meu coração. Ahi tens, Jason, o  
Velocino, que tanto desejas.

**Jason.** Que admiravel prodigio da nature-  
za! Já achey o que buscava.

**Med.** Que te parece este jardim?

**Jason.** Occupa toda a admiração. Quem  
me dera, que Sacatrapo visse isto!

**Med.** Se isso desejas, aqui te vem já. Sa-  
catrapo? Sacatrapo?

*Vem voando hum Dragaõ pelo ar, e lança pela  
boca a Sacatrapo no tablado.*

**Sacatr.** Senhora, Senhora: mas aonde es-  
tou eu!

**Jason.** Que he isso, Sacatrapo, tu aqui?

**Sacatr.** Ah Senhora Medéa, eu escuso es-  
tas gracinhas, que isso toca ao Senhor  
Jason, que para me eu divertir, lá tenho  
a minha Arpia, que toca a degollar mui-  
to bem.

Ja-

*Jason.* Quiz que tambem tu te achasses na empreza do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Não basta intentar a empreza, he necessario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

*Med.* He aquelle; não o vês?

*Sacatr.* Ay como he galante! Tô, tô, Velocino, vem cá, passa aqui, tô, tô.

*Jason.* Homem, elle não he cão, he carneiro.

*Sacatr.* Elle será carneiro, mas a mim me parece cão, pelo gozo que tenho de o ver.

*Jason.* E he certo Medéa, que he de ouro a pelle deste carneiro?

*Med.* De ouro he, e tirandose-lhe huma pelle, lhe nasce outra tambem de ouro.

*Sacatr.* Meu amo está que não cabe na pelle; o ponto está, Senhora Medéa, que o tal carneiro em se apanhando daqui fóra, não mude a pelle.

*Med.* Nisso podes estar descansado.

*Sacatr.* E eu que tenho com isso? A meu amo he que Vossa Infanteza ha de passar essa carta de seguro; porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o mesmo que dar-me dous couces, depois de tanto trabalho.

*Jason.*

*Jason.* Não lhe puxes pela lingua, se não nunca se callará.

*Med.* Pois se he fallador, trate de o não fer daqui em diante; porque se differ a alguem, o que aqui passamos, o matey certamente.

*Sacatr.* A que delRey Senhores, eu pedi a alguem, que quera saber de jardins, nem de Velociño, nem de badallo! De sorte, que estava eu começando a jantar, eis sennaõ quando de improviso me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe não fiz bom cosimento, vomitou-me neste jardim; e entaõ, digo eu agora, para que me foraõ chamar, se sabiaõ que eu era linguarudo?

*Jason.* Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado às vossas finezas.

*Med.* Não he muito, Jason, que eu applauda a tua entrada neste jardim, quando até as arvores, e troncos inanimados te sabem festejar; e para que o vejas, attente: Plantas, arvores, e flores, sahi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jason.

*Sabem por quatro escotilhas quatro arvores.*

*Jason.* Effeitos são da tua sabedoria; eu estou pasmado!

Sa-

*Sacatr.* E eu com o queixo cahido!

*Med.* Ainda não pára aqui o teu applauso  
arvores, transformaivos em Ninfas,  
applaudi a Jason, cantando, e repetin-  
do as minhas vozes.

*Sacatr.* A mulher he capaz de fazer hum  
fallada!

*Canta Medéa, e repetem os eccos.*

*Med.* Dizey o incendio voraz, voraz  
Que em meu peito abraza amor, amor  
Quando por Jason se inflâma, flâm:  
N'um puro, e suave ardor. ardor

*Jason, e Med.* O' Ninfas, dizeilhe,  
Que já no meu peito  
Em ancias desfeito

*Tod.* Voraz amor inflamma ardor.

*Canta Jason, e repetem os eccos.*

*Jason.* Dizey, que em dita feliz, feliz  
Vive em mim constante ardor, ardor  
Pois já Medéa me inspira, pia  
Mil sacrificios amor. amor

*Jason, e Med.* O' Ninfas dizeilhe,  
Que já no meu peito  
Em ancias desfeito

*Tod.* Feliz incendio inspira amor.

*Sacatr.* Ora eu, sem ser Narciso, very fe-  
acho algum ecco, que me responda: ora  
lá vay, Senhora Medéa.

*Med.* Dize, que ellas te responderáõ.

*Canta Sacatrappo o seguinte.*

Dizey se do Velocino,

Hey de ter se quer hum pello.

*Zurraõ dentro.*

*acatr.* Oh! Zurraraõ? Andar, se não tive eccos, achey burro: isto agora he que he magica, pois que as Ninfas se tornaraõ em burro. Ah Senhora Medea, he isto jardim, ou estribaria?

*Med.* Para ti todo o lugar he estribaria.

*Sacatr.* Isso he pôr as cousas no seu lugar; mas já que Vossa Infanteza quiz fingir este jardim, não fez mal em fabricallo no lugar da estribaria, que entendo em minha consciencia, que as estatuas são os burros do Senhor seu pay.

*Med.* Jason, ainda passa a mais o meu amor; pois verás que por ti faço com que essas Ninfas, em que falta o animado, em teu applauso te formem huma contradança; e assim os passaros, as aguas, e o Zefiro a entoem, e as Ninfas bailem.

*Tocaõ huma contradança, e descem as Ninfas dos seus lugares, e dançãõ.*

*Jason.* Que dizes agora a isto, Sacatrappo?

*Sacatr.* Deixe-me, Senhor, que me estou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos, tambem fará bailar as tripecinhas.

*Jason.*

*Jason.* Não gostas de contradança?

*Sacatr.* Não Senhor, porque fuy sempre  
contra a dança.

*Jason.* Medéa, não sey com que te hey de  
gratificar tantas finezas, quantas pe-  
nim tens feito. Sacatrapo, não deixes  
ficar o Velocino. à parte

*Med.* Adorado Jason, se já conheces o meu  
amor, peço-te, que não sejas ingrato  
tantos extremos.

*Jason.* De que forte queres, que te segure  
a minha constancia?

*Med.* Com a mesma constancia, com que  
meu peito te adora.

*Jason.* Assim o prometto.

*Med.* Ditosa já me posso chamar com tanta  
ventura.

*Jason.* E eu feliz. Ay Creusa, quando ven-  
dadeiramente sem sustos descansarey em  
teus braços; pois só tu me roubaste o  
meus sentidos! Sacatrapo, leva o Velo-  
cino, não o deixes. à parte

*Sacatr.* Assim era eu asno.

*Med.* Vamos, Jason.

*Jason.* Médéa, vamos.

*Med.* Mas esperay: que terey que tão fo-  
brefaltado tenho o coração? à parte

*Jason.* Que te suspende, Médéa?

*Med.* Ay Jason, dize-me: Estarey cert-  
na tua promessa? Ja

*Jon.* Vive descansada, Medéa, que não faltarey à minha palavra.

*Patr.* Não haja desconfiança de parte a parte, que eu fico por fiador, e principal pagador; e assim dizey, Ninfas, e publicay de Jason, e Medéa, a bella tenção, dizendo todos.

C O R O.

Se amor he hum encanto,

Que inflamma

Na chamma

Tyrannico ardor;

De ver não me espanto

A hum peito

Desfeito

A encantos de amor.

*Fim da primeira parte.*

---

P A R T E II.

S C E N A I.

*Camera.* Sabem Jason, e Theseo.

*thes.* **A**Inda não creyo, Jason, que sem derramar sangue conquistámos o Velocino.

*Jason.* Confesso-vos, Theseo, que quando  
nis-

nisto imagino, parece-me que estou  
nhando.

*Thef.* E segundo, Senhor, me contaft  
entendo que debalde viriamos a esta co  
quista com armas, se naõ foraõ as m  
gicas de Medéa, que tanto te ama.

*Jason.* A's vezes póde mais Cupido, q  
Marte, pois mais poderoso foy semp  
o amor, que o odio: e certamente Th  
seo, que com ter a certeza na magica  
de que havia triunfar do Dragaõ, q  
guardava o Velocino, com tudo a vift  
e o aspecto delle poderia causar temo  
ao coração mais destemido.

*Thef.* E agora para que nos dilatamos ma  
nesta terra? Vamo-nos embora, ante  
que se saiba o roubo do Velocino, e no  
custe sustentar com a espada o que g  
nhámos sem ella.

*Jason.* Assim he, Theseo; mas as couf  
naõ se fazem como se dizem. Bem sabe  
as finezas, que Medéa tem obrado po  
mim, e que com o pretexto de ser e  
seu esposo, he que me facultou a entra  
da no jardim; e assim parece vileza,  
ingratidaõ o deixalla; além disso, co  
mo sabes, que he magica, poderá vin  
gar-se em nós, que huma mulher escan  
dalizada, e poderosa, he muito para te  
mer

mer. Assim pretendo encobrir, que por  
Creusa he que me detenho. *à parte.*

*des.* Segue o teu parecer, que algum dia  
te pezará não seguir o meu conselho.

*Vaise.*

*son.* Se eu estou louco de amor, como  
hey de ter entendimento para acertar?  
Pois quando o amor vive no peito, he  
força que desfaleça o juizo.

*Sabe Sacatrapo.*

*acatr.* Eilo lá fica no poraõ, enxuto, e  
bem acondicionado.

*son.* O que?

*acatr.* O Velocino, a quem estive acom-  
panhando até agora, que lhe confesso  
não posso apartarme delle; e entendo,  
que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

*son.* Não te quizera ver taõ seu amigo,  
que es capaz de tirarlhe alguma gadelha  
em achando occasiaõ.

*Sacatr.* Senhor, sempre ouvi dizer, que  
era bom tomar a occasiaõ pelos cabel-  
los; mas eu, se a achar, a tomarey pe-  
las unhas, que he mais seguro.

*son.* Pois já que es taõ occasionado, não  
tornarás a brincar com elle.

*Sacatr.* Já o remedio he tarde, pois já cá  
dizimey o que quer que he. *A' parte.* E  
sabe, Senhor, que mais? Aposto que o  
não sabe.

*Ja-*

*Jason.* Dize.

*Sacatr.* Que o tal carneiro sabe Latin.

*Jason.* Deixa-me com disparates.

*Sacatr.* Ainda essa he peyor : basta que lh diga eu , que o tal Velocino he hum C lefino encadernado em carneira , e sena veja. Pergunteilhe eu ( por acaso ) d ego , mei , mihi o accusativo do singular Eis senaõ quando me responde logo m Eu quando tal ouvi dizer , disse comi go : Tambem se a ti te naõ falla o dia bo nas tripas , mal por mim.

*Jason.* Seja o que quizeres : vamos ao caso

*Sacatr.* Vamos ao Occaso , e vamos ao Ori ente.

*Jason.* Pudeste fallar a Creusa , e significar lhe o quanto lhe quero ?

*Sacatr.* Deixando circuitos , e episodios apenas tu , Senhor , te apartaste de mim quando logo Creusa veyo nas tuas ancas e eu , tanto que a vi só por só comigo , confesso que tive medo , e quiz chamar a que delRey.

*Jason.* De que tiveste medo ?

*Sacatr.* Senhor , assim como as feyas fazem fugir , tambem as formosas assombraõ ; e como naõ ha Sol sem sombra , ella foy o Sol , e eu o assombrado de seus rayos ; pois cada olho era hum cagalume , cada

face hum carbunculo , que andava nas mãos do Anatomico da belleza , cada cabello era hum rayo , cada pestana hum cometa , e hum corisco cada nariz.

*Jason.* Tantos narizes tem ella ?

*Acatr.* Sim Senhor , e taõ bellos , como os seus narizes.

*Jason.* Vamos adiante.

*Acatr.* Isso he o que queria ? Pois ouça mais : Fuy eu , e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir , que fiz ? Fuy de mansinho abrindo a boca pé por pé , e lhe escarrey na bochecha o recado , que me deu , tim tim por tim tim.

*Jason.* E quando lhe fallaste em mim , alterou-se ?

*Acatr.* Naõ sey , porque lhe naõ tomey o pulso ; mas se pelos olhos se conhece quem tem lombrigas , ella tanto que lhe fallay em Jason foy tanta a lombriga que destilou pelos olhos , que assentey logo , que a Senhora Creusa esteve mordida da bicha de Cupido.

*Jason.* Vamos à conclusãõ da historia.

*Acatr.* Senhor , em conclusãõ , argumenteilhe rijamente sobre o ponto ; e vendo-se convencida , começou a querer fugir do argumento ; mas eu que na ponte dos asnos sou hum lince , que fiz ?

Mu-

: Mudeilhe o argumento , e logo a colla  
no laço.

*Jason.* Acaba , antes que acabe contigo.

*Sacatr.* Pois demos por acabado , que e  
naõ posso acabar comigo o ser Laconico

*Jason.* Pois em que ficou?

*Sacatr.* Ficou em pé sobre os çapatos.

*Jason.* Tu estás zombando?

*Sacatr.* Zombaria fóra : ella lhe naõ pezo  
de ouvir o recado , ainda que lho de  
bem pezado ; e começando a fazer bi  
quinhos , como quem queria chorar , de  
temperou em cantar huma Aria , e virou  
me as costas : eu ainda assim fuy atra  
della ; e perguntando-lhe pela reposta  
virando-me o rosto para mim muy fizu  
da , e muy grave , fez-me huma careta  
e çafou-se , e ficou çafada.

*Jason.* De toda essa arenga venho a con  
cluir , que achaste Creusa inclinada a  
meu amor.

*Sacatr.* A's vezes , quando se abaixava , naõ  
ha duvida , que se mostrava inclinada  
porém , Senhor , com que estamos ? Eu  
acho de mim para mim , que ella se ha  
de resolver a querer , e só lhe digo , que  
reve bom gosto.

*Jason.* Pois naõ he mais formosa , que Me  
deã?

*Sa*

*Sacatr.* Isso não he questão ; porque se Medéa encanta , tambem Creusa enfeitiça.

*Jason.* O' Sacatrapo , se eu alcanço os favores de Creusa , não tenho mais que desfejar.

*Sacatr.* Pois , Senhor , entendamo-nos ; falla deveras , ou está zombando ? Eu cuido até agora , que isso de Creusa era chachara.

*Jason.* Não he fenaõ realidade , pois a amo com todas as veras ?

*Sacatr.* Uy , Senhor , quando eu cuidava , que conquistado o carneiro terias jaziço ; vejo agora , que depois de alcançado , ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creusa , Senhor ; e pois temos o carneiro nas garras , embarquemo-nos , antes que o mar se encrespe em carneiros.

*Jason.* Por isso mesmo , porque tenho fe-guro o Velocino , por isso quero tambem a Creusa ; e assim vay outra vez , e dize-lhe , que se se resolve a vir comigo para Theffalia , que será minha esposa , e subirá comigo ao Solio da Magestade , que por direito se me deve.

*Sacatr.* Ay , Senhor , que muito temo os encantos de Medéa !

*Jason.* Não vês que ella me deu o anel ,

deposito da sua sciencia, e com elle não temo magicas?

*Sacatr.* Eu, Senhor, não se me dá que se torne em carvão a pelle de ouro, que eu sempre hey de forrar a minha pelle.

*Jason.* Sacatrapo, mãos à obra, e se me trazes boas novas, terás boas alviçaras. *Vaise.*

*Sabe ElRey.*

*Rey.* Vós não foy criado de Jason?

*Sacatr.* Criado de Vossa Reinadura.

*Rey.* Aonde está, que lhe quero fallar?

*Sacatr.* Está tomando o fresco na trapeira.

*Rey.* Oh, agora te conheço. Tu não es Sacatrapo, aquelle a quem dey o anel?

*Sacatr.* Sim Senhor; mas foy tal a minha desgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em se afeiçoar do anel, e tanto andou; até que mo lambeo.

*Rey.* Ora não te agastes, que não te faltará anneis.

*Sacatr.* E só finto o não tello, por ser prenda de Vossa Reinadura.

*Rey.* Só este me poderá dizer o que eu pretendo. *A' parte.* Dize-me, de que feres a Jason, ou que prendas são as tuas, para que elle te estime tanto?

*Sacatr.* Senhor, depois que perdi o anel já não tenho prendas.

*Rey.* Dize-me, se es Militar, porque tal-

vez te deixe ficar em meu Reino ; pois Jason , que te estima tanto por alguma cousa he.

*Sacatr.* Eu servi , Senhor , na campanha desde a idade de cinco annos. Tive todos os postos ; porque eu tive posto de pé , posto de joelhos , posto de bruços , posto de costas , posto de gatinhas , e se a necessidade era grande , tive posto de cócaras ; porque , Senhor , has de saber , que eu depois de roto fuy soldado , dahi passay a cabo de soyella ; e quando nada em dous dias me vi feito coronel de hum regimento de gallico.

*Rey.* Só reparo , que teu amo com tantos serviços te não fez Governador de alguma Praça.

*Sacatr.* Isto não era necessario , porque a mim me não faltaõ praças.

*Rey.* Ora meu Sacatrapo , hoje na tua boca consiste a tua fortuna ; pois se me dizes o que te quero perguntar , te darey huma renda com que possas passar alegremente.

*Sacatr.* Senhor , fortuna de boca , e premio de rendas , são cousas de pouca duraçãõ.

*Rey.* Promettes-me dizer o que pretendo saber ? Olha que has de ser bem premiado.

*Sacatr.* Diga, Senhor, que hum interesseiro a tudo está offerecido.

*Rey.* Para que falles com mais clareza, he bem que te allunhie o brilhante deste anel.

*Sacatr.* Isso he cerimonia, para nós não he necessario. Não o faberá Arpia. *à parte*

*Rey.* Dize-me pois, que veyo Jason buscar a este porto; pois sey de certo que não teve tormenta?

*Sacatr.* Verdade he, que os Pilotos estão discordes nessa materia; porque huns afirmam que foy tormenta; outros dizem que fora calmaria; com que nisso ha opiniões.

*Rey.* Darseha caso, que viesse Jason roubar-me o Velocino?

*Sacatr.* O Velocino não Senhor; mas hum carneiro de ouro sey eu que já o tem nas unhas.

*Rey.* Que dizes?

*Sacatr.* Bem, se Vossa Reinadura se ha de enfadar, entãõ não fallo falla.

*Rey.* E como pode elle tirar esse carneiro, estando taõ bem guardado?

*Sacatr.* Senhor, do contado come o lobo; dizem que foy por arte magica.

*Rey.* Aposto eu que andou por ahi minha filha Medéa?

*Sacatr.* Não Senhor , Medéa não , quem fez as mexidas , dizem que foy huma filha de Vossa Reinadura.

*Rey.* Essa mesma he Medéa.

*Sacatr.* Eu , Senhor , como não me meto com as vidas alheyas , não me importa quem foy , nem quem não foy.

*Rey.* Basta , não quero saber mais. Ha homem mais infeliz ! Que viesse hum pirata traidor a roubar-me a joya mais singular de todo o mundo , e que minha propria filha fosse a medianeira do meu estrago ! Não sey como me não mato por minhas mãos.

*Sacatr.* E faria muito bem , que o caso he para isso.

*Rey.* Não sey como não perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino !

*Canta o Rey a seguinte*

A R I A.

Qual leoa embravecida ,  
Que se vê destituida  
Do filhinho tenro , e caro ,  
Que com furias , e bramidos  
Fere a terra , e rompe o ar.

Affim eu sem Velocino ,  
Ando louco , estou sem tino ,  
Pois que hum vil pirata avaro ,  
Deste bem me fez privar.

Sa-

*Sacatr.* Ah Senhor, aonde hey de affent  
a minha renda?

*Rey.* Calte, perfido traidor, em ti, com  
parcial deffe barbaro, e fementido Ja  
son, vingarey a minha colera.

*Corre atraz de Sacatrapo.*

*Sac.* A que delRey contra elle mesmo. *Vai*

## S C E N A II.

*Antecamera. Sabem Medea, e Arpia.*

*Arpia.* **Q**ue tens, Senhora, que anda  
taõ melancolica estes dias? S  
já te vês amada de Jason, qu  
mais desejas?

*Med.* Não digas amada, burlada fim.

*Arpia.* Isso será desconfiança, porque  
amor isso tem, que em quanto menino  
he confiado, e desconfiado quando ve  
lho; e por isso não faltou quem dissesse  
que o amor morava na correaria.

*Med.* Pois dize-me, Arpia, não he para  
desconfiar ver que Jason depois de tantas  
finezas, que por elle tenho obrado; de  
pois que lhe entreguey o Velocino, pon  
do-me em notavel perigo, se meu pay  
o souber; em fim, depois que o fiz se  
nhor absoluto de meu alvedrio, o vejo  
taõ

taõ tibio , e taõ pouco folicito , que se passaõ muitos dias sem verme ? Vê tu se tenho razaõ , e motivo bastante para desconfiar.

*Arpia.* Senhora , quem a mandou pagar adiantado ? Chore-o agora na cama , que he lugar quente.

*Med.* Tomara eu saber qual he a causa do seu delvio.

*Arpia.* Darfeha caso , que tenha outro emprego ?

*Med.* E qual havia ser a atrevida , que sabendo que Jason me adorava , havia querer oppor-se ao meu amor ?

*Arpia.* Isso não se leva por opposiçaõ.

*Med.* Pois quem presumes tu que será ?

*Arpia.* Senhora , eu nunca tive presumpções , e muito menos agora , que sou velha.

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Medéa , toda a Corte tem estranhado o teu retiro , e tristeza ; se se póde remediar , dize-mo , que o mal communicado he menos sentido.

*Med.* Ay , que minhas tristezas , Creusa , nascem de causas taõ occultas , que ninguem as póde penetrar.

*Creus.* Não são taõ occultas , que se não saiba , que he por causa de Jason.

*Med.*

*Med.* Ay Prima , como tu o sabes , já tu não posso negar. Confesso-te, que amo a Jason , e como elle sabe o meu extremo , despreza as minhas finezas.

*Creus.* Alviçaras coração, que já podes respirar com socego. *à parte*

*Med.* Vê tu, como poderey estar, vendome desprezada depois de querida?

*Creus.* Despreza-o tu tambem, e verás como elle te busca ; porque o repudio he o incentivo mayor para avivar a chama do amor ; e faze isto , e verás que te não engano.

*Med.* Estou para tomar o teu conselho : mas temo que Jason escandalizado me deixe por huma vez.

*Creus.* Se elle te deixa amando-o , que importa que te deixe aborrecendo-o.

*Med.* Não me falles em deixar a Jason , que he impossivel.

*Arpia.* Senhora Creusa , he bem que à Senhora Medéa lhe succeda tudo isto , porque sempre lhe préguey , que se não fiasse de Estrangeiros ; e mais de Jason , que sempre tive azar com este homem , pois basta ser soldado para ser bandoleiro.

*Med.* Não digas mal de Jason , que em fim sempre lhe quero , e lhe tenho muito amor.

*Arpia.*

*Arpia.* Ainda se não póde defenganar, que em quanto morrer por elle não ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizerlhe isto, nenhuma mulher entrega todo o seu peito ao amor, e a razão he esta.

*Canta Arpia a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Em materia de amor, Medéa bella,  
He necessario haver muita cautella,  
Que amor assim zombando entra brincando,  
Porém depois chorando  
Faz hum peito biquinhos,  
Que em suspiros acabaõ taes brinquinhos.

A R I A.

A Cupido, que he menino,  
Dá-se o leite, e não o peito,  
E se acaço com effeito  
Quer o peito, ponha azebre  
Para amor se desmamar.

Mas se acaço amor he fogo,  
Não o atice no suspiro,  
Porque a chamma em facil gyro  
Mais se atea no assoprar.

*Vaise.*

*Sabe Jason sem ver as duas.*

*Jason.* Não quero só fiar de Sacatrapo o recado de Creusa, quero ver se acho occasião de me explicar com ella mesma, ainda que experimente as suas iras.

Mas

Mas que vejo ! Alli está o meu bem,  
o meu mal.

*Med.* Jason, entendo, como ha tanto que  
me não vês, que já me não conhece  
e cuido que tu es o desconhecido.

*Jason.* Quem se vio em mayor labyrintho

*Creus.* Jason como me vê aqui, não sabe  
que respondá. à parte

*Med.* Se pôr não achares desculpa emmu-  
decas, razão tens ; mas não sey que ra-  
zão pôde haver para ser ingrato ?

*Jason.* Medéa, aonde não ha culpa, na-  
pôde haver desculpa. Que terrivel lan-  
ce! à parte

*Med.* Pois não he culpa o ser ingrato a tan-  
tos extremos ? Diz-me ; porque me  
não vês ?

*Jason.* Quem vê com os olhos do amor  
por força não ha de ver, porque o amor  
he cego.

*Creus.* Logo tu não vês a Medéa, porquê  
lhe tens amor ?

*Jason.* Não sey o que responde . . . . Dig  
que o ver no amor he improprio.

*Med.* Entendo que te não explicas com  
pejo de Creusa ; pois sabe que Creus  
tudo sabe, e tem estranhado muito a tu  
ingratidão.

*Jason.* Ainda esta he peyor l à parte  
Creus

Creus. Explica-te, Jason; não te acovardes, que eu sou de segredo.

Jason. Pois talvez, que por Creusa me não explique: queira amor que me entenda.

Creus. Pois se he por amor de mim, eu me ausento.

Jason. Não me endendeo.

Med. Pois eu não quero que se vá Creusa, que não quero que meu pay me ache só contigo, e diante della quero que confesses a tua ingratitude, para que te corras. Dize, tens achado em meu amor alguma variedade?

Jason. Não.

Med. Não juraste de me querer sempre?

Jason. Sempre jurey.

Creus. Pois tu costumás faltar ao que promettes?

Jason. Oh que desesperação!

*Canta Jason a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Quem (oh Deoses!) se viu em tanto enlevo,  
Pois tremulo receyo  
Em mal taõ violento  
Explicar meu interno sentimento.

A R I A.

Roto lenho, que impellido  
De infeliz vaga procella,

Qua-

Quasi a pique submergido,  
Vendo ao longe a praya bella,  
Sem que a ella

Possa naufrago aportar.

Eu assim na dor violenta  
Sinto huma aspera tormenta,  
Sem que possa minha idéa

Por Medéa

Livremente publicar.

*Sabe ElRey.*

*Rey.* Jason, como os teus soldados abusam da franqueza da minha hospedagem, comettendo latrocinios, e fazendo disturbios, peço-te, que lhe mandes tirar as armas, pois entre amigos são escusadas; porque assim se evitarão tantos escandalos. Verey se logro o meu intento. *à p.*

*Jason.* Sinto que os meus soldados, Senhor, sejam insolentes; mas eu prometto castigallos. Oh que a bom tempo veyo ElRey! *à parte.*

*Rey.* Pois adverte, que se não tiraõ as armas, que eu lhas mandarey tirar.

*Jason.* Tudo o bom se fará. Aqui he preciso dissimular. *à parte. Vaise.*

*Rey.* Creusa, vay para dentro.

*Creus.* Já te obedeco. *Vaise.*

*Med.* Em negra hora veyo meu pay, pois queria apurar a falsidade de Jason. *à p.*

*Rey.*

*Rey.* Quero mostrarlhe , que ignoro o que me contou Sacatrapo. *A' parte.* Medéa , como tu ficaste de saber o intento com que Jason veyo a esta terra , e até agora não me tens dado resposta , eu a venho procurar.

*Med.* Se os Oraculos do Averno já me tivessem respondido sobre os intentos de Jason , já to tivera revelado ; porém como os Oraculos emmudecem , he certo que a nossa pergunta não merece resposta , por ser sem fundamento ; pois , segundo collijo , cuido que nem Jason sabe , que no mundo ha Velocino.

*Rey.* Ah inhumana filha , que agora conheço o teu fingimento ! *A' part.* Visto isso posso estar seguro , que Jason não vem buscar o Velocino ?

*Med.* Bem póde perder já esse receyo.

*Rey.* Ainda assim o meu cuidado só terá alivio , fazendo que se vá daqui Jason , que com effeito logo dou ordem a isso.

*Med.* Isso he aggravar a quem te não offende.

*Rey.* Está conhecido o damno : e já que a ti te parece impolitica o expulsar a Jason , promettes tu ficar por fiadora , de que elle me não ha de roubar o Velocino ?

*Med.*

*Med.* Prometto.

*Rey.* E se elle, o roubar, a que pena te fu  
meitas?

*Med.* A que, me mates.

*Rey.* Pois olha que hey de executar a pe  
na, sem que te valha o feres quem es;

*Sabe Telemón.*

*Telem.* Senhor, já os soldados estaõ prom  
ptos, e tudo preparado, vê o que orde

*Rey.* Vem comigo, que eu te avisarey o

que has de fazer. *Medéa*, lembrá-te da  
confiança.

*Med.* Não tenhas desconfiança. Eu cuido

que já meu pay saberá alguma cousa;

mas quem lho havia de dizer? O peyor  
he, que eu sou a fiadora do *Veloci-*

no. Mas que importa, que perca a vida,  
se eu morro na ingratidaõ de *Jaõn*? Po-

drém agora, que o *Sol* totalmente se fe  
pultou no tumulto *crystallino* do *Ocea-*

no, e já a *Lua* começa a sahir, hiey  
consultar nos seus *argentados* rayos a cau-

sa da mudança de *Jaõn*. Mas aqui vem  
gente.

*Sabe Sacatrapõ.*

*Sacatr.* Agora me disse meu amo, que aqui  
ficava *Creusa*, que não perdesse tempo

para darlhe o recado; mas isto he noite  
fe-

fechada, e eu não atino com o caminho :  
mas chiton, que aqui está alguém, e o  
vulto he feminino pelo ruge ruge das  
fayas, e pelo ringe ringe dos çapatos :  
se será Creusa?

*Vão andando hum para o outro, e topão-se.*

*Med.* Quero averiguar quem he.

*acatr.* Quem he da parte de Jason? Diga  
se he gente, ou se he mulher?

*Med.* Este he Sacatrapo: Que quererá aqui?

Isto he novidade a estas horas! *à part.*

*acatr.* A mim me mellem se esta não he  
Creusa: he Creusa?

*Med.* Quero fingir: sou Creusa; mas tam-  
bem quero saber quem he que me busca?

*acatr.* Não o disse eu? O meu farol de  
noite he hum farol.

*Med.* Diga quem he, senão vou-me.

*acatr.* He Sacatrapo em pessoa, que te  
vem trazer hum recado de Jason.

*Med.* Está descuberto o enigma: Sacatra-  
po, deixa-me, que tenho eu com Jason?

*acatr.* Se não têm poderá ter; olhe o que  
lhe quero dizer por vida sua.

*Med.* Não tenho que ouvir.

*acatr.* Eu lhe darey que ouvir; ora escu-  
te hum nadinha.

*Med.* Ora dize depressa.

*acatr.* Mande trazer huma bugia acceza  
pe.

pelo rabo , porque às escuras não atira  
com a boca para fallar.

*Med.* Dize, senão vou-me.

*Sacatr.* Está feito, fallarey pelos narizes.

O caso he, Senhora Creusa, que depois  
que lhe fallley aquelle dia da parte do  
meu amo, lá lhe disse o que Vossa Ma-  
gnificencia me respondeo.

*Med.* Todavia isto já he muito antigo! à

*Sacatr.* E assim aqui me envia outra vez  
por seu Embaixador extraordinario com

amplos poderes de ajustar comtigo o fe-  
casamento; pois em summa diz Jason

que por ti morre de amor desde que te  
vio; e assim se tu quizeres casar, que he

o mesmo que seres sua esposa, ou sua  
mulher, que te levará consigo para

Theffalia, onde serás Rainha, e andarás  
em coche a quatro; pois para isso já to-

da a armada está sobre o ferro, esperan-  
do occasião para nos çafarmos à chuch

callada.

*Med.* Ah traidor Jason! E dize-me: En-  
tão ha de deixar a Medéa?

*Sacatr.* Porque, elle a pario?

*Med.* Ainda assim parece ingraticadao.

*Sacatr.* Qual ingraticadao, Senhora, não me  
quer crer? Elle nunca teve amor a Me-  
déa.

*Med.*

*Med.* Pois quem o obriga a fazer tantos extremos por ella?

*Sacatr.* Nunca ouvio dizer, que quem ama a Beltraõ, ama o seu caõ? pois meu amo amava a Medéa por amor do Velocino, e como este já o tem na mão, acabou-se o amor.

*Med.* Já me vay faltando a paciencia; porém para a perder de todo, apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa?

*Sacatr.* Ay Senhora, quem não ha de aborrecer huma feiticeira! Eu pelo menos a desejo pôr em hum barril de polvora, ou na boca de huma pessa, e porlhe o fogo, para que não houvesse fumo de tal demonio.

*Med.* Calte, não te ouça ella.

*Sacatr.* Qual ouvir, a estas horas está ella buscando alguma tripa de lobo para os seus ingredientes; porém, Senhora, tudo quanto disse se recopila nos quatro elementos do amor, que são os seguintes.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

A R I A.

Pagar ao correyo,  
Amar a Jason,  
Deixar a Medéa,  
Segredo, e chiton.

*Sabe Arpia com huma véla.*

*Arpia.* Muito alegres noites. Ay cá est.  
Sacatrapo!

*Sacatr.* Ay, que he Medéa, com quem estive fallando! Estou perdido!

*Med.* Agora, Sacatrapo, para que vejas o meu primor, quero premiar o teu trabalho, e que leves a reposta a Jafon.

*Sacatr.* Olhe, deixe-me ir embora, que he o melhor premio, que me póde dar.

*Arpia.* Espera tollo, aceita o que te daõ, não sejas descortez.

*Sacatr.* Eu te dou, o que ella me ha de dar: ah Senhora, deixe-me ir alli fóra, que eu já venho.

*Med.* Espera. Basta que Jafon ama a Creusa?

*Sacatr.* Quem podia dizer tal? Isso he quiméra.

*Med.* E basta que tu es o seu terceiro?

*Sacatr.* O' lá isso agora he mais comprido!

*Med.* Ora dirás a teu amo, que Creusa lhe manda dizer, que esteja certo, que lhe ha de pagar a sua fineza.

*Sacatr.* Sim Senhora. A Deos Senhora.

*Med.* Espera, que te não has de ir sem levares as alviçaras.

*Arpia.* Senhora, que he isto, que te succede com Sacatrapo?

*Med.*

Med. Que ha de ser? He o que traz os recados a Creusa; por isto Jason me desdenha, porque nella emprega o seu amor. Arpia. E tu fiando della o teu peito?

Med. Oh Arpia, quando em tal imagino, não sey como não desespero? Porém em quanto nelles não posso executar o meu furor, em ti vil, infame, insolente Sacatrapo, hey de vingar a minha ira, sepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do abyfmo.

*Vay Medéa sepultando pouco a pouco a Sacatrapo por huma escotilha do tablado.*

Sacatr. Senhora Medéa, não me enterre, espere pelos gatos pingados, que eu lhe descobrirey muita couia: antes que me mate, deixe-me dispor deste annel, que me deu agora seu pay.

Med. Não tenho mais que saber: vay a fer pasto dos Dragões.

Sacatr. Ay de mim! *Desapparece.*

Arpia. Ay Senhora, que culpa tem o Criado?

Med. Espera, e verás: Sacatrapo? Sacatrapo?

*Torna a sabir Sacatrapo com cara de burxo.*

Sacatr. Aonde estou eu?

Arpia. Ay que linda cara, que tens!

Sacatr. Patecerey desenterrado.

*Arpia.* Sabes o que vejo? Que te enterraste com cara de gente, e resuscitaste com cara de burro.

*Sacatr.* Cara de burro? He verdade? Cê estão as orelhas. Ah Senhora Medéa não achou outra cara menos cara, par-me pôr, fenaõ cara de burro? Pois po certo, que eu não tenho cara de asno?

*Med.* He para não leuares recados a Creusa?

*Sacatr.* Senhora, tire-me sequer as orelhas que eu sem ellas bem posso ser burro que assim ha muita gente.

*Arpia.* Ora, Senhora, se os meus serviço valem alguma cousa, peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo, que assim como assim, ficando com a que tinha fica com a que tem. E o anel o que brilha!

*Sacatr.* Ah Senhora Medéa, desemburre-me por vida sua.

*Med.* Pois vay buscar a tua cabeça, aonde a perdeste.

*Desce Sacatrapo, e torna a subir com cara de gente.*

*Sacatr.* Queira Deos, que estando a minha cabeça em terra, não venha grellada.

*Med.* *Arpia*, não estou em mim, até não vingar de Jason. *Vai se*

*Arpia.* Ora parabem lhe seja, Senhor Sacatrapo

catrapo , o verse restituído à sua antiga  
fórma.

*acatr.* Pois com verme com miollo de bur-  
ro , com tudo estava em meu perfeito  
juizo.

*Arpia.* Olha , Sacatrapo , para fugires de  
semelhantes desgraças , bom era saber o  
que está para te succeder , e te livrares ;  
assim , mostra cá a mão , que te quero di-  
zer a buena dicha ; pois bem sabes , que  
nesta sciência ninguem me excede.

*acatr.* Isso não me parece fóra de conta ;  
eisahi a mão direita , que a esquerda está  
occupada com o anel , e dize tudo quan-  
to cabe na arte.

*Arpia.* Ah , o que tens de embaraços na vi-  
da ! Vês esta linha mathematica ?

*acatr.* Aonde está ?

*Arpia.* Esta que corre direita.

*acatr.* Pois que tem ?

*Arpia.* Diz que ainda has de ter muito di-  
nheiro , que te ha de vir por huma he-  
rança de hum teu avô.

*acatr.* Isso he mentira , que eu já não te-  
nho avô , salvo se for meu avô torto.

*Arpia.* Vês effoutra linha atravessada ? Pois  
não he nada : diz , que has de vir a ter  
daqui a muy poucos annos hum posto  
muito honrado na tua terra , que te has  
de

de ver em grandes alturas.

*Sacatr.* Oh minha Arpia, veja que posto ha de ser.

*Arpia.* He hum tal posto, que a todos ha de pôr o pé no pescoço.

*Sacatr.* Pois o que he?

*Arpia.* Carrasco mór.

*Sacatr.* Pois então seguro tenho o pôrte pé no pescoço.

*Arpia.* Ay mofino homem, que cá te encontrey com huma desgraça!

*Sacatr.* Huma só?

*Arpia.* Não vês esta figura de unha na palma da mão?

*Sacatr.* Tu pintas as figuras como queres.

*Arpia.* Não he cousa de cuidado; diz que has de morrer enforcado por ladraõ.

*Sacatr.* Talvez que escape para carrasco para te enforcaar a ti; e dize, achas lá annel que me furtaraõ, e a cabeça do burro?

*Arpia.* Não, que isso foraõ peffas. Ora mostra cá a mão esquerda.

*Sacatr.* Qual? A do annel? Ahi não pôd haver duvida na ventura, pois já tem o annel.

*Arpia.* Pois eu to facarey de outra fonte à parte. Deixemos isso, sabe que se tu me pagares, te darey huma empreza melhor

lhor, que a do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Se isso fora cousa boa, não estivera guardada para mim, e já meu amo a tivera na algibeira.

*Arpia.* Não, que isto he hum segredo, que só eu o sey; e he huma tal cousa, que ficarás rico para sempre.

*Sacatr.* Pois olha, eis aqui este anel, que me deu ElRey esta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis: he hum diamante bruto engastado em ouro buçal; e se me differes isso, to darey.

*Arpia.* Pois sabe, que na quinta de Creusa, debaixo da terra está huma estribaria, na qual está hum burro, que caga dinheiro.

*Sacatr.* Eu já ouvi fallar nisso do burro caga dinheiro, que minha mãy o contava quando eu era pequeno; porém eu sempre tive isto por historia.

*Arpia.* Não te digo eu, que todos tem noticia desse burro? Pois sey que ninguem o vio, e cuidaõ que he fabula, o qual está encantado, assim como o Velocino.

*Sacatr.* Se tambem tiver algum Dragaõ, que o defenda, já renuncio a empreza.

*Arpia.* Não tem Dragaõ, e só tem por guarda huma formiga.

*Sacatr.* Se he huma formiga, não tenho  
me-

medo , porque eu me vestirey de arma  
brancas com espada , e rodella , e logo  
a matarey.

*Arpia.* Levarás duas pistollas tambem.

*Sacatr.* Só reparo , que sendo esta empre-  
za do burro caga dinheiro taõ facil , naõ  
te tenhas tu aproveitado desse dinheiro  
para comprares mais de dous centos de  
anneis , e naõ andares olhando para as  
mãos , e dedos dos Sacatrapos.

*Arpia.* Essa he a desgraça , e a minha ven-  
tura , ou desventura , que a choro com  
lagrimas de sangue ; porque has de sa-  
ber , que o Magico que encantou esse  
burro , prohibio que as mulheres o po-  
dessem desencantar pela fragilidade do  
sexo.

*Sacatr.* E que antipatia tem o sexo das mu-  
lheres com o cesso do burro ?

*Arpia.* Isso saberá o Magico.

*Sacatr.* Olha tu , que mais depressa me pa-  
rece , que isso será alguma burra ; por-  
que essas são as que cagaõ dinheiro ?

*Arpia.* He hum burro taõ macho , como  
tu es.

*Sacatr.* Pois , Arpia , tu me seguras ser is-  
so verdade ?

*Arpia.* Naõ o duvides , que eu o tenho vis-  
to muitas vezes ; e quando me vou che-  
gando

gando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

*Sacatr.* Em fugir de ti não parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a dar-te o anel.

*Arpia.* Bem o podes dar afoitamente, que ainda te faço favor: e para que te descubra todo este enigma, quando fores à empreza, te hey de dar hum capello meu, que foy de minha avó, o qual quem o poem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle à conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz; e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

*Sacatr.* Eu não duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e não seja cheirado, não póde ser.

*Arpia.* Calte, que es hum cendeiro.

*Sacatr.* Arpiissima Senhora, dê-me attenção: se eu hey de ser invisivel, porque hey de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que não tem capello, por força ha de ser visto.

*Arpia.* Não, tollo, que o burro de sua natureza he invisivel. Tu só o has de ver;

ver ; porque es o seu desencantador.  
*Sacatr.* Pois huma vez que he isso , ahi e  
 tá o anel, e venha o capello.

*Arpia.* Anda. Muito tollo he este Sacatra  
 po ! Já temos dous anneis. *à part.*

*Sacatr.* Oh burro do meu coração , se t  
 cagas dinheiro não ferás burro , ferás  
 verdadeiro pay do Velocino. Desta ve  
 fico de melhor partido do que Jason.

*Vaife*  
 S C E N A III.

*Jardim, e hum monte movediço. Sabe Creusa*

*Creus.* **S**Uspensa me tem este amor de Ja  
 son, e estes enlejos de Medéa  
 me não sey aonde ha de parar isto ! Bem  
 sey que Jason me quer ; mas por amor  
 de Medéa se não atreve a explicar. Oh  
 desgraçado amor , que vives opprimido  
 a violencias do encanto de huma tyranna

*Sabem Jason, e Theseo.*

*Jason.* Tu, Theseo, fica esperando à por  
 ta desta quinta de Creusa, que eu a que  
 ro levar furtada hoje , e logo nos hire  
 mos embarcar , para o que tem prompta  
 a escolta dos soldados, que te disse , que  
 quando não seja por bem , à força de ar  
 mas hey de lograr o meu intento, e zom  
 barey

barey dos intentos, e encantos de Medéa.

*Thes.* Vay descançado, e fia do meu valor, que hey desempenhar a empreza. *Vaise.*

*Creus.* Ahi sinto gente: quem será?

*Jason.* Ahi está Creusa: ditosa occasião!

*Creus.* He Jason: cuido, Jason, que vens errado, porque aqui não mora Medéa.

*Jason.* Se aqui não mora Medéa, namora Jason, bellissima Creusa. Peregrino atractivo de meu coração, não procuro significarte nesta occasião o fino de meu amor, que para o abonar de extremo, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quaes mudamente exhalados já terão chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que também com obras te sey querer, venho dizerte, que has de embarcar comigo esta tarde para Theffalia, aonde com a fortuna de ser teu esposo lograrás a ventura de feres Rainha.

*Creus.* De vagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber se o teu amor he verdadeiro?

*Jason.* De que sorte queres que to mostre?

*Sabe Medéa, e retira-se a hum lado.*

*Med.* Venho ao longe seguindo a Jason.

Mas que vejo! Elle cá está com Creusa!

fa! Oh não sey como não morro com ze-  
los! Porém quero observar o seu intento

*Creus.* As mesmas finezas, que agora me  
dizes, algum dia as disseste a Medéa,  
com tudo a deixaste.

*Jason.* Ainda que quiz a Medéa, não foy  
obrigado do amor; mas sim porque ella  
me prometteo dar o Velocino, que foy  
o que me trouxe a esta terra.

*Med.* Ah traidor Jason!

*Creus.* Não sey, Jason, se te creya.

*Jason.* Parece que offendes ao mesmo amor,  
se não dás credito aos meus extremos.

*Canta Jason o seguinte*

RECITADO.

Naõ duvides, amor, desta constancia,  
Pois com firme jaçtancia  
Te adoro de tal sorte,  
Que sem temer a morte  
Desta Medéa barbara homicida,  
Naõ duvido entregarte a propria vida.

ARIA A DUO.

*Jason.* Meu bem, de que sorte  
Me has de pagar  
Meu inclyto ardor?

*Creus.* Amando até morte,  
Pois sempre has de achar  
Firmezas no amor.

*Jason.* Vê lá não me enganes.

*Creus.* Vê lá não profanes.

*Amb.* Meu inclyto ardor.

*Creus.* Pois promettes ser constante,  
Essa mão, Jason, me dá.

*Jason.* Nunca às leys de hum fino amante  
Meu affecto faltará.

*Creus.* Que farey, se te mudares?

*Jason.* Que farey, se me faltares?

*Amb.* Em rayo me abraze a furia do amor.

*Depois de cantarem, biraõ a abraçarse, e subirá hum monte, que encobrirá a Creusa, isto depois que Medéa disser o seguinte:*

*Med.* Espera, ingrato, que eu te apartarey  
do bem que procuras. Montanhas vin-  
gay as injurias de Medéa. *Vaise.*

*Jason.* Que he o que vejo! Aonde estás,  
Creusa? Quem de mim te desvia? Mas  
quem havia de ser senão Medéa?

*Canta Jason o seguinte*

R E C I T A D O.

Pois, tyranna, inimiga, infiel Medéa,  
A pezar dos encantos dessa idéa,  
Hey de ver a Creusa, penetrando,  
Rompendo altivo, intrepido rasgando  
Desse monte as entranhas, dize: onde  
Minha Creusa bella em ti se esconde?

*Abre.*

*Abre-se o monte, e delle sabe Medéa, e canta  
ambos a seguinte*

## ARIA A DUO.

- Med.* Traidor, ingrato amante,  
Mudavel, inconstante,  
Suspende o teu desvio.
- Jason.* Oh deixa-me, não queiras  
Tirarme a liberdade,  
Que he livre o alvedrio.
- Med.* Pois sabe que ha vingança,  
Que opprima huma mudança.
- Jason.* Não teme os teus rigores,  
Quem busca em seus ardores  
Mais bello resplendor.
- Med.* Pois, barbaro, perjuro  
Verás o meu rigor.
- Med.* Tu com zelos me atormentas.
- Jason.* Tu com magicas me violentas.
- Med.* Calte, ingrato.
- Jason.* Cessa, impia.
- Med.* Porque em odio.
- Jason.* Em tyrannia.
- Amb.* Se converta o meu amor.
- Quer irse Medéa.*
- Jason.* Espera, Medéa. Estou confuso!
- Med.* Deixa-me, ingrato, e perfido traidor.
- Jason.* Não te vás, porque o meu amor ....
- Med.* Não quero ouvirte.

*Jason.*

*Jason.* Sempre firme, e sempre constante....  
*Med.* Não tenho já que escutar as tuas falsidades; mas sim vingar as minhas injurias, mudando o theatro das tuas delicias em campanha de Marte, e dize a Creusa, que te defenda. *Vai-se.*

## S C E N A IV.

*Muda-se de repente a Mutação de jardim, e fica de montes; tocao tambores, e fica Jason.*

*entr.* **A** Rma, arma, guerra, guerra.

*entr. Rey.* Morra Jason, arma, guerra.

*Jason.* Quem se vio em mais perigoso trance! Estou perdido, e confuso, sem saber aonde estou, e cercado de inimigos, e já me considero sem liberdade, e sem Creusa! O' Medéa, quem nunca te conhecera!

*Sabe Theseo, e Soldados.*

*bes.* Jason, que descuido he este? Como te detens aqui, vindo ElRey contra ti com hum poderoso exercito?

*Jason.* Oh que a bom tempo vieste, amigo Theseo; pois confuso, e turbado me considerava de todo perdido.

*bes.* Aonde está Creusa para nos embarcarmos?

*Ja-*

*Jason.* Não sey della.

*Thef.* Pois que foy isto?

*Jason.* Não sey mais que ouvir dizer ...

*Dentr.* Arma, arma, guerra, guerra.

*Thef.* Já nos não podemos retirar sem bata-  
lha, pois os inimigos nos cercaõ.

*Jason.* Pois animo, Soldados; como val-  
rosos defendamos a honra, e a vida.

*Ao som de huma marcha sabe o exercito de El  
Rey; e sabe este, e Telemon, e se poem hun-  
e outros em fórma de peleja.*

*Rey.* Morra Jason, toca a investir.

*Telemon.* Toca a investir, e morraõ estes trai-  
dores.

*Investirão os dous exercitos, e o de Jason se va-  
retirando, e o do Rey sempre seguindo-o,  
vão-se.*

*Jason.* Retiremo-nos pouco a pouco, que  
a fortuna se nos mostra adversa.

*Rey.* A'vante Soldados, que elles se reti-  
raõ. *Vão-se*

*Sabe Sacatrapo com capello, espada, e rodella  
e haverá hum cavallo em pé a hum lado.*

*Sacatr.* Esta empreza do burro caga dinhei-  
ro não he tão facil, como a pintou Ar-  
pia; pois penetrando a quinta de Creu-  
fa, tudo quanto encontro são horrores,  
tudo o que ouço são tambores, e quan-  
to vejo tudo são corpos mortos. *Que  
será*

será isto? Mas eu cuido, que a feroz formiga, que guarda o burro, despedaçou estes cadaveres; mas eu como sou invisível, pelo privilegio deste capello, bem posso triunfar gloriosamente, não só desta formiga, mas de quantas ha nos celeiros, e confeitarias: porém alli está o burro, se me não engano. O certo he, que Arpia fallou verdade; mas eu cuido, que he hum cavallo ginete, e Arpia disse, que havia ser burro em carne, e em osso; porém tanto monta ser burro, como cavallo, pois tudo tem quatro pés; o ponto está em que cague bem dinheiro. Agora, valeroso Sacatrapo, he tempo de mostrar ao mundo o brio de teus avoengos; não tenhas medo de investir a furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroso espirito. Animosamente me hirey chegando ao burro, e desafiando a formiga.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

A R I A.

Formiga feroz  
 Investe, e verás,  
 Que te hey de imprimir  
 Na cara hum gilvás.

Naõ fujas veloz  
 Da ira voraz,

Tom.I.

Y

Mas

Mas se fugires,  
Favor me farás.

*Ao querer chegar para o cavallo, fahem do  
Soldados.*

1. *Sold.* Prizioneiro, prizioneiro.

*Sacatr.* Com quem fallará este Soldado? De  
ve de estar doudo, pois está fallando se

2. *Sold.* Dê-se à prizaõ.

*Sacatr.* Uy! Parece que fallaõ comigo  
naõ devem saber, que eu sou invisivel.

*Sold.* Levemo-lo, ainda que seja de rastos.

*Sacatr.* Tenha maõ, Senhor Soldado, qu  
vossa mercê me naõ pôde ver, porqu  
eu sou invisivel.

*Sold.* Pois assim mesmo invisivel o levare  
mos.

*Sacatr.* Espere, espere: já que diz, que m  
vê, como estou eu vestido?

*Sold.* Estás com hum trapo pela cabeça  
maneira de capello.

*Sacatr.* Darseha caso, que Arpia trocass  
o capello de sua avó pelo seu?

*Sold.* Rende-te já, senaõ mato-te.

*Sacatr.* Senhor, huma vez que naõ sou in  
visivel, já estou rendido de bruços, per  
nas, e orelhas.

*Ao levarem Sacatrapo, tocaõ hum tambor, e  
tornaõ a sabir Jafom, e Ibeseo com algu.*

*Soldados, e dizem dentro, o seguinte.*

*Dentr*

*Dentr.* Victória por ElRey.

*Jafon.* Roto, e desbaratado está o nosso exercito! Que faremos, Theseo?

*Thes.* Morrer como valerosos, que mayor affronta he cahir nas mãos do vencedor.

*Sacatr.* Não se admire Senhor Jafon, que tambem a mim me não valeo o ser invisivel, para deixar de ser visto, ainda que muito mal visto destes Senhores.

*Jafon.* Sacatrapò, que capello he esse?

*Sacatr.* Isto he, que estou viuvo, porque me morreo a esperança do burro caga dinheiro.

*Dentr.* Victória, victória, guerra, arma, guerra.

*Tornão a sabir em tom de marcha ElRey, Telemón, e Soldados.*

*Rey.* Dá-te à prizaõ Jafon.

*Jafon.* Não em quanto tiver alentos o coração.

*Rey.* Não vês o teu exercito desbarato? Como ainda pretendes resistir?

*Jafon.* Ainda resisto, pois ainda tenho alentos.

*Sacatr.* Isso me parece bem, Senhor Jafon, morra Marta, e morra farta.

*Brigaõ, e ao mesmo tempo pela sala de fóra sabirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que se segue, e ficará*

tudo às escuras , e indo retirando-se o exercito de Jafon , se correrá a corrediça , que dividirá os dous exercitos , ficando o de El-Rey no theatro , e isto em quanto passa Medéa , e canta a seguinte

## A R I A.

*Med.* Suspende o furor  
 Irado Mavorte,  
 Não finta elle a morte,  
 Pois lhe tenho amor.  
 Ao suspiro funesto  
 De tristes lamentos  
 Soccorraõ propicios  
 Os quatro elementos.

*Vaise.*

*Rey.* Para onde fugiraõ os inimigos?

*Telem.* Parece , que a terra os tragou.

*Rey.* Não reparas , que se tornaraõ em opacas sombras as claras luzes do Sol?

*Telem.* Isto he cousa de encanto , ao que parece.

*Rey.* Claro está , que he encanto , e de Medéa. Ah tyranna filha!

*Telem.* E que havemos fazer agora?

*Rey.* Manda tocar a recolher as tropas , pois que estaõ perdidas com a grande escuridade.

*Telem.* Toca a recolher.

*Vaise.*

*Torna a ficar claro o tablado , e se vay Telemon ,*

*mon ,*

*mon, e Soldados, fica ElRey, e sabe Creusa.*  
*Creus.* Confusa, e perdida venho por estes montes, sem saber aonde estou, depois que a tyranna Medéa me apartou dos braços de Jason. Ay amor, quando terão fim os teus encantos?

*Rey.* Creusa, tu aqui nesta campanha?

*Creus.* Não vos admireis, Senhor, que não sey aonde estou.

*Rey.* Pois quem te trouxe aqui?

*Creus.* Os encantos de Medéa vossa filha por causa de Jason.

*Rey.* Não me digas mais; já sey que essa tyranna, e impia Medéa, vive namorada de Jason, e com as suas maquinas lhe entrogou o Velocino.

*Sacatr.* Pois ainda agora o sabe? Mas Jason não tem culpa de aceitar o que lhe dão.

*Sabe Medéa.*

*Med.* Aonde se recolheria Jason? Pois cuidadosa da sua vida o ando buscando; que supposto seja ingrato, não posso negar o amor, que lhe tenho.

*Rey.* Tambem tu, Medéa, vens a recolher os despojos da batalha?

*Med.* Cuidadosa, Senhor, da vossa vida, venho a buscarvos.

*Rey.* Ah fementida filha, que com tanta tyrann-

tyrannia contra teu pay fabricas aleivo-  
fias! Já sey, tyranna, que adoras a Ja-  
son, e que tambem lhe entregaste o Ve-  
locino, ficando tu por sua fiadora sob-  
pena de perderes a vida, e assim . . .

*Cantão a seguinte*

A R I A A 3.

- Rey.* Em ti pois, cruel Medéa,  
Vingar quero a minha dor.
- Creus.* Pois, ò Rey, he tempo agora,  
Executa o teu rigor.
- Med.* Pay injusto? Infiel tyranno!  
Que delicto he ter amor?
- Rey.* Meu furor vingarse trata.
- Creus.* Executa o teu rigor.
- Med.* Que delicto he ter amor?
- Rey.* Desta sorte, Hydra humana,  
Meu estrago hey de vingar.
- Rey.* Sentirá Jason tambem  
O meu barbaro furor.
- Creus.* Mal teu golpe a ley reparte;  
Pois Jason que culpa tem!
- Med.* Tendo a culpa de adorarte,  
Tenha a pena de traidor.
- Tod.* Sinta o golde, e chore a pena  
Quem me quer tyrannizar.
- No fim da primeira parte da Aria, na segunda  
repetição, hirá o Rey para matar a Medéa,  
e subirá do chão huma torre, sobre a qual se  
pará Medéa.*

*Med.*

*Aed.* Vê agora de que forte has de vingar com iras o teu estrago.

*Rey.* Que he o que vejo? Eu te prometto, infiel Medéa, que me saiba vingar de ti, a pezar dos encantos.

*Med.* Aleivosa Creusa, algum dia eu me vingarey de ti.

*Creus.* Tarde, ou nunca poderás.

S C E N A V.

*Sala.* Sabe Sacatrapo arrastando huma arca.

*Sacatr.* **M**uito peza a caixa de Arpia! Ella parece, que tem dentro bem miollo, que tanto custa a empurralla! Mas como he caixa da velha, já vejo que se não ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida esta Arpia logrou-me, dizendo, que me dava hum burro caga dinheiro, e hum capello, que me faria invisivel; mas tudo foy às aveffas, porque o burro foy o invisivel, e eu o visivel, para poderem prender-me. Não ha mayor desaforo! Que huma bruxa me mamasse os meus anneis, e eu ficasse chupando no dedo! Pois não ha de ser assim, que eu lhe hey de arrombar a sua caixa, e sacarlhe os anneis,  
e tu-

e tudo o mais que achar nella; para o que, o melhor remedio será arrombarlhe a fechadura. Algum dia era eu bom official de gazûas. Ora lá vão os tampos dentro com mil diabos.

*Ao abrir da caixa sabirãõ algumas cobras, que investirãõ a Sacatrapo.*

*Sacatr.* Mas que vejo? Ay quem me acode! Oh miseravel Sacatrapo, que aqui viesste dar a tua offada! A que delRey, não ha quem me acuda? Não ha quem ponha cobro nestas cobras? Ay que me mataõ!

*Sabe Arpia.*

*Arpia.* Que tens, Sacatrapo?

*Sacatr.* Que hey de ter? Não vês estas espadas como colobrinhas, que me estaõ atravessando.

*Arpia.* Ay Sacatrapo, não tenhas medo, que são humas cobrinhas muito galantes, que costumãõ brincar com os taralhões de dous pés.

*Sacatr.* Seja o que for, tira-me as cobras, Arpia, e basta que fiques tu, que es hum fanguixuga.

*Arpia.* Ora eu as tiro; ò lé, minhas meninas, ide para dentro.

*Vãõ as cobras para dentro da caixa.*

*Sacatr.* Vê bem, se se foraõ todas?

*Ar-*

*Arpia.* Já se foraõ, não sejas medroso.

*Sacatr.* Agora, como se foraõ as cobras, já não tou medroso.

*Arpia.* Porém tomara saber, com que licença vieste penetrar os profundos arcanos dos escaninhos desta arca?

*Sacatr.* Não estejamos com arca encouradas: eu vinha buscar os meus aneis, já que me enganaste com o burro caga dinheiro, que tudo foy huma borra, e o teu capello mascaborra, que em consciencia mos debes restituir.

*Arpia.* Uy, que dizes Sacatrapo? Isto não póde ser, mais que me prégues: basta que não achaste o burro?

*Sacatr.* Não só o não achei, mas eu fuy o achado, porque não fuy invisível.

*Arpia.* He que devias pôr o capello às aveffas, que se o pozeras às direitas, nem cegos te veriaõ?

*Sacatr.* Supponho, que toda a virtude desse capello he às aveffas: o que eu sey he, que fuy visto, que me levaraõ prizioneiro, e que escapey com a barafunda da briga, e assim te peço à boamente, que me restituas o meu anel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

*Arpia.* Oh maroto, marujo, mariola, se me fallar mais em aneis hey de chamar

as

as cobras; ò minhas meninas, vinde, e fahi a castigar este magano.

*Sacatr.* Espera, Arpia; tem maõ, que tudo te perdoõ.

*Arpia.* Pois ajuda-me a pôr a caixa em seu lugar, que eu naõ posso só, que tenho a espinhella cahida.

*Sacatr.* Pois eu pouco poderey, que tambem fou petroso, e adevinho quando ha de chover.

*Arpia.* Só naõ adevinhaste, que haviaõ chover cobras sobre ti?

*Sacatr.* Como o achaque he antigo, o re- portorio he velho, e já naõ governa; e menos na conjunctura presente, que estava o Sol no signo de Escorpião, com influxos do Cancro dessa cara.

*Arpia.* Anda, empurra a caixa, e de vagar naõ se quebrem os meus tarécos.

*Sacatr.* Olha, pelo menos tens hum movel bem movediço: naõ te desfaças delle, porque posto a juro cobrarás bons redditos.

*Arpia.* Anda, levanta: ay minha espinhella!

*Sacatr.* Segura bem: ay minha geba! *Vaõ-se.*

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Confusa, afflicta, e quasi sem alma venho, sem saber de Jason, depois que de meus braços me levou a tyranna Me-  
dêa:

déa: e depois da batalha, que teve com  
ElRey, não sey se morreria nella, e i-  
so será o mais certo; pois vejo, que não  
apparece. Ay querido Jason, se a tua  
morte he certa, a minha será infallivel!  
Que como a ambos nos anima huma al-  
ma, por força nos ha de separar huma  
morte.

*Canta Creusa a seguinte Aria, e*

## RECITADO.

Morte minha cruel, fado inhumano,  
Até quando, tyranno,  
Cessará o rigor de tuas iras,  
Pois que vejo conspiras  
A huma alma em triste abyfmo  
O susto, a dor, a magoa, o parocifmo?

## A R I A.

Se a Parca enfurecida  
Te usurpa a doce vida,  
Te hirá buscar esta alma,  
Só para te animar.

Vem pois, amor querido,  
Que o terno meu gemido  
Ao teu cadaver frio  
Alentos póde dar.

*Sabe Jason.*

*Jason.* Minha Creusa, rompendo impossí-  
veis, atropellando difficuldades, cuber-  
to com o manto da noite, venho buscar-  
te,

te, para que te embarques comigo, pois tudo está prompto, e só por ti se espera; assim não te dilates, antes que não perfintaõ.

*Creus.* Meu amor, não sey encarecete a alegria, que tenho de verte; pois te julgava morto na batalha, vendo que não apparecias.

*Jafon.* Hum peito armado de amor pôde resistir aos golpes de Marte.

*Creus.* Como entraste aqui, sem temeres as iras de ElRey?

*Jafon.* Se por amor de ti morrera, que melhor fortuna quizera? Porém não temo perigos hum coração amante.

*Creus.* Muitas finezas te devo.

*Jafon.* Folgo, que o conheças: vamos, meu bem.

*Creus.* Vamos Jafon.

*Vão-se.*

## S C E N A VI.

*Montes, e mar. Sabe Theseo.*

*Thes.* OS Soldados estão embarcados, e só Jafon ainda não veyo! Sem duvida me dá cuidado a sua tardança.

*Sabe Jafon, trazendo a Creusa pela mão, e Sacatrapo com huma mala às costas.*

*Jafon.*

*Jafon.* Amada Creufa, já que a noite, e o silencio nos favorecem, embarquemo-nos depressa, antes que as guardas nos sintão.

*Creuf.* Com o susto, e sobrefalto, te não sey responder, querido Jafon.

*hes.* Vem Jafon, que já me tinhas com cuidado.

*Jafon.* Theseo, não póde ser menos.

*Sacatr.* Ora Senhores, todos sacaraõ o seu precioso, só a minha miseria sacou nesta mala Sacatrapos.

*Jafon.* Anda Creufa.

*Vaise.*

*Creuf.* Vamos, Jafon: fica-te embora, Colchos.

*Vaise.*

*Sacatr.* A Deos Ilha de Colchos, ou Cacles, ou Ilha dos Tortos, que me parece, que me viste em jejum; pois tantas desgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medéa. Os diabos te levem, Arpia, a ti, e ao teu capello, que ainda levo atravessado na garganta o burro ca-ga dinheiro; e finalmente a Deos, meus queridos anneis, que herpes dem nos dedos de quem os trouxe.

*Corre-se a corrediça de montes, e apparece o mar, e nelle huma não com algumas figurás dentro, e sabe Medéa.*

*Med.* Nem Jafon, nem Creufa encontro.

Mas

Mas que vejo! A não de Jason largando  
 as vélas ao vento, já quasi desapparece  
 Ah fementido, ah traidor ingrato Jason  
 Desta sorte pagas as minhas finézas? S  
 buscas amor constante, deixa a Creusa  
 e leva-me a mim. E pois os ventos te  
 enfurdecem as minhas vozes, Sereya  
 canoras, sahi desse mar, e suspendey  
 com affagos a meu ingrato amante, a  
 acompanhando os suspiros de huma infel  
 liz.

*Apparecerão as Sereyas sobre as ondas do mar.  
 Canta Medéa a seguinte*

## A R I A.

Jason ingrato, attende,  
 Pára, pára,  
 Suspende o teu retiro,  
 E se te leva o vento,  
 O vento te trará de meus suspiros.  
*Med.eSer.* Farey por detello  
 Na rapida fuga  
 Em remora o canto  
 Corrente o meu pranto,  
 E iman o clamor.

*Jason.* Em grande perigo estamos; pois  
 Medéa para suspenderme, convoca em  
 sua defenfa as Sereyas.

*Thef.* Serás outro Ulysses.

*Sacatr.* Pois, Senhor, as Sereyas não se fizeram só para os Ulyffes, que como ellas estão no mar, qualquer pescador as póde encontrar, e muito melhor sendo por encanto.

*Jason.* Pois usarey da mesma astucia de Ulyffes, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando não, ainda cá levo o anel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

*Sacatr.* Se eu cá tivera o meu anel, fizera outro tanto.

*Canta Medéa.*

Aonde vás, tyranno?

Espera, espera;

Attende as minhas fragoas,

Pois se aguas te levão

Meus olhos te traraõ cõ turvas agoas.

*Med. e Ser.* Fazey por detello *Clarins, e*

Na rapida fuga *tambores.*

Em remora o canto

Corrente o meu pranto,

E iman o clamor.

*Jason.* Soldados valerosos, não cessem os bellicosos instrumentos.

*Sacatr.* Metamos hum prégo acceso por cada ouvido, que he bom remedio para não ouvir. *Can-*

*Canta Medéa.*

Naõ fujas, inhumano,

Ouve, ouve

Estas finas jactancias;

E se outro amor te leva

Te traraõ deste amor as ternas ancias.

*Med. e Ser.* Farey por detello (*Com trompas,*

Na rapida fuga, (*e tambores.*

Em remora o canto

Corrente o meu pranto,

E iman o clamor.

*Tod.* Boa viagem.

*Cantaõ só as Sereyas, sem trompas.*

E pois a canora suave harmonia,

Naõ pôde attrahir, nem soube mudar

De hum peito traidor a vil tyrannia.

*Com tromp.* Receba no Thetys nos braços  
do mar. *Vaõ-se.*

*Tod.* Boa viagem.

*Sacatr.* Vencemos as Sereyas tambem co-  
mo gente.

*Tod.* Boa viagem.

*Med.* Pois, ingrato, e cruel tyranno, naõ

te has de jactar, de que triunfaste das

Sereyas; e já que com carinhos te naõ

posso mover, agora será com rigores:

O' Proserpina, õ Deidades furibundas

da lagoa Stygia, movey os elementos

todos, para castigar a hum fementido

trai-



que descanse o coração deste cuidado :

Telemon , que novas me dás de Jason ?

*Telem.* Saberás , Senhor , que Jason furtivamente esta madrugada se embarcou , e Creusa tambem com elle , e leva o Velocino.

*Arpia.* Tambem Medéa não apparece , Senhor.

*Rey.* Haverá mais pena para hum coração afflicto ?

*Dentr. Jason.* Deoses , piedade !

*Dentr. Med.* Deoses , rigores !

*Rey.* Que vozes tão encontradas são estas , que se escutaõ ao mesmo tempo iradas , e piedosas ? Vay , Telemon , examinar o que he.

*Sabem por huma parte Jason , Creusa , Theseo , e Sacatrapo , e por outra Medéa.*

*Jason.* Deoses , piedade !

*Med.* Deoses , rigores !

*Jason.* Mas que vejo ! Aonde estou eu ?

*Rey.* Mas que vejo ! Este he Jason ?

*Arpia.* Aquelle he Sacatrapo !

*Creus.* Que he isto , Jason ? Estamos outra vez em Colchos ?

*Thef.* E nas mãos de ElRey.

*Jason.* Estou confuso ! Como póde ser isto , quando eu cuidey , que estava em Theffalia ?

*Sacatr.* Não disse eu, que este carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jason?

*Med.* Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim?

*Creus.* Ha mayor desgraça!

*Jason.* Rey, e Senhor, se hum naufrago peregrino póde mover a compaixão, peço-te, que te doas da adversidade da minha fortuna: ahi tens o teu Velocino, e tambem a . . . .

*Rey.* Basta, Jason.

*Sacatr.* Se eu levara o burro caga dinheiro, tambem o restituía agora com lingua de palmo.

*Rey.* Jason, para que vejas, que os Reys de Colchos sabem perdoar injurias; assim perdoando as que me tens feito, quero que cases com Creusa minha sobrinha, e te dou em dote o Velocino.

*Med.* Para isto trouxe outra vez a Jason? *à p.*

*Rey.* E castigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conspirou contra mim, entregando a Jason o Velocino, morrerá encerrada em huma torre, pois ella me offendeo mais, do que Jason.

*Med.* Pois não lograrás o teu intento. *à p.*

*Jason.* Prostrado a teus pés, te rendo as graças

344 *Os Encantos de Medéa.*

cas de tanto beneficio: Agora fim, amada Creusa, que já te posso chamar minha.

*Creus.* Ainda não creyo a minha fortuna.

*Sacatr.* Senhor, já que es tão liberal, peço-te, que me cafes com Arpia, e me dês em dote o burro caga dinheiro.

*Arpia.* Mamou-a, Senhor Sacatrapo. Bábão.

*Rey.* Celebrem-se as vodas de Jason, e Creusa, e vá Medéa para a torre.

*Med.* Pois antes que, ò pay cruel, executes o teu rigoroso intento, e eu veja com meus olhos lograr-se este ingrato Jason com Creusa, desesperada vagarey pela regiaõ do ar, já que na terra me falta foccorro.

*Voa Medéa em huma nuvem, e canta o*

C O R O.

Se amor he hum encanto,  
Que inflamma, &c.

F I M.

AMPHI-

# AMPHITRYAÕ

O U

## JUPITER , E ALCMENA ,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Mayo de 1736.

### ARGUMENTO.

**J**upiter , marido da Deosa Juno , por gozar da formosura de Alcmena , mulher de Amphitryaõ , General dos Thebanos , se transforma em Amphitryaõ por conselho de Mercurio , Embaixador dos Deoses , tomando este tambem a fórma de Saramago , criado de Amphitryaõ , para ajudar , que Jupiter consiga o seu intento , por meyo dos seus enganos : o que Jupiter consegue , introduzindo-se em casa de Alcmena com o nome de Amphitryaõ , acompanhando-o Mercurio , que toma o nome de Saramago , estando Amphitryaõ ausente de Thebas , contra El Rey dos Thebanos , donde vindo victorioso , por ter morto ao mesmo Rey , Jupiter lhe usurpa o triunfo , com que em Thebas o esperavaõ , ficando juntamente laureado Jupiter dentro do mesmo Senado com a illusão da figura , e nome de Amphitryaõ , o qual voltando para a Cidade de Thebas , já na sua  
pro-

*propria casa , he prezo por Tiresias , Ministro de Thebas , juntamente com Alcmena , e condemnados a morte por industria , e vingança da Deusa Juno , que se disfarça com o nome de Flérida em casa de Amphitryaõ ; mas em fim , como innocentes do imposto deliçto , são livres de serem sacrificados , por declaração de Jupiter , que sustenta o engano até o fim , e deixa em Alcmena por sua descendencia o esclarecido , fortissimo , e nunca vencido Hercules . O mais se verá no contexto da Obra .*

A Scena se representa em Thebas.

### INTERLOCUTORES.

<i>Amphitryaõ ,</i>	<i>Marido de Alcmena .</i>
<i>Jupiter ,</i>	<i>Marido de Juno .</i>
<i>Mercurio ,</i>	<i>Criado de Jupiter .</i>
<i>Tiresias ,</i>	<i>Ministro de Thebas .</i>
<i>Polidaz ,</i>	<i>Capitaõ Thebano .</i>
<i>Saramago ,</i>	<i>Criado de Amphitryaõ , Gracioso .</i>
<i>Alcmena ,</i>	<i>Mulher de Amphitryaõ .</i>
<i>Juno ,</i>	<i>Mulher de Jupiter .</i>
<i>Iris ,</i>	<i>Criada de Juno .</i>
<i>Cornucopia , velha ,</i>	<i>Criada de Alcmena .</i>

## SCENAS DA I. PARTE.

- I. **S** *Ala Empyrea de Jupiter.*  
 II. **C** *Camera.*  
 III. *Praça com portico.*  
 IV. *Selva com respaldo de Palacio.*  
 V. *Sala.*  
 VI. *Selva com respaldo de Palacio, e depois no meyo hum arco triumphal, e deste para diante vista de casas, e para traz de Selvas até o fim.*  
 VII. *Sala Senatoria.*

## SCENAS DA II. PARTE.

- I. **A** *Nte-Sala.*  
 II. **C** *Camera.*  
 III. *Sala.*  
 IV. *Bosque.*  
 V. *Jardim com fonte.*  
 VI. *Carcere.*  
 VII. *Templo de Jupiter.*  
 VIII. *Sala Empyrea de Jupiter.*

## P A R T E I.

## S C E N A I.

*Sala Empyrea de Jupiter, aonde estará este assentado em hum throno, e Mercurio mais abaixo, e depois se tirarão do throno, e Jupiter trará na mão huma estatua de Cupido, que se dividirá a seu tempo.*

## C O R O.

O Numen supremo  
Do Olympo sagrado,  
Suspira abrazado  
De hum cego furor.  
Que pasmo! Que assombro!  
Que voe taõ alto  
A setta do amor!

*Jupit.* **C**Esse a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celestes globos; que he razaõ emmudeçaõ as consonancias, quando a mayor Deidade se lamenta: não moduleis os supremos attributos de minha divindade; cantay, ou para melhor dizer, choray em dissonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o insoffrivel de minha dor.

*Merc.*

ou Jupiter, e Alcmena. 349

*Merc.* Jupiter soberano, a quem não admira ver, que a mayor deidade, que admiraõ as esferas, enlute com suspiros as diafanas luzes do Firmamento! Se em teu poder existem os rayos, porque não castigas a causa sacrilega de teus pezares?

*Jupit.* Ay Mercurio, que este rayo, que ignominiosamente adorna a minha omnipotente dextra, he o que agora se fulmina contra o meu peito! Não he esta aquella trifulca chamma, que devorou a soberba dos Ancelados, e Thipheos; he sim a fragoa de todos os rayos, a furia de todas as furias, e o estrago de todos os estragos; e para melhor dizer, he o simulacro de Cupido, cuja voadora setta, penetrando as eminencias do monte Olympo, sacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a immuniidade de meu peito; e assim, como offendido, e lastimado, já que nesse Rapaz tyranno, nesse Monstro, nesse Cupido, não posso vingar o mal, que padeço, quero ao menos na sua estatua debuxar as linhas da minha vingança.

*Merc.* Explica-me, Senhor, a causa de tanto excesso, que supposto sejas o mais sabio de todos os Deoses, também não duvi-

duvidas, que sou Mercurio inventor das  
subtilezas, e estratagemas; e assim  
que o teu entendimento se acha preocupado  
de hum frenetico delirio, com  
maior razaõ poderey eu acertar na cura  
de teus males.

*Jupit.* Pois attende Mercurio.

*Canta Jupiter a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Eu vi a Alcmena, ay Alcmena ingrata!  
Aquella, cujo assombro peregrino  
Foy remora attractiva, que attrahindo  
A isençaõ de toda esta divindade,  
Por ella em vivas chammas  
Extremoso suspiro,  
Querendo amante em languidos deliquios  
Sacrificarme todo nos altares  
Destá melhor, mais bella Cytherea;  
E por mais que público em triste pranto  
Tanto amor, tanto incendio, extremo tanto;  
Nem por isso Cupido compassivo  
Alivio facilita ao meu tormento;  
Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,  
Por vingarse talvez de meus poderes,  
Difficulta o remedio às minhas ancias;  
E pois, cruel amor, falsa Deidade,  
O suspiro, que exhalo, não te abranda,  
O impulso feroz de meu rigores  
Saberá castigarte, lacerando

Teu

ou Jupiter, e Alcmena. 351

eu simulacro,  
que em atomos partido, *Despedaça*  
os ventos serás rapido despojo. *a estatua.*  
anta pois (ay de mim!) a-minha ira,  
que contra o Deos Tonante assim conspira.

A R I A.

De amor todo abrazado  
Me sinto quasi louco,  
E afflicto: pouco a pouco  
Me vay faltando a vida,  
Me vay matando a dor.

Ah querida ingrata Alcmena,  
Quanto susto, e quanta pena,  
Me provoca o teu rigor!

*Merc.* Ora Senhor, se Alcmena he a causa,  
porque suspiras, e só desejas conseguir  
a delicia de sua formosura, verás como  
alcanças, o que procuras.

*Jupit.* De que sorte?

*Merc.* Eu te digo, dá-me attenção: Bem  
sabes, Senhor, que Amphitryão, mari-  
do de Alcmena, se acha occupado na  
guerra dos Thelebanos contra ElRey  
Teréla, e parecia-me, que tomando tu  
a fórma de Amphitryão, fingindo teres  
já chegado da guerra, podias fielmente,  
sem experimentares os rigores, e def-  
dens de Alcmena, conseguir della o que  
de-

desejas ; porque vendo ella em ti copia da a imagem , e figura de seu esposo Amphitryão , como a tal te facilitaria o mesmo que agora como a Jupiter te nega.

*Jupit.* Só tu , Mercurio , com as tuas subtilidades podias dar em taõ subtil idéa , pois com ella já posso chamarme venturoso e para principiar a fello , já me vou disfarçar na fórma de Amphitryão , e de por a magestade de meus rayos : ob quem dislera , que para eu alcançar a formosura de Alcmena , deixe os resplandores do Olympo !

*Merc.* Para que se logre melhor a empreza , eu tambem irey contigo disfarçado na figura do criado de Amphitryão , chamado Saramago , ajudarte a lograr o teu intento.

*Jupit.* Naõ deixo de agradecerte , Mercurio , que por amor do meu amor tomes a figura de hum lacayo squalido , e fardido.

*Merc.* Senhor , o officio de Corretor nunca esteve mal a Mercurio ; quanto mais , que para servirte , desejo transformarme ainda na mais vil creatura.

*Jupit.* Pois naõ dilatemos a empreza ; vamos , Mercurio , e seja esta noite o dia de

*ou Jupiter, ou Alcmena.* 353

de minha ventura.

*erc.* Vamos, Jupiter, a levar hum passa-tempo na terra.

*pit.* Já não se me dá, que repita festivo o celeste Coro; pois que já posso cantar o meu triunfo.

*Canta o Coro como no principio.*

O Numen supremo  
Do Olympo sagrado, &c.

## S C E N A II.

*Sabem Alcmena, e Cornucopia.*

*ornuc.* **S**Enhora Alcmena, eu não cuido, que vossa mercê era tão extremosa, nem que tomasse as penas tanto a peito.

*Alcmen.* Se tu, Cornucopia, fouberas sentir ausencias, ainda acharias diminuto o meu sentimento; pois apenas lograva nos braços de Amphitryão as delicias do mais venturoso hymenêo, quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos; mas ay, Amphitryão querido, que se foste para a guerra, em outra mayor me deixaste; pois no combate das memorias, e nos repetidos golpes das faudades, me vejo quasi-sem alentos.

*Cor-*

*Cornuc.* Ay, Senhora, basta de guerrear  
faça por hum pouco tregoa com o sen-  
timento, e quando não aparelhe-se, qu-  
em dous dias morrerá tifica, e ética.

*Alcmen.* Eu não sou como tu, que na au-  
sencia de teu marido Saramago não ter-  
deitado huma lagrima ao menos; mas  
certo he, que as nescias não sabem sen-  
tir.

*Cornuc.* Antes quero ser nescia alegre, qu-  
discreta chorona; e na verdade, que se-  
ria grande afneira estarme eu cá matar-  
do, fazendo mil choradeiras, e Sarama-  
go nesse tempo talvez que se esteja re-  
galando lá na guerra, comendo com o  
seus amigos o rico pão de munição  
pois não, minha Senhora, eu não quero  
morrer, senão quando Deos me matar.

*Alcmen.* Isso não he teres amor a teu mari-  
do.

*Cornuc.* Pois eu que hey de fazer? De dua-  
huma, ou hey de sentir mais, que voss-  
mercê, ou não; sentir mais he impossí-  
vel; sentir menos não he brio meu;  
assim entre o mais, e entre o menos, m-  
deixo ficar assim nem mais, nem menos

*Alcmen.* Olha, nescia, quando para senti-  
esta ausencia, não fosse bastante o ma-  
da saudade, bastava imaginar, em que  
na

na guerra estão em continuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

*ornuc.* Ay, Senhora, dessa me rio eu; segura estou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

*Alcmen.* E que certeza podes ter disso?

*ornuc.* Porque eu sempre ouvi dizer, que as ballas traziaõ sobrescrito; e eu sey muito bem, que o meu Saramago nunca se cartou com ballas.

*Alcmen.* Ora vaite daqui, que estás muy louca.

*ornuc.* Digo-te isto, só para ver se alivias a tua saudade.

*Alcmen.* Este mal se não cura com palavras: deixa-me, Cornucopia, que a minha pena só acha alivio no pranto.

*ornuc.* Ora a culpa tenho eu, em dizerlhe, que não chore: chore, chore até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que estou pingando com somno. *Vaise.*

*Alcmen.* Querido Amphitryão, já que a tyranna ausencia me impossibilita o verte, quero reproduzirte nas lagrimas que choro; que como estas são filhas do amor, talvez que nellas te encontre.

*Canta Alcmena o seguinte*

## MINUETÉ.

Tyranna ausencia,  
 Que me roubaste,  
 E me levaste  
 Da alma o melhor.

Se ausente vivo  
 Já sem alento,  
 Cesse o tormento  
 De teu rigor.

Ay de quem sente  
 De hum bem ausente  
 A ingrata dor!

Se eras minha alma,  
 (Ay prenda bella!)  
 Como sem ella  
 Com alma estou!

Porém já vejo,  
 Que em meu delirio  
 Para o martyrio  
 Só viva estou.

Ay de quem sente  
 De hum bem ausente  
 A ingrata dor!

*Sabe Cornucopia.**Cornuc.* Alviçaras, Senhora, alviçaras.*Alcmen.* Que ha de fer, Senhora? Ay, Senhora, alviçaras.*Alcmen.* Alviçaras, de que?

rnuc. Sabe que mais?

lcmen. O que?

rnuc. Pois faiba que . . . Ay, Senhora,  
alviçaras, que ahi vem meu marido Sa-  
ramago:

lcmen. Ha mayor loucura! Essas alviça-  
ras pede-as a ti mesma.

rnuc. Não, Senhora, que com elle vem  
o Senhor Amphitryão.

lcmen. Que dizes? Isso não pôde ser.

Sabe Jupiter com a fôrma de Amphitryão, e  
Mercurio com a de Saramago.

pit. Sim pôde ser, querida Alcmena, que  
os impossiveis só se fizeraõ; para os que  
verdadeiramente amaõ. Da-me os teus  
braços, que o verdadeiro descansar nel-  
les foy sempre o meu desejo. Ainda não  
creyo o bem, que possuo! *à part.*

lcmen. Amado Amphitryão, querido es-  
poso, permite-me, que por hum pou-  
co não creya a fortuna, que alcanço;  
que a considerár ser certa tanta felicida-  
de, mórre de alegria.

erc. Muito bem se finge Jupiter, e me-  
lhor se engana Alcmena. *à part.*

lcmen. He possivel, que te vejo, Amphi-  
tryão?

pit. Mais impossivel me parece 'a mim,  
Alcmena; pois sempre me pareceo im-

possivel, que me visse em teus braços.

*Alcmen.* Bem sey, que trázias muito arri-  
cada a vida entre os inimigos na guerra.

*Jupit.* Mayor inimigo encontrava eu na  
guerra do amor, cujas settas, mais do  
que as lanças dos inimigos, me feriaõ  
coraçãõ.

*Alcmen.* Não sey se acredite essa lisonja.

*Jupit.* Lisonja chamas, ao que hé realida-  
de? Poucõ conceitõ fazes do meu amor.

*Alcmen.* Sempre ouvi dizer, que dos qu-  
tro remedios contra o amor, hum dell-  
era a distancia; e como te achavas au-  
sente, bem poderia ser, que se perdeste  
no caminho, por distante.

*Jupit.* Pois, Alcmena, por Jupiter Sob-  
rano te juro, que nem a distancia, que  
ha do Ceo à terra, seria bastante, pa-  
fazermes esquecer de ti; e se te parece in-  
credivel a minha fineza naquella distancia  
affirmote, que sempre intensivo o meu  
amor ardeu em tão activos incendios  
que do peito, aonde se accenderaõ, qu-  
zeraõ passar, abrazando a mesma esf-  
do fogo, ou ao Ceo das chammas, que  
he o mesmo Empyreo.

*Merc.* Bem o póde crer, Senhora Alcmen-  
e muito mais ainda; pois lhe affirmo, que  
o Senhor Amphitryão ainda não diz ame-  
tade do que he.

*Alcmen.* Só reparo , Amphitryão , que antes da tua ausencia , nunca te ouvi expressões tão finas ; e quando cuidey , que a guerra te fizesse menos terno , achô , que te fez mais amante ; e assim me parece , que mais vens da escola de Cupido , que da palestra de Marte .

*Jupit.* Não sabes , que o amor nasceo entre o estrepito das armas , sendo o artifice destas o progenitor de Cupido ? Pois como pôde o amor estranhar as armas , e asperezas de Marte , se com ellas se emballava Cupido no berço , para crescer o amor nos corações ? E se te parece , que antes da minha ausencia era menos amante , seria , porque como o bem depois de perdido , he que se estima , por isso , quando ausente te perdi , he que soube perderme por ti , e achar hum verdadeiro amor , com que te idolatrasse ; e quando tudo isto te pareça quimera , suppoem , Alcmena , que não sou aquelle Amphitryão passado , mas sim outro Amphitryão mais amante .

*Alcmen.* Eu nunca vi a Jupiter tão derretido .

*à part.*

*Jupit.* Ay , Senhora , não apure mais ao Senhor Amphitryão ; creya o que lhe ; que elle não he homem de duas caras .

Aa ii

*Merc.*

*Merc.* Mal'ó sabes tu.

*Cornuc.* E assim permitta-me licença de abraçar a meu amo, que estou chorando pelas barbas abaixo com gosto de o ver. Ah meu Senhor, benza-o Deos ; bons olhos vejaõ ; como vem bem disposto, claro, rosfado, e resplandecente ! Tome, tome duas figas , que lhe naõ quero dar quebranto

*Jupit.* Nunca esperey menos do teu amor

*Cornuc.* Saramago , nós logo fallaremos a nossa vontade.

*Merc.* Por isso estou já rebentando.

*Alcmen.* Saramago tu naõ me fallas ? Chegate cá.

*Merc.* Senhora Alcmena , sempre a bocca falla tarde , quando madruga o desejo ; pois desejo que vossa merce tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Amphitryão taõ desejado.

*Alcmena.* Sempre te agradeço o cuidado com que fiel acompanhaste a teu amo.

*Merc.* Meu amo, Senhora, he taõ amante que todo se transforma em carinhos, para attrahir os coraçõs.

*Alcmen.* Dize-me, Amphitryão , vens victorioso de nossos contrarios ?

*Jupit.* Claro está, formosa Alcmena, que me considero já victorioso do mayor inimigo : cheguey a Theleba , accomme-  
teo-me

teo-me ElRey Teréla com hum poderoso exercito ; investiraõ os nossos aos Thelebanos, ainda que poucos, com taõ marcial furor, que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios ; e para que fosse completo o triunfo, perdeo ElRey a victoria com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel : enriqueceraõ-se os Soldados com o saque, no qual reservey esta joya, que no elmo trazia ElRey Teréla, cujo primoroso artificio só he merecedor de empregarse em teu peito. Aceita-a, pois, que não será a primeira vez, que se coroe Venus com os despojos de Marte. *Dá a joya.*

*Alcm.* Tanto pela obra, como pela materia, he digna de estimaçaõ.

*Cornuc.* Ay, Senhora, que galante sucricler ! E como brilha ! Parece-me hum cagalume.

*Alcm.* Não dirás perilampo, que he mais proprio ?

*Cornuc.* Tanto faz perilampo, como cagalume, que tudo he o mesmo ; mas ainda assim aquelle diamante verde he bem brilhante !

*Jupit.* Alcmena, vamos a descansar, que venho fatigado da jornada, e tenho de madrugada de voltar para o Arrayal,  
aon-

aonde me esperaõ os Capitães, para dar  
mos entrada publica, como triunfante  
e como o meu amor impaciente não sof-  
fre dilacões, quiz vir furtivamente est-  
noite aliviar a minha saudade.

*Alcmen.* Já me admirava, Amphitryão, que  
fosse completa a minha alegria: Vamos  
Amphitryão. *Vaise*

*Jupit.* Vamos, Alcmena. Cruel amor, já  
triunfey de teus rigores. Mercurio, vi-  
gia não venha alguem. *Vaise*

*Merc.* Vay descançado, que eu rondarey  
o bairro.

*Cornuc.* Agora fim, meu bello marido,  
meu querido Saramago, he tempo de  
nos racharmos com abraços: vem cá, fi-  
lagrana animada; vem cá, meu brinqui-  
nho de junco, que te quero meter todo  
no meu coração.

*Merc.* Não seria melhor, que em lugar  
deffes carinhos me deffes tu de cear,  
que venho estalando com fome, e pala-  
vras não fazem sopas?

*Cornuc.* Tambem nosso amo traria bastante  
fome, e com tudo esteve dizendo a nossa  
ama tanta cousa galantina, que faria  
derreter huma pedra.

*Merc.* Com que he o mesmo nossos amos,  
do que nós? Elles casadinhos de hum  
an-

ou Jupiter, e Alcmena. 363

anno, e nós ha hum seculo? Elles Senhores, e rapazes, e nós velhos, e moços? Elles dous jasmins, e nós dous largartos? E finalmente elles com amor, e nós, ou pelo menos eu sem nenhum?

*Yruc.* Pois tu me não tens amor?

*Aerc.* De tanto amor, que te tenho, me faz, que te não tenha nenhum; pois todo o extremo degenéra em vicio.

*Yruc.* Eu não sey, que seja vicio o querer bem com extremo.

*Aerc.* Olha: o querer pouco he asneira; o querer muito he parvoice; e como no amor não ha meyo, ignoro o meyo de te ter amor.

*Yruc.* Ora o certo he, que peyor he fazer festa a vilões ruins: por estas, que se tu fouberas a mulher, que tens, que outra cousa fora: talvez, que se eu fora alguma destas bonecrinhas enfeitadas, que me quizeras mais; porém a culpa tenho eu, em não accitar o que me davao nas tuas costas.

*Aerc.* Irra! Quem he o que se atrexia a dar nas minhas costas?

*Yruc.* Não digo isso; o que digo he, que tiye a culpa de não accitar, o que me davao por de traz de ti.

*Aerc.* Pois ainda estás em tempo de accitar

tar

tar o que eu dou por de traz?

*Cornuc.* Não me entendes ? Digo que não faltou quem na tua ausencia me acenasse não só com lenços, mas tambem com moedas.

*Merc.* Tanto mal fizeste em não aceitar as moedas ao minimo aceno, que com ellas te fizeraõ.

*Cornuc.* Não que isso não estava bem à tua pessoa, e muito menos à tua honra.

*Merc.* Pois o receber moedas he alguma deshonra ?

*Cornuc.* Ay, apello eu ! Deos me livre !  
Vosse está doudo ?

*Merc.* Coitadinha, não te faças taõ arisca ; ora dize-me : tu queres persuadir-me, que achaste quem te namorasse com essa cara ?

*Cornuc.* Só tu poderás dizer isso da minha cara, na minha cara, pois olha, outros a beberiaõ mais aguada.

*Merc.* Mais aguada fim ; porém mais untada não.

*Cornuc.* Graças a Deos, he cousa, que nunca puz na minha cara ; olhe, veja bem, cá não ha disso.

*Merc.* Pois melhor fora, que te untasses.

*Cornuc.* Pois porque ?

*Merc.* Porque ao menos com o solimaõ matarias

*ou Jupiter, ou Alcmena.* 365

tarias essa cara, que tão matadora he.

*ornuc.* Mais matador es tu, que estás a froxo no jogo do desdem.

*Ierc.* Valhate o diabo, que nunca perdeste a manha de presumida! Não vês ao espelho essa cara de desmamar meninos?

*ornuc.* Quando tu me namoraste para casar, não viste, que eu era fea?

*Ierc.* Cegou-me o diabo, porém não o amor.

*ornuc.* Ora vaite, que já não posso aturar os teus desaforos; e agradece ser isto fóra de horas, quando não, eu te arrancara essa lingua; porém nós nos encontraremos.

*Vaise.*

*Ierc.* Muito me deve Jupiter, pois por sua causa aturo os despropósitos desta velha.

*Vaise.*

### S C E N A III.

*Praça com portico. Sabe Saramago, e canta a seguinte*

#### A R I A.

Venho da guerra, e vou para casa;  
Venho da guerra, e vou para a guerra.  
e ha guerra na guerra,  
ha guerra na casa,

A ca-

A casa da guerra

He a guerra da casa;

Venho da guerra, e vou para a guerra,

Venho da guerra, e vou para casa.

*Repres.* E quando nada estamos defronte da nossa casa, que mal cuidey, que tornasse a ver! Ah Senhores, grande cousa he o buraco da nossa casa, mais que seja esburacada, que mais val a casa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já passaraõ, sem eu ficar passado, vamos ao caso: Parece-me, que já estou vendo chegar eu à porta, e petilcar no ferrolho, chegar à janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançar-se logo da janella abaixo, e levala o diabo de meyo a meyo; e alli se abraça comigo, e eu com ella, e assim todos juntos achamos a Senhora Almena, e logo perguntarme: que novas me das do meu Amphitryão? E eu apressado lhe respondo: elle fica com saude com hum perna quebrada; e para livrarte de sustos, aqui me envia, que por esta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhã, e que no entanto te vás divertindo com esta joya, que foy del Rey Terçela, a qual te manda por mim, que sou mui-

to fiel; e não ha duvida, que Alcmena, vendo a joya, e ouvindo a noticia, me mete à força na algibeira vinte dobrões; e se isto ha de ser assim, não te dilates, Saramago, se agora es Saramago verde na esperança do premio, logo ferás Saramago maduro na posse do fruto: Ora vamos andando para casa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rirse com as collegas do Sol.

*to irse, sabe da porta hum caõ, que ladrará todas as vezes, que se vir este final\* Ladra.*

\* Mão, mão, que he isto? Ronda? Que escapasse eu da barafunda da batalha, e que só de malfins não possa livrarme! \* Pergunta quem sou? Sou Saramago, que vou para casa de minha-ama, a Senhora Alcmena: \* Que armas trago? Eu não tenho armas, que sou mecânico. \* Donde venho? E a elle que lhe importa? \*\*\* Tenha mão, a que delRey! Esperem vossês, que eu cuidey, que era gente, e he hum caõ! Ora vejaõ o que faz o medo! He caõ, não ha duvida! Ay que he a cadella de minha mulher, que dormio fóra esta noite rondando algum offo! Olhem a festa, que me faz! Pois eu tambem hey de corresponderlhe, que agora huma cadella não ha de ser mais cortez, do que eu.

Can-

*Canta Saramago, ladrando sempre o caõ, a seguinte.*

## A R I A.

Coitadinha da cadella,

Que faz ella?

Como pulla! Como salta!

Naõ te esfalfes, anda cá,

Passa aqui, cadella, tó.

Mas ay, ay, que me mordeu!

Passa fóra,

Toma perro, grunhe agora,

*Grunhe o caõ*

Porque saibas quem eu sou.

*Ao ir entrar Saramago, sabe Mercurio na forma de Saramago.*

*Merc.* Este he o criado de Amphitryão; quero estorvarlhe, que naõ entre. Quem vem lá?

*Saram.* Quem lá vay? Mas que lhe impede a porta a elle, que eu entre pela minha porta?

*Merc.* Porque esta porta he minha, e por ella naõ ha de entrar ninguem, se naõ disser quem he; e assim, ou diga quem he, ou va-se embora; e quando naõ hi rã aos impurrões.

*Saram.* Está galante impurraçãõ, perguntarme o Senhor o que quero eu na minha casa!

*Merc.*

*Merc.* Qual casa?

*Saram.* Esta de alto abaixo, que he minha, pela mercê, que me faz meu amo, o Senhor Amphitryão.

*Merc.* Qual Amphitryão? Este que agora veyo da guerra?

*Saram.* Pois eu não sey, que haja outro no Mundo.

*Merc.* Pois elle he teu amo?

*Saram.* Esse mesmo em carne viva.

*Merc.* Homem, entendo que estás sonhando.

*Saram.* Não ha duvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amphitryão.

*Merc.* Homem insensato, sabes o que dizes? Não vês, que esse Amphitryão he meu amo?

*Saram.* Ora sou criado de vossa mercê: como pôde ser teu amo, se elle não tem outro criado, senão eu? e se não diz-me: como te chamas tu?

*Merc.* Chamo-me Saramago.

*Saram.* Saramago? Peyor he essa! E eu então que sou, visto isso?

*Merc.* Quem tu quizeres ser.

*Saram.* Pois eu quero ser Saramago, ainda que não queira.

*Merc.* Pois, magano, levarás dous muros,

ros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

*Saram.* Tenha mão, Senhor, veja que do, das, se não dá pelos *nominativos*.

*Merc.* Pois dize-me na verdade quem es senão vou desfandando outro murro.

*Saram.* Que quer vossa merce, que eu diga? Se digo, que sou Saramago, diz que minto; se digo, que não sou, também minto, e assim não quero, que me diga: *inter ambobus errasti*.

*Merc.* Visto isso, ainda tens para ti, que es Saramago?

*Saram.* Eu bem o não quizera ser, só por dar gosto a vossa merce.

*Merc.* Ora dize, não tenhas medo.

*Saram.* Direy, se fizer treguas na guerra do murro secco.

*Merc.* Eu te prometto, dize, quem es?

*Saram.* Conhece vossa merce Amphitryaõ?

*Merc.* Pois não hey de conhecer a meu amo?

*Saram.* Conhece vossa merce em casa de Amphitryaõ hum criado esgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuso, pernas de disciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

*Merc.* Não estou lembrado.

*Saram.* Era hum criado, muito mal criado,

do, chamado Saramago.

*Merc.* O' patife, insolente, assim me trata com tão vis vocabulos?

*Saram.* Não, Senhor, que esse era eu.

*Merc.* Aqui não ha eu, senão eu, já tenho alcançado quem es : ò lá , prendaõ esse ladraõ, que vem disfarçado roubar a casa de Amphitryaõ.

*Saram.* De vagar, que cuidaráõ, que he verdade : o ladraõ he vossa merce, que me furtou o meu nome.

*Merc.* Ainda replicas? Levarás nos narizes.

*Saram.* Ora, Senhor, tenho entendido, que não sou nada nesta vida.

*Merc.* E eu que tenho com isso?

*Saram.* Pois, Senhor, já que me não bastou ser hum Saramago nascido das ervas, para deixar de ser envejado o meu nome, peço-te, que ao menos me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.

*Merc.* Não quero, que a mim nada me afombra.

*Saram.* Pois, Senhor, tão mal affombrado sou eu, que nem tua sombra mereço ser?

*Merc.* Quem he tão ladraõ, que furta o meu nome, tambem furtará a minha sombra.

*Saram.* Isso he bom para o diabo das coyas de Salamanca.

*Merc.*

*Merc.* Não gracejemos; diga, em que ficamos?

*Saram.* Em que ficamos? Eu fico com os murros, e vossa merce com o meu nome.

*Merc.* Pois vá-se embora, antes que faça chover sobre elle hum diluvio de pancadas.

*Saram.* Pois a Deos, Senhor Saramago.

*Merc.* A Deos, Senhor coufa nenhuma.

#### S C E N A IV.

*Bosque com respaldo de Palacio. Sabem Amphitryão, e Polidaz.*

*Amph.* **N**A verdade, Polidaz, que não ha peyor mal, que o da ausencia, pois ao mesmo tempo, que accrescenta a faude, tambem accrescenta o tempo; porque havendo só tres mezes, que me ausentey de Thebas, de cujas muralhas estamos à vista, parece-me, que ha tres seculos, que della me ausentey.

*Polid.* Amphitryão, não he porque o relogio do tempo se atraze; talvez será porque o mostrador de Cupido se adianta; e não he muito, que vivendo ausente

sente da Senhora Alcmena, tua esposa, os minutos te pareçaõ eternidades; e agora que vitorioso da ausencia, e dos inimigos, te vangloriâs, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

*Amph.* Ay, Alcmena, quem já se vira em teus braços!

*Sabe Tiresias.*

*Amph.* Inviçto Amphitryão, sempre triunfante vencedor dos inimigos da Patria, em nome desta Republica de Thebas venho esperarvos ao caminho para adiantar os parabens, a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra; e assim para premio das vossas acções, e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado hum notavel triunfo, donde coroados do vencedor louro, se accumularem os vivas ao vosso nome.

*Amph.* Generoso Tiresias, agradecendo a Thebas a honra, que me faz, e a vós a cortez benevolencia; a ella hirey prostrarme, como obediente filho da Patria; e a vós já vos offereço os braços, como symbolo do amor, e da benevolencia.

*Amph.* Polidaz amigo, quanto me alegro de verte!

*Polid.* Tudo merece a nossa amifade.

*Tires.* Permitte-me, Amphitryão, que v  
noticiar à Senhora Alcmena a tua vinda

*Amph.* Não he necessario tanto excesso  
pois já a esse fim mandey o meu criad  
Saramago.

*Tires.* Pois esperay aqui pelo triunfo, en  
quanto com os mais Senadores vos va  
mos esperar ao Senado. *Vai-se*

*Amph.* Não posso desprezar tantas mercês  
*Sabe Saramago.*

*Saram.* Estou bem aviado! Não sou couf  
nenhuma nesta vida! Tenho de torna  
a nascer, para ser alguma coufa.

*Amph.* Já mais has de perder o costume d  
tardar, e murmurar? Aonde estiveft  
até agora!

*Saram.* Quem? Eu?

*Amph.* Pois com quem fallo eu, sena  
contigo?

*Saram.* Pois supponha, que não falla co  
migo, porque eu não sou eu.

*Amph.* Começa tu agora com disparates a  
mesmo tempo, que quero me dêa noti  
cia de Alcmena.

*Saram.* Como poderey eu dar noticia d  
Senhora Alcmena, se eu não sey noti  
cias de mim proprio?

*Polid.* O moço he galante pessa.

*Amph*

*mph.* Saramago, que diabo tens, que estás fóra de ti?

*ram.* Sim, Senhor, estou fóra de mim, porque outrem está dentro em mim.

*mph.* Explica-te, Saramago.

*ram.* Já não sou Saramago; não me quer entender?

*mph.* Pois que es?

*ram.* Sou coufa nenhuma: Vê? Vê-me vossa merce aqui? Pois supponha, que me não vê.

*mph.* Explica-te por huma vez, senão te matarey.

*olid.* Homem, falla, não desesperes a teu amo.

*ram.* Por obedecer, ainda que sou nada, fallarey hum nónada. Eis-que partido eu para a nossa casa, com o recado de vossa merce para a Senhora Alcmena, a primeira coufa, que encontrey foy a nossa cadella, que com o rabo começou a explicar a sua alegria; donde inferi, que ha creaturas, que tem a lingua no rabo.

*mph.* Vamos adiante.

*ram.* Atrás ha de ser, que ficamos no rabo; e o como este seja ruim de esfollar, agora o verá: foime a cadella guiando, porque eu hia cego com o escuro da noite; achey a nossa porta aber-

ta, e ao querer entrar por ella, mo impedi-  
 pedio hum vulto muy avultado.

*Amph.* E viste quem era?

*Saram.* Sim, Senhor, conheci muito bem.

*Amph.* Pois quem era?

*Saram.* Era eu mesmo.

*Amph.* Pois tu estavas fóra, e dentro a  
 mesmo tempo?

*Saram.* Ahi he que está o enigma.

*Polid.* Enigma parece na verdade!

*Amph.* Pois que te succedeo com esse vul-  
 to?

*Saram.* Que me não quiz deixar entrar  
 houve luta de parte a parte, e por fim  
 de contas alombou-me os ossos muit  
 bem com hum rebém.

*Amph.* Quem seria o atrevido, que te fe  
 tal cousa?

*Saram.* A tal cousa fiz eu, que de med  
 me estava escorrendo.

*Amph.* Dize a verdade, se conheceste quem  
 foy?

*Saram.* Oxalá que o não conhecera.

*Amph.* Pois quem foy, o que te deu?

*Saram.* Fuy eu mesmo.

*Amph.* Ha tal loucura! Pois tu déste cr  
 ti mesmo.

*Saram.* Sim, Senhor; e não de qualqu  
 fórte, sennão a cahir, a derrubar.

*Amph.*

*Amph.* Pois não entraste a fallar a Alcmena ?

*Saram.* Como havia entrar, se mo impediraõ ?

*Amph.* Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro ?

*Saram.* He necessario, que lho diga muitas vezes ? Não lhe disse já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá estava primeiro do que eu; aquelle eu, que me disse, que eu não era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neste eu: *Heu mihi!*

*Amph.* Polidaz, este criado está louco.

*Polid.* Eu assim o entendo.

*Saram.* Porém, Senhor, só huma differença achei neste eu, e eu; e he, que o eu, que lá estava, era mais valente do que eu, que aqui estou.

*Amph.* Resta-me que tambem perdeses a joya, que mandey désses a Alcmena.

*Saram.* Não, Senhor, ainda cá vem a joya; e se ella se tornasse em duas, como eu, que máo fora ?

*Amph.* Isto he alguma cousa ! Não sey o que diga, e nem o que me adevinha o coração ! Vamos, Saramago, a casa, que quero averiguar, que he isto, que dizes. Polidaz, esperay aqui, que já venho.

*Pol-*

*Polid.* Não tardeis , que póde vir o triufo , que foy preparar Tiresias.

*Saram.* Oh queira Jupiter , que tu tambem lá aches outro Amphitryão , assim como eu outro Saramago , para que te não ri de mim!

*Polid.* Debaixo daquelle tronco hirey e preparar a Amphitryão.

*Desce Juno em huma nuvem , e nella virá pintado não só o arco Iris , mas em figura a*

*Ninfa Iris. Canta-se o seguinte*

## C O R O.

O Iris da paz

He o Iris da guerra ;

Pois hoje se encerra

No arco do Ceo

O arco do amor.

Mas contra o teu arco ,

Amor , se prepara

Meu impio furor.

*Repres. Juno.* De que val ser eu a Deo Juno , e esposa de Jupiter , se este mesmo esposo , se este mesmo Jupiter com seus desordenados intentos procura eclipsar as luzes de minha soberania , tomando a fôrma de Amphitryão , para lograr os favores de Alcmena ? E assim pareço vingarme de ambos , disfarçada nesta humana fôrma , estoryarey a minha injuria

e o

*ou Jupiter, e Alcmena.* 379

e o meu ciúme. Oh que sacrilego he o tormento dos zelos ; pois nem as mesmas deidades se isentaõ de seu furor !

*is.* Soberano Juno, parece improprio da tua divindade esse sentimento ; e pois, ainda que disfarçada, sempre sou a Ninfa Iris, symbolo da Concordia, agora, mais que nunca, verás os effeitos de de minha virtude, serenando com os meus influxos o diluvio de tuas penas.

*uno.* Por seres a Ninfa Iris, por isso quiz, que me acompanhasses, que para a guerra do amor era necessario trazer comigo a paz ; e assim como fiel subdita saberás ajudarme neste empenho do meu ciúme ; e pois o amor he taõ cego, como o odio, tu que vives isenta destas paixões, poderás, sendo Argos da minha affronta, observar as falsidades de hum esposo, que me offende.

*is.* Já com a esperanza pódes respirar menos sentida ; não te desanimes, que supposto tenhamos contra nós todo o poder de Jupiter, amor nos dará industria, para vencello ; que o amor sempre triumphou de todos os Deoses.

*uno.* Verá Jupiter os damnos, que preparo, desvanecido o seu poder, e victoriosa a maquina de minha vingança.

*Can-*

Canta Juno a seguinte

## A R I A.

A hum esposo fementido  
 Se castiga o seu intento,  
 E verá no meu tormento  
 Seu tormento; pois prometto  
 Em seu damno me vingar.

Saiba pois o como offende  
 Minha propria divindade,  
 Que dos zelos a impiedade  
 Até os Ceos ha de chegar. *Vais*

## S C E N A V.

*Sala. Sabem Jupiter, Alcmena, Mercurio,  
 Cornucopia; Jupiter na fórma de Amphitryão,  
 e Mercurio na de Saramago.*

*Alcmen.* **A** Amphitryão, se tão depressa  
 haviás tornar, para que viesse  
 te? Melhor me fora não experimentar  
 a breve alegria de te ver, se logo haviás  
 sentir o mal de perderte.

*Jupit.* Já te disse, querida Alcmena, que  
 me he preciso acharme esta manhã no  
 Arrayal, para publicamente entrar triunfante  
 nesta Cidade; com que não he justo,  
 que por hum breve retiro mostres  
 hum tal sentimento. Ay, Alcmena,  
 se

ou Jupiter, e Alcmena. 381

se tu me differas essas finezas, não como a Amphitryão, senão como a Jupiter!

à part.

*Alcmen.* Vivo tão resentida do mal da ausencia, que qualquer retiro, que faças, me sobressalta o coração.

*Jerc.* Senhor, veja que já he tarde, e que nos podem achar menos lá no campo.

*ornuc.* Calte atiçador da candêa da esqui-  
vança; tão tarde he isto?

*Jerc.* Não vês, que já os gallos cantarão?

*ornuc.* Também se tu foras mais amante, outro gallo me cantara.

*Jupit.* Deixa-me ir, Alcmena, que são horas.

*Alcmena.* Se esperas, que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te mas não te despeças; pois cada instante, que te não acho, cuido que te perco.

*Jupit.* Não sey com que poderey pagarte tanta fineza, e amor!

*Alcmen.* Este amor nasce da minha obrigação.

*Jupit.* Pois quizera, que esta fineza nascesse mais do teu amor, que da tua obrigação.

*Alcmen.* A obrigação de amar ao esposo fupera a toda a obrigação.

*Jupit.* Pois mais te devera, que me quize-  
ras

ras mais como a amante, que como  
esposo.

*Almen.* Não sey fazer essa differença, pois  
não posso amarte como a esposo, sem  
que te ame como a amante.

*Cornuc.* Ay, Senhora, que diz muito bem  
o Senhor Amphitryão, pois entre espos  
fo, e amante ha muita differença.

*Almen.* Tomara fabella, que ainda a não  
encontrey.

*Cornuc.* Pergunte-o, Senhora, a meu ma  
rido Saramago, que tanto se despedio  
de amante para comigo, que apenas o  
encontro hum marido espurio: marido  
sem ser amante he o mesmo, que corpo  
sem alma; que importa, que o matrim  
onio ligue o corpo, se o amor não  
une as almas? Aquelles carinhos, aquell  
les affagos, aquelles melindres, aquelle  
vir o Senhor Amphitryão fóra de horas  
só para apagar a chamma da saúdade no  
mar de seu pranto, que he, senão amor?  
Pelo contrario, estes despegos, estas se  
quidões, estes focinhos, que me faz es  
te meu bom marido, que he, senão ser  
marido sem amor?

*Jupit.* Cornucopia fallou como sabia.

*Cornuc.* São os olhos de vossa merce.

*Merc.* A velha toda via não he tolla: va-  
monos,

ou Jupiter, ou Alcmena. 383

mo-nos, Senhor, que já totalmente amaneheço.

*Alcmen.* Ay, Amphitryão, que agora mais que nunca se pôde dar à madrugada o epitecto de faudosa.

*Jupit.* Não chores, meubem; não queiras, que hoje amanheça o dia com duas auras.

*Cantaõ Jupiter, e Alcmena a seguinte*

A R I A A D U O.

*Jupit.* Alcmena, enxuga o pranto,  
Reprime o teu suspiro.

*Alcmen.* Oh quanto, amor, oh quanto  
Me afflige o teu retiro!

*Jupit.* Não chores, não suspires.

*Alcmen.* Não, meu bem, não te retires.

*Amb.* Senão verás que acabo  
A impulsos do penar.

*Jupit.* Cesse o liquido lamento,  
Cesse tanto suspirar.

*Alcmen.* Vendo a causa do tormento  
Mal me posso consolar.

*Amb.* Oh que afflicto suspirar!

*Vaise Jupit.*

*Merc.* Cornucopia, vale, vel, valetê.

*Cornuc.* Que me dizes com isso?

*Merc.* Que assim se vay, quem se despede  
em Latim.

*Cornuc.* Vaite cos diabos, nunca tu cá tornes.

Sa-

*Juno.* Aquella sem duvida he Alcmena entre pois a minha industria a vingar o meus zelos.

*Iris.* E he boa occasião para o teu intento

*Cornuc.* Senhora, que mulheres são aquellas que entraõ, sem pedir licença?

*Entra Juno*

*Juno.* Não estranhes, Senhora, que sem licença, eu, e esta criada minha, entre mos aqui, quando a justiça da minha causa rompe a immuniidade do mayor sagrado.

*Chora, e ajoelha*

*Alcmen.* Levantaivos, Senhora; mereça eu saber a causa do vosso sentimento, para ver se encontrais em mim o remedio de vossas penas.

*Juno.* Para que melhor conheças o que padeço, quero informarte de quem sou. Junto às eminencias do monte Olympo em hum lugar aprasivel, aonde em perpetuos verdores habita a Primavera nasci; que provera a Jupiter não nascera, para que não fosse objecto da inconstancia da fortuna.

*Chora*

*Cornuc.* Até aqui, Senhora, parece, que tem razão; mas eu não sey o que elle diz.

*Iris.* Até aqui vay bem.

*à part*

*Juno*

ou Jupiter, e Alcmena. 385

*Juno.* Meus pays, que eraõ os mais illustres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florescia na sua descendencia, tratarão de dar-me estado decente à minha pessoa; para o que hum dia me fallaraõ desta fórte: Felisarda, (que este he o nome desta infeliz. . . .)

*Cornuc.* Felisardá se chama? Ay, Senhora que galante nome, para se pôr a humia cachorrinha!

*Alcmen.* Profegui, Felisarda, que com attenção vos escuto.

*Jun.* Differaõ-me, pois, que escolheffe eu esposo igual às minhas prendas; porque sendo a escolha minha, a nenhum tempo me Poderia queixar. Havia no mesmo monte Olympos hum mancebo galhardo, poderoso, e muito juvenil.

*Diz Amphitryaõ dentro o seguinte, e bate.*

*Amph.* Abraõ lá.

*Alcmen.* Parece, que bateraõ; vay ver; Cornucopia, quem he.

*Vay Cornucopia dentro, e torna a sabir com Amphitryaõ, e Saramago.*

*Cornuc.* Ay, que he o Senhor Amphitryaõ, que já veyo!

*Amph.* Alcmena, minha bella esposa, dá-me os teus braços, em quanto mudamente o coração com suspiros explica  
o al-

o alvoroço de sua alegria.

*Alcmen.* Que he isso, Amphitryão? Taõ depressa vieste?

*Amph.* Estranho muito o modo, com que me recibes; parece-te, que vim depressa; depois de taõ larga ausencia! Oh que evidente indicio do pouco, que me amas!

*Alcmen.* Naõ te entendo: tu podes formar queixas contra o meu amor? Naõ viste esta madrugada em derretidos crystaes naufragarem os meus olhos? Tu mesmo, admirado do meu extremo, naõ julgaste por excessiva a minha fineza? Pois como agora me criminas de pouco amante?

*Amph.* Que he o que dizes, Alcmena?

*Saram.* Máo! Já isto me vay cheirando a raposinhos.

*Alcmen.* Digo, Amphitryão, que quando esta noite tive a fortuna de verte, que foy incomparavel o alvoroço de meu coração, como tu bem viste.

*Amph.* Como póde isso ser, se eu ainda agora chego da campanha, e logo torno para ella, para triunfar?

*Alcmen.* Isso mesmo me disseste; e por isso ao romper da manhã te ausentaste, dizendo, que por mitigar a tua faudade,

vief-

vieste escondido a verme.

*Amph.* Parece, que Alcmena perdeu o juizo !

*Saram.* Ainda bem , quanto folgo !

*Cornuc.* Isto me parece cousa de encanto !

*Alcmena.* Sem duvida este he Jupiter , que vem disfarçado em Amphitryão : pois não logrará o seu intento. *à part.*

*Amph.* Se tambem se sabe disfarçar , difficiltoza he a nossa empreza. *à part.*

*Alcmena.* Alcmena , entendo , que estás galanteando.

*Alcmena.* Estas não são materias para galantear.

*Amph.* Ora pois , fallemos serio , Alcmena !

*Alcmena.* Amphitryão , basta de brinco.

*Amph.* Com que queres capacitarme , que estive comtigo esta madrugada ?

*Alcmena.* Com que queres negarme , que estiveste comigo esta noite , antes de amanhecer ?

*Amph.* Que dizes a isto , Saramago ?

*Saram.* Não te disse eu , que havia cá outro Saramago ? Pois por força havia de haver outro Amphitryão.

*Alcmena.* Que dizes a isto , Cornucopia ?

*Cornuc.* Senhora , isso não he cousa , que se diga.

*Amph.* Alcmena , vê bem o que dizes.

*Alcmena,*

*Alcmen.* Digo, que todos de casa poderão ser testemunhas da minha verdade. Dize Cornucopia, tu não viste a Amphitryão cá esta noite?

*Cornuc.* Ay, Senhora, vossa merce crê que o Senhor Amphitryão falla de veras. Não vê, que está galanteando? Sempre vossa merce foy amigo dessas gracinhas. Ora não seja maligno.

*Amph.* O' cornucopia, eu não zombo.

*Alcmen.* Se não crês a Cornucopia, pergunta-o a Saramago, que contigo também veyo.

*Saram.* Eu, Senhora? Appello eu! Arre que testemunho!

*Cornuc.* Tu não estiveste aqui? Não ceaf-te comigo esta noite?

*Saram.* Eu sou tão pouco cioso, que nunca ciey em minha vida.

*Juno.* Não ley o que diga a isto! Quasi estou para crer, que o Amphitryão, que primeiro veyo, seria Jupiter: Oh que notavel enleyo!

*Amph.* Quero apurar os meus zelos. Ora já que affirmas, que eu cá estive, dize-me o que fiz?

*Alcmen.* Tão depressa te esqueceste?

*Amph.* Tudo podia ser, elevado no gosto de verte.

*Alcmen.*

ou Jupiter , e Alcmena. 389

*Alcmen.* Pois eu o digo , ainda que o saibas : chegaste hontem às dez horas da noite ; e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos. . .

*Amph.* Espera : pois tu me abraçaste ? Oh que tormento !  
*à part.*

*Alcmen.* Pois não te havia de abraçar , depois de tão larga ausencia ?

*Amph.* Eu te perdoara nessa occasião os abraços : e que fiz depois ?

*Alcmen.* Contaste-me o como venceste a ElRey Teréla , ficando desbaratado , e morto ; e por final me trouxeste esta joya , que era do elmo do mesmo Rey.

*Amph.* Que dizes ? A joya tu a tens ?

*Alcmen.* Vê-la aqui no meu peito , que a estimo , como cousa tua.

*Amph.* Não ha duvida , que he a propria , que eu mandey por Saramago : O' Saramago , onde está a joya , que eu te mandey désses a Alcmena ?

*Saram.* Cá a tenho na algibeira metida na caixinha , da mesma fórte que vossa merce ma entregou.

*Amph.* Mostra-a cá , que esta , que tem Alcmena , toda se parece com ella.

*Saram.* Valha-te o diabo joya ! Aonde estás , que não appareces ? Huy , agora esta he galante !  
*Faz que a busca.*

*Amph.* Que he isso? Não a achas?

*Saram.* Espere, Senhor; assim se acha hu  
ma joya?

*Amph.* Aonde a meteste, que tanto te custa a dar com ella?

*Saram.* Atey-a na fralda da camiza, e agora. . . .

*Amph.* E agora que?

*Saram.* *Bolaverunt.*

*Amph.* Que dizes?

*Saram.* Que não acho a joya; tenho dito.

*Alcmen.* Como has de achalla, se tu ma deffites, Amphitryão?

*Saram.* Essa he a verdade: De sorte, que vossa merce deu a joya à Senhora Alcmena, e entãõ quer, que eu lhe dê conta della? He muy boa consciencia essa!

*Amph.* O' velhaco, tu tambem me queeres desesperar? Tu não vieste com a joya, para a dares a Alcmena?

*Saram.* Sim, Senhor; mas parece-me, que ao depois vossa merce ma pedio, para a dar à Senhora Alcmena, minha Senhora.

*Amph.* Cala-te, embusteiro, que tudo isso não traças tuas, tu mo pagarás.

*Juno.* Pelo que agora vejo, entendo, que este he o verdadeiro Amphitryão. *à p.*

*Iris.* Senhora em boa estamos mettidas! *à p.*

*Amph.* Dize, Alcmena, que mais passy com-

ou Jupiter , e Alcmena. 391

contigo depois da joya? Dize.

*Alcmen.* Depois fomos cear, e dahi a descansar.

*Amph.* E com effeito fomos a descansar? Isso he delirio, Alcmena?

*Alcmen.* Tu perdeste a memoria, Amphitryaõ? Taõ depressa te esqueceste, do que ha taõ pouco tempo passamos?

*Amph.* Ay de mim, infeliz! Que he o que ouço!

*Amph.* Suspende-me saber, o que naõ queria saber.

*à part.*

*Alcmen.* De que te entristeces? Fiz algum delicto em te venerar como a esposo?

*Amph.* Cala-te, traidora, inimiga, que naõ fuy eu aquelle, que no venturoso thalamo descansou contigo.

*Juno.* Sem duvida foy Jupiter: Ay de mim, que já vim tarde!

*à part.*

*Cornuc.* Eis-aqui como succedem as desgraças!

*Saram.* Eis-aqui como se mata huma mulher a sangue frio?

*Alcmen.* Meu amor, meu esposo, meu Amphitryaõ, naõ posso capacitarme, senaõ que estás galanteando.

*Amph.* Minha inimiga, minha tyranna, minha desleal, naõ posso crer, senaõ

Cc ii

que

que isso, que dizes, foy algum sonho,  
que tiveste.

*Alcmen.* Esta joya tambem a possuhi por  
sonhos?

*Amph.* Esse o mayor indicio da minha afrõta.

*Alcmen.* Essa he a mayor defeza da minha  
innocencia.

*Juno.* Essa he a mayor evidencia do meu ciu-  
me.

*à part.*

*Iris.* Essa he a mayor certeza da nossa con-  
fusaõ.

*à part.*

*Cornuc.* Essa he a mayor testemunha de  
que esteve cá.

*Saram.* E esse he o mayor testemunho,  
que se levantou.

*Alcmen.* Vem, Amphitryão, a meus bra-  
ços; não creyas os delirios da fantasia.

*Cantaõ Amphitryão, Alcmena, e Juno a seguinte*

A R I A 3.

*Amph.* Defengana-me, tyranna,  
Quando não a minha pena,  
Falsa Alcmena,  
Te condemna

A morrer, e suspirar.

*Alcmen.* Defengana-te, tyranno,  
Louco esposo, fiel amante,  
Que eu constante  
Triunfante

Teu engano hey de mostrar.

*Ju-*

ou Jupiter, e Alcmena. 393

- Juno.* Quem cuidara, que acharia  
Na vingança, que hoje trato,  
O retrato  
de hum ingrato,  
Que me faz assim penar!  
*Amph.* Teme, ingrata, a ira ardente.  
*Alcmen.* Nada teme huma innocente.  
*Juno.* Tudo teme huma infeliz.  
*Amph. e Jun.* Que eu com zelos,  
*Alcmen.* Que eu sem culpa,  
*Id.* O meu brio hey de ostentar.  
*Amph.* Mas se he certa a minha offensa  
Sem detença  
Terey modo de a vingar.  
*Alcmen.* De ameação taõ injusto  
Naõ me affusto,  
Pois o Ceo me ha de livrar.  
*Juno.* Eu que tenho o defengano  
No meu damno,  
Muito tenho que penar.  
*Amph. e Jun.* Que dos zelos a violencia,  
*Alcmen.* Que a innocencia  
*Id.* Ha de sempre triunfar. *Vaõ-se.*

*Cornuc.* Saramago, que loucura he esta do  
Senhor Amphitryaõ?

*Saram.* Quando vires as barbas de teu visinho  
a arder, bota as tuas de remolho.

*Cornuc.* E a que proposito dizes isso?

*Sa-*

*Saram.* Antes que te responda, quero primeiro fazerte a devida contumelia, de pois de tão grande ausencia: mostra cá, Cornucopia, effes retrocidos amplexos com effes fetidos osculos.

*Cornuc.* Ainda tens atrevimento, patife, insolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim!

*Saram.* Quando deixey eu de quererte, e adorarte, querida Cornucopia?

*Cornuc.* Não te lembra, que me disseste, que eu era feya, e horrenda?

*Saram.* Eu podia dizer tal, quando essa tua cara, sendo o alcruz do effecto, he o repuxo das almas, que esgotando a fineza do peito, banha o coração de finezas, para regar a chicoria da correspondencia?

*Cornuc.* Voffê, não se lembra hontem à noite os desprezos, que me fez?

*Saram.* Ay, ay, ay, *chibarritum me fecit!* Com que eu tambem estive cá hontem à noite?

*Cornuc.* O' lé, tu parece, que vens concludado com teu amo, para nos fazeres desesperar?

*Saram.* Pois achas em tua consciencia, que eu estive cá hontem à noite contigo?

ou *Jup'ter*, e *Alcmena*. 395

*Cornuc.* Tu cuidas, que eu sou tão nescia como a Senhora *Alcmena*, que se lhe meterão em cabeça os delirios do Senhor *Amphitryão*?

*Saram.* Certo he, que a ti nada se te mete em cabeça; a mim mais depreffa, que sou o desgraçado marido.

*Cornuc.* Ora anda, vay cozer a vinhaça.

*Saram.* Ora dize-me: tambem tiveste cá o teu *Saramago*, como a Senhora *Alcmena* o seu *Amphitryão*?

*Cornuc.* Pois porque? Tão casada não sou eu, como ella?

*Saram.* Visto isso, largaste as vélas ao vento do amor?

*Cornuc.* Deixa despropósitos, e vamos dar ordem a almoçar.

*Saram.* Deixa-me, inimiga, traidora, falsa, fementida, insolente, que não fuy eu, o com quem te emsaramagaste.

*Cornuc.* Que dizes *Saramago*?

*Saram.* Digo, embusteira, que se não fora por se acabar isto em tragedia, que aqui te espicharia na ponta desta espada, pelas pontas que me puzeste.

*Cornuc.* Porque me havias matar? Porque estive com meu marido?

*Saram.* Qual marido?

*Cornuc.* Tu mesmo.

*Saram.* O' mulher, eu ainda que seja homem de muitas partes, não posso estar em duas ao mesmo tempo.

*Carnuc.* Pois quem foy o que esteve aqui? Salvo feria o diabo por ti.

*Saram.* Por ti, falsa, petulante: como que res, que sendo eu simplez por natureza, me ache agora composto por artificio?

*Cornuc.* Dizes isso de todo o teu coração?

*Saram.* Por ora ainda não; pois primeiro te quero fazer alguns interrogatorios, como fez meu amo à Senhora Alcmena. Dize-me: que fizeste com esse eu, quando aqui chegou?

*Cornuc.* Abracey-o muito bem primeiro.

*Saram.* Vamos ao mais, que isso he bacatella, bacatella.

*Cornuc.* Depois lhe disse mil finezas.

*Saram.* *Ad aliud*, que isso nem vay, nem vem.

*Cornuc.* Depois lhe dey de cear muito bem, e de beber muito melhor.

*Saram.* Calla essa boca, atrevida, que já não quero saber mais; basta que esse atrevido insolente comeo, e bebeo o que estava guardado para mim?

*Cornuc.* Pois tu não havias comer, vindo cansado?

*Saram.* A que delRey, que não fuy eu, o que

*ou Jupiter, e Alcmena.* 397

que comi, que ainda estou em jejum:  
ay, que tenho o credito perdido!

*Cornuc.* Que diabo fallas aqui em credito  
perdido? Sabes com quem fallas? A  
mim, que tenho a honra na ponta do  
meu nariz?

*Saram.* O teu nariz sempre foy muy hon-  
rado; porém não te affoes, que te póde  
cahir a honra.

*Cornuc.* O' caõ, como me póde a mim ca-  
hir a honra, se eu sou o exemplo das hon-  
radas?

*Saram.* He verdade, Cornucopia, que me  
não lembrava; façamos as pazes: anda cá.

*Cornuc.* Agora também eu não quero.

*Sabe Mercurio ao bastidor.*

*Merc.* Huma vez, que me vejo com a fi-  
gura de Saramago, quero revestirme do  
seu genio, para o fazer mais tonto do  
que he; e fazendo que desconheça a sua  
propria mulher, também com isto o de-  
tenho, em quanto labora o nosso enga-  
no.

*Vaise.*

*Saram.* Já que não queres, que façamos as  
pazes, façamos as guerras; e já a minha  
furia vay tocando a degollar.

*Cornuc.* Que he o que intentas?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Arrancarte o coração falso, que  
tens

tens no peito : mas que vejo ! Com quem fallo eu ? Ou esta não he Cornucopia ou estou sonhando !

*Cornuc.* Pois que he o que dizes ?

*Saram.* Nada minha Senhora , nada , não he com vossa merce ; cuidey que fallava com minha mulher.

*Cornuc.* Pois eu não sou tua mulher , Saramago ?

*Volta com a sua cara.*

*Saram.* Huy , ainda mais effa ! Tambem e bruxa , que te mudas em varias fórmas : A que delRey , que aqui deve de andar o diabo.

*Cornuc.* Saramago , perdeste o juizo ?

*Saram.* Perdí o que não tenho , e tenho o que perdi ; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te* , o não perdi *quoad me* para ensaboar nas escumas da minha co- lera as nodoas da tua liviandade.

*Cornuc.* Que he o que dizes , atrevido ?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Coufa nenhuma , minha Senhora : fallava com os meus botões. Assopra ! *à p.*

*Cornuc.* Pois que liviandades são as minhas ?

*Saram.* Não fallemos em liviandades , que isso agora he mais pezado. Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encara- da.

*à part.*

*Cor-*

ou Jupiter, e Alcmena. 399.

*Cornuc.* Supponho, que já te passou a co-  
lera, e que estás arrependido.

*Iram.* Quem se não ha de arrepender,  
vendo, que me sahe tão cara a minha  
desconfiança?

*Cornuc.* Não crês a minha innocencia?

*Volta.*

*Iram.* Não se póde crer a gente de duas  
caras: com que vossê, Senhora Cornu-  
copia, he huma por diante, outra por  
de traz?

*Cornuc.* Eu sempre sou a mesma. Ora vem  
cá, meu querido Saramago dos meus  
olhos, façamos as pazes.

*Iram.* Sim eu faço; mas ha de ser par-  
tindo-te primeiro esse infernal corpo  
com esta espada. *Foge Cornucopia.* Mas ay  
de mim, que fechou a porta! porém  
pela outra hirey ver se á encontro, para  
vingar a minha furia. Mas que vejo!  
Outro encontro melhor tenho no Sol  
desta menina, que todo me faz derreter.

*Sabe Iris.*

*Iris.* A confusão, que Jupiter tem feito  
nesta casa, nos faz vacilar na incerteza  
de qual he o que veyo primeiro, se elle,  
se Amphitryão! Porém o tempo o des-  
cobrirá.

*Iram.* Não deixey de reparar, quando  
en-

trey, na carinha desta mochacha; e por  
Cornucopia anda banzeira no mar da f  
inconstancia, transportarey o meu ame  
na barquinha desta belleza, até que se  
rene a tempestade dos meus zelos.

*Iris.* E este he o Criado de casa: quer  
agora meterme de gorra com elle, a ve  
se me descobre qual he o verdadeiro Am  
phitryão, para então conhecer, qual h  
o falso, ou Jupiter, que tudo he o mes  
mo.

*Saram.* Para hum Soldado, que vem d  
Campanha, huma rapariga destas h  
hum cavallo na guerra; eu me resolvo a  
marchar com todo o exercito de bichan  
cros namoratorios: Cé, ò minha Se  
nhora?

*Iris.* Quero desdenhallo, para que querem  
do-me mais, se facilite a dizerme o que  
pertendo. à part

*Saram.* Vossa merce ouve?

*Iris.* Eu não sou furda.

*Saram.* Nem eu mudo; e por não mudar  
de intento; quero me diga, de que ge  
nero he o seu caracter, para ver se a sua  
pessoa se póde adjectivar com o substan  
tivo de minha qualidade.

*Iris.* Sou huma criada de vossa merce, e  
de Felisarda, que aqui nos achamos por  
hospedas nesta casa. Sa-

ou *Jupiter, e Alcmena.* 401

*aram.* Com que vossa merce era teûda, e manteûda nesta sua casa, e demais a mais he criada da mesma servil natureza deste seu servo? Não sabe quanto me regula isso.

*ris.* Pois porque?

*aram.* *Propter unumquodque tale, & illud magis.*

*ris.* Não te entendo.

*aram.* Eu cá me entendo; e poderémos saber, como se chama, em ordem a dizer-te depois: Suspende os rigores, cruel, fulana, tyranna, sicrana?

*ris.* Quem tanto pergunta, he bom para Inqueredor.

*aram.* Isto he tirar huma devassa de quem me matou.

*ris.* Pois quem te matou?

*aram.* Tanto que te vi, foraõ os teus olhos huma morte subita do meu coração; mas antes que te diga o mais, diz-me o menos, que he o teu nome?

*ris.* Ay! Chamo-me Corriola; que mais quer?

*aram.* Nem tanto queria. Corriola! Mão agouro venha pelo diabo.

*ris.* Que te suspende? Pasmou-te o meu nome?

*aram.* A fallar verdade, cahio-me o coração

ração aos pés, em saber, que te chamavas Corriola; pois a penas no jogo amor começava a ser taful da fineza quando logo perco o cabedal da esperança nessa Corriola.

*Iris.* Bom remedio, não fallar comigo nem tomar o meu nome na boca.

*Saram.* A bom tempo, depois de me vicheyo de amor até os olhos.

*Iris.* Pois desnamore-se vossa merce.

*Saram.* Porque? Isso está nas mãos das creaturas? E se queres, que te não ames desfaze essa belleza, engilha esse rosto, frange essa testa, arregalla esses olhos, entorta essa boca, e faze-te geba.

*Iris.* Não me posso mudar em o que Deo me não fez.

*Saram.* Ah fim? Pois eu tambem não posso deixar de querer esse rosto, que de de rosto à neve; essa testa, que telta me investe; esses olhos, que me derao olhando; essa boca, que embóca delicias esse corpo, que em corpo passieya nua formosa.

*Iris.* Que se segue dahi?

*Saram.* Que te amo, que te adoro, e que te quero.

*Iris.* Queres mais alguma coufa.

*Saram.* Mais quizera.

*Iris.* O que?

*Aram.* Que me correspondesses tambem.

*Iris.* Isso agora he desaforo ! Não teme a Deos hum homem casado , querer inquietar huma mulher solteira ? Vá-se , antes que o defengane de outro modo.

*Aram.* Pois ainda ha no Mundo outro modo de defengandar mais claro do que esse ?

*Iris.* Pois ouça , se não o sabe.

*Canta Iris a seguinte*

A R I A.

Vaite logo reboando ,

Tu me dizes isso a mim !

Tu a mim , a mim , a mim ,

Porco , fujo , bribantaõ ?

Eu te juro , Saramago ,

Que serás em teu estrago

O mais perfido asneiraõ. *Vaise.*

*Aram.* Ora estou bem aviado ! Fujo de hum Tigre , e vou marrar com huma Serpente ! Cornucopia com duas caras , ambas são aborrecidas , e nenhuma cara ; e esta tendo huma só , faz mil focinhos ! Mas que remedio , senaõ ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha ?

## S C E N A VI.

*Selva com respaldo de Palacio. Sabem Jupiter  
e Mercurio.*

*Merc.* O Ra, Jupiter, tudo te succede  
como querias.

*Jupit.* Mercurio, sendo a idéa tua, po  
força o successo havia de ser igual.

*Merc.* E agora que determinas?

*Jupit.* Hir continuando no mesmo engano  
que a formosura de Alcmena não mere  
ce hum só sacrificio, nem o meu amo  
se contenta com qualquer triumpho.

*Merc.* Não vês, que já chegou Amphi  
tryão da guerra, e póde Alcmena senti  
a causa deste enleyo?

*Jupit.* Para ahi reservo o meu poder.

*Merc.* E se Juno vier a fabello, como ha  
de escapar do rigor da sua condiçãõ?

*Jupit.* Mais póde Jupiter, que Juno; e eu  
farey, com que ella padeça o mesmo en  
gano; pois ella não póde, senão o que  
eu quero, que ella possa.

*Sabe Polidaz.*

*Polid.* Anda, Amphitryão, que já tarda  
vas, e já te espera o triumpho no Ar  
rayal.

*Ju*

ou Jupiter, e Alcmena. 405

*Jupit.* Mercurio, não he só Alcmena, a que se engana comigo.

*Merc.* Pois agora não ha mais remedio, que aceites o triunfo, que era para Amphitryão.

*Polid.* Anda, Senhor; não nos dilatemos!

*Jupit.* Vamos, Polidaz, a triunfar. Mas que mayor triunfo, que vencer os defdens de Alcmena! *à p. Vaõ-se.*

*Sabe Amphitryão.*

*Amph.* Não he possível encontrar a Polidaz, que aqui ficou de esperar por mim: na verdade que tardey muito, e por essa causa se resolveria o triunfo para outro dia: e não me peza, de que assim seja, pois quero primeiro triunfar dos meus zelos, para que completamente me possa chamar vitorioso. Ay, Alcmena, que de fustos me tens causado!

## S C E N A VII.

*Sala Senatoria.* Sabe Jupiter em hum carro triumphal acompanhado de muitos Soldados com alabardas, bandeiras arrastadas, e Polidax a cavallo; e atrás do dito carro hirão alguns cativos maniatados; e no espaço em que vão andando, ao som, e repetição de tambores, clarins, dirão repetidas vezes: Viva Amphitryão; e já apeado Jupiter do carro entrará com Mercurio, e Polidax, e a maior comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria, e nella estarão sentados Tiresias com outro Senador.

*Merc.* **N**Aõ só triumphou Jupiter de Alcmena; mas até do mesmo triumpho de Amphitryão fica sendo triumphador. à part

*Tires.* Vem, esforçado Amphitryão, gloria de Thebas, e assombro do Mundo vem, que ferás novo simulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributa tantos bellicos despojos, na celebre victoria, que de nossos inimigos alcançaste.

*Jupit.* Nada tendes, que me agradecer ao illustre Senado, pois o servir a Patria he maior

*ou Jupiter, e Alcmena.* 407

mais obrigação, do que fineza. Perdoã,  
Amphitryão, usurparte o laurel; que o  
amor, e a occasião são dous inimigos  
muito poderosos. *à part.*

*Haverá dentro ruido, dizendo todos o seguinte*

*Matron.* Pára, pára, deixa entrar.

*Tires.* O' lá, que ruido he esse?

*Polid.* São as Matronas de Thebas, que  
vem a festejar ao triunfador Amphitryão  
com o seu costumado applauso.

*Tires.* Dizey, que entrem; que não he ra-  
zaõ as privemos da sua antiga posse, e a  
nós do gosto de vermos o seu festivo  
rendimento.

*Sabem quatro Ninfas, huma dellas com huma  
coroa de flores, que porá na cabeça de Jupiter.*

*Matron.* Esforçado Amphitryão, eu em  
nome das Matronas de Thebas te offe-  
reço esta grinalda, symbolisando nas  
suas flores os teus triunfos, e a nossa ale-  
gria; pois a beneficio do teu valor vi-  
vemos seguros nas delicias de Thebas.

*Jupit.* As flores dessa grinalda, ò illustres  
Matronas, na minha estimação todas se-  
raõ perpetuas.

*Merc.* E para Amphitryão martyrios; pois  
Jupiter lhe usurpa todas as honras. *à p.*

*Dançaõ as Ninfas, e depois diz Tiresias.*

*Tires.* É para que felizmente se coroe Am-  
phi-

phitryaõ, e se complete este triunfo,  
repeti comigo todos os vivas de Amphitryaõ;  
sendo eu o primeiro, que principie seu bem merecido louvor.

*Canta Tiresias o seguinte*

R E C I T A D O.

Repita pois o popular tumulto  
Ao som das trompas bellicas de Marte  
De Amphitryaõ valête o nobre applauso.  
Em quanto a Caballina inunda, e rega  
Virentes lauros no bicornio monte,  
Ou em quanto fecunda a terra cria  
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FO'RMA DE CORO.

*Tires.* A fama canora

Em jubilo alterno

Repita festiva,

Dizendo, que viva,

*Tod.* Viva, viva Amphitryaõ,

Novo Marte singular.

*Tires.* E a rama sagrada

Na fronte animada

Adorne sublime,

Felice coroe,

Pois que sabe triunfar

Sempre altivo, e vencedor.

*Tod.* Viva, viva, Amphitryaõ,

Novo Marte singular.

*Fim da primeira parte.*

---

# P A R T E II.

## S C E N A I.

*Sala. Sabem Juno, e Iris.*

*Juno.* **J**A' que, disfarçada, me vejo introduzida em casa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a causa do meu ciume: chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter; porque taõ disfarçado vive na fórma de Amphitryaõ, que nem toda a minha Deidade sabe distinguir qual he o verdadeiro. O' Jupiter, para que me dêste a gloria de ser tua esposa, se me não livras deste inferno de zelos?

*Iris.* Senhora, de vagar se vay ao longe.

*Juno.* Eu quizera, que fosse depressa, e não de vagar, que o meu ciume não soffre dilacões.

*Iris.* Eu tenho dado em boa traça, para averiguar qual he o verdadeiro Amphitryaõ, ou verdadeiro Jupiter.

*Juno.* E qual he?

*Iris.* O criado de casa, tanto que me vio;  
en-

entrou a pertenderme , e eu quero facilitar-lhe o seu amor , só por ver se me descobre algum vestigio , por onde possamos conhecer a Jupiter.

*Juno.* Approvo a tua idéa ; vay continual-la , e não te dilates hum instante.

*Iris.* Vou a obedecer-te.

*Sabe Tiresias.*

*Tires.* Venho buscar a Amphitryão , para dar-lhe os parabens do seu triunfo. Mas que véjo ! Que novo assombro me suspende os sentidos ?

*Juno.* Já que Tiresias na minha formosura tanto se suspende , elle será o meyo da minha vingança. *à part.*

*Tires.* Ainda não sey determinarme , se he mulher ou Deidade !

*Juno.* De que vos admirais ? Que remora vos suspende os passos ?

*Tires.* Senhora , assim como não cabem na esfera dos olhos as luzes de tanto Sol , assim da mesma fórte ignoraõ os peridos mais rhetoricos significar a causa da minha suspenção.

*Juno.* Se tanto sabeis sentir o affecto dessa suspenção , porque não explicais a causa della ?

*Tires.* Que mais causa póde haver , que admirar em vós huma formosura tal , que  
mais

ou Jupiter , e Alcmena. 411

mais parece divina , do que humana ?

*uno.* Basta , que tão formosa vos tenho parecido ?

*ires.* E tanto , que já o meu coração vay sentindo a causa da vossa belleza.

*uno.* Bem vay para o meu intento. *à part.* Dizei-me , que he o que sente o vosso coração ?

*ires.* Sente o não sentir mais , pois quize-ra com a vida pagar o delicto de vos adorar.

*uno.* Pois o adorar he delicto ?

*ires.* Dizem , que amor he huma Deidade tão inhumana , que até dos mesmos sacrificios se offende.

*uno.* Por não ter a nota de inhumana , não quero offenderme de vossos sacrificios.

*ires.* Pois , Senhora , se elles vos não offendem , aceitai-os.

*uno.* He necessario pimeiro averiguar se são verdadeiros.

*ires.* Se a vossa formosura não he fabulosa , como póde ser o meu sacrificio fingido ?

*uno.* Porque parece quasi impossivel , que no mesmo instante , em que me vistes , logo me quizeis , e com tanto extremo , como publicais ; e porque a ne-  
nhum

nhum tempo se diga, que he sofisticado o vosso rendimento, deveis mostrarmos como póde ser instantaneo o vosso amor.

*Tires.* Nenhuma duvida póde haver, que ao mesmo tempo, que vos visse, vos adorasse. Vervos, e amarvos tudo foy ao mesmo tempo, sem que houvesse tempo entre o amarvos, e o vervos. Para a formosura triunfar, não he necessario tempo, sobraõ instantes. O tempo arruina os edificios, e a formosura sem tempo erige as aras para o seu culto. pois a todo o tempo sabe vencer; por isso se pinta o amor com azas, pela ligeireza, com que fere os coraçõs; por isso se pinta cego, porque cegou, depois que vio a formosura. Como, para ser amor, não necessita de vista, vendou os olhos, para não ver mais; pois bastava huma só inspecção, para cegar de amor. Em fim, Senhora, se o amor crescer com o tempo, não fora menino, fora gigante.

*Juno.* Basta, já sey, que póde ser verdadeiro o vosso amor.

*Tires.* E pois o abonais de verdadeiro, fazey com que seja venturoso.

*Juno.* E que dereis vós para conseguir essa ventura?

ou Jupiter , e Alcmena. 413

*ref.* Dera-vos o que já vos tenho dado.

*uno.* Ignoro o que me déstes.

*ref.* Deivos a alma ; já não tenho mais que darvos.

*uno.* Eu a aceito. Como não ignorais ; que o amor he guerra dos corações ; para nella triunfares , haveis primeiro capitular comigo algumas proposições.

*ref.* Dizey , Senhora , que já toda a minha vontade tenho transferida aos imperios do vosso preceito.

*uno.* Pois attendeime : Eu sou Flerida infeliz Princeza de Teleba , que disfarçada vivo aqui com o nome de Felisarda. Já sabeis como Amphitryaõ matou a meu Pay ElRey Teréla. ( Verey se com este engano logro o meu intento. *à part.* ) Morto assim meu pay , para vingarme deste barbaro homicida , vim à sua propria casa , para que assim mais facilmente pudesse executar a minha vingança , que procuro ; e quando cuidey , que só Amphitryaõ era o que me offendia , acho , que tambem Alcmena necessita de castigo , pois não ha instante , em que não desperte as frias cinzas do cadaver de meu pay com affrontas ; de sorte , que se Amphitryaõ lhe tyranizou a vida , Alcmena tambem se arma homicida de sua  
me-

memoria: hum o offendeo de presente, e Alcmena lhe infama a posteridade; vos confesso, que de tal fórte me tenho enfurecido, que só para vingarme destas injurias dera, ò Tiresias, o sangue das veyas.

*Tires.* Pois vede que quereis que faça neste caso?

*Juno.* Quero que busqueis modo de castigar a Alcmena, pois sey que lois o supremo Ministro desta Republica; advertindo, que à minha conta fica o vingarme de Amphitryão. Já sabeis, que sou Princeza hereditaria de Teleba; já sabeis, que admitto o vosso amor. Esposa, e Reyno tereis, se vingais minhas injurias.

*Tires.* Não pela cubiça de reinar, mas pela fortuna de ser vosso esposo, me exporey a todo o risco; protestando castigar a causa da vossa offensa.

*Juno.* Pois, Tiresias, não te acobardes.

*Tires.* Não se acobarda hum amor valente: porém ignoro o motivo, porque haja de castigar a Alcmena, cujo louvavel procedimento vive isento do rigor das leys.

*Juno.* O tempo nos dará occasiaõ para a vingança. Adverte, que tens poder, e que

ou Jupiter, e Alcmena. 415

que tens amor ; e vê agora , quem poderá isentar-se de hum poderoso amor ?

*Vai-se.*

*ref.* Oh Deoses soberanos ; e que de cou-  
tas em hum instante tenho passado ! Vi,  
e amey ; rendi-me a huma formosura ce-  
lestial , e prometti castigar a huma in-  
nocente ! Mas quem se póde livrar do  
labyrintho de amor, pois o mesmo fio ,  
que se inventou para o acerto, he o ma-  
yor embaraço para a confusaõ ? Porém  
se Alcmena pelas virtudes merece pre-  
mio , como posso eu prometerlhe cas-  
tigos ? Mas se hey de conseguir a de-  
licia de Flerida, e a investidura de Rey,  
em que reparo ?

*Canta Tiresias a seguinte*

A R I A.

He tal a esperança  
N'um peito amoroso,  
Que o bem duvidoso  
Alentos lhe dá.

Se em duvida o gosto ;  
Suspende o gemido,  
Hum bem possuido  
Que gloria ferá !

*Vai-se.*

SCE-

## S C E N A II.

*Sala. Sabe Saramago.*

*Saram.* **B**Atido de zelos, e combatido de amor se considera este pobre Saramago na presente conjunctura. Cornucopia com dous Saramagos, e Corriola sem nenhum! Pois não ha de ser assim. Porém ella cá vem; quero fingir-me mais amante, fazendo, que a não vejo. Ay Corriola desta alma, compadecete de hum pobre Saramago, a quem a ardente canicula de teus repudios secca, e murcha a verde medulla de sua esperanza: ay, que me abraço! Agua para tanto fogo!

*Sabe Iris.*

*Iris.* Que he isso, Senhor Saramago? Agua vay com tanto fogo!

*Saram.* Ay! Deixa-me, Corriola, que tu es a causa deste mal, que padeço.

*Sabe Cornucopia ao bastidor.*

*Cornuc.* Ay! Que he aquillo, que vejo? Saramago, e a nossa hospeda cochichando só, por só! Ouçamos o que será.

*Saram.* Corriola, isto não he hum homem, que vio outro, fou eu mesmo, que te amo

amo até não mais.

*ris.* Todos assim dizem, quando querem pertender.

*aram.* Se todos assim dizem, que farey eu, que tenho em mim o amor de todos?

*ris.* Olha, ainda que eu queira amarte, por Cornucopia o não faço.

*aram.* Que se me dá a mim de Cornucopia? Não mo merece ella tanto.

*Sabe Cornucopia.*

*Cornuc.* Agora isso he defaforo! O' minha menina, *occulum ruorum*. Faça-me favor de não inquietar os homens casados, que estão em suas casas. Ora o certo he, que *a casa trae el hombre, com que llore.*

*ris.* Eu não mereço isso a vossa merce, porque sou muito sua veneradora.

*Cornuc.* Vá, vá servir a sua ama, e deixe-me o meu marido.

*ris.* Temo, que esta velha seja o estorvo da minha pertençaõ. *à part. Vai-se.*

*Cornuc.* E vossê, Senhor Saramago, tambem como gente namora com essa cara?

*Saram.* E vossê, Senhora Cornucopia, tambem como gente quer ser zelosa com duas caras?

*Cornuc.* Pois cuidava, que eu não havia de ver o que vossê faz?

*Saram.* Que? Tu tens razaõ para ter zelos

los de mim , se eu não sou teu marido  
Saramago , senão aquelle , que cá este-  
ve , a quem deste de comer , e de be-  
ber ?

*Cornuc.* Não sejas tonto ; não queiras com  
esse desaforo encobrir a tua pouca ver-  
gonha.

*Saram.* Com que vossê quer estar comer  
do Saramagos , a dous carrilhos , e Cor-  
riola , que fique em jejum ?

*Cornuc.* Se não viera alli a Senhora Alcmé-  
na , eu te respondera melhor.

*Sabe Alcmena.*

*Alcmen.* Que intentasse Amphitryão per-  
suadir-me , que elle não era o proprio  
que comigo estive ! Sem duvida , que  
fazer de certo , que fallava de veras , per-  
dera os meus sentidos , e tambem a pa-  
ciencia.

*Cornuc.* Senhora , isso se não mete em ca-  
beça de mulher : quem duvida , que  
Senhor Amphitryão vinha amassado com  
este magano de meu marido , para não  
fazerem doudas ?

*Alcmen.* Tambem tu me queres fazer del-  
esperar ?

*Saram.* Os desesperados somos nós ; por-  
que viemos sem ser esperados.

*Cornuc.* Cala-te , embusteiro.

ou Jupiter, e Alcmena. 419

*Alcmen.* Ay, cala-te, perro.

*Jaram.* A isto he que se chama sobre afronta, aperreaçãõ.

*Alcmen.* *Jupiter, e Mercurio ao bastidor, aquelle na fôrma de Amphitryaõ, e este na de Saramago.*

*Merc.* Jupiter, adverte, que Amphitryaõ já veyo, e agora he necessario mayor industria, para fingir, e desfazer o que fez Amphitryaõ.

*Jupit.* Se sabes, Mercurio, que sou Jupiter, para que me encomendas isso? Vai-te para effoutra falla, e impede, que naõ entre Amphitryaõ.

*Merc.* Eu te obedeco. *Vai-se.*

*Jupit.* Querida Alcmena, parece-me, que tu estás mal comigo.

*Alcmen.* Ingrato elposo, cruel Amphitryaõ, para que me dás agora o nome de querida, se taõ enfurecido te ausentaste de mim, querendo afirmar, que naõ eras tu, o que tinhas estado comigo? Que termos saõ agora estes taõ diferentes?

*Jupit.* Foy preciso ao meu amor, dizerte, que naõ era eu.

*Alcmen.* Pois para que fim?

*Jupit.* Só para que te irritasses comigo, para que ao depois podessemos entre nós fazer as pazes; porque o amor he como a  
Fe-

Fenix , que para renascer mais bello he precilo , que de quando em quando se abraze nas chammas de hum arrufo.

*Cornuc.* Naõ o disse eu , Senhora ? Vossa merce naõ quer acabar de entender , que eu tenho meus laivos de feiticeira ? Meo Senhor Amphitryão , eu sempre dizia que vossa merce estava zombando.

*Para Amph*

*Alcmen.* Daquella sorte naõ se costumava zombar.

*Cornuc.* Tinha bem que ver , que era zombaria. Vossa merce naõ vio , que o Senhor Amphitryão estava picando os olhos ?

*Jupit.* Vês , Alcmena , como Cornucopi logo penetrou a minha idéa ? Pois diz-me : quem havia de ser , senão eu ?

*Saram.* Agora isso he mais comprido. Com que vossa merce , Senhor , diz que esteve cá primeiro , do que aquelle que cá esteve ?

*Jupit.* Cala-te louco , que eu fuy o mesmo , que estive cá.

*Saram.* E quem foy o que trouxe à Senhora Alcmena a joya , que eu tinha na algibeira.

*Jupit.* Fuy eu , que ta tirey , sem tu sentires.

ou Jupiter, e Alcmena. 421

Saram. Pois para que me fez sentir tantos  
murros, quantos me deu pela joya?

Jupit. Se eu quera fingir, tudo isso havia  
eu de fazer.

Saram. Tudo isso está muito bem: mas di-  
game, quem era aquelloutro eu, que cá  
esteve primeiro, do que eu viesse?

Cornuc. Eis-aqui, Senhor, a teima, que  
tem tomado este magano de meu mari-  
do, dizendo, que tambem elle cá não  
esteve; e não ha quem lhe tire isso da  
cabeça.

Saram. Ay, filha, que da cabeça ninguem  
póde tirarme, o que nella se me meteo.

Cornuc. Ainda teima?

Saram. Ainda teimo, e reteimo; juro, e  
rejuro; digo, e redigo, que eu, antes  
de cá vir, já cá estava; e quando eu cui-  
dey, que era singular, me achey posto  
no plural; de sorte, que sendo eu mui-  
to apenas hum, agora para mais penas  
me vejo partido em dous.

Jupit. Calate, que não sabes o que dizes;  
anda, vaite, e dize a Polidaz, que me  
venha fallar, que importa.

Saram. Eu vou; mas queira Jupiter, que  
tu te desenganes. *Vai-se.*

Jupit. Ora, Alcmena, basta de enfados;  
anda já a meus braços.

*Alcmen.* Não te canfes, que não quero e-  
pofo, que com astucias fingidas ver  
averiguar a minha honestidade.

*Jupit.* Estou perdido! Alcmena, te enga-  
nas, que isto não foy para experimen-  
tarte.

*Alcmen.* Não queiras agora remediar com  
taõ frivolas desculpas o teu delicto, e  
tua grande imprudencia.

*Cornuc.* A verdade he, Senhor, que voss  
merce escandalifou muito a Senhora mi-  
nha ama; arrenego eu de quem taõ bem  
fabe fingir! Em fim, lá se avenhaõ  
que eu aqui não fou pega, nem gaviaõ

*Vai-se*

*Sabe Juno ao bastidor.*

*Juno.* Se será este Jupiter, que segunda  
vez repete a fua fineza, e a minha of-  
fenfa? Mas se elle, como Deidade, fa-  
be enganar os meus olhos; eu, que tam-  
bem logro a mesma prerogativa, usa-  
rey do mesmo engano. Alcmena, os  
Deoses te guardem.

*Sabe*

*Alcmen.* Vem, Felifarda, embora, a ser  
testemunha de que Amphitryão diz ser  
zombaria, quanto affirmou esta manhã  
não ser o proprio.

*Juno.* Jupiter he sem duvida, que virá a  
desfazer, o que fez Amphitryão.

*à p.*

*Alc-*

ou Jupiter, ou Alcmena. 423

*Alcmen.* Que te parece, Felisarda, aquelles enfados, e esta confissão?

*uno.* Isso pôde ser? Já se desdiz, do que com tantas veras affirmou? Certamente, que se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deu a entender não menos, que violavas a sua fé.

*Alcmen.* Isso he o que mais me escandaliza, Felisarda.

*Jupit.* Não he justo, Senhora Felisarda, que tambem vos ponhais da parte da minha desgraça.

*uno.* Ah traidor! *à part.*

*Jupit.* E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que só a fim de alcançar o perdão, quero já confessarme culpado.

*uno.* Ainda isso me faltava! Pedirme, que dê armas contra mim! *à part.*

*Jupit.* Só vós podereis acabar com Alcmena, que acabe o rigor para comigo.

*uno.* Não sejas importuno, que o vosso delicto nenhum perdão merece; pois eu não sendo Alcmena, a quem offendestes, de sorte me tendes escandalizada, que a ser possível vos desterrara daqui, para não seres mais visto.

*Alcmen.* Bem hajais, Felisarda, que sentes as minhas offensas, como propriamente tuas.

*Canta Jupiter a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Já que em tanto tormento não alcanço  
Alivio, neste apocrifo delicto  
A quem recorrerey, misero amante?  
A quem recorrerrey? A quem, Alcmena,  
Senaõ ao puro archivo de meu peito,  
Onde os extremos meus, e os meus suspiros  
Finalmente exhalados  
Poderão commover as duras penhas,  
E os asperos rochedos?  
Que talvez nessa barbara aspereza,  
Ache menos rigor, menos dureza.

A R I A.

Pois, tyranna, não te abrandas  
De meu peito a amarga pena,  
Dize, ingrata, esquivas Alcmena,  
Que farey por te abrandar?

A teu idolo adorado  
Meu affecto já prostrado  
Toda a victima de huma alma  
Sacrifica em teu altar.

*Alcmen.* Basta, Amphitryão, que já com-  
padecida te perdoo; pois sey, que todos  
os teus erros nascem de amor.

*Jupit.* Folgo, que os conheças; vamos.  
*Alcmena.* *Vão-se*

*Juno.* Espera: aonde vás, traidor esposo?  
Mas ay de mim, que só vim a ser teste-  
munha

ou Jupiter, e Alcmena. 425

munha de meus zelos! Oh quem se poderia declarar agora! Mas se me declaro, temo, que Jupiter irado intente outros absurdos mayores; pois vingarmehey dissimulando a dor, para publicar o estrago.

*Vai-se.*

### S C E N A III.

*Ante-Sala. Sabe Mercurio.*

*erc.* **N** Aõ sey já quando Jupiter ha de pôr fim a estes amores de Alcmena, pois lembra-me, que nunca taes extremos fez por Europa, Danae, e Leda! Sem duvida esta lhe cahio mais em graça!

*Sabe Amphitriaõ.*

*mph.* Quererme persuadir Alcmena, que estive com ella, antes de eu cá chegar, ou he grande malicia, ou grande simplicidade; e se não he nada disto, não sey o que possa ser!

*erc.* Aonde vay vossa merce? Quem busca nesta casa?

*mph.* Saramago não me conheces? Estás louco?

*erc.* Pois eu estou obrigado a conhecer todo o genero humano?

*Amph.*

*Amph.* Não conheces a teu amo? Que d'propósito he esse?

*Merc.* Eu não conheço por meu amo não ao Senhor Amphitryão.

*Amph.* Pois quem sou eu?

*Merc.* Eu sey quem he, nem quem deveser? Que me importa a mim isso?

*Amph.* Ha criado mais defatorado no mundo! Guarda-te dahi, deixa-me entrar.

*Merc.* Que quer dizer entrar? Assim se entra na casa alheya?

*Amph.* Homem, tu não sabes quem eu sou?

*Merc.* Pois quem he vossa merce? Dig-me como se chama?

*Amph.* O' atrevido, tu zombas?

*Merc.* Oh, chama-se atrevido? Pois fique-se embora com o seu atrevimento, que não ha licença para cá entrar. *Vai-se*

*Amph.* Espera, insolente; mas elle fecho a porta: quem se vio em mayor confusão; pois até o meu proprio criado me desconhece!

*Sabem Saramago, e Polidaz.*

*Amph.* Esperem, que elle torna a voltar ainda cá, velhaco, que eu te ensinarey como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe*

*Saram.* A que delRey, Senhor, porque me dá vossa merce?

*Amph.* Ainda me perguntas, porque te dou?

dou? Toma, velhaco. *Dá-lhe.*

*ram.* Isso he hum toma com dous te darey: Senhor Polidaz, acuda-me, fenaõ hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.

*lid.* Tende maõ, Amphitryaõ.

*ram.* Naõ lhe diga, que tenha maõ; que isso tem elle a desancar.

*lid.* Porque causa castigais a Saramago?

*mpb.* Polidaz, perdoaime, que cego da paixãõ naõ reparey, que estaveis aqui.

*lid.* Pois que vos fez Saramago?

*mpb.* Eu naõ me atrevo a dizello; quero, que elle mesmo volo diga.

*lid.* Saramago, que fizeste a teu amo?

*ram.* Meu amo, que lhe fiz eu?

*lid.* A ti he, que eu to pergunto; dize.

*ram.* Senhor Polidralho, eu naõ me lembro, que lhe fizesse cousa alguma.

*mpb.* Isto me desespera: Já te naõ lembra? Pois leva, para que te lembres.

*Dá-lhe.*

*ram.* A darlhe, a darlhe outra vez; ora bata, fenaõ olhe que hey de resistir à justiça.

*olid.* Ora saibamos já, que caso he este?

*mpb.* Que ha de ser, Polidaz? Chegarey aqui, e este magano impedir-me a entrada da porta, e dar-me com ella nos  
na,

rizes , depois de me responder varias liberdades.

*Saram.* E quando foy isso?

*Amph.* Agora , agora neste instante ; já te esquece?

*Polid.* Esperay , que isso não póde ser , porque Saramago veyo comigo de minha casa , aonde me foy chamar da vossa parte.

*Amph.* Eu por ventura mandey chamar Polidaz ?

*Saram.* Uy , Senhor , vossa merce não se lembra , quando estava com a Senhora Alcmena , não haverá elle hum quantão de hora ? E por final que estava ella muito agastada com vossa merce , porque vossa merce negou , que vossa merce estivera com ella ; e tanto assim que vossa merce prostrado , e rendido , lhe pedio mil perdões.

*Amph.* Callate , Saramago , que não quero ainda fazer patente a minha afronta , sen averigualla primeiro. ( Assim evitarey , que este criado a patentee aqui. *à part.* )  
*Polidaz* , ide-vos , que por ora vos não posso fallar ; eu vos avisarey , quando ha de ser.

*Saram.* Escute , escute , e por final que vossa merce estava com a Senhora . . .

*Amph.*

ou Jupiter, e Alcmena. 429

*mpb.* Calte, calte, Saramago, que importa assim. Polidaz, ide-vos, que em outra hora será.

*olid.* Deos vos guarde. Amphitryão parece, que tem alguma grande pena, pois que taõ afflicto está; se he o que eu cuido, razaõ tem.

*à part. Vai-se.*

*mpb.* Com que effe, que lá estava, mandou por ti chamar a Polidaz?

*aram.* Não lho disse já huma vez?

*mpb.* E parecia-se comigo?

*aram.* Pois vossa merce não se ha de parecer comigo?

*mpb.* Saramago, affirmo-te, que não fuy eu, o que lá esteve.

*aram.* Como não, Senhor, se eu o vi com estes olhos ramelosos?

*mpb.* Estarás allucinado.

*aram.* Senhor Amphitryão, o que lhe digo he, que trate de se despicar, já que se acha taõ bem armado.

*mpb.* Por certo que me não faltaõ brios, e armas.

*aram.* Sim, Senhor, brios, armas, e armações, não nos faltaõ.

*mpb.* Porém, em que me detenho, que não vou já castigar a causa de minha offensa?

*aram.* Não póde ser que a porta está trancada.

*Amph.*

*Amph.* Arrombarey a porta, ainda que seja de bronze; ajuda-me, Saramago.

*Saram.* Metamos a porta dentro, e vá pela porta fóra este magano: vamos, Senhor, a investir estes inimigos da nossa honra. Leve vossa merce a ponta direita do exercito, como mais valente, que eu levarey a esquerda: toque, pois, a investir o clarim do despique: *sirepuere cornua cantu.*

*Amph.* Lá vay a porta dentro.

*Saram.* Lá vay o couce da porta com hum couce de Saramago.

*Fazem estrondo, e sabe Jupiter.*

*Jupit.* Quem he o atrevido, que ouza a fazer taõ grande estrondo na minha casa? Mas que vejo! Este he Amphitryão!

*à part.*

*Amph.* Que he o que estou vendo! Outro eu aqui!

*Jupit.* Toda a minha divindade parece, que titubea irresoluta no que ha de fazer.

*à part.*

*Amph.* He caso fóra da ordem natural, estar eu vendo outro Amphitryão taõ semelhante a mim!

*Saram.* Ficaraõ pasmadinhos, olhando hum para o outro; e com razaõ, que o caso he para pasmar,

ou *Jupiter*, e *Alcmena*. 431

*Jupit.* Que te admira? Que te suspende?  
Se estás acafo arrependido dessa defat-  
tençaõ, que em minha casa fizeste, eu  
te perdoõ, pois sem duvida erraste a  
porta.

*Amph.* Barbaro, insolente, naõ he pasmo  
esta suspensaõ, he sim admirar o teu in-  
fulto, e excogitar hum novo castigo a  
tanta temeridade.

*aram.* Esperem, Senhores *Amphitryões*;  
antes que se matem hum ao outro, dei-  
xem-me chamar quem os aparte: O' lá  
de dentro, venhaõ a aparar o sangue,  
que se mataõ dous novilhos.

*Sabe Alcmena.*

*Alcmen.* Que alboroto he este, *Amphi-  
tryaõ*?

*Amph.* Com quem fallas, tyranna, e fem-  
tida traidora?

*Alcmen.* Meu esposo, meu bem, que te  
fiz eu!

*Jupit.* Que he isso, *Alcmena*? Tu tens  
outro esposo senaõ eu?

*Alcmen.* Agora reparo; que he o que vejo!

*Amph.* Que vês, tyranna?

*Jupit.* Que vês, aleivosa?

*Alcmen.* Suspendey a ira, que sem razãõ  
me criminas; pois confusa entre tanto  
enleyo, naõ sey distinguir, qual de vós  
he

he o verdadeiro Amphitryão; e assim para que não chegue a offender a quem por obrigação devo amar, vos rogo me digais, qual de vós he o meu esposo?

*Jupit. e Amph.* Sou eu.

*Alcmen.* Ambos, como pôde ser?

*Jupit. e Amph.* Não, Alcmena, sou eu só.

*Alcmen.* Se ambos affirmais, que o sois, venho a entender, que nenhum de vós he meu esposo.

*Saram.* Essa he a verdade, Senhora Alcmena, que nunca se vio huma galinha para dous gallos.

*Sabem Juno, e Iris.*

*Juno.* Alcmena, venho a concluir a minha historia... Mas ay de mim! Que vejo! Jupiter, e Amphitryão são estes; porém tão parecidos, que os não sey distinguir.

*à part.*

*Alcmen.* Felisarda com justa causa te admira, se bem que huma só admiração não basta para este tão extraordinario caso.

*Iris.* A' vista desta confusão bem podemos desmayar na nossa empreza.

*Amph.* Quem se vio em mayor labyrintho!

*Juno.* Quem se vio em mayor consternação.

*Sabe Cornucopia.*

*Cornuc.* Estará aqui o Senhor Amphitryão?

*Ju-*

ou Jupiter, e Alcmena. 433

Jupit. e Amph. Que quereis?

Cornuc. Uy! Que he isto? A que delRey;  
isto he feitiçaria!

Saram. Cala-te tolla; eis aqui como me  
acho eu *verbis illis*.

Cornuc. Que he isto, Senhora, que vejo?  
Dous Amphitryões naõ menos?

Saram. Has de dizer dous maridos naõ  
mais?

Jupit. Alcmena, vamos para dentro, que  
eu prometto castigar esse fingido trai-  
dor.

Amph. O que eu hey de dizer, dizes tu?  
Tu he que es o fingido, e traidor.

Jupit. Está bem; anda Alcmena.

Amph. Alcmena, anda comigo, que o teu  
esposo sou eu.

Saram. Parece-me isto o jogo do arrebur-  
rinho. *à part.*

Jupit. e Amph. Vamos, Alcmena.

*Cada hum pelo seu braço ao lado puchando por  
Alcmena.*

Alcmen. Justos Deoses, quem se vio em  
mayor confusaõ!

Jupit. Ainda recusas ir comigo?

Amph. Ainda resistes a acompanharme?

Alcmen. Eu naõ posso ser de dous ao mes-  
mo tempo.

Saram. Partilla em dous pedaços, e cada  
hum

hum leve o seu taçalho.

*Amph.* Alcmena ha de vir comigo a peza de toda a resistencia.

*Jupit.* Tu te atreves a resistirme? Vem Alcmena.

*Alcmen.* Felisarda, que farey neste caso?

*Juno.* Eu to digo. Já que estes Senhores ambos dizem, que são teus esposos, e que não póde ser, sennaõ hum só; neste caso, por não fazer equivocã a eleiçaõ, a ambos desprezara, até ver qual delles he o verdadeiro Amphitryão.

*Cornuc.* Deu no trinco a Senhora Felisarda.

*Amph.* Pois, Alcmena, que determinas?

*Alcmen.* Eu não hey de seguir a nenhum, porque nenhum se offenda.

*Amph.* Logo tu, tyranna, cres que eu não sou o verdadeiro Amphitryão?

*Jupit.* Logo tu, inimiga, te persuades, que o verdadeiro Amphitryão não sou eu?

*Alcmen.* Porque ambos dizeis, que sois verdadeiros, por isso algum de vós ha de ser fingido.

*Jupit. e Amph.* O fingido he este. *Aponta hum para o outro.*

*Juno.* Alcmena, faze o que te digo, e deixa esses loucos.

*Amph.*

*ou Jupiter , e Alcmena.* 435

*Amph.* Esperay , que logo mostrarey qual he o verdadeiro Amphitryaõ.

*Alcmen.* De que fórte?

*Amph.* Matando a este traidor.

*Saram.* Isto he , que com a morte tudo se acaba.

*Jupit.* Se me pertendes matar , não seja aqui dentro de casa ; vamos para fóra , e lá verás como castigo a tua insolencia.

*Amph.* A minha celera não espera por dilacões ; aqui mesmo ha de ser o teu castigo , para que se banhe o rosto de Alcmena com os salpicos de teu sangue.

*Saram.* Tomara ella mais essa untura na cara.

*Jupit.* Já te entendo : queres brigar dentro de casa , para que te acudaõ as mulheres ? Pois não ha de ser assim.

*Antaõ Jupiter , Amphitryaõ , Alcmena , e Saramago , e ao mesmo tempo , puxando pelas espadas , briga Amphitryaõ com Jupiter , e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.*

A R I A A 4.

*Jupit.* Traidor fementido ,  
Teu justo castigo  
Não busques na casa ,  
No campo o verás.

*Amph.*

- Amph.* Traidor inimigo,  
No campo, e na casa  
Teu justo castigo  
Cobarde acharás.
- Saram.* Armou-se a pendencia?  
Pois eu neste canto  
Me quero agachar.
- Alcmen.* Esposo, suspende  
Teu impio furor. *Para Amph.*
- Amph.* Aparta, inhumana.
- Jupit.* Que dizes, tyranna?
- Alcmen.* Esposo, suspende  
Teu impio furor. *Para Jupit.*
- Saram.* O demo da tolla  
Só sabe dizer:  
Esposo, suspende } *Em falsete.*  
Teu impio furor. }
- Amph.eJup.* Traidor fementido,  
*Amph.* Na casa  
*Jupit.* No campo,  
*Amph.eJup.* Teu justo castigo  
Cobarde acharás.
- Amph.* Vem a ver o teu estrago.  
*Jupit.* Vem a ver o meu impulso.  
*Saram.* Eu por mim já estou sem pulso.  
*Alcmen.* Contra mim voltay a ira;  
Porque quem afflicta expira  
Já não teme de acabar.
- Desmaya Alcmena nos braços de Juno.*

ou Jupiter , e Alcmena. 437

*Cornuc.* Ay , que se desmayou a Senhora Alcmena ! Eis-aqui o que vossas merces fizeraõ com os seus desafios.

*Jupit.* Desmayou-se Alcmena !

*Amph.* Alcmena com desmayo !

*Cornuc.* Sim , Senhores , e com hum desmayo bem grande.

*Saram.* Naõ se affustem , que naõ he coufa de cuidado , he hum desmayo accidental.

*Jupit.* Felisarda , em quanto vou buscar-lhe o remedio , tem cuidado na saude de Alcmena.

*Vai-se.*

*Amph.* Até essa piedade me offende : espera , traidor , aleivoso , que ainda que fi que Alcmena nos ultimos parocismos da vida , hey de seguirte ; pois primeiro está a minha vingança.

*Vai-se.*

*Saram.* Senhora Felisarda , naõ consinta , que a Senhora Alcmena torne a si do desmayo , que eu lhe vou buscar hum remedio , para tornar a si.

*Cornuc.* Que remedio he , Saramago ?

*Saram.* He agua de flor de sabugo , que meu amo agora destilou pelo lambique da tésta.

*Vai-se.*

*uno.* Que haja eu de ser compassiva por força com quem me offende ! Oh que ventura seria a minha , se tu , Alcmena ,

desse letargo nunca tornasses! *à part.*  
*Iris* Se te cahio nas mãos, quem te offendeu, vingate agora.

*Juno.* Ha de ser mais patente a minha vingança.

*Cornuc.* Olhem, que está bem metida no desmayo! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella está morta.

*Juno.* Não fora essa a minha ventura. *à p.*

*Cornuc.* O' minha Senhora? O' minha menina?

*Alcmen.* Ay de mim infeliz!

*Cornuc.* Alviçaras, que já tornou a si.

*Juno.* Ay de mim infeliz tambem; pois quando tu tornas de hum desmayo, eu entro em outro! *à part.*

*Alcmen.* Felifarda, Cornucopia, que he isto? Aonde estou eu?

*Cornuc.* Estás neste Mundo, podendo estar no outro.

*Alcmen.* Em que parou o desafio desses dous Amphitryões?

*Juno.* Foraõ-se, vendo-te desmayada.

*Alcmen.* E sabes se hiriaõ a proseguir o desafio?

*Juno.* Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?

*Alcmen.* Não vês, que sempre hum delle ha de ser verdadeiro, e por isso sempre

interesse na vida de hum delles ?

*Cornuc.* Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar este enigma; e agora, que estamos só, era razão, que a Senhora Felisarda acabasse a historia da sua peregrinação, que estou rebentando para verlhe o fim.

*Alcmen.* Será em outra occasião, que por ora não quero saber mais de penas, que à vista desta historia da minha vida nenhuma outra póde competir.

*Cornuc.* Ay, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final, que ficou a historia onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

*Alcmen.* Não faltará tempo para isso. O Deoses, quando teraõ fim os meus males?

*Vai-se.*

*Juno.* Vaite, tyranna, occasião de minhas penas, que eu te juro, que os teus males não teraõ fim, por mais que o queiraõ os Deoses.

*Vai-se.*

*Jis.* Se Jupiter a defende, seraõ baldados os teus intentos.

*Vai-se.*

*Cornuc.* Pois tinha tal vontade de saber o fim da historia desta mulher, que se eu estava prenhe, não deixava de mover q a meu ver ha de ser galante historia; porque a tal mulher he muito perliquiteta, e muito en-

tremetida ; de sorte , que não havendo hum dia , que está nesta casa , já nos quer governar , e com tudo se quer metter.

*Sabe Mercurio.*

*Merc.* Venho com cuidado , se se encontraria Jupiter com Amphitryão , que feria hum encontro muy desgraçado ; porém peyor encontro he o meu com esta velha ; tomara-me ir , sem que ella me veja. *à part.*

*Cornuc.* Aonde vás , Saramago ? De quem foges ? De quem te escondes ?

*Merc.* Pescou-me , não tem remedio.

*Sabe Saramago ao bastidor*

*Saram.* Agora me ordena hum de meus amos , que venha saber , se Alcmena tornou do desmayo ; porém máoxas , que eu torne com a reposta : Mas esperem vossês , que lá vejo outro Saramago , nascido na minha horta ; mas eu lhe arran-carey as raizes.

*Cornuc.* Dize-me : porque fugias de mim ? Que mal te tenho eu feito ? Assim pagas o meu amor ?

*Saram.* Ay , que a mulher faz venda do seu amor , pois quer que lho paguem.

*Merc.* Não sejas desconfiada ; que se eu te não quizer , quem te ha de querer com esta cara ? *Cornuc.*

*Cornuc.* Uy! De veras? Com que esta cara já tem bichos?

*Merc.* Pelo, que ella me fede, cuido que já tem bichos, e varejas.

*Saram.* Tambem a mim já isto me vay cheirando muito mal.

*Cornuc.* Tomara, que me disseffes, porque razaõ foges de mim, ao mesmo tempo que eu por ti morro?

*Saram.* Calte, que tu morrerás de verdade.

*Merc.* *Cornucopia*, já não te posso aturar os teus despropósitos; que te faço eu mulher?

*Cornuc.* Pois não he defamor o ver, que entre tantos despojos da campanha, não achaste para trazerme alguma joya prima comirmã daquella, que o Senhor *Amphitryão* trouxe?

*Merc.* Não te desconfolès, que alguma cousa trago para ti da campanha.

*Cornuc.* Que me trazes da guerra?

*Merc.* Trago-te huma balla,

*Cornuc.* Só isso me podias tu trazer.

*Merc.* Não cuides, que isto de balla he cousa de pessa.

*Saram.* Traga-lhe huma joya de pedras cornolinas.

*Cornuc.* Só te digo, que não dá quem tem, senão quem quer bem.

*Merc.*

*Merc.* Quem não tem , não póde dar ; e quem quier bem dá abraços ; e assim se queres hum , toma-o depressa.

*Cornuc.* Aceito , por não ser descortez.

*Saram.* Agora isso he mais comprido. *Sabe.* Guarde os seus abraços , que para isso estou eu.

*Cornuc.* Que diabo he isto ! Outro Saramago ?

*Saram.* Sim , Senhora ; outro Saramago ; mas eu não sou outro , senão es'outro , que ahi está nés'outra tua ilharga.

*Merc.* Vossê he tollo ? Diz-me , que sou outro ! Não sabe , que outro he burro ?

*Saram.* Não me volte os sentidos da oração ; o que digo he , ser cousa escandalosa dar vossa merce abraços em minha mulher.

*Merc.* Qual mulher ?

*Saram.* Esta , que aqui está ; não a enxerga ?

*Merc.* Enxerga he parenta da albarda ; albarda he cousa de burro ; e véyo-me a chamar outra vez burro.

*Saram.* Senhor meu , enxerga he cousa de palha , e eu entendo , que vossa merce quer empalhar este negocio a minha mulher.

*Merc.* Pois isto he mulher ?

ou Jupiter, e Alcmena. 443

*Saram.* Diz ella, que sim: O' mulher, defengana a este Senhor; dize, tu não es mulher?

*Cornuc.* Para servir a vossas merces.

*Merc.* Pois eu atéqui cuidey, que era homem.

*Saram.* He boa casta de homem, huma mulher desta casta.

*Cornuc.* Senhores, eu desde que nasci até o presente sempre fuy mulher; e daqui para diante não sey o que virey a ser; que quem está neste Mundo, não póde dizer desta agua não beberey; e pois já sabeis, que eu sou mulher, tomara, que me disseis, qual de vós he o meu homem?

*Merc.* O' infame, duvidas, que eu seja o teu marido?

*Cornuc.* Na verdade, que aquelle tanto se parece contigo, que eu não sey qual he o verdadeiro.

*Saram.* Eu devia nascer com o mesmo fardario de Amphitryão.

*Merc.* Agora me lembra; tu não es aquelle, que esta madrugada ficaste comigo de ser cousa nenhuma? Pois como agora te fazes Saramago?

*Saram.* Eu, ainda que me faço Saramago, não me contrafaço.

*Merc.* Não queres acabar de crer, que es hum ninguem?

Sa

*Saram.* Se eu sou ninguem, logo sou alguma cousa?

*Merc.* Alguma cousa es, porém es huma cousa postica, e fingida.

*Saram.* Ora, Senhor, diga-me por vida sua, pois vossa merce he Saramago?

*Merc.* Não te convence esta fôrma, e esta figura?

*Saram.* E a vossa merce não o convence tambem esta figura, e este bonetro?

*Cornuc.* O caso he, que são bem semelhantes.

*Merc.* Logo somos dous verdadeiros Saramagos?

*Saram.* Dous Saramagos, isso sim; porém dous Saramagos verdadeiros, isso não.

*Merc.* Se tu dizes, que sou Saramago, como negas, que sou verdadeiro?

*Saram.* Porque bem pôdes ser Saramago; porém Saramago mentiroso.

*Merc.* A natureza, que me fez estas feições, e todo este todo, havia mentir?

*Saram.* Tambem a natureza pôde mentir; pois não falta, quem minta por natureza. *Verbi causa*: viste no arco da velha aquellas cores, com que a natureza o veste de mil cores? Pois sabe, que não são cores, senão huma apparencia enganosa, e huma equivocação dos olhos:

eis-ahi sem mais, nem mais a tua figura; pois ainda que te ostentes Saramago verde, ou Saramago azul, para corar o arco desta velha; com tudo nem es verde, nem azul, nem Saramago, senão hum engano dos olhos, e huma logração da fantasia.

*Merc.* Se eu tenho as propriedades do arco da velha: logo esta velha he minha de propriedade?

*Corruc.* Senhores meus, se isto he feitiçaria, eu-renuncio o pato, ainda que seja com arroz; o que lhe digo he, que concluaõ lá comfigo qual he o meu marido.

*Merc.* Mulher, deixa-me, que eu desenganarêy a este louco: ouves tu, manda vir hum espelho.

*Saram.* Para que he o espelho?

*Merc.* Para que te vejas; e cotejes nelle a tua cara com a minha, para que te desenganes, que sou Saramago.

*Corruc.* Assim he: Saramago, vay buscar o espelho só para que este Senhor não fique com a sua.

*Saram.* Que importa não fique ao depois com a sua, se em quanto eu vou buscar o espelho, elle fica com a minha, ficando comtigo.

*Merc.*

*Merc.* Cornucopia por ora não he minha .  
nem he tua : vay buscar o espelho , que  
eu espero.

*Saram.* Pois espera , que en vou , e venho .  
*Vai-se.*

*Cornuc.* Homem , que he isto ? Tu te tor-  
naste em dous ?

*Merc.* Tu , leviana , he que queres ser do  
genero commum de dous.

*Cornuc.* Eu não sou commua , tu bem o  
sabes.

*Merc.* Se es commua para dous , ou se es  
privada para elle , eu não o sey ; porém ,  
que queres , que diga , vendo entrar hum  
homem nesta casa , e dizer , que tu es sua  
mulher ?

*Cornuc.* Não te admires disso , porque à  
Senhora Alcmena lhe succedeo o mesmo  
com outro Amphitryão , que aqui anda  
como duende ; e ainda agora estiverão  
para se matar hum ao outro , como tu  
bem viste.

*Merc.* Em grande aperto se veria Jupiter .  
*à part.*

*Cornuc.* E assim sem razão me accusas ,  
quando vês , que estou sem culpa .

*Merc.* Pois eu te prometto , que esse ve-  
lhaco pague o engano , que fabrica .

ou Jupiter, e Alcmena: 447

*Sabe Saramago com o espelho.*

*Saram.* Este ha de ser o juiz da nossa causa.  
*Merc.* Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz para ser bom, ha de ser como hum espelho, aço por dentro, e crystal por fóra. Aço por dentro, para resistir aos golpes das paixões humanas; e crystal por fóra, para resplandecer com virtudes; e hum Juiz desta sorte he o espelho em que a Republica se revê.

*Saram.* Quanto ao Juiz estamos nós bem; salvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, cousa, que se molda, não lhe vem de molde.

*Merc.* Bastaõ já tantas asneiras; anda, vê-te o espelho.

*Saram.* Agora me lembra; eu ao espelho não quero verme.

*Cornuc.* Qual he a razão?

*Saram.* Porque não quero, como Narciso, namorarme de mim mesmo.

*Merc.* Seguro estás, que te não succederá outro tanto.

*Saram.* Porque o diz vossa merce? Porque sou feyo? Pois saiba, que muita gente se namora de cousas feyas.

*Merc.* Anda, vê-te ao espelho.

*Saram.* Ora vamos a isso: eu vou tremendo,

do, não me pareça eu com elle. A Nina  
fa Seringa seja em minha ajuda.

*Canta Saramago, vendo-se ao espelho a seguinte*

## A R I A.

He verdade! Eu sou aquelle;

E tambem aquelle he eu!

Esta boca he como a delle,

O nariz he como o feu!

Ora estou defenganado,

Que eu, e elle, e elle, e eu

Não se póde distinguir.

*Cornuc.* Pois que dizes? He ou não he?

*Saram.* Leve o diabo o espelho pois tão  
mentiroso he. *Atira com elle, e quebra-o.*

*Cornuc.* Ay, que me quebrou o consultor  
da minha belleza! Que ha de ser deste  
desgraçado rosto, sem o seu espelho?

*Saram.* Anda, aproveita os pedaços, que  
ainda terás vidros para rapar essa cara.

*Merc.* Pois que vay? Te pareces comigo,  
ou não?

*Saram.* Eu não me pareço contigo; tu he  
que te pareces comigo.

*Merc.* Seja o que for, o ponto he, que se-  
jamós parecidos.

*Cornuc.* Basta, que o disseffe o meu espe-  
lho, que he muy verdadeiro: mas ay  
meu espelho!

*Merc.* E agora, que resolves?

*ou Jupiter, e Alcmena.* 449

*Saram.* Em ser apostema em té arrebentar.

*Merc.* Já que es apostema, sabe que nenhuma materia tens, para affirmares, que Cornucopia he tua mulher.

*Saram.* Que mayor razaõ póde haver, para que ella seja mais tua do que minha, se ambos somos Saramagos, como disse o Juiz do nosso espelho?

*Merc.* Porque eu sou Saramago verde, e tu fingido.

*Saram.* Não vês esta cara, e esta figura? Certo, que a natureza não póde mentir.

*Merc.* Respondo com aquillo do arco da velha.

*Saram.* Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

*Merc.* Não Senhor; *aut Cæsar, aut nihil.*

*Cornuc.* Nem eu confinto, que se parta o meu arco; tomara eu mayor donaire.

*Saram.* Pois se quer, partamos o nome de Cornucopia.

*Merc.* Na solfa do amor, não ha partitura.

*Cornuc.* Nem o meu nome se póde partir, que he muito duro.

*Saram.* A'gora não, sabes de que modo?

*Merc.* Dize.

*Saram.* Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de seus carinhos, e eu com o resto do seu nome.

*Merc.*

*Merc.* Isso he o mesmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

*Cornuc.* Senhores, concluamos: de duas huma; ou ser de hum só, ou não ser huma de dous.

*Merc.* Dizes bem; anda comigo, *Cornucopia*, que eu sou teu marido.

*Saram.* Anda comigo, que teu marido sou eu.

*Cornuc.* Eu aqui estou; quem mais força tiver, esse me levará.

*Merc.* Tu não ouves? Anda comigo.

*Saram.* Anda comigo; tu es furda?

*Cornuc.* Tenhaõ mão, que eu para péla sou muito pouco enfeitada.

*Merc.* Tu, maroto, queres experimentar a minha furia?

*Cornuc.* Senhores, não se matem por cou-las poucas.

*Merc.* Isto não se leva, sennaõ desta fórte.

*Brigaõ.*

*Saram.* Ay de mim, que este homem quer, que eu seja duas vezes paciente!

*Cornuc.* Tem mão, *Saramago*.

*Merc.* Não quero ter mão, só por ter pé de dar muito couce neste magano.

*Saram.* Pois eu ainda tenho mãos, para ter mão nesse pé.

*Cornuc.* Isto não se aparta, sennaõ com hum def-

ou Jupiter ; e Alcmena. 451

desmayo l, como fez Alcmena. *à part.*  
Acudaõ Senhores , que me desmayo.

*Desmaya-se.*

*Saram.* Ay , que se desmayou Cornucopia  
tambem como Alcmena ! Ah Senhor ,  
façamos treguas , para enterrar este de-  
funto.

*Merc.* O desmayo de Cornucopia te deu  
vida.

*Saram.* Por tua culpa se desmayou esta  
flor , ou para melhor dizer derramaraõ-  
se as flores desta Cornucopia.

*Merc.* Isso não póde ser desmayo , será al-  
gum estupor.

*Saram.* porque ? Cornucopia não he mui-  
to capaz de se desmayar ?

*Merc.* Os desmayos são para as filis , e não  
para as dragoas.

*Saram.* Pois entendamos , que he hum  
desmayo *ad stuporem* ; e assim levemos a  
Cornucopia para dentro , para ver se  
torna em si.

*Merc.* Leva-a tu só , já que dizes , que es  
seu marido.

*Saram.* De sôrte que vossê ha de levar as  
propinas de marido ; e eu hey de aturar  
os encargos do matrimonio ?

*Merc.* Faça o que lhe digo , e tenho dito.  
Ora tu verás o que te succede. *à p. Vaise.*

Sa-

*Saram.* Visto isso, ferey duas vezes paciente: mas eu não me atrevo só a carregar com esta baléa. Irra, como peza! Agora vejo, que isto nem he accidente, nem delmayo; he pezadello: Ora vamos arrastando este fardo, que quematura a carga, he bem, que leve a buxa. Oh quanto me peza do teu desmayo!

*Vai-se.*

*Haverá muita gritaria, e Cornucopia se transformará em hum Anaõ.*

## S C E N A IV.

*Bosque. Sabe Juno.*

*Juno.* **V**Erdes alamos desta Selva, symbolo da inconstancia de hum esposo, que sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante: incultas flores, que neste campo sem artificio produzio a Primavera retrato do instantaneo bem, que possuo, pois a gloria, que de vera lograr eterna, hum esposo faz com que seja momentanea: despenhado arroyo, que em precipicios de neve fois imagem de meu pranto, que podendo eu emprestar rizados à mesma Aurora, hum esposo tyran-

no

*ou Jupiter, e Alcmena.* 453

no a tantos suspiros, e lagrimas me provoca; e assim já que o furor dos zelos me incita, basilisco serey entre esses ramos, aspide entre essas flores, crocodilo entre essas aguas; pois basilisco, aspide, e crocodilo tudo são zelos. He possível, que me veja eu sem Jupiter, e Alcmena com elle! Alcmena logrando os seus carinhos, e eu sentindo os seus repudios! Oh não sey como não abraço a esfêra do fogo, com o fogo dos meus zelos!

*Sabe Jupiter na fórma de Amphitryão.*

*Jupit.* Viste acaso por aqui Alcmena?

*Juno.* Se buscas a Alcmena, Amphitryão, te direy onde ella está?

*Jupit.* Esta cuida, que sou Amphitryão.

*à part.* Verdade he, Felisarda, que busco a Alcmena para alivio da chamma, em que me abraço.

*Juno.* Pois ella agora ficou no jardim, vay sem dilacão a vingarte; que seria desluztre da tua pessoa, sabendo vencer a tantos inimigos na campanha, não saber castigar a huma mulher, que o teu credito desdoura.

*Jupit.* Muito te devo, Felisarda, pois com tanta efficacia me persuades purifique a minha honra, vendo tambem o

quam pouco te deve Alcmena, pois tanto solicitas a sua morte. Ah traidora!

*à part.*

*Juno.* Nada me deves nisso; pois esta effi-  
cacia nasce do desejo, que tenho de te  
naõ ver infamado, quando sey es digno  
de mais heroica fama; e em quanto a di-  
zeres, que pouco me deve Alcmena, tam-  
bem importa pouco, que se arranque do  
Mundo hum infame padraõ, que defau-  
thoriza a honestidadẽ, que deve conser-  
var huma mulher de bem.

*Jupit.* Pois tu verás de que sorte eu me ving-  
go. Naõ vi mais tyranna mulher!

*à part. Vai-se.*

*Em quanto Juno, voltada para hum lado, diz  
o que se segue, sabirá Amphitryão, e se po-  
rá no mesmo lugar, onde Jupiter estava,  
com espada na mão.*

*Juno.* Quando se perca o conselho, ao me-  
nos desafogo a minha dor: mas que he  
isso Amphitryão? Se já desembainhaste  
a espada, para que dilatas o castigo de  
huma traidora?

*Amph.* Hoje verá o Mundo correr do pei-  
to de Alcmena, e daquelle fementido  
traidor, dous rios de fangue, para nel-  
les purificar as manchas da minha honra.

*Juno.* Naõ se esperava menos do teu brio;  
e pois

ou Jupiter, e Alcmena. 455

e pois Alcmena está no Jardim, fazê  
com que as suas flores todas sejaõ pur-  
pureas, regando-as com o sangue dessa,  
que te offende.

*Amb.* O meu brio não necessita de esti-  
mulos para a vingança, bastante causa  
são os meus zelos, sufficiente incentivo  
he a minha affronta: verás, Felisarda,  
embainhar nos peitos desses dous traido-  
res esta espada, para que paguem com a  
vida os seus delictos. *Vai-se.*

*Juno.* Ay infeliz, que não sabes, que o  
traidor, que te offende, vive isento da  
tua furia; pela immortalidade, que goza!

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Hey de apurar a panella do amor,  
ainda que chegue a comer salgado. Ve-  
rey agora entre estas ramas escondido,  
em que pára isto de Cornucopia, para  
vingar a minha afronta; pois quero que  
saiba o Mundo, que eu não sou Corne-  
nelio Tacito.

*Sabe Tiresias.*

*Tires.* Flerida, que delicto cometerão os  
meus olhos, para que os castigues com  
a privação de tua formosura?

*Saram.* Uy, Felisarda chama-se Flerida!  
Bonito! Ora isto ha de ser galante! *Au-  
diamus*

*Juno.* Tiresias, tu contas os instantes, que me não vês, mas não numéras as dilacões, que fazes em cumprir o que prometteste sobre a vingança de Alcmena.

*Tires.* Como he possível, que em tão poucas horas pudesse executar o teu preceito? Estes troncos não nasceraõ sem tempo, nem estas plantas se produziraõ em hum instante; primeiro se ha de semear a zizania, para se colher o fruto da vingança.

*Saram.* Sizania temos? Alguma cousa querem estes furta a Alcmena.

*Juno.* Se Alcmena fora complice de algum delicto, que fineza me fazias tu em castigalla?

*Tires.* Tambem poderia eu dissimular o seu delicto.

*Juno.* Calate, traidor, falso, já te arrendes do que me tens promettido? Se te não move o seres Rey de Teleba, bastava a confissão, que fizeste do teu amor: vaite, que em corações tibios se não póde conservar amor constante.

*Tires.* Meu bem, suspende os rigores, porque eu...

*Juno.* Já sey, que como tambem amas a Alcmena, por isso compassivo recuzas o castigalla.

*Tires.* O' *Flerida*, para que vejas frustrada a tua presumpção, dize, de que sorte te queres ver vingada de *Alcmena*?

*Saram.* Agora *Saramago*, orelha de palmo.

*Juno.* Agora que *Alcmena* se acha no jardim, era boa occasião de a matares, e nunca poderás ser complice na sua morte; pois sem duvida se ha de attribuir o delicto a *Amphitryão*, como offendido das leviandades de *Alcmena*.

*Saram.* Não he cousa de cuidado, he só hum pão por hum olho.

*Tires.* Que leviandades são as de *Alcmena*? Peço-te, que mas refiras.

*Juno.* Que? Tens zelos?

*Tires.* Se cuidas, que o pergunto por isso, já o não quero saber; só sim executar os teus preceitos.

*Juno.* Pois sabe, que o meu amor será o menor premio dessa fineza.

*Tires.* Ay, *Flerida*, se o teu amor he a menor fineza, qual será a mayor do teu amor?

*Juno.* Anda, váy, não te di'ates.

*Tires.* Pois, *Flerida*, eu vou; adverte, que por ti farey muitos impossiveis. *Vai-se.*

*Juno.* Bom he prevenir o golpe com dous tiros; pois no caso que se erre o golpe  
de

de Amphitryão, se acerte o de Tiresias; que he justo haver para duplicadas offensas duplicadas vinganças.

*Sabe Saramago.*

*Saram.* Vou depressa avisar a Alcmena disto, que agora ouvi; que ao menos acho, que me dará hum bom premio.

*Juno.* Ay de mim, que este criado me esteve ouvindo! Porém eu te suspenderey os passos, para que não noticies a Alcmena o que ouviste. *à part.*

*Saram.* Tomara ter azas nos pés, para hir *ad bolandum.*

*Juno.* Converto-te em tronco, para que não possas passar dahi. *Vai-se.*

*Converte-se Saramago em arvore.*

*Saram.* Que Diabo he isto? Que terey eu nos pés, que não posso andár? Que remora terrestre me suspende o impulso dos joanetes? Quem me agarra nos pés? A que delRey ladrões: mas que vejo! Eu estou convertido em arvore, de que não ha duvida! As pernas, e coxas são troncos, e o mais esgalhos, e folhas! Quem me fez este beneficio, suppoz, que eu era algum cepo: andar, aqui farey penitencia dos meus peccados, e já que me acho convertido, será para mim esta arvore de penitencia.

ou Jupiter, e Alcmena. 459

*Sabe Cornucopia com hum pão na mão.*

*Cornuc.* Que diabo terá este Saramago, que tanto tarda em vir ajudarme a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

*Saram.* Que me queres, Cornucopia?

*Dentr. Merc.* Cornucopia, já vou.

*Cornuc.* Chamo por hum, e me respondem dois! Estou bem aviada, se se encontra outra vez os dois Saramagos! Anda depressa, Saramago.

*Saram.* Tem paciencia, que não posso ir, nem depressa, nem de vagar.

*Cornuc.* Aonde estará este maldito, que me responde?

*Sabe Mercurio com hum pão na mão.*

*Merc.* Que pressa tens? Não te respondi, que já vinha?

*Cornuc.* Sabes porque? Quando te chamey, me respondeo aquelloutro Saramago fingido, e temo, que aqui venha a dar comnosco.

*Saram.* Ah perra, que venho a dar contigo em occasião, que te não posso dar.

*Merc.* Que importa, que elle venha? Se vier, levará com este varapáo.

*Saram.* Irra! Vejaõ lá de que eu escapey!

*Cornuc.* Varejemos depressa a azeitona: que depois iremos a descansar.

*Saram.* Que hey de eu estar ouvindo isto aqui

aqui a pé quedo, sem poder fugir daqui!  
He tormento nunca visto!

*Merc.* Por qual oliveira começaremos?

*Cornuc.* Por esta, que está bem carregada.

*Saram.* Basta que eu passsey de Saramago a oliveira, e que por meus peccados hey de ser varejado! Mas a mim que se me dá, pois se sou tronco, hey de ser insensível.

*Daõ os dous na arvore.*

*Saram.* Ay, que me derreaõ! Ay que não sou insensível!

*Cornuc.* Da-lhe com bem força, para cahir muita azeitona.

*Saram.* Ainda póde ser com mais força?  
Ay que me derreaõ!

*Merc.* Dá-lhe desf'outra banda, que eu lhe darey de cá.

*Saram.* Ay, Senhores, que morro ao cahir da folha, como tifico!

*Merc.* Não ouves humas vozes, como de quem se lamenta?

*Cornuc.* He verdade, vamos ver quem he; anda, Saramago. *Vaõ-se.*

*Saram.* Vaõ-se cos diabos, que me puzeraõ a ver jurar testemunhas: a isto he que eu chamo dar hum bom varejo; pelo menos já me posso desvanecer, que sou hum moço bem facudido.

ou *Jupiter, e Alcmena.* 461

*Sabe Jupiter com hum punhal na mão.*

*Jupit.* Depois que Amphitryão zeloso se apartou de Alcmena, a não pude ver mais. Ay, querida Alcmena, quem pudera lograr as tuas delicias sem rebuços, e transformações; pois ao mesmo tempo, que logro os teus favores, me escandaliza a tua isenção! E para que o faiba o Ceo, e a terra, o esculpirey nos troncos; para que em hum, e outro globo viva immortal a minha fineza; seja, pois, este tronco, por ser o primeiro que encontro, o mais venturoso, que conserve em si esculpido o nome de Alcmena.

*Aram.* Que diabo quererá fazer Amphitryão, que se vem chegando para mim com huma faca de mato? Restame, que queira cortarme algum esgalho.

*Jupit.* Arvore feliz, conservarás em teu tronco o nome de Alcmena a pezar das injurias do tempo.

*Aram.* Este sim, que busca o tronco, e não he como os outros, que andaraõ pela rama.

*Jupit.* Desta sôrte quero escrever o nome de Alcmena neste tronco para eterno padraõ da minha fineza.

*Es-*

*Escreve Jupiter em Saramago ; isto he , no tronco da mesma arvore , em que está transformado , a seguinte*

## D E C I M A.

Deste tronco na dureza  
 Teu nome , Alcmena , estampado  
 Eternize o meu cuidado  
 Por troféo dessa belleza :  
 Vivirás arvore illeza  
 do tempo ao fêro rigor  
 Sempre em perenne verdor ,  
 Porque cresçaõ em vivas chamas  
 Nas flores de tuas ramas  
 Os frutos do meu amor.

*Saram.* Ay que me rasga as coxas , e as pernas ! Lá vay a veyá arteria cos diabos.

*Jupit.* Mas que vejo ! O tronco destilla fangue ? He caso nunca visto !

*Saram.* He para que vejaõ os Senhores Poetas , que o escrever huma Decima custa gottas de fangue.

*Jupit.* Não sey a que attribua isto !

*Saram.* Ah Senhor Amphitryão , tome-me o fangue , que me estou vazando como hum cesto roto , olhe que lho peço com lagrimas de fangue destilladas das fontes das minhas pernas.

*Jupit.* Este he Saramago , que está conyertido

*ou Jupiter, e Alcmena.* 463

vertido em arvore : quem transformaria este miseravel ? Mas quem havia ser senaõ Mercurio , para lhe fazer alguma peça ? Pois eu o restituirey à sua antiga fórma , sem que elle saiba , que lhe faço este beneficio , porque naõ suspeite em mim alguma divindade.

*Saram.* Senhor , acuda-me , olhe que sou Saramago , que estou prezo aqui neste tronco.

*Jupit.* Torna-te , homem , à tua antiga fórma.

*Vai-se.*

*Desfaz-se a arvore , e fica Saramago como de antes.*

*Saram.* Ora graças a Jupiter , que depois de tanta tormenta fiquey desarvorado. Porém que fiz eu pobre de mim , para me ver facudido , varejado , e arranhado , sem que me baste ser oliveira para ter comigo a paz ? Ora paciencia , vamos para dentro a imaginar de que enxerto nasceria esta arvore. A curarme naõ hirey ; porque já vou muito bem sangrado , e carregado de pancadas.

*Sabe Iris.*

*Iris.* Espera ; aonde vás com tanta pressa ?

*Saram.* Agora he , que tu vens ao atar das feridas ?

*Iris.* Que te succedeo ?

*Sa-*

464 *Amphitryão*,

*Saram.* Nada. Apodreceu-me o corpo de  
fôrte, que já tem varejas.

*Iris.* Pois conta-me o que foy.

*Saram.* Tenho pejo de lhe dizer a minha  
fraqueza por vida minha. *à part.*

*Iris.* Como não queres fallar, fica-te em-  
bora.

*Saram.* Espera, que eu to digo. Como o  
meu amor já por ahi anda corrupto,  
apodreci de muito maduro, de fôrte,  
que ando cahindo aos pedaços, pois nas  
tuas vozes me ficaõ as orelhas, nos teus  
ouvidos a lingua, na tua cara os olhos,  
nos teus pés o coração, e só no teu del-  
dem estou pelos cabellos, por te não vir  
a pello a minha fineza.

*Iris.* Não sey se te creya.

*Saram.* Eu era de parecer, que fim; e pa-  
ra que me creyas o que digo em proza,  
o mesmo te direy em verso; porque gra-  
ças a Cupido tanto sey amar em proza,  
como em verso; e assim escuta, Corrio-  
la, este

## S O N E T O.

Jogou o amor comigo o toque emboque,  
Mas no tacho não teve hum só despique,  
Nos centos lhe tangi hum tal repique,  
Que os ouvidos tapou ao som do toque.  
Na batalha de amor lhe dey hum choque,  
No

*ou Jupiter , e Alcmena.* 465

No triunfo da fineza puzlhe hum pique  
Venus arrenegada, que eu embique,  
Deume por certa Dama hú bõ remoque.  
stendeo-te na banca, como hum leque,  
No burro se ficou, como hum basbaque,  
E as tabulas furou do calambeque;

Mas deu co ás de copas hum tal traque  
Que à chalupa arrôbandose-lhe o beque,  
Na corriola quiz, que eu désse o baque.

*is.* A' vista deesse extremo não quero ser  
desagradecida; porém para que acabe  
de ver o teu amor, me has de declarar  
huma cousa, que te quero perguntar.

*aram.* Não sabes, que o amor he a chave  
mestra de todos os peitos? Dize o que  
queres, que eu. . . . . [ *Apparece Mer-*  
*curio ao bastidor.* ] Mas espera: Va-  
lha-te o diabo, maldito fingido Sara-  
mago, que sempre me persegues! E por-  
que com a tua falsa apparencia não des-  
faças o bom principio de meu amor,  
quero retirarme, até que te vás. *à part.*

*Merc.* Saramago, tanto que me vio, mu-  
dou de côr; parece que gosta de ver-  
me. *à part.*

*is.* Quero, pois, que me digas.

*aram.* Espera, que para responderte com  
mais socego, vou alli fóra tirarme de  
hum cuidado, e já venho.

*Iris.*

*Iris.* Vay depressa.

*Saram.* Não tardarey hum instante. *Vai-se.*

*Iris.* Verey se descubro o enigma destes dous Amphitryões, para que Juno tenha alivio na sua pena.

*Sabe Mercurio na fôrma de Saramago.*

*Merc.* Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago. *à part.*

*Iris.* Bem disseste, que não tardarias hum instante, e depressa vieste.

*Merc.* Para obedecerte tenho azas nos pés, como Mercurio.

*Iris.* Já vou crendo, que es verdadeiro amante; e para acabar de o conhecer, quero que me digas, se sabes qual destes he o verdadeiro Amphitryão, que tu o has de saber melhor, que ninguem?

*Merc.* Agora encravarey mais a Amphitryão. *à part.* Promettes tu não dizernada do que eu te differ? Olha que isto he materia de grande pezo.

*Iris.* Fia de mim, que ninguem o faberá.

*Merc.* Como tu já sabes, que hum dos Amphitryões não he verdadeiro, a este fingido só eu o conheço, e só de mim fia, e só mostrando-to com o dedo, o poderás conhecer.

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Ainda lá está o maldito, e Corriola

ou *Jupiter, e Alcmena.* 467

la cuida, que sou eu; ora esperemos,  
que se vá.

*Tris.* E quem he este tal fingido?

*Merc.* O que te posso dizer he, que he  
homem nobre, e de grande esféra.

*Tris.* Ora vem mostrarmo, meu Saramago  
do meu coração.

*Saram.* Oh quem podera responderte! *à p.*

*Merc.* Vamos, e verás. *Vai-se.*

*Tris.* E que boa nova levarey a Juno.

*Vai-se.*

*Saram.* Espera, Corriola, que não sou eu,  
o que te leva: ah caõ de mim, que fuy  
taõ basbaque, que te deixey exposta à  
inclemencia desse tyranno, que se apro-  
veita do meu suor; mas ainda que eu  
fue o farrapo, ella não ha de ser sua:  
Peguem nesse magano: ah que del-  
Rei, ladrões.

## S C E N A V.

*Ordem, onde haverá huma fonte, e ao pé  
desta hum assento, e sabe Alcmena.*

*Alcmen.* **A** Onde achará alivio huma des-  
graçada; pois em qualquer  
lugar encontro hum cadafalso, cada tron-  
co se me representa huma morte; cada  
plan-

planta hum verdugo, e cada flor hum martyrio? Esta funesta fantasia vive taõ occupada de tristes idéas, que sem saber quem me offende, em tudo o que vejo, acho huma vingança; em tudo o que encontro, se me erige hum supplicio: ay Amphitryão, quem te podera mostrar a minha innocencia, para que achasse alivio este afflicto coração, que timido até as sombras o affombraõ, e sobrefaltaõ!

*Canta Alcmena a seguinte*

## A R I A

A timida corça,  
Que pávida teme  
Da rama, que treme  
No bosque agitada  
Do vento veloz.

Assim eu afflicta;  
Sem causa affustada,  
Me sinto ultrajada  
De hum mal taõ atroz.

*Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte, e sabe Jupiter com espada na mão.*

*Jupit.* Já naõ ha tronco, aonde naõ se veja esculpido o nome de Alcmena, e naõ he justo, que elles só tenhaõ essa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conservar em sua dureza o feliz nome

ou Jupiter , e Alcmena. 469

me de Alcmena , que nella vivirá mais perpetua a sua memoria , e o meu amor : Mas que vejo ! Aquella he Alcmena , que na mesma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Mortêo. Dorme , Alcmena , que se tu amaras , como eu , nunca dormiras , nem dormindo descansaras.

*Abem Amphitryão per hum lado , e Tiresias por outro , com espadas nas mãos , e Jupiter se retirará para junto de Alcmena.*

*ires.* Bem dizem , que o amor he hum inferno ; pois de hum abyfmo me conduz a outro abyfmo ; porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

*mpb.* Oh que impiedade ! Que hajaõ de affrontar ao esposo as leviandades da esposa ! Pois morra Alcmena , já que assim o quer o Mundo , e os meus zelos.

*upit.* Quanto mais a vejo , mais me af-sombra a sua belleza , pois hydropicos os meus olhos não se fartaõ de ver , por mais que vejaõ taõ rara formosura.

*res.* Aquella he Alcmena , que está dormindo. Ay infeliz belleza , que desse somno passarás a outro mais profundo !

*mpb.* Mas que vejo ! Alli está Alcmena junto daquella fonte : ay desgraçada for-

mosura, que nem todas essas aguas apagarão as chammas do meu ciume!

*Alcmena sonhando.*

*Alcmen.* Esposo Amphitryão, não manchestão generosa espada no sangue de huma innocente.

*Jupit.* Alcmena está fallando em sonhos, e parece está afflicta com alguma funesta fantasia; quero acordalla.

*Amph. e Tires.* Morre, infeliz Alcmena.

*Ambos fazem acção de a matar.*

*Jupit.* Alcmena, acorda. Porém que vejo!

*Alcmen.* Amphitryão. . . . . suspende. . . . . pois. . . Mas ay de mim, que vejo! Todos tres com espadas vindes a matar-me? Que he isto, Senhores?

*Tires.* Frustrou-se o meu intento. *à part.*

Mas que vejo! Dous Amphitryões ao mesmo tempo?

*Amph.* Que he isto, traidor? Tambem vinas matar a Alcmena, para com esta acção mostrares ao mundo, que es o verdadeiro Amphitryão no brio, com que vingas o teu ciume?

*Jupit.* E tu, fementido, com o mesmo dissimulo, que de mim imaginas, vens a ser complice de huma morte, querendo com hum delicto salvar outro delicto?

*Alcmen.* Senhores, que suspensão he esta?

Que

Que delicto commetti eu para tanta vingança? E se cometti algum, como todos quereis ser parte no meu castigo?

*ires.* Eu, *Alcmena*, não vim a offender-te; mas sim a estorvar a tua desgraça conjurada contra ti, por aviso, que della tive; e como supremo Ministro desta Republica me era licita esta acção.

*upit.* Nem eu, *Alcmena*, vinha a matarte, que bem sey a tua innocencia; mas sim a este traidor, que me disserão estava neste jardim, para offenderte.

*Amph.* Pois confesso, que não só vinha matar a *Alcmena*, mas tambem a este tyranno usurpador da minha honra; pois com simulada fórma, e fantastica apparencia me roubou com a honra a espoia, fingindo ser o verdadeiro *Amphitryão*; e assim por mais que mo impidas, hey de executar a minha vingança, matando a ambos.

*Brigaõ os dous.*

*ires.* Assim se atropella o meu respeito? Suspendey as armas.

*Almecon.* Ay de mim! Não ha quem estorve esta desgraça?

*Amph.* Hoje serás victima de minhas iras.

*upit.* E tu sacrificio de minha vingança.

*Alcmen.* Não ha quem acuda? O' lá? O' lá?

*Sabem Mercurio na fórma de Saramago ; Polidaz , Juno , Cornucopia , Iris ; e hum Soldado , e hiraõ fallando o que se segue.*

*Jupit.* Ay de mim , que se não logrou o meu intento !

*Merc.* Sempre disse , que isto havia succeder.

*Iris.* Agora se saberá este enigma.

*Cornuc.* Ay , Senhora , fujamos depressa , antes que nos matem.

*Polid.* Suspendey os impulsos ; mas como he isto ! Dons Amphitryões ! Quem vio caso mais extraordinario ! Tiresias , que successo taõ estranho he este ?

*Tires.* Polidaz , tambem eu estou na mesma duvida , e com a mesma admiracão ; porém com averiguar este caso , sabermos o que he isto.

*Alcmen.* Tiresias he justa essa averiguação , para que se saiba a minha innocencia ; e assim principiarey eu a dizer : Bem sabeis , que sou casada com Amphitryão.

*Jupit.* Não te canfes , que eu o direy em duas palavras : Tiresias , vim da guerra dos Telebanos : triunfey , como sabeis ; e quando cuidey lograr nos braços de Alcmena os frutos da paz , veyo este fementido introduzir-se tambem em casa , tomando a minha fórma por alguma ar-

ou Jupiter, e Alcmena. 473

te magica, sem duvida para fazer os disturbios, que tendes visto.

*Amph.* Tudo isto he engano, Tiresias; pois o verdadeiro Amphitryaõ sou eu; e como a verdade naõ necessita de prova, a mesma verdade seja a que me defendada.

*ires.* Esperay: vamos por partes: Alcmena, qual destes he o teu esposo?

*Alcmen.* Elles saõ taõ parecidos, que confesso os naõ sey distinguir.

*ires.* Cornucopia qual destes he o teu amo?

*ornuc.* Eu, Senhor, sou pouco Filosofa, para fazer distincções; mas se me pergunta pela verdade, digo, que ambos saõ meus amos; porque eu sou muito cortez.

*ires.* Diga o criado agora.

*ris.* Agora, Saramago, he boa occasiaõ de mostrares qual he o fingido.

*Merc.* Quem duvida, que este he o verdadeiro Amphitryaõ, (*Para Jupiter.*) e aquelle o fingido. *Aponta para Amphitryaõ.*

*Jupit.* Bom foy ter aqui Mercurio da minha parte. *à part.*

*Amph.* Que dizes, Saramago? Naõ sabes, que sou teu amo Amphitryaõ? Naõ me

conheces? Dize, velhaco?

*Merc.* Senhor, não tem que se cançar, que eu hey de dizer a verdade, mas que seja contra mim: Senhores, saberaõ vossas merces, que es'outro Amphitryão, que ahi está, quando viemos da guerra, me disse, que elle por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheyo de amor até os olhos, fora ter com hum Nigromantico, e este lhe untara o rosto com certo oleo *serpentorum*, para se parecer com o Senhor Amphitryão; e para melhor fazer o seu papel, me pedio, que eu o apoyasse, dizendo, que elle era o verdadeiro Amphitryão, para o que tambem me untou as mãos com huma bolsa cheya de dinheiro; e eu como sou amigo destas bacatellas, o introduzí com a Senhora Alcmena de pés, e cabeça; e assim, pois confesso a verdade, peço, que me perdoem este delicto.

*Juno.* Vejaõ a traça por onde Jupiter se quiz introduzir? *à part.*

*Iris.* Senão he Saramago, nada se sabe. *à p.*

*Amph.* Que he o que dizes, embusteiro? Eitás fóra de ti?

*Tiref.* Basta, basta; já está descuberto o enigma.

*Amph.*

*Amph.* Tiresias, adverti, que este criado  
mente, porque eu....

*Tires.* Não tens, que dizer mais.

*Alcmen.* E pois a minha innocencia se pa-  
tentea, peço-vos, Tiresias, que casti-  
gueis a insolencia desse traidor.

*Amph.* Como tyranna, se o verdadeiro Am-  
phitryaõ sou eu?

*Jupit.* Quereis ver a verdade mais clara-  
mente provada? Esperay; dizei-me:  
Quando vistes da guerra, entrastes no  
Senado com pompa triunfal?

*Amph.* Confesso, que não; porque quan-  
do vim de casa, não achei a Polidaz,  
que tinha ficado esperando por mim.

*Polid.* Isso he falsissimo pois Amphitryaõ  
veyo de casa, e achou-me no mesmo lu-  
gar, aonde fiquei esperando por elle, e  
ambos fomos ao triunfo.

*Tires.* Eu sou testemunha, que laureey a  
Amphitryaõ no Senado.

*Jupit.* Pois se elle confessa, que não foy ao  
triunfo, e vós outros tambem vistes,  
que entrey triunfante no Senado, aonde  
me laureastes, claro está, que o verda-  
deiro Amphitryaõ sou eu, e este o fin-  
gido.

*Amph.* Oh Jupiter soberano! Quem se vio  
em mayor labyrintho?

*Merc.*

476      *Amphitryão*,

*Merc.* Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *à part.*

*Cornuc.* Ah Senhores, se se não castiga este desaforo, daqui à manhaõ nos havemos ver inçadas de Amphitryões, como de porfovejós.

*Sabe Saramago.*

*Saram.* Venho avisar a Alcmena do que ouvi escondido entre as ramas; porém cá está muita gente. *à part.*

*Merc.* Saramago ahi vem; pois vou-me, que assim me convem. *Vai-se.*

*Alcmen.* Tiresias, que suspensão he esta? Porque não castigais a este traidor, a este fingido?

*Tiresf.* Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a esse fingido Amphitryão para o carcere, de donde será levado para o supplicio; pois legalmente se acha provada a sua culpa.

*Amph.* Que he o que dizes, Tiresias? Como castigas ao idnocente, e deixas ir livre ao culpado?

*Saram.* Ay que parece, que vay o diabo em casa do Alfacinha!

*Tiresf.* Não tendes, que replicar; levem-no.

*Amph.* Tende maõ, porque eu não sou quem cuidais.

*Tiresf.* Isso sey eu muito bem.

*uno.* Sem duvida Amphitryão he o que  
vay prezo, e Jupiter he o que fica li-  
vre; pois não ha de ser assim: Tiresias,  
adverte, que tambem Alcmena merece  
castigo, pois ella diversas occasiões tra-  
tou a ambos como a esposos; e assim he  
certo, que offendeo a seu marido verda-  
deiro; que segundo as leys tambem de-  
ve morrer.

*Alcmen.* Que he isso, Felisarda? Tu es con-  
tra mim? Assim pagas a hospedagem,  
que te dey?

*Tires.* Bem entendo a Flerida. *à part.*

*Aram.* Vejaõ se lha pregou de maço, e  
mona. *à part.*

*Tires.* Tem razão Felisarda no que diz:  
vem, Alcmena, comigo, para seres fa-  
crificio no templo de Jupiter.

*Alcmen.* Tiresias, que dizes? Eu hey de  
pagar o engano alheyo?

*Tires.* Se o teu delicto está provado, não  
ha mais remedio, que morrer.

*Alcmen.* Como o animo distingue os male-  
ficios, não mereço morrer; pois no meu  
animo sempre tive por esposo aquelle,  
que me parecia com tanta realidade ver-  
dadeiro.

*Tires.* Dos animos, e affectos interiores,  
só os Deoses supremos são os Juizes;  
que

que nós os Ministros da terra sentenciamos pelo que vemos exteriormente; e pois não negas, que admitteste a dous Amphitryões, sempre violaste a pureza do thalamo; e assim anda comigo.

*Juno.* Bem haja Tiresias, que assim me vingou. *à part.*

*Jupit.* Desse delicto só pertence ao esposo a sua accusação; e não a accusando eu, porque estou certo, que com malicia não violou o thalamo: logo não podeis castigalla, quando eu não a accuso.

*Tires.* Não só he o esposo o offendido, mas tambem a Republica, a quem incumbe castigar os delictos, para emenda de outros, e conservação da virtude, na qual consiste toda a justiça.

*Alcmen.* Esposo, defende a minha innocencia, pois tu bem sabes. . . . .

*Jupit.* Alcmena, contra hum empenhado nada val; e pois Tiresias assim o quer, não recuses ir ao sacrificio de Jupiter. Vay sem susto, que Jupiter te defenderá. *Vai-se.*

*Amph.* Já, tyranna, hirey a morrer mais consolado, vendo que tu tambem não ficas sem castigo.

*Alcmen.* Por ti, fementido traidor, vou a morrer sem culpa.

*Amph.*

ou Jupiter , e Alcmena. 479

*Amph.* Por ti sem delicto vou a penar ,  
cruel Alcmena.

*Cor nuc.* Eu estou capaz de me dar hum ac-  
cidente de verdade. *à part.*

*Saram.* Eu estou com o coração táfe táfe,  
vendo isto no que pára. *à part.*

*Polid.* Vamos, vamos. *Para Amph.*

*Tires.* Alcmena, vem.

*Alcmen.* Justos Deoses , porque não vos  
compadeceis de mim, que sou huma in-  
nocente ?

*Amph.* Deoses justos, ou injustos, porque  
contentís taõ barbara injustiça ?

*Tires. e Polid.* Anda, vamos. *Cada hum para  
o seu.*

*Amph.* Oh Jupiter ; compadece-te de mi-  
nha innocencia.

*Tires.* E vós , Soldados, levay tambem Sa-  
ramago para a enxovia ; bem carregado  
de ferros , pois foy quem introduzio o  
fingido Amphitryaõ em casa de Alcme-  
na. *Vai-se.*

*Saram.* Espere, Senhor Tiricia : que he o  
que diz ?

*Soldad.* Ande, ande, Senhor Saramago.

*Saram.* Vossa merce me não ha de ensinar  
a andar ; que quando vossa merce nas-  
ceo, já eu engatinhava.

*Soldad.* Vamos para a cadeya, que assim o  
man-

480      *Amphitryão*,

manda o Senhor General.

*Saram.* Não se canse, que eu não vou, sem saber primeiro o porque vou prezo.

*Iris.* Não vi sentença mais bem dada. *à p.*

*Soldad.* Venha, que lá lho dirão muito bem dito.

*Saram.* Cornucopia, tu não sabes porque me prendem?

*Cornuc.* Por culpa da tua lingua: quem te mandou ser fallador?

*Saram.* Nunca eu tive a lingua mais preza, do que agora, que vou prezo pela foltura da lingua, como dizes.

*Soldad.* Vamos depressa, que já lá vão os outros.

*Saram.* Pois, Senhor, hey de ir prezo assim sem mais nem mais?

*Cornuc.* Anda, vai-te, que agora pagarás os singimentos, que tens feito, e talvez, que tambem por isso vás prezo.

*Saram.* Não, se eu por isso vou prezo, logo me soltarão; porque eu sou o verdadeiro Saramago, se não me engano.

*Soldad.* Ande já cos diabos.

*Saram.* Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com vossa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

*Cornuc.* Vaite dahi, que eu não sou tua mu-

ou Jupiter, e Alcmena. 481

mulher, fingido, embusteiro; e não sabes quanto folgo, e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-se.*

*Saram.* Vaite, mofina: Oh minha Corriola, se te mereço alguma cousa, peço-te, que rogues a estes Senhores, que me não levem prezo assim a sangue frio, ou que me digão o porque vou prezo, que eu não o sey.

*Soldad.* Vossê não ouvio dizer, que hia prezo por introduzir o fingido Amphitryão em casa de Alcmena? Pois Tiresias bem claro fallou.

*Iris* Ah! Huma vez que he por isso, eu pedirey.

*Saram.* Ora pede, pede, ainda que finjas duas lagrimas.

*Iris.* Senhor Soldado, assim Deos o faça Cabo de esquadra, lhe peço com lagrimas de sangue nascidas do meu coração.

*Soldad.* Diga, Senhora, o que quer.

*Saram.* Isso, isso, Corriola pede nesse tom, que abrandarás huma pedra.

*Iris.* Peço, Senhor Soldado, que a este pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado, para que não fuja.

*Soldad.* Isso farey eu por te dar gosto.

*Saram.* Ah Senhor Soldado, olhe que ella  
o que

o que pede he, que me solte.

*Soldad.* Vossa merce não diz, que o leve prezo?

*Iris.* Sim, Senhor; ainda que vá a arraf-tões.

*Saram.* O' Corriola, isto te merece o meu amor?

*Iris.* Sim patife, alcoviteiro, para castigo da tua infolencia.

*Saram.* A que delRey. Senhores, que fiz eu? A todos tomo por testemunha, como eu nesta historia não fuy alcoviteiro de ninguem.

*Iris.* Levem-no de pressa.

*Saram.* Ah cruel, falsa, inimiga, fraudulenta, assim pagas o extremo com que te adoro?

*Iris.* Vay, vay.

*Saram.* Se he tua vontade, que eu vá, eu irey; mas não quero, que vás mal comigo; anda cá, Corriola, que ainda que tu me desdenhas, eu não posso deixar de te querer, para o que te rogo me dês hum abraço; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

*Cantaõ Saramago, e Iris a seguinte*

A R I A.

*Saram.* A Deos minha Corriola,  
Dá-me agora hum só abraço,

Que

ou *Jupiter*, e *Alcmena*. 483

Que eu vou para o cagarraõ.

*is.* Vaite embora, *Saramago*,  
Que hum abraço, e hum baraço  
Na moxinga te daraõ,

*Saram.* Tu te alegras?

*is.* Porque não?

*Saram.* Tu não choras?

*is.* Para que?

Deixa dar-me bem rizadas.

*Saram.* Tu a rir, eu a chorar.

*Amb.* Se Deos ainda me der vida

Infel, fals<sup>o</sup>, homicida;

Outro abraço te hey de dar. *Vão-se.*

## S C E N A VI.

*Carcere*, onde estaraõ tres prezos, e sabe *Saramago* com correntes, e dizem dentro o seguinte.

*Dent.* **L** A' vay mais esse hospede, agalhem-no bem.

*Saram.* Quanto hoje, graças a Deos, não dormiremos na rua. Mas ay de mim *Saramago*! Aonde estou eu? Oh quem me dissera, que escapando de huma oliveira, viesse a parar em hum limoeiro!

*Prezo.* Senhor camarada, estamos obrigados a agazalhallo bem.

2. *Pre-*

2. *Prezo.* Ande para cá so amigo.

*Saram.* Como hey de andar , se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo ? Ah Senhores meus , vejaõ se me pódem tirar estes ferros , que taõ afferrados estaõ ; e por mais que os fucudo de mim , cada vez estaõ mais ferrenhos comigo.

1. *Prezo.* Tambem isso naõ he pelo que eu fiz : porque te prenderaõ ?

*Saram.* Por nada.

1. *Prezo.* Por nada ? Já se vê , que he por ladraõ.

2. *Prezo.* Fóra ladraõ.

*Saram.* Naõ me ladrem , que me naõ haõ de morder nessa materia.

1. *Prezo.* Isso naõ nos importa ; o que queremos he , que nos pague a patente.

*Saram.* Bem patente estou eu nesta prizão.

1. *Prezo.* Andar , logo a pagará , ainda que naõ queira ; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o assento.

*Saram.* Escuso , que me fação o assento , que isso tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o assento , se ainda agora entraste ?

*Saram.* Desde que nasci , tenho o assento feito.

1. *Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizeraõ o assento?

*Saram.* Aqui, vossas merces naõ o vem?

*Aponta para traz.*

2. *Prezo.* He bem defaforado o magano.

1. *Prezo.* Já que esse he o assento, nós lho faremos mais bem feito com quatro baticês.

2. *Prezo.* Isso he; suba à polé, e de lá nos pagará a patente tambem; olhe para ella bem.

*Saram.* Irra! Agora isso he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu naõ nego o patente, que o patente he coula, que se naõ pôde esconder.

1. *Prezo.* He para que tambem naõ falle com tanta liberdade.

*Saram.* Que liberdades pôde fallar quem a naõ tem?

1. *Prezo.* Ande para alli, magano, para que saiba fallar bem aos prezos veteranos.

2. *Prezo.* O lá de cima, deita a corda, atemo-lo bem: issa acima.

*Ataõ-no, e sobem-no.*

*Saram.* A que delRey, Senhores, &c.....

Ora nuuca cuidey, que me visse nestas alturas!

*Ambos os Prezos.* Venha abaixo. *Largaõ-no.*

*Dentro.* Lá vay outro prezo.

*Sabe Amphitryão.*

*Saram.* Ainda bem, quanto folgo!

1. *Prezo.* Aqui não temos que fazer, que este parece ser homem nobre.

2. *Prezo.* Pois vamos para os nossos camarotes. *Vão-se.*

*Saram.* Este agora me pagará a patente. Meus peccados, que he o Senhor Amphitryão!

*Canta Amphitryão a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Sórte tyranna, estrella rigorosa,  
 Que maligna influís com luz oppaca  
 Rigor tão fero contra hum innocente;  
 Que delicto fiz eu, para que finta  
 O pezo desta asperima cadea  
 Nos horrores de hum carcere penoso,  
 Em cuja triste lobrega morada  
 Habita a confusão, e o susto mora?  
 Mas se acafo, tyranna, estrella impia,  
 He culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;  
 Mas se a culpa, que tenho, não he culpa,  
 Para que me usurpais com impiedade  
 O credito, a esposa, e a liberdade?

A R I A.

Oh que tormento barbaro  
 Dentro no peito finto!  
 A esposa me desdenha,

ou Jupiter, e Alcmena. 487

A Patria me despenha;

E até o Ceo parece,

Que não se compadece

De hum misero penar.

Mas ò Deoses, se fois Deoses,

Como assim tyrannamente

A este misero innocente

Chegais hoje a castigar?

*Saram.* Tambem vossa merce cá está? Ora  
console-se comigo; que *selatium est miseri-  
ris socios habere Saramagos.*

*Amph.* Ainda aqui me appareces, infame  
inimigo? E pois que por tua culpa me  
vejo nesta prizaõ, aqui ficarás sepulta-  
do, sendo despojo da minha colera.

*Dá-lhe.*

*Saram.* Senhor, suspenda o impulso desse  
pulso; não bata tão furioso; deixe ao  
menos, que por hum pouco tenha suas  
itercadencias: não basta o estar eu car-  
regado de ferros, mas tambem de pan-  
cadas?

*Amph.* Tu, traidor, me puzeste neste es-  
tado.

*Saram.* Senhor, explique-se, que eu estou  
tão innocente, como quando nasci da  
barriga de minha mãy.

*Amph.* Velhaco, sempre eu disse, que tu  
eras o que maquinavas este enredo: tu

Ii ii

fof-

fofte o que dêste a joya , que eu mandava para Alcmena , e o que introduziste em casa outro Amphitryão fingido , como tu mesmo confessaste ; e não bastava tudo isto , mas ainda hires dizer a Tiresias , que eu era o Amphitryão fingido , por cujo motivo aqui estou prezo. Que dizes agora ? He isto bem feito ?

*Saram.* Antes que lhe responda , diga-me vossa merce ; isto aqui he cadeya , ou casa dos doudos ?

*Amph.* Porque perguntas isso ?

*Saram.* Porque entendo em minha consciencia , que meteraõ a vossa merce aqui por doudo confirmado.

*Amph.* Se tu me fazes doudo , porque o não hey de estar ?

*Saram.* Os diobos me levem , se eu fallley com Tiresias em materia taõ peçonhenta , Senhor Amphitryão.

*Amph.* Queres agora negar o que eu presenciay ? E por final disseste , que eu tinha untado o rosto com o oleo de hum Magico para me parecer com Amphitryão , e que te dera huma bolsa de moedas , para tu me introduzires na propria casa de Alcmena.

*Saram.* Quem compra , e mente , na bolsa o sente : eu duas vezes o tenho sentido ; hu-

*ou Jupiter, e Alcmena.* 489

humana bolsa , porque a não tenho ;  
outra no corpo , porque tem sido hum  
armazem de pancadas ; e agora o vejo já  
hum logea de ferros , como vossa merce  
bem vê ; como se eu todo fora pé  
de burro , para que todo me cubra hu-  
ma grande ferradura.

*Amph.* Não me desesperes mais : dize-me  
fó com que motivo , ou para que fim  
me levantaste este grande testemunho ?

*Saram.* Senhor , hum testemunho não he  
couisa tão leve , que eu o pudeſſe levantar ;  
veja vossa merce não diſſeſſe iſſo o outro  
Saramago ?

*Amph.* Como póde ser iſſo , se nesse mes-  
mo instante , que o diſſeſte , logo te pren-  
deraõ , sem que alli viesse , nem estivesse  
outro Saramago senaõ tu ?

*Saram.* Pois a mim porque me prenderaõ ?  
Diga-mo vossa merce , que eu ainda não  
o sey ?

*Amph.* Por dizeres , que me deſte entrada  
em casa de Alcmena ; e assim viesse a ter  
a mesma pena daquelle , que se fingio  
Amphitryaõ , que dizem era eu ; por-  
que tanto pecca o ladraõ , como o con-  
sentidor.

*Saram.* Eu estou para perder o juizo ! Bas-  
ta que por iſſo estou prezo ?

*Amph.*

*Amph.* O prezo he o menos ; o peyor he ,  
que o caso he de morte para ambos.

*Saram.* Oh desgraçado Saramago ! Quan-  
to melhor te fora seres sempre oliveira  
verde , que em fim estavas só em hum  
pão , que não agora vir a morrer em  
tres ? He possivel , que sem culpa nos  
metaõ aqui , e nos queiraõ matar a ferro  
frio ?

*Grita.*

*Amph.* Cala-te , não grites.

*Saram.* Deixe-me gritar , Senhor ; não vê  
que estou doudo ?

*Amph.* Já que os fados assim o querem ,  
levemos isto com paciencia.

*Saram.* Aonde está a paciencia , para nos  
ajudar a levar isto ?

*Amph.* Espera , Saramago ; não sentes bo-  
lir na porta ?

*Saram.* Sim , Senhor ; ay de mim , que he  
o Carrasco ! Fugamos , Senhor ; fuga-  
mos.

*Amph.* Vês , que já abrião a porta ?

*Saram.* Pois abramos a sepultura.

*Sabe Juno com hum vés pelo rosto.*

*Amph.* Quem será esta mulher , Saramago ?

*Saram.* Quem será ? Tem bem que ver ,  
he a mulher do Carrasco , que vem fa-  
zer as vezes do marido.

*Juno.* Amphitryão , vinde para fóra comi-  
go ,

go, e mais esse criado.

*Saram.* Não odisse eu? Estamos bem aviados!

*Amph.* Senhora, antes que vos obedeça, desejava saber, para que fim nos quereis levar daqui?

*Saram.* Tem bem que saber; he para nos torcer o pescoço.

*Juno.* Compadecida da vossa innocencia, vos venho livrar desta prizaõ; para o que tenho comprado os guardas, e tudo está prompto, pois não he razaõ, que sendo vós o verdadeiro *Amphitryaõ*, padeçais sendo innocente; ficando sem castigo o outro fingido.

*Amph.* Senhora, para huma obrigação tão grande, qualquer rendimento he diminuto, e assim para que algum dia vos pague tanto beneficio, estimara saber, a quem devo a vida, e a liberdade.

*Juno.* Algum dia o sabereis.

*Saram.* E ainda que o não saiba, não importa: Sayamos nós daqui, ainda que seja por arte do demonio, ou pela arte de berliques, berloques.

*Juno.* Vamos.

*Saram.* Senhora, e quem nos ha de tirar estas cadeas, com quem não estamos muito correntes?

*Ju-*

*Juno.* Anday, que para tudo ha remedio.

*Amph.* Ingrata Thebas, estes foraõ os premios, que só de ti recebi!

*Juno.* Ingrato Jupiter, assim se sabe vingar a Deosa Juno de ti.

*Saram.* Ingrata Cornucopia, agora eu bem me rirey de ti. *Vão-se.*

## S C E N A VII.

*Templo de Jupiter, e hiraõ sabindo todas as Figuras conforme vão fallando.*

*Tires.* **A** Nda infelice Alcmena, a pagar com a vida o delicto de tua fragilidade nas aras do supremo Jupiter. Ay amor cego, que cego me arasta a tua grande cegueira! *à part.*

*Alcmen.* Que he o que ouço! He possivel, que ainda tenho vida, havendo de perdella sem culpa, sem offensa, e sem delicto?

*Cornuc.* Ay, minha Senhora Alcmena, quem dissera ao Senhor seu pay, que para isto a criava!

*Polid.* Horror me causa taõ funesto espectáculo!

*Jupit.* Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois isto chegou ao ultimo ponto *Merc.*

*ou Jupiter , e Alcmena.* 493

*Terç.* Digo , Jupiter , que isso havias ter feito ha mais tempo , e escusaria Alcmena de passar este susto.

*uno.* Tirefias , acabemos com isto , para que acabe a minha vingança , e comece a ter posse a tua esperança. *à part.*

*Alcmen.* Ah cruel Felifarda , não te bastou conduzir-me ao supplicio , mas ainda vens gloriarte de ver o meu estrago , e a minha morte ?

*uno.* Não quero responder. *à part.*

*is.* Já estás vingada.

*Alcmen.* E tu , cruel , se não podes remediar a minha pena , para que vens ser testemunha da minha magoa ?

*Para Jupit.*

*Jupit.* Porque me não posso apartar de ti , até que a morte te separe de mim.

*ires.* Alcmena , como o Juiz he sómente hum mero executor da ley , por isso não estranhes.

*om ruido sabiráõ Amphitryaõ , e Saramago.*

*Amph.* Que omisãõ he esta ? Ainda está esta tyranna inimiga por castigar ? Se por ventura falta quem execute a sentença , aqui estou eu , que vingarey a injuria.

*iram.* Isso he fazer de huma via dous mandados.

*Ti-*

*Tires.* Que he isto ? Como te atreves em ludibrio da justiça , apparecer aqui , estando duas vezes criminoso , huma por impostor , e falsario , e outra por fugir da prizaõ ?

*Amph.* Porque quiz testemunhar o estrago desta traidora , para suavizar com este desafogo a tyrannia , com que me quereis tirar a vida ; e se eu por hum delicto imaginario hey de padecer , que importa , que me constitua reo da fuga do carcere ?

*Saram.* Essa he a verdade ; prezo por mil , prezo por mil e quinhentos.

*Polid.* Tambem o criado aqui está ? Com que atrevimento fugiste ?

*Saram.* Porque mais val huma hora solto , que toda a vida prezo.

*Cornuc.* Ainda escapou o maldito ?

*Alcmen.* Para ser mais penosa a minha morte , ainda faltava ver a causa de minha infelicidade.

*Merc.* Senhor , que determinas ?

*Jupit.* Logo verás , Mercurio.

*Juno.* Tiresias , em que nos dilatamos ?

*Tires.* Certamente me horroriza castigar huma innocente. Alcmena , he chegada a occasiaõ de que sejas victima humana nas aras de Jupiter.

ou Jupiter , e Alcmena. 495

*Alcmen.* Tiresias ; adverti , que os Deoses não permitem, nem as leys ordenaõ , que sem culpa morra huma innocente ; e pois entre os homens não acho piedade , recorrerey à esféra soberana dos Deoses , com suspiros nascidos de hum peito casto , e inculpavel. Oh Jupiter soberano , como consentis , que morra Alcmena sem culpa ?

*Jupit.* Tende maõ , Tiresias ; suspendey o golpe.

*Tires.* Tu não pódes mandar sobre a ley.

*Jupit.* Nem a ley manda , que morra huma innocente ; porque aquelle que julgais ser o fingido Amphitryaõ , he o verdadeiro esposo de Alcmena.

*Tires.* Logo tu es o fingido , e como tal morrerás , por incorreres no mesmo delicto , e sempre Alcmena fica com a mesma pena.

*Amph.* Já que se conheceo a verdade , castigue-se esse traidor ; e esta aleivosa tambem.

*Jupit.* Quanto a mim , ninguem me póde castigar.

*Tires.* Pois quem fois vós , para vos isentares do rigor da ley ?

*Jupit.* Eu vos respondo

*Muda-se de repente a perspectiva do templo, e apparece a Sala Empyrea, como no principio, e esconde-se Jupiter, e Mercurio fingidos, apparecendo os do principio, e canta Jupiter o seguinte*

## R E C I T A D O.

Sabey, que Jove sou omnipotente,  
 Que abrazado de amor da bella Alcmena  
 Vendo ser impossivel o alcançalla,  
 Tomey de Amphitryão a fórma humana,  
 Com a qual disfarçado entre vós outros,  
 Este dia passley; e pois Alcmena,  
 Como humana não pode  
 Resistir a hum divino impulso ardente,  
 Ficarã perdoada, sem que tenha  
 Offensa nisso Amphitryão valente;  
 Pois desse passatempo, que aqui tive,  
 Hercules nascerà, a cujo esforço  
 Rendido cederã todo o Universo,  
 Pagando nesta fórma  
 Este engano de amor, esta violencia,  
 Em darlhe taõ divina descendencia.

*Tod.* Que assombro! Que admiração!

*Amph.* Oh mil vezes feliz eu, que tive a  
 fortuna de que o mesmo Jupiter quizesse  
 divinizar o meu venturoso thalamo!

*Alcmen.* Passley de hum instante do mayor  
 mal ao mayor bem: Esposo Amphitryão,  
 dá-me os parabens de tanta felicidade.

*Amph.*

ou Jupiter, e Alcmena. 497

*Amph.* Sejaõ reciprocos, querida Alcmena; que quando as tuas offensas para mim saõ glorias, que fará quando me naõ offendes?

*aram.* Eu sempre ouvi dizer, que o Senhor Jupiter era hum fero tonante.

*Juno.* Já agora descansará o meu coração.

*Cornuc.* Ay que assim estou contente!

*Tires.* Flerida, bem vês, que por mim naõ esteve o naõ executar o teu preceito; e assim he tempo de cumprires a tua palavra.

*Juno.* Attendeime primeiro: Alcmena porque naõ fique sem fim a minha historia, saberás, que aquelle mancebo muito galhardo, e juvenil, morador no monte Olympo, he Jupiter, que alli vês, e eu a Deosa Juno, sua esposa, que zelosa vim a tua casa, para o apartar de teus braços; e pois já o confeguei, hirey para os de meu esposo; com que, Tiresias, sendo eu quem sou, mal poderia cumprir a palavra, que vos dey, que foy só a fim de me vingar de Alcmena.

*Tires.* Dou-me por satisfeito, em saber cumprir vossos desejos.

*Jupit.* Só Juno podia conspirar taõ cruelmente contra Alcmena.

*aram.* Sem duvida a Senhora Juno foy, a  
que

que me converteo em oliveira , e o Senhor Jupiter o que me desconverteo.

*Merc.* E para que se saiba tudo , eu sou Mercurio , que para acompanhar a Jupiter, tomey a fórma de Saramago , que já lha restitui fielmente , como bem vistes.

*Iris.* Pois se Jupiter , para lograr os favores de Alcmena , se valeo das industrias de Mercurio , tambem Juno , para desvanecer os incendios de Jupiter , quiz que eu , que sou a Ninfa Iris , a acompanhasse , para serenar a tempestade dos seus zelos ; e como tenho conseguido este intento , hirey a acompanhar outra vez a Deosa Juno , como fiel subditada dos seus preceitos.

*Saram.* E que cahisse eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeste ! Ora sou hum grande asno.

*Amph.* Tudo o que vejo saõ assombros !

*Alcmen.* Tudo pasmos !

*Polid.* Tudo admirações !

*Cornuc.* Ay venturosa de mim , que tive a Mercurio em meus braços !

*Saram.* Dessa fórte bem podes dar duas figas ao gallico.

*Jupit.* E porque Amphitryão fique de todo satisfeito , coroe-se do laurel glorio-

*ou Jupiter, e Alcmena.* 499

fo, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fuy o que por elle triumphey no Senado ; e assim ao generoso braço de Amphitryaõ day as devidas acclamações , repetindo todos no mesmo triunfante

C O R O.

O Numen supremo  
Do Olympo sagrado  
Suspira abrasado  
De hum cego furor.

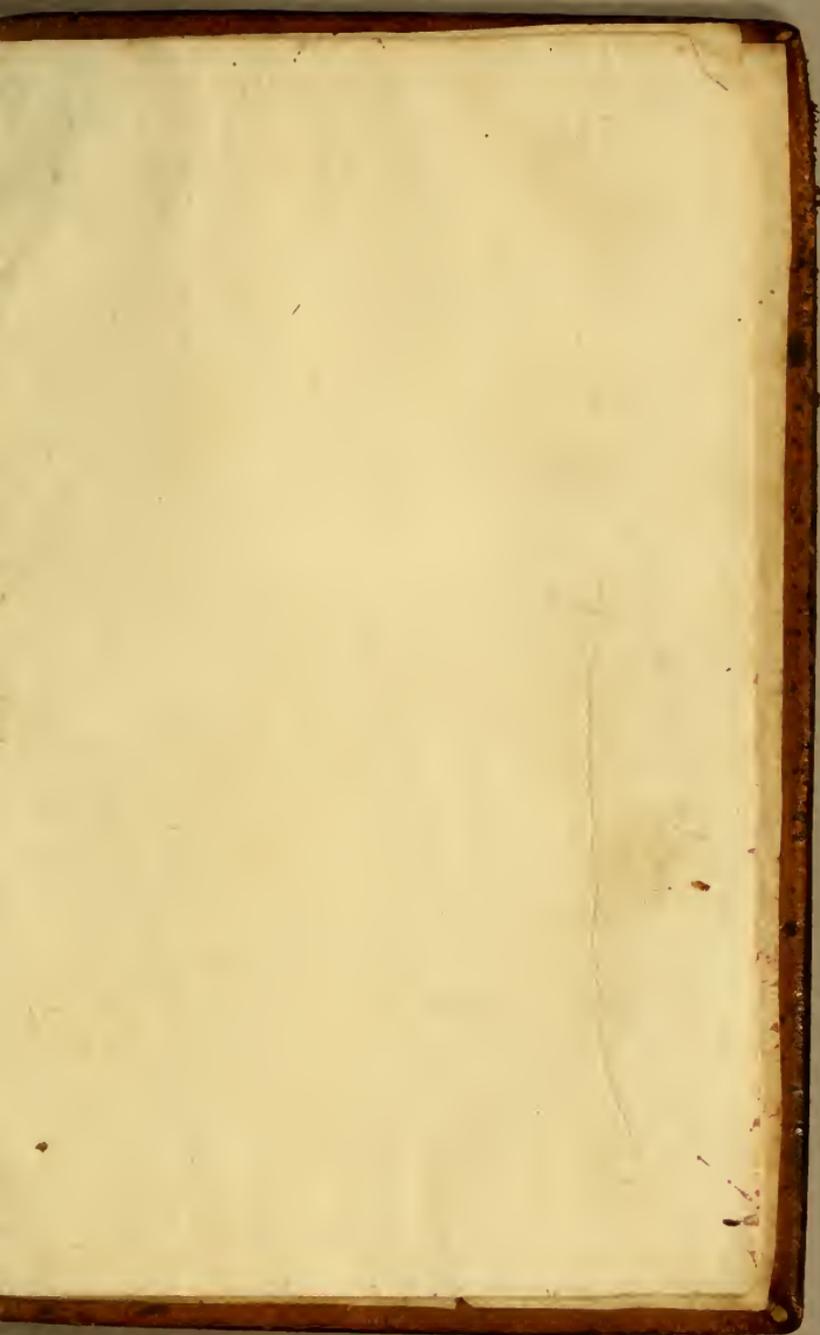
Que pasmo ! Que affombro !  
Que voe taõ alta  
A setta do amor !

*Fim do primeiro Tomo.*

PRO-

# PROTESTAÇAM DO COLLECTOR.

**A**S Palavras *Deoses*, *Nu-  
men*, *Fado*, *Divindade*,  
*Omnipotencia*, e *Soberania*, se de-  
vem sómente entender no sentido  
Poetico, e não de nenhuma ou-  
tra maneira; porque sómente se  
usa dellas nestas Obras, como  
necessarias para adorno da com-  
posiçãõ *Dragmatica*, e expres-  
sãõ dos *Episodios Comicos*, e  
não com intençãõ de offender em  
coufa alguma aos dogmas da San-  
ta Madre Igreja, a quem, como  
obediente filho, me sujeito em  
tudo, o que ella determina.



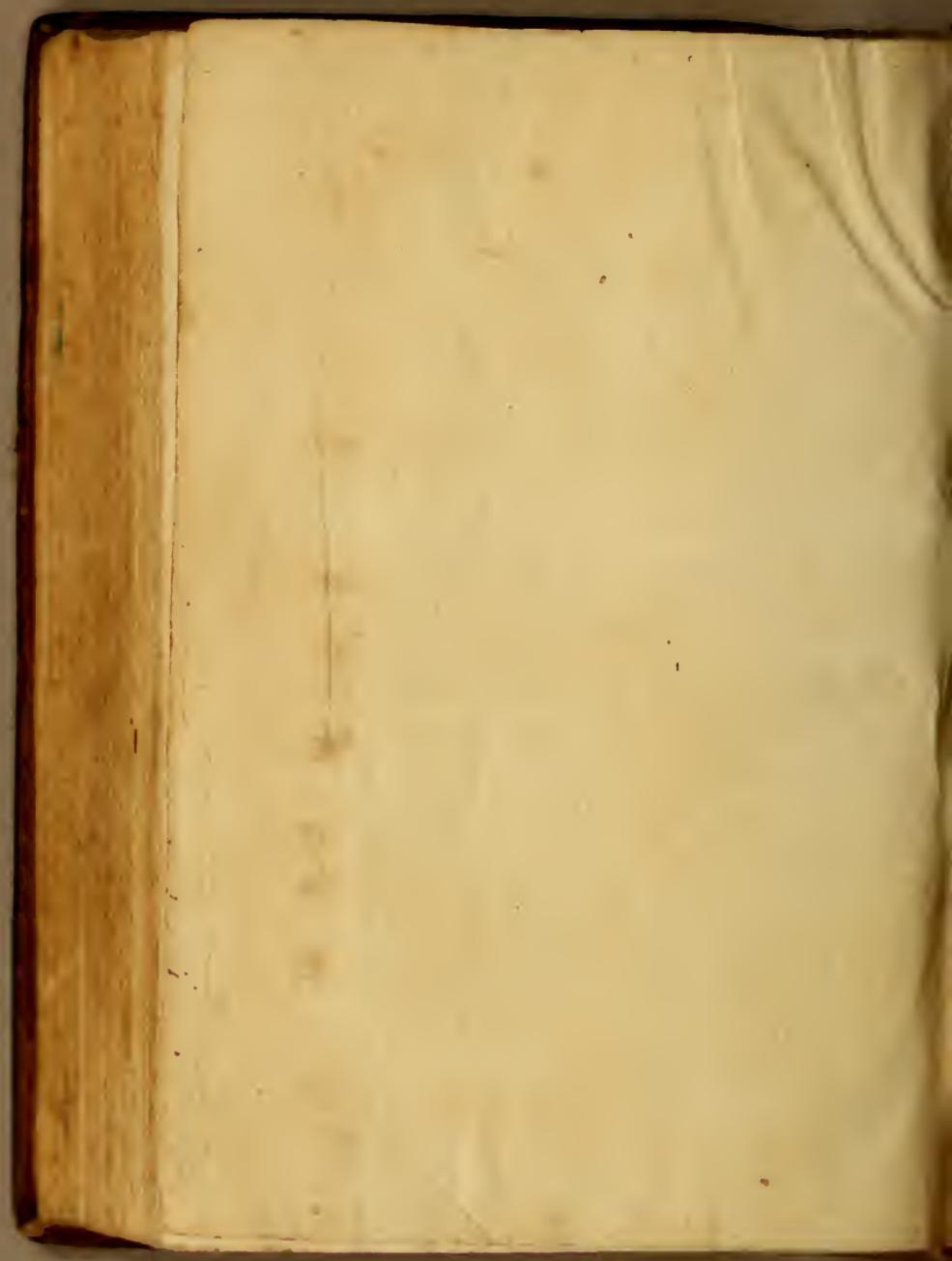
80-05

7 June 1977

Telles da Sylva

vol. 1





C759

T374c

v. 1

3957.

